Caça e caçador.
Destinados um ao outro.

Reckless



LAUREN ROBERTS

Autora de *Powerless* e *Powerful*

Rocco
DIGITAL

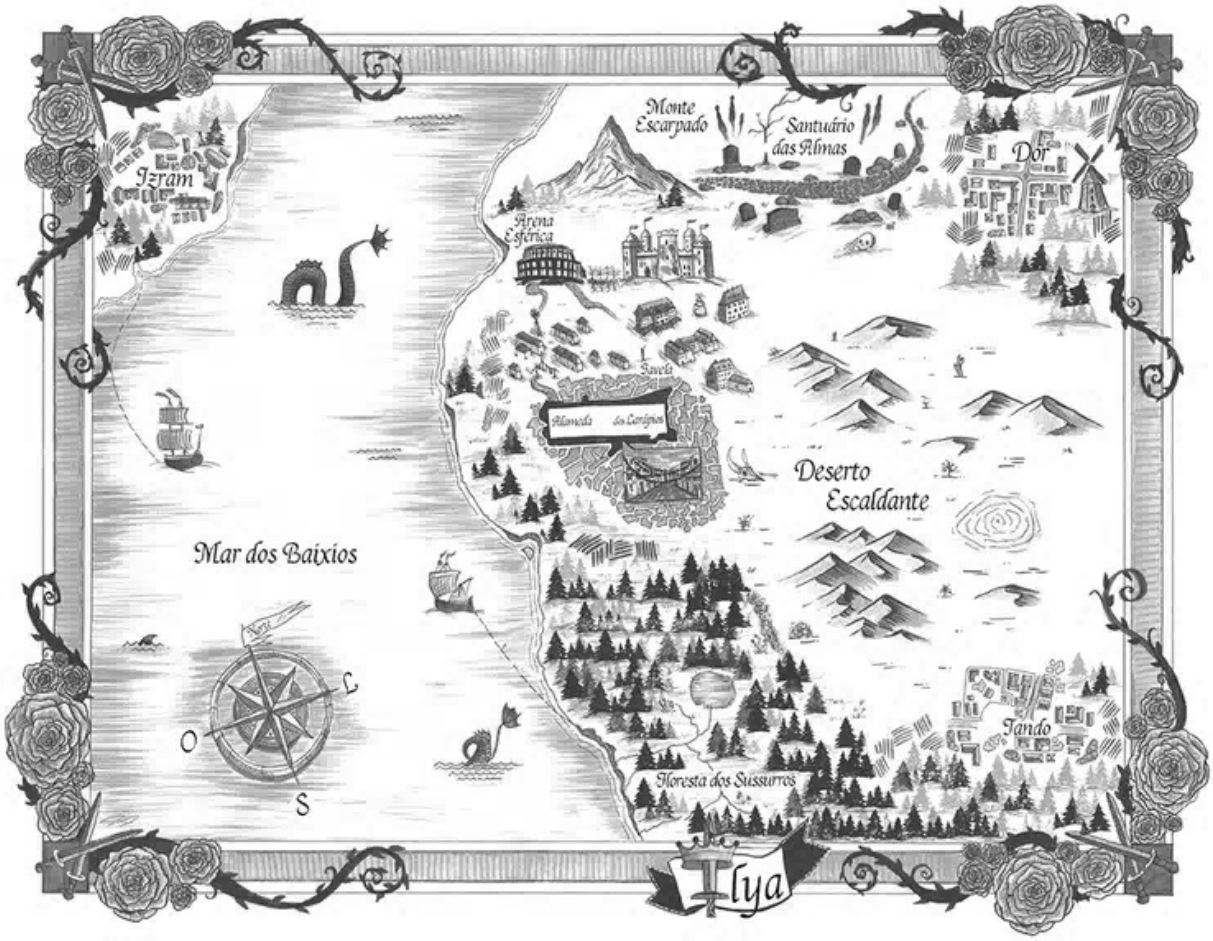
LAUREN ROBERTS

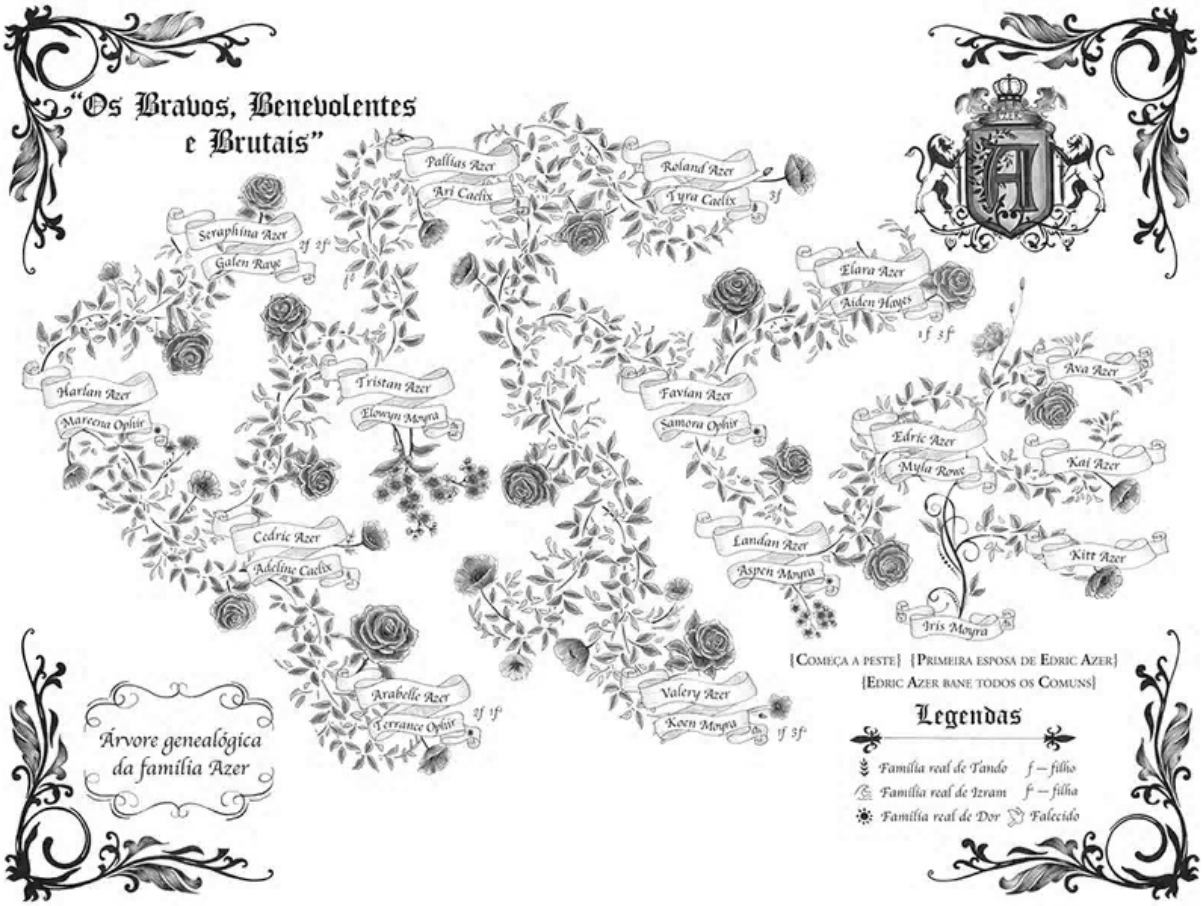
Reckless

Tradução de Ivanir Calado

Rocco DIGITAL

Para as almas imprudentes que ousam amar e ser amadas


Monte Escarpado
Santuário das Almas
Dor
Izram
Arena Esférica
Savela
Deserto Escaldante
Mar dos Baixios
Jando
Floresta dos Sussurros
Ilya


"Os Bravos, Benevolentes e Brutais"
Pallias Azer
Ari Caelix
Roland Azer
Tyra Caelix
3f
Seraphina Azer
Galen Rage
2f 2f
Elara Azer
Aiden Hayes
1f 3f
Harlan Azer
Marcena Ophir
Tristan Azer
Elowyn Moyra
Favian Azer
Samora Ophir
Ava Azer
Edric Azer
Myla Rowe
Kai Azer
Cedric Azer
Adeline Caelix
Landan Azer
Aspen Moyra
Kitt Azer
Iris Moyra
Arabelle Azer
Terrance Ophir
2f 1f
Valery Azer
Koen Moyra
1f 3f
{Começa a peste} {Primeira esposa de Edric Azer}
{Edric Azer bane todos os Comuns}
Árvore genealógica da família Azer
Legendas
Família real de Tando
f – filho
Família real de Izram
f – filha
Família real de Dor
Falecido

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39

Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Epílogo
Agradecimentos
Créditos
A Autora
Índice

PRÓLOGO

Kai

A essa hora, os corredores estão um vazio fantasmagórico.

Como acontece todo ano.

Caminho por eles sem pressa, roubando para mim esse pedacinho de paz. Mas uma bênção roubada não passa de um caos sufocado.

Opto por ignorar esse pensamento quando viro num corredor escuro, os passos abafados pelo tapete verde-esmeralda. Um castelo adormecido é reconfortante, já que a solidão é uma raridade para a realeza.

Realeza.

Quase me permito rir diante desse título. Esqueço com frequência o que eu era antes do que me tornei. Um príncipe antes do Executor. Um menino antes do monstro.

Mas hoje não sou ninguém. Hoje posso simplesmente ser quem eu deveria ter sido.

Uma luz fraca escapa por baixo da porta da cozinha. Consigo abrir um leve sorriso quando a vejo.

Todo ano. Ela está sempre aqui. Todo ano.

Empurro a porta de leve e entro no poço de luz criado por várias velas tremeluzentes. O cheiro doce da massa de pão com canela paira no ar, me envolvendo em calor e lembranças.

— Você acorda mais cedo a cada ano.

Retribuo o sorriso de Gail com outro, fraco. Seu avental está salpicado de canela, o rosto sujo de farinha. Subo na mesma bancada em que me sento desde que atingi altura suficiente para alcançá-la — as palmas das mãos apoiadas atrás do corpo, as cicatrizes pegajosas por causa do tampo.

Há um conforto nessa normalidade toda.

Sorrio para a mulher que praticamente me criou e levanto um dos ombros num gesto preguiçoso.

— Eu durmo menos a cada ano.

Quando ela coloca as mãos na cintura, sei que está lutando contra a ânsia de me dar uma bronca.

— Você me preocupa, Kai.

— Quando não preocupei? — respondo, tranquilo.

— Estou falando sério. — Ela balança um dedo, gesticulando para mim de cima a baixo. — Você é novo demais para lidar com tudo isso. Parece que foi ontem que você e Kitt estavam correndo pela minha cozinha...

Ela perde a linha de raciocínio ao mencioná-lo, me obrigando a ressuscitar a conversa que já ia morrendo.

— Na verdade, estou vindo do gabinete do meu pai… — Faço uma pausa longa o suficiente para suspirar antes de me corrigir: — Do gabinete do *Kitt*.

Gail assente devagar.

— Ele não saiu de lá desde a coroação, não é?

— Não. E eu também não fiquei muito tempo lá. — Passo a mão pelo cabelo desgrenhado. — Ele só estava me informando qual é a minha primeira missão.

Gail fica em silêncio por um longo período.

— É ela, não é?

Confirmo.

— É ela.

— E você vai…?

— Cumprir a missão? Fazer o que foi mandado? — concluo por ela. — Claro. É meu dever.

Outra pausa longa.

— E ele se lembrou de que dia é hoje?

Levanto os olhos devagar, abrindo um sorriso triste quando encontro os dela.

— Não é trabalho dele se lembrar.

— Certo. — Ela suspira. — Bom, este ano eu só fiz um, de qualquer modo. Imaginei que ele não poderia ir com você.

Gail dá um passo para o lado, revelando um pãozinho coberto de mel perto do forno. Desço da bancada, sorrindo ao me aproximar. Só depois de beijá-la no rosto é que ela me entrega o prato.

— Agora vá — diz, me enxotando. — Vá passar algum tempo com ela.

— Obrigado, Gail — digo baixinho. — Por todos esses anos.

— E por todos que virão. — Ela dá uma piscadela antes de me empurrar na direção da porta.

Olho de volta para ela, para essa mulher que foi uma mãe para mim quando a rainha não pôde ser. Ela foi abraços calorosos, afeto, broncas merecidas e aprovação quando eu mais precisava.

Temo o que os irmãos Azer seriam sem ela.

— Kai?

Estou passando pela porta quando paro para olhá-la.

— Todos nós a amávamos — diz ela baixinho.

— Eu sei — respondo, assentindo. — Ela sabia.

E então meus pés me levam para o corredor cheio de sombras.

O pão doce em cima do prato na minha mão é tentador, cheirando a canela, açúcar e tempos mais simples. Mas me obrigo a me concentrar no caminho familiar da cozinha para o jardim, o mesmo que percorro todo ano nessa época.

Não demoro muito até chegar à grande porta dupla que me separa do jardim. Mal olho os Imperiais montando guarda ou os que dormem inutilmente ao lado deles. Os poucos acordados fingem não perceber o pãozinho que estou levando para a escuridão.

Sigo pelo caminho de pedras entre as fileiras de flores coloridas que não consigo identificar nas sombras. Estátuas cobertas de hera estão espalhadas pelo jardim, várias com pedaços de pedra faltando depois de serem derrubadas muitas vezes, o que certamente não tem nada a ver comigo. A fonte murmura no centro, me lembrando dos dias

abafados e da tolice compreensível que me fazia pular dentro dela com Kitt.

Mas estou aqui pelo que fica além do jardim.

Saio no trecho de gramado macio que já esteve coberto de tapetes coloridos para o segundo baile das Provas. Não me permito lembrar de mais nada daquela noite, sigo o luar que acaricia a silhueta da árvore com seu brilho pálido.

O salgueiro é assustadoramente belo, as folhas farfalhando na brisa suave. Passo os olhos em cada galho pendente. Em cada raiz que rompe a terra. Cada centímetro é lindo e forte.

Abro a cortina de folhas e entro embaixo da árvore que visito com a maior frequência que a vida me permite — mas sempre neste dia e sempre com um pãozinho coberto de mel. Passo os dedos pela casca áspera do tronco, seguindo os sulcos familiares.

Não demora muito para eu me acomodar em meu lugar habitual sob a árvore imponente, colocando um braço sobre o joelho apoiado. Equilibrando o prato em cima de uma raiz particularmente grande, tiro uma pequena caixa de fósforos de dentro do bolso.

— Sinto muito, não consegui encontrar uma vela este ano. — Acendo o fósforo, olhando a pequena chama que estala no palito. — Então isso vai ter que servir.

Cravo o fósforo no centro do pãozinho, sorrindo ligeiramente diante da imagem patética. Tiro um momento para observá-lo queimar, pintando a árvore enorme com um brilho tremeluzente.

Então olho para o lado, passando a mão na grama macia.

— Feliz aniversário, A.

Sopro a vela improvisada, deixando a escuridão nos engolir por inteiro.



CAPÍTULO 1



Paedyn

Meu sangue só tem utilidade se conseguir permanecer dentro do corpo.

Minha mente só tem utilidade se conseguir não se perder.

Meu coração só tem utilidade se conseguir não se partir.

Bom, então parece que me tornei completamente inútil.

Meus olhos examinam as tábuas embaixo dos meus pés, percorrendo a madeira gasta. A simples visão do piso conhecido me inunda de lembranças, e luto para afastar as imagens fugazes de pés pequenos em cima de outros grandes, calçados com botas, dançando ao ritmo de uma melodia familiar. Balanço a cabeça, tentando expulsar a lembrança, apesar de desejar desesperadamente poder permanecer no passado, já que, no momento, meu presente não é o mais agradável.

… dezesseis, dezessete, dezoito…

Abro um sorriso, ignorando a pontada de dor que belisca minha pele.

Achei você.

Caminho rígida e instável, os músculos doloridos se esforçam a cada passo no piso aparentemente normal. Caio de joelhos, mordendo a língua por causa da dor, e agarro a madeira com os dedos manchados de um vermelho que eu luto para ignorar.

A tábua parece tão teimosa quanto eu, recusando-se a ceder. Eu admiraria sua resistência se ela não fosse só um maldito pedaço de

madeira.

Não tenho tempo para isso. Preciso sair daqui.

Um som frustrado brota da minha garganta antes de eu piscar para a tábua, dizendo bruscamente:

— Eu poderia jurar que era você o compartimento secreto. Você não é a décima nona tábua a partir da porta?

Fico olhando furiosa para a madeira até que uma risada descontrolada escapa pelos meus lábios e inclino a cabeça para trás, balançando-a na direção do teto.

— Pela Peste, estou falando com o *chão* — resmungo, uma prova ainda maior de que estou perdendo a sanidade.

Mas, afinal de contas, não é como se eu tivesse com quem falar.

Faz quatro dias que voltei cambaleando à casa da minha infância, assombrada e meio morta. E, no entanto, minha mente e meu corpo nem de longe estão curados.

Posso ter escapado da morte a cada golpe da espada do rei, mas ainda assim ele conseguiu matar uma parte de mim naquele dia, depois da última Prova. As palavras dele cortaram mais fundo do que sua espada jamais poderia cortar, me retalhando com lascas da verdade enquanto brincava comigo, me provocava, me contava sobre a morte do meu pai com um sorriso repuxando os lábios.

Não quer saber quem matou seu pai, Paedyn?

Um arrepio desce pela minha coluna quando a voz fria do rei ecoa no meu crânio.

Só digamos que o seu primeiro contato com um príncipe não foi quando salvou Kai no beco.

Se a traição é uma arma, ele a usou comigo naquele dia, cravando a lâmina cega no meu coração partido. Solto o ar com um tremor, afastando dos pensamentos aquele rapaz de olhos cinzentos, afiados como a espada que o vi cravar no peito do meu pai tantos anos atrás.

Fico de pé, cambaleando, e mudo o peso do corpo sobre as tábuas ao redor, tentando ouvir qualquer rangido revelador enquanto giro o anel de prata no polegar, distraída. Meu corpo inteiro dói, meus ossos parecem frágeis demais. Os ferimentos que ganhei na última Prova e na luta contra o rei foram tratados apressadamente, com dedos trêmulos e

soluços silenciosos que deixaram minha visão turva e os pontos malfeitos.

Depois de ir mancando da Arena Esférica em direção à Alameda dos Larápios, cheguei ao casebre branco que eu chamava de lar e a Resistência chamava de quartel-general. Mas fui recebida pelo vazio. Não havia rostos familiares ocupando a sala secreta no subsolo, o que me deixou apenas com a dor e a confusão.

Eu estava sozinha — estou sozinha desde então —, deixada para limpar a bagunça que é meu corpo, meu cérebro e meu coração partido.

A madeira embaixo de mim range. Eu abro um sorriso torto.

Estou no chão outra vez, puxando uma tábua para revelar um compartimento escuro. Balanço a cabeça para mim mesma, murmurando:

— É a décima nona tábua a partir da *janela*, não da porta, Pae…

Enfio a mão no escuro, os dedos em torno do cabo desconhecido de uma adaga. Meu coração dói mais do que o corpo, desejando sentir na palma o punho de aço cheio de redemoinhos da arma do meu pai.

Porém, quando cravei minha preciosa adaga na garganta do rei, escolhi o derramamento de sangue em vez do sentimentalismo. E meu único pesar foi que *ele* a encontrou, prometendo devolvê-la somente quando a cravasse nas minhas costas.

Olhos azuis e vazios piscam para mim no reflexo da lâmina brilhante que levanto para a luz, me espantando a ponto de interromper os pensamentos de ódio. Minha pele está cheia de talhos, coberta de cortes. Engulo em seco ao ver o rasgo que desce pela lateral do meu pescoço e deslizo os dedos na pele irregular. Balanço a cabeça e enfio a adaga na bota, guardando com ela meu reflexo amedrontado.

Quando vejo um arco e uma aljava de flechas afiadas escondidos no compartimento, a sombra de um sorriso triste atravessa meu rosto com a lembrança de papai me ensinando a atirar flechas contra meu único alvo: a árvore retorcida atrás da casa.

Penduro o arco e a aljava nas costas e escolho entre as outras armas escondidas embaixo do piso. Depois de jogar algumas facas de arremesso na mochila — na qual elas se juntam à comida, ao cobertor,

aos cantis de água e à camisa amarrotada que enfiei ali dentro às pressas —, me levanto com dificuldade.

Nunca me senti tão frágil, tão debilitada. Esse pensamento me enche de raiva e faz com que eu pegue uma faca na cintura, desesperada para cravá-la na parede de madeira gasta. Uma dor lancinante desce pelo meu braço levantado quando a marca acima do coração se repuxa com o movimento.

Um lembrete. Uma representação do que eu sou. Ou melhor, do que não sou.

C de Comum.

Atiro a faca, com os dentes trincados, cravando-a na madeira. A cicatriz arde, alardeando sua existência interminável no meu corpo.

Vou deixar uma marca em cima do seu coração, para você não esquecer de quem o partiu.

Ando até a faca, pronta para arrancá-la da parede, quando a tábua embaixo do meu pé solta um rangido que atrai minha atenção. Mesmo sabendo que tábuas frágeis no piso não são nada incomuns nas casas das favelas, minha curiosidade faz com que eu me abaixe para investigar.

Se cada tábua que range fosse um compartimento, nosso piso estaria cheio deles…

A madeira se levanta e minhas sobrancelhas também, subindo pela testa num choque. Solto uma risada sem humor quando enfio a mão nas sombras do compartimento cuja existência eu desconhecia.

Que ingenuidade da minha parte achar que a Resistência era o único segredo que papai guardava de mim.

Meus dedos roçam a capa de couro gasto de um livro grande, cheio de papéis que ameaçam escapulir para fora. Folheio-o, reconhecendo a caligrafia confusa de um médico.

O diário do papai.

Enfio-o na mochila, sabendo que não tenho nem o tempo, nem a segurança necessária para examinar o trabalho dele agora. Fiquei um longo período aqui, passei dias demais ferida, fraca e me preocupando com a possibilidade de ser encontrada.

O Visor que testemunhou o assassinato do rei provavelmente transmitiu aquela imagem por todo o reino. Preciso sair de Ilya e já

perdi a vantagem que *ele* me deu com tanta gentileza.

Vou até a porta, preparada para me esgueirar pelas ruas e desaparecer no caos da Alameda. De lá, tentarei atravessar o Deserto Escaldante até a cidade de Dor, onde não existem Notáveis e todos só conhecem os Comuns.

Quando chego perto da porta e da rua silenciosa do outro lado…

Paro de repente, com a mão estendida.

Silenciosa.

É quase meio-dia, o que significa que a Alameda e as ruas ao redor deveriam estar lotadas de comerciantes gritando e crianças berrando enquanto a favela vibra em cores e agitação.

Tem alguma coisa errada…

A porta estremece. Alguma coisa — *alguém* — está batendo nela do lado de fora. Pulo para trás, os olhos disparando pela sala. Penso em fugir pela escada secreta até o porão, onde aconteciam as reuniões da Resistência, mas a ideia de ficar encurralada lá embaixo me dá náuseas. É então que meu olhar encontra a lareira. Solto um suspiro, irritada apesar da situação atual.

Por que sempre acabo dentro de uma chaminé?

A porta se abre com um estrondo antes que eu consiga chegar à metade da chaminé, os pés plantados em cada lado do corpo enquanto os tijolos comprimem minhas costas.

Um Robusto.

Somente um Notável com força extraordinária poderia ter derrubado tão rapidamente a porta, que estava trancada e com os ferrolhos fechados. O som de botas pesadas me faz deduzir que cinco Imperiais acabaram de entrar na minha casa.

— Não fiquem aí parados. Revistem o lugar e me convençam de que são úteis.

Um arrepio desce pela minha coluna ao escutar aquela voz fria, que já ouvi soar tanto como um afago quanto como uma ordem. Fico rígida, escorregando ligeiramente pela parede coberta de fuligem.

Ele está aqui.

A voz que vem em seguida é grave e pertence a um Imperial:

— Vocês ouviram o Executor. Andem.

O Executor.

Mordo a língua, e não sei bem se é para conter um riso amargo ou um grito. Meu sangue ferve ao ouvir o título, me lembrando de tudo que ele fez, de cada maldade que cometeu à sombra do rei. Primeiro por seu pai, e agora por seu irmão — graças ao fato de eu tê-lo livrado do primeiro.

Só que ele não veio me agradecer. Não. Em vez disso, veio me matar.

Talvez, quando me livrar de você, eu encontre minha coragem de novo. Por isso vou lhe dar uma vantagem.

E muito me serviu sua vantagem…

Não posso me arriscar a ser ouvida subindo pela chaminé, por isso espero, escutando os passos pesados que andam pela casa me procurando. Minhas pernas estão começando a tremer com o esforço que faço para me sustentar, me retraindo com a dor de cada ferimento.

— Verifiquem as estantes no escritório. Deve haver uma passagem secreta atrás de alguma delas — ordena o Executor, secamente, parecendo *entediado*.

Mais uma vez, me pego enrijecendo o corpo. Um membro da Resistência deve ter confessado esse segredinho sob tortura. Minha pulsação acelera ao pensar na luta depois da última Prova na Arena, quando Comuns, Fatais e Imperiais se enfrentaram numa batalha sangrenta.

Uma batalha sangrenta cujo resultado ainda não sei qual foi.

Os passos dos Imperiais ficam distantes, os sons da busca cada vez mais baixos quando eles descem a escada que leva ao porão.

Silêncio.

E, no entanto, sei que ele ainda está nesta sala. Apenas poucos passos nos separam. Praticamente consigo sentir sua presença, da mesma forma como senti o calor do seu corpo no meu, o calor do seu olhar cinzento me percorrendo.

Uma tábua do piso range. Ele está perto. Estou tremendo de raiva, sentindo a vingança correr no sangue e desejando desesperadamente derramar o dele. É bom que eu não veja seu rosto, porque se avistasse uma daquelas covinhas idiotas neste momento, nada poderia me impedir de tentar arrancá-las.

Em vez disso, controlo a respiração, sabendo que, se lutar contra ele agora, minha fúria não será suficiente para derrotá-lo. E, quando eu enfim enfrentar o Executor, pretendo vencer.

— Presumo que tenha imaginado meu rosto quando atirou essa faca. — A voz dele soa baixa, pensativa, parecendo muito mais a do rapaz que eu conheci. Lembranças dele inundam minha mente, conseguindo acelerar meu coração. — Não é, Paedyn?

E ali está. A dureza retorna à voz do Executor, apagando Kai e deixando um comandante.

Meu coração bate forte contra as costelas.

Ele não tem como saber que estou aqui. Como poderia…?

O som de uma lâmina se soltando da madeira lascada revela que ele arrancou minha faca da parede. Escuto um ruído familiar e quase consigo visualizá-lo virando a arma na mão, distraído.

— Diga, meu bem, você pensa em mim com frequência?

A voz dele é um murmúrio, como se os lábios estivessem apertados contra a minha orelha. Estremeço, sabendo exatamente como é a sensação.

Se ele sabe que estou aqui, por que não…?

— Eu assombro seus sonhos, atormento seus pensamentos, como você faz com os meus?

Minha respiração falha.

Então ele não sabe que estou aqui, pelo menos não tem certeza.

Sua admissão me revelou isso.

Como uma Comum treinada e adaptada para parecer uma *Psíquica*, fui ensinada pelo meu pai a ler as pessoas, a coletar informações e fazer observações em questão de segundos.

E já tive bem mais do que alguns segundos para ler Kai Azer.

Já o enxerguei através de suas muitas máscaras e fachadas, vislumbrei o rapaz que estava por baixo e passei a conhecê-lo cada vez mais, gostar dele… E com todas as traições que agora existem entre nós, sei que ele não declararia que sonha comigo se soubesse que estou ouvindo cada palavra.

Ouço o humor em sua voz quando ele suspira.

— Cadê você, Pequena Psíquica?

O apelido é risível, já que agora ele e o restante do reino sabem que não sou nada disso. Nada Notável.

Apenas Comum.

A fuligem arde no meu nariz e preciso apertá-lo para conter um espirro, o que me lembra das muitas noites que passei roubando as lojas da Alameda antes de escapar por chaminés apertadas.

Apertada. Presa. Sufocando.

Meus olhos examinam os tijolos que me rodeiam na escuridão. O espaço é pequeno demais, sufocante demais e me deixa em pânico com facilidade demais.

Acalme-se.

A claustrofobia escolhe os piores momentos para abrir caminho até a superfície e me lembrar do meu desamparo.

Respire.

Respiro. Profundamente. A mão que continua apertando meu nariz cheira levemente a metal — um odor distinto e forte que arde nas minhas narinas.

Sangue.

Afasto a mão trêmula e, mesmo não conseguindo enxergar o vermelho que mancha meus dedos, consigo praticamente senti-lo grudado em mim. Ainda há uma crosta de sangue sob as unhas quebradas, e não sei se é meu, do rei ou…

Inspiro fundo, tentando me controlar. O Executor está perto demais, andando pela sala, a madeira rangendo a cada passo.

Ser capturada porque comecei a chorar seria tão vergonhoso quanto ser capturada por espirrar.

E me recuso a deixar que qualquer uma das duas coisas aconteça.

Depois de um tempo, os Imperiais voltam à sala abaixo de mim.

— Nenhum sinal dela, Vossa Alteza.

Há uma pausa longa antes de *Sua Alteza* suspirar.

— Foi o que pensei. Vocês são todos inúteis. — Suas palavras seguintes são mais afiadas do que a faca que ele fica virando casualmente na mão: — Saiam.

Os Imperiais não perdem um segundo e se atropelam em direção à porta, para longe dele. Não os culpo.

Mas ele ainda está aqui, deixando apenas o silêncio se prolongar entre nós. Estou com a mão cobrindo o nariz de novo, e o cheiro de sangue combinado com a chaminé apertada faz minha cabeça girar.

Lembranças inundam minha mente: meu corpo coberto de sangue, meus gritos enquanto eu tentava lavá-lo, apenas conseguindo manchar a pele com um vermelho nauseante. A visão e o cheiro de todo aquele sangue me deixaram enjoada, me fez pensar no meu pai sangrando nos meus braços, e depois Adena.

Adena.

Lágrimas ardem nos meus olhos de novo, me obrigando a piscar para afastar a imagem do seu corpo sem vida no Fosso coberto de areia. O fedor metálico de sangue preenche meu nariz e não consigo suportar o cheiro, não consigo olhar, sentir…

Respire.

Um suspiro alto atravessa meus pensamentos. Ele parece tão cansado quanto eu.

— Que bom que você não está aqui — diz baixinho, num tom que jamais pensei que ouviria da boca dele de novo. — Porque ainda não encontrei minha coragem.

E então minha casa irrompe em chamas.



CAPÍTULO 2



Kai

Chamas lambem meus calcanhares enquanto sigo lentamente para a porta.

Ondas de calor se chocam às minhas costas; tufos de fumaça se agarram às minhas roupas. Saio para a tarde nublada, agora mais poluída pelas nuvens de fumaça que sobem para o céu.

Meus lábios se repuxam diante da expressão de choque no rosto dos Imperiais, acompanhada pelas bocas que eles se esforçam para fechar enquanto as chamas consomem a casa atrás de mim. Eles viram os olhares lentamente na minha direção, conseguindo chegar até a altura do meu colarinho antes de começarem a se remexer, desconfortáveis.

Ficam imóveis quando vou tranquilamente até eles.

Acham que eu enlouqueci.

O vidro se estilhaça quando uma janela explode atrás de mim, lançando cacos afiados pela rua. Os Imperiais se encolhem, cobrindo os próprios rostos. A imagem me faz rir.

Talvez estejam certos. Talvez eu tenha enlouquecido.

De preocupação, de fúria, de traição.

A tensão que serpenteia continuamente no meu corpo parece ser a única constante na minha vida, resultando nos ombros rígidos e no maxilar trincado. Fico tamborilando os dedos na adaga presa à cintura, sentindo-me tentado a descarregar a frustração em um dos muitos Imperiais inúteis.

Acompanho os redemoinhos do aço no punho, um padrão familiar sob as pontas dos dedos. Como poderia me esquecer da adaga que foi colocada tantas vezes na minha garganta?

Como poderia me esquecer da adaga que arranquei do pescoço do meu pai?

Faz cinco dias desde que vi o punho dessa arma saindo da garganta do rei. Cinco dias para sofrer o luto e, no entanto, não derramei uma única lágrima. Cinco dias para me preparar e, no entanto, nenhum plano me livrará realmente dela. Cinco dias para sermos simplesmente Kitt e Kai — irmãos, antes de nos tornarmos Rei e Executor.

E agora a vantagem dela se esgotou.

Mas parece que ela a usou com sabedoria — se aproveitou da minha fraqueza, da minha covardia, dos meus *sentimentos* por ela — e fugiu. Giro para olhar as chamas, vendo o caos colorido enquanto o fogo consome a casa em vermelho, em laranja, no preto da fumaça densa e em…

Prata.

Pisco os olhos tentando enxergar através da fumaça sufocante no telhado desmoronando. Mas não há nada ali, nenhuma sugestão do brilho que vi há um instante. Passo a mão pelo cabelo antes de apertar os olhos cansados.

É, estou mesmo louco.

— Senhor!

Baixo as mãos, encarando lentamente o Imperial que tem coragem suficiente para gritar comigo. Ele pigarreia, provavelmente se arrependendo da decisão.

— Eu, hã, acho que vi alguma coisa, Vossa Alteza.

Ele aponta para o telhado pegando fogo, a fumaça se movendo enquanto uma figura tropeça entre as chamas. Uma figura com cabelos prateados.

Então ela está aqui.

Não consigo decidir se me sinto aliviado ou não.

— Tragam-na para mim.

Minha ordem ressoa e os Imperiais não perdem um segundo. E, aparentemente, ela também não. Mal tenho um vislumbre dela antes

que salte da beira do telhado que está desmoronando para o vizinho, pulando de novo assim que encontra o equilíbrio.

Os Imperiais correm pela rua, os Robustos e os Escudos inúteis enquanto ela salta de telhado em telhado. Passo a mão pelo cabelo antes de esfregá-la no rosto, sem me surpreender com a incompetência deles.

Viro, na mão, a faca que arranquei da parede e parto para a rua, alcançando rapidamente meus Imperiais. Sinto os poderes de cada um deles zumbindo sob minha pele, implorando para serem liberados. Mas suas habilidades são inúteis para mim, a não ser que eu consiga pegá-la no chão, o que me deixa arrependido por não ter trazido um Tele que pudesse colocá-la na rua, diante de mim, apenas com o pensamento.

Ela só pode permanecer nos telhados se conseguir saltar entre eles. E é por isso que, com um movimento rápido, atiro a faca em sua direção.

Vejo a arma acertar o alvo, cravando-se na coxa dela no meio de um salto. Seu grito de dor me faz estremecer, uma reação tão frustrante quanto desconhecida para mim.

Ela bate com força no telhado, rolando numa tentativa débil de suavizar a queda. Observo-a levantar com dificuldade, o sangue escorrendo pela perna. A essa distância, suas feições estão turvas, e quase posso fingir que ela é simplesmente uma figura qualquer, fácil de esquecer, mancando até a borda de um telhado.

Ela não é idiota. Sabe que não consegue saltar.

Olho rapidamente para os Imperiais, que a encaram, boquiabertos.

— Será que eu preciso fazer tudo para vocês? — Minha voz sai fria. — Vão pegá-la.

Mas então meus olhos voltam na direção do telhado. Vazio.

Ingenuidade minha achar que ela facilitaria as coisas.

— Encontrem-na! — grito, passando a mão pelo cabelo.

Os Imperiais se dividem, correndo em direções opostas pelas ruas que me certifiquei de que estariam praticamente vazias exatamente por esse motivo. A capacidade dos ladrões de se misturar às pessoas é espantosa, permitindo que sejam engolidos no caos, que se percam na multidão. E ela faria exatamente isso se eu não tivesse esvaziado a Alameda.

Desço a rua a passos largos, de olho nos becos adjacentes. Gritos abafados ressoam, ecoando nas casas e lojas arruinadas. Continuo a busca em silêncio, os pés hesitando quando vejo uma figura caída no fim de um beco, entre as sombras.

Agacho-me ao lado do Imperial, e meu olhar percorre seu uniforme que havia sido branco e agora está encharcado de sangue. O escarlate escorre de uma faca de arremesso enterrada fundo no peito dele, espalhando-se nas dobras engomadas do uniforme.

Ela é mesmo uma coisinha maligna.

Pressiono os dedos no pescoço dele, procurando uma pulsação, mesmo sabendo que não vou sentir as batidas familiares. Suspiro, apoiando minha cabeça nas mãos. Meu corpo está pesado de cansaço, esmagado pelas preocupações.

Uma vez enterrei alguém que tentou matá-la.

Simplesmente porque eu sabia que ela desejaria isso. Carreguei o cadáver de Sadie pela escuridão da Floresta dos Sussurros, durante a primeira Prova, porque sabia que Paedyn estava em frangalhos quando a deixei girando aquele anel no polegar. Por mim, eu jamais teria enterrado o corpo de alguém que tivesse tentado matá-la. Mas não estava pensando em mim quando fiz aquilo.

Para mim a morte é familiar, ao mesmo tempo amiga e inimiga, e frequente demais na minha vida. Mas para ela a morte é a ruína, não importa quem seja a vítima.

Imagino que Paedyn esteja girando aquele anel no polegar neste exato momento, mordendo a parte interna da bochecha enquanto se obriga a fugir do homem que ela acabou de matar, em vez de cavar uma sepultura para ele, como sei que deseja desesperadamente.

— Sabe, ela teria enterrado você se não estivesse tão ocupada fugindo de mim — murmuro para o corpo ao meu lado, confirmando que, de fato, enlouqueci. Tiro a máscara branca do rosto do Imperial. Isso me dá uma visão melhor dos seus olhos castanhos e vítreos antes de eu fechar suas pálpebras. — Assim, o mínimo que posso fazer é enterrar você por ela.

Eu nunca havia pensado antes no que era feito com os corpos dos meus soldados. E, no entanto, aqui estou eu, carregando um homem no ombro por causa de uma garota que odeia espalhar a morte. Solto

um grunhido com o peso do Imperial, imaginando por que, pela Peste, estou me dando ao trabalho de fazer isso.

O que ela fez comigo?

O corpo flácido balança no meu ombro a cada passo que dou.

Será que a próxima sepultura que eu cavar será a dela?

CAPÍTULO 3

Paedyn

Estou chocada por ele não conseguir ouvir meu coração batendo forte, por não conseguir sentir meu olhar ardente atravessar o seu corpo.

Arrasto a barriga pelo telhado áspero e olho pela beirada. A dor que rasga minha perna atrai a atenção para o corte com uma bandagem malfeita na minha coxa. Mordo a língua, contendo um grito e uma torrente de palavrões elaborados. A bainha da minha camisa reserva, rasgada às pressas, já mostra um tom repulsivo de carmim em cima da ferida. Me vejo obrigada a voltar o foco para a figura lá embaixo, incapaz de continuar olhando para a perna.

Mas também não suporto olhar para ele.

Já sei qual seria seu comentário se eu tivesse dito isso para aquele sorriso irônico em seu rosto: *Você é uma péssima mentirosa, Gray.*

Meus olhos se reviram diante do pensamento e se voltam para ele, absorvendo as ondas pretas dos cabelos, que caem revoltas na testa. Ele está agachado junto ao Imperial que presenteei com uma faca no peito, o perfil sério, os olhos cinzentos analisando o rosto do homem. E então ele apoia a cabeça nas mãos aparentando estar igualmente frustrado e fatigado.

A visão do Executor me enche de fúria, mas me obrigo a concentrar o foco nele e não no sangue que brota no uniforme branco do Imperial.

Engulo em seco, subitamente nauseada com esse pensamento. Lágrimas arderam nos meus olhos quando deixei a faca voar até o peito do homem, turvando minha visão enquanto o corpo dele tombava.

Sinto muito. Sinto muito, muito mesmo.

Não sei se ele ouviu meu lamento suplicante, não sei se viu o pesar nos meus olhos antes de eu me arrastar para o telhado de uma loja quando o som de passos ecoou nas paredes.

Pisco os olhos para afastar a lembrança e as lágrimas, optando por me concentrar no Executor a poucos metros de mim.

Eu poderia matá-lo. Aqui e agora.

De repente, há outra faca de arremesso entre os dedos manchados da minha mão trêmula.

Prometa que vai ficar viva por tempo suficiente para me dar uma facada nas costas?

As palavras que ele disse depois daquele primeiro baile ecoam na minha mente.

Eu poderia cumprir essa promessa.

Pelo modo como ele se posicionou, suas costas estão exatamente onde eu enterraria esta lâmina. O punho da adaga fica suado na minha mão, mas eu o seguro com mais força.

Vá em frente.

De repente, há um nó na minha garganta, que eu me esforço para engolir. O rapaz ali embaixo matou meu pai, matou dezenas de Comuns em nome do rei. E eu sou seu próximo alvo.

Odeio estar hesitando.

Vá. Em. Frente.

Levanto o braço, os dedos trêmulos em volta da faca. O movimento faz a cicatriz arder, esticando a pele e o lembrete gravado nela.

C de Comum.

Ele se move de súbito, tira a máscara do Imperial e fecha os olhos dele com uma gentileza que não pertence ao Executor — uma gentileza que eu gostaria de não ter testemunhado.

— Sabe, ela teria enterrado você se não estivesse tão ocupada fugindo de mim.

Sinto minha respiração falhar e meu coração martelar.

Ele está certo. Eu teria arrastado esse homem até o trecho de terra mais próximo e o teria enterrado, se tivesse a chance. Como se isso fosse consertar o mal que fiz. Como se isso fosse compensar o fato de não ter podido enterrar minha melhor amiga e meu pai.

A simetria da morte dos dois era nauseante — ambos sangrando nos meus braços antes de eu *fugir*.

— Assim, o mínimo que posso fazer é enterrar você por ela.

Essa única frase dita em voz baixa me atravessa como uma faca, quase me fazendo largar a que estou segurando. Eu o encaro, atônita, enquanto ele pendura o homem no ombro e se levanta com dificuldade.

Kai.

É ele que vejo diante de mim. Não o Executor. Não uma das muitas máscaras que ele coloca. Apenas *ele*.

Odeio isso.

Odeio o fato de ter tido um vislumbre daquele rapaz de novo. Porque é muito mais fácil odiá-lo quando não é *ele* que estou odiando, e sim o Executor em que ele foi transformado.

Eu o observo seguir para fora do beco, carregando no ombro o homem que eu matei. Kai não faz nada sem motivo, o que me deixa perplexa com sua gentileza.

E quando desaparece na esquina, de repente estou me perguntando por que fui gentil com *ele*.



As estrelas adoram flertar, sempre piscando na escuridão.

Mas são boa companhia, me cercando com suas constelações incontáveis. Estou deitada há horas no telhado dessa loja arruinada, olhando o dia se dissipar no crepúsculo e o crepúsculo se esvair na escuridão.

O sol tinha afundado no horizonte antes que os ecos dos gritos dos Imperiais sumissem lentamente. Depois de um tempo, os sons das botas se arrastando nas pedras irregulares do calçamento morreram enquanto eu olhava para o céu, desejando que escurecesse.

Quando os últimos vestígios de roxo escorrem do dossel de nuvens, deixando um manto preto que abafa todo o reino de Ilya, finalmente me levanto e me alongo. Meu corpo todo dói — uma sensação com a qual me familiarizei —, mas o novo ferimento que ganhei hoje é especialmente doloroso. Com um movimento súbito, o sangue começa a escorrer pela minha coxa e abre um caminho vermelho pela perna. Não suporto a sensação pegajosa de sangue que jamais conseguirei lavar das mãos.

A descida do telhado é um processo vergonhosamente lento, mas, assim que meus pés tocam o chão, já escorrego para as sombras. Vou mancando pelos becos silenciosos, evitando os sem-teto que começaram a se encolher de volta em seus cantos familiares para passar a noite.

Há Imperiais por toda parte. Eles caminham em silêncio pelas ruas, as cabeças giram para um lado e para o outro, os olhos procuram por mim na escuridão. Isso torna as coisas complicadas e completamente irritantes. Vou me esquivando deles à luz mortiça e me esforço para não deixar uma trilha de sangue pingando nas pedras enquanto serpenteio pelos becos.

Entro numa rua escura calçada com pedras irregulares e…

A mão áspera de alguém segura meu ombro, um aperto nada gentil. Baixo a cabeça e, com o canto do olho, vejo botas pretas engraxadas enquanto o cheiro de goma de passar roupa me atinge. Não hesito antes de enganchar o pé em volta do tornozelo do sujeito e puxar, deixando-o esparramado no chão e espantado. Em poucos segundos fico em cima dele, tiro a adaga da bota e acerto sua têmpora com o cabo, silenciando seu grito de surpresa.

O Imperial magro mal passa de um garoto, agora caído inconsciente nas sombras, sobre as pedras. Meu coração bate descontrolado, me obrigando a respirar fundo antes de me esforçar para puxá-lo mais para dentro do beco, escondendo-o na escuridão.

A jornada até os arredores do Deserto Escaldante é lenta e tremendamente frustrante. Nunca imaginei que ficaria aliviada ao ver aquela vastidão de areia, mas depois de horas me esgueirando nas sombras e escapando por pouco de ser apanhada, a visão é o suficiente para me fazer sorrir, apesar da pontada de dor que isso provoca.

Há poucos Imperiais de guarda na fronteira do deserto, já que os cidadãos de Dor e Tando sabem que não devem visitar Ilya para não ser confundidos com Comuns. O que Ilya faz de melhor é se isolar, garantindo que a sociedade de Notáveis continue a prosperar sem ser manchada por pessoas sem habilidades.

Esse pensamento me deixa com raiva. A verdade disso me enoja.

E então, com a fúria alimentando cada passo, começo a andar. A areia afunda sob as botas antes de conseguir entrar nelas, o que torna a jornada incrivelmente mais desconfortável.

As horas passam lentamente à medida que prossigo com dificuldade. Me ocupo revirando meu cérebro cansado, tentando me lembrar dos mapas que meu pai abria na minha frente quando eu era criança. Não tenho muita certeza de até onde o deserto vai, o que faz com que eu me sinta completamente idiota por pensar que sobreviveria a isso com todos esses ferimentos.

Como se eu tivesse alguma outra opção.

Suspiro e me rendo ao fato de que a morte me cercou por todos os lados, me obrigando a encará-la. Minha lembrança dos mapas é vaga, mas suspeito que, se eu continuar nesse ritmo, chegarei a Dor em mais ou menos cinco dias. Isto é, supondo que eu consiga caminhar quase o tempo todo — o que poderia resultar no meu colapso, deixando a morte finalmente me reivindicar.

Bom, só há um jeito de descobrir.

A noite esfria cada vez mais, a temperatura cai à medida que avanço pelo deserto. Meu colete sujo, cheio de bolsos, é muito mais útil para roubar do que para esquentar — e foi exatamente para isso que ela o fez. Passo o polegar no tecido áspero e verde-oliva, me lembrando das mãos macias e marrons que o costuraram.

Promete que vai usá-lo por mim?

A imagem de Adena morrendo no meu colo, sussurrando o último pedido, lampeja na minha mente e força os meus pés a acelerarem. Mesmo se eu tivesse tempo, sei que não dormiria muito nessa viagem — nem nunca.

Porque, nos instantes silenciosos antes de o sono me encontrar, vejo Adena morrer de novo. Como se meus olhos fechados fossem um convite para reviver o horror daquele dia: o galho rombudo

atravessando o peito dela, os dedos amarrados e quebrados, o corpo coberto de *sangue*…

Meu próprio sangue começa a ferver quando penso no sorriso debochado de Blair atravessando o tronco pelas costas de Adena apenas com o poder da mente.

Vou matá-la.

Não sei como nem onde nem quando, mas Adena não era a única que só fazia promessas que pudesse cumprir.

Procuro na mochila e visto a jaqueta desgastada que pertenceu ao meu pai. É grande demais e, no entanto, nada jamais me serviu tão perfeitamente. Enfio as mãos nos bolsos, tremendo um pouco enquanto continuo a andar pela areia.

As horas se arrastam, roubam a escuridão e substituem o céu por listras laranja e a promessa de um sol escaldante. Minhas pausas são curtas, apenas o suficiente para descansar as pernas doloridas enquanto como minhas provisões e bebo a água quente. Inspeciono os ferimentos com frequência, tomando um cuidado especial com o novo, na coxa.

Presente *dele*.

O talho ensanguentado é obra dele, tenho certeza. A precisão do arremesso só poderia pertencer a ele, junto com a ideia de abrir minha carne para me tirar de cima dos telhados. Eu não esperaria menos do calculista Executor, que está tão desesperado para me capturar.

Mais um motivo para eu acelerar o ritmo.

Forço as pernas doloridas a irem mais depressa enquanto tento afastá-lo dos pensamentos.

Ele está vindo atrás de mim.

Meus lábios se curvam com esse pensamento, repuxando a cicatriz que desce desde o maxilar.

E não vou hesitar de novo.

CAPÍTULO 4

Kai

— Você está péssimo.

O olhar de Kitt salta para os borrões escarlates que mancham minha camisa, cortesia do Imperial que ele não precisa saber que enterrei.

Por ela.

Um gesto que, na melhor das hipóteses, beira a traição.

E que, na pior, chega a ser patético.

O olhar de escrutínio do rei finalmente encontra o meu e nos encaramos com certa diversão. A familiaridade forma um sorriso involuntário nos meus lábios, simplesmente pelo sentimento de sermos irmãos. Irmãos que não têm títulos enfiados antes do nome. Irmãos que, nesse momento abençoado, ignoram as alianças atadas pelo sangue.

É a primeira vez, em dias, que ele me deixa olhá-lo. Olhá-lo de verdade.

Ele trocou as lágrimas pelo cansaço, os olhos sorridentes pelos assombrados, junto com as bochechas ligeiramente fundas e a barba crescendo no queixo. Minha inspeção se prende à mesma camisa amarrotada que vi nos últimos três dias — meio desabotoada, com mangas sujas de tinta para escrever.

— É, bom, você não está muito melhor — digo, com algo que parece um sorriso ainda surpreendendo meus lábios.

Kitt pisca, absorvendo a imagem de suas mãos sujas de tinta e dos papéis cheios de borrões espalhados diante dele, como se enxergasse a cena pela primeira vez. Em seguida suspira, juntando lentamente numa pilha malfeita os papéis com os quais tem estado tão envolvido.

— Vou ficar bem. Só estou um pouco cansado.

— Você sabe que existe uma solução simples para isso, não sabe? — Minha voz soa irritantemente receosa enquanto tento percorrer a linha tênue entre aliviar o clima e tentar colocar algum bom senso nele.

Kitt está diferente. Nós estamos diferentes. Não sei mais onde meu irmão termina e meu rei começa.

Quando ele não responde, encerro com um conselho levemente preocupado:

— Você deveria tentar descansar. Dormir um pouco. — Indico com a cabeça a poltrona de couro gasto que ele herdou. — Faz dias que não vejo você sair dessa poltrona.

— Dormir é para os mortos. — O som que Kitt faz após essa declaração brusca só pode ser descrito como um ruído de escárnio engasgado. — Desculpe — diz ele, quase rindo, balançando a cabeça com o que parece ser diversão. — É cedo demais?

Forço um sorriso enquanto olho para aquele homem que parece um estranho. Em outra vida, consigo imaginar essas mesmas palavras saindo da boca de Kitt, só que sem esse tom amargo, esse sorriso ensandecido. O luto o transformou em um homem que me deixa cauteloso.

— Tudo bem — digo, suspirando —, dormir é para os mortos. Mas parece que você também não está vivendo muito. — Meus olhos procuram os dele, implorando de um modo que eu jamais faria usando palavras. — Você não sai deste gabinete desde a coroação. A gente poderia dar um passeio no jardim, ir ver a rainha. — Engulo em seco ao pensar no que o luto fez com ela. — Os médicos dizem que ela está piorando. Não saiu da cama, e eles temem… Eles temem que não reste muito tempo.

Kitt fica imóvel, em silêncio depois da minha sugestão. Eu não deveria me surpreender com sua relutância. Ele não tem um laço com minha mãe. Porque ela é exatamente isso: *minha* mãe. Não dele.

Pigarreio e mudo rapidamente o assunto para algo mais interessante.

— A gente poderia visitar a Gail na cozinha. Ela vai insistir em te ver até você comer um pão doce…

— Estou bastante satisfeito aqui, obrigado.

Eu o encaro, atordoado. Isso que é uma dispensa régia.

Assentindo lentamente, recuo um passo na direção da porta.

— Bom, se não há mais nada…

Vossa Majestade.

Engulo as palavras antes que possa cuspi-las no fim da frase. Estendo a mão para a porta, pronto para fugir…

— Isso aí é o sangue dela?

Hesito, me virando para encará-lo.

O olhar dele se fixa nas manchas que encharcam minha camisa. Fico imóvel, em silêncio, por um longo momento, simplesmente permitindo que ele me examine enquanto tento decifrar o que espreita por trás dos seus olhos verdes.

Quando finalmente falo, o que sai dos meus lábios é a pergunta que eu mesmo tenho evitado responder:

— Você ficaria mais desapontado se fosse ou se não fosse?

Ele engole em seco, respira fundo e sorri de um jeito nada feliz.

— Não sei. — Outro silêncio longo, persistente. — E você?

— Não sei.

Patético.

— É? — Kitt não me olha ao perguntar. — Quero dizer, é dela?

Suspiro, subitamente cansado com a lembrança dessa manhã.

— Não.

Aliviado? Desapontado? De repente parece que não sei a diferença entre as duas coisas ao dizer essa palavra supostamente simples.

— Certo — murmura Kitt. — Mas ela estava lá, não é?

— Estava. Eu a forcei a sair da casa. — Kitt levanta uma sobrancelha antes de eu concluir: — Botei fogo em tudo.

— Entendi.

Ficamos nos encarando, cautelosos. Ela é um assunto a ser evitado e, no entanto, jamais está a uma distância maior do que um pensamento. Uma tortura para nós dois.

— E o sangue? — Kitt gesticula com a cabeça na minha direção, em expectativa.

— É do Imperial que ela esfaqueou. Ela o matou nos arredores da favela.

Ali está aquela risada sem vida de novo.

— Ela tem um péssimo hábito de esfaquear os outros, não é mesmo?

Pigarreio e tomo cuidado para não passar do limite que, quando se trata de Kitt, eu não sei mais qual é.

— É, bom, eu também. E ela não escapou ilesa, eu me certifiquei disso.

— Então — diz Kitt num tom arrastado e familiar. Vejo meu pai refletido em seu olhar, reencarnado em suas palavras. — O que está me dizendo, Executor?

Fico ligeiramente rígido.

— Acredito que ela tenha ido para o Deserto Escaldante, tentando atravessá-lo até Dor ou Tando. Mas não tenho certeza de que vai conseguir. Se bem que ela também tem um péssimo hábito de permanecer viva. — Deixo a voz soar monótona, incorporando o Executor que ele quer que eu seja. — Vou preparar alguns homens e cavalos do deserto para irmos atrás dela. Partiremos assim que possível. — Faço uma pausa. — Vossa Majestade.

Droga. Simplesmente não consegui me conter, não é?

Kitt me analisa, parecendo pouco incomodado com o título. Pelo contrário, ele parece curioso.

— E então você vai trazê-la para mim.

Assinto.

— Vai?

Encaro-o, respirando devagar.

— Você tem algum motivo para acreditar que não vou?

Kitt dá de ombros antes de se recostar e cruzar os braços sujos de tinta por cima da camisa amarrotada.

— É só que, bom, eu sei da… história de vocês.

Fico tenso. Nos encaramos e comunicamos em silêncio a única coisa que jamais pronunciamos em voz alta. O comentário de Kitt foi sutil,

mas sua falta de fé na possibilidade de eu cumprir sua ordem não foi nem um pouco.

Minha resposta é vaga:

— Isso é diferente. E você sabe.

— É? — O tom de Kitt é de uma inocência perturbadora. — Você não tinha conexão alguma com aquelas crianças, mas as poupou do castigo, apesar dos crimes delas.

— Kitt… — começo antes que ele me interrompa abruptamente.

— Olha, não estou dizendo que salvar crianças era a coisa errada a fazer. — Ele ri, um riso sem humor. — Não sou um monstro. Banir os Comuns com suas famílias em vez de executá-los imediatamente foi uma gentileza, ainda que pequena. Porém… — Os olhos dele ficam sombrios. — Você desobedeceu repetidamente as ordens do nosso pai. Várias vezes.

Suspiro pelo nariz, exasperado. À menção do nosso pai, perdi a discussão antes mesmo de começar. Aos olhos de Kitt, nada que eu diga pode justificar um ato contra o rei anterior.

— Eu sempre obedeci às ordens — digo com um suspiro. — E sempre obedecerei. Aquilo foi uma exceção.

— Foi? — repete Kitt, com a expressão ao mesmo tempo examinadora e cética. — Então você não tem planos de continuar com essa exceção porque eu sou rei? Porque eu sei?

É um esforço não ficar explicitamente boquiaberto.

— Então você quer que eu execute as crianças? — Sinto o peito pesado, o coração batendo forte contra as costelas. — Tudo bem, basta dar a ordem e será feito, meu rei.

Merda.

Mordo a língua com força suficiente para me concentrar na pontada de dor e não no lampejo de raiva que me atravessa. A última coisa que desejo é enxergar Kitt apenas como meu rei e tratá-lo como eu tratava o anterior.

É fácil amar Kitt, até ele começar a se parecer com o pai que não me amava o suficiente.

— Kai. — O olhar áspero do rei se suaviza como a voz. — Sei que esta não é exatamente uma ordem simples de ser cumprida. Acho que só estou… paranoico. Eu testemunhei você contrariar ordens no

passado. — Diante do olhar que lhe dou, ele acrescenta depressa: — Por bons motivos. E é por isso que me preocupo quando peço que a traga de volta para mim. — Seus olhos encontram os meus, cheios de uma emoção que não consigo decifrar. — E que "bom motivo" seria melhor para desobedecer às ordens do que seus sentimentos por ela?

Ficamos nos encarando com os olhares fixos e as gargantas cheias de palavras não ditas. Quero protestar, implorar à minha boca para se abrir e derramar uma sequência de palavras convincentes que contradigam a acusação. Mas ele está certo, e nós dois sabemos disso. Foram meus sentimentos que a libertaram, para começo de conversa.

Esse pensamento me abala e me leva a crer que Kitt sabe que eu já a deixei escapar uma vez — e que ele se ressente. Mas nada em seu rosto plácido prova isso, e eu enterro o pensamento antes que ele me enterre.

— Isso não deve ser fácil para você também — digo baixinho, testando as águas perigosas da maré de sentimentos de Kitt pela mesma garota.

Ele quase ri.

— Ah, então agora vamos falar sobre isso?

Vínhamos evitando o tópico sensível antes mesmo de ela decidir cortar os tendões do pescoço do nosso pai com a mesma adaga que eu tenho presa à minha cintura. Ela era um risco, algo cuja menção deveria ser evitada, como se isso pudesse impedi-la de causar um atrito entre nós.

Apaixonar-se por ela foi fatal.

— Qualquer coisa que eu sentisse morreu no dia em que ela o matou — diz Kitt simplesmente.

Mentira.

Venho dizendo a mesma coisa a mim mesmo, chamando isso de verdade, cheio de convicção.

— Sei como é — digo, assentindo.

Mentira.

Nós nos encaramos, contentes em nos afogarmos nas ilusões compartilhadas. Mas não dizemos mais nada, não nos incomodamos em confrontar o fato de que estamos mentindo para nós mesmos e um para o outro.

— Vou trazê-la para você, Kitt. — Minha voz sai baixa e séria. — Antes de ser seu Executor, eu era seu irmão. Minha lealdade é para com você e mais ninguém. — Fico em silêncio por um longo momento, permitindo que minhas palavras sejam absorvidas. — Ela matou meu pai também, sabe.

Mais silêncio se prolonga entre nós.

— Viva — diz Kitt por fim. — Traga-a para mim viva.

Seu tom não sugere que isso seja exatamente um ato de misericórdia.

Tiro o anel grosso que recebi no dia em que me tornei o Executor de Ilya e o coloco na mesa dele.

— Me devolva quando eu tiver ganhado sua confiança de novo.

CAPÍTULO 5

Paedyn

A areia arranha o interior da minha boca e rasga as minhas gengivas.

Passo a língua nos dentes secos, sentindo a mesma camada de sujeira dos últimos três dias. Cuspir não é mais uma opção, já que cada gota de saliva é necessária na luta para sobreviver.

Minha garganta dói. Os pés. As pernas. A cabeça. *Tudo*.

A areia se move sob meus pés enquanto continuo os arrastando. Com o pescoço dolorido a gritar em protesto, levanto a cabeça zonza em direção ao sol poente. Ele afunda no horizonte, ousando mergulhar atrás das dunas e arrancar seus raios do céu.

Levo a palma da mão até a testa, pegajosa e queimada pelos dias caminhando penosamente no deserto. Um arrepio desce pela minha espinha e sacode o meu corpo dolorido. Com um suspiro, me convenço de que é o deserto esfriando rapidamente que me arrepia até os ossos, não uma febre se assentando por baixo da pele pegajosa.

Estou andando há dias — e na maioria das noites.

O deserto é um monstro implacável. Toda noite imploro à areia e peço que me permita algumas horas de descanso. Apesar do meu desespero, o deserto ainda não me concedeu muito mais do que uma ou duas horas de sono de cada vez. Seja por conta da areia nos ouvidos ou dos escorpiões junto aos pés, não consigo tirar mais do que um cochilo paranoico.

— Já que sou a única que lhe faz companhia, o mínimo que poderia fazer é me deixar dormir pelo menos uma noite — digo entre os lábios rachados, com a voz que é pouco mais do que um grasnido.

Examino a vastidão do deserto, vendo apenas areia e ouvindo somente o vento que sussurra em resposta. Solto o ar enquanto parto migalhas do pão esfarelento antes de colocá-las na minha boca igualmente seca.

— Estou enlouquecendo. — Levanto as mãos, deixando-as cair de novo e bater nas laterais do corpo. — Venho falando com a areia há três dias — resmungo, os pés riscando linhas fundas. — Suponho que não é justo culpar você por toda a minha insanidade. Já estou enlouquecendo há um bom tempo. — Rio, praticamente tossindo. — Quero dizer, simplesmente pôr os pés aqui já é loucura, para começo de conversa. Não é?

Olho em volta, mesmo sabendo que as dunas não vão se dignar a responder. Mas pior do que falar com a areia seria subitamente ouvi-la responder. Aí é que eu ficaria preocupada de verdade.

Minha reserva de água está perigosamente baixa, e só de saber disso minha garganta fica ainda mais seca. Os cantis que chacoalham na mochila estarão vazios em no máximo dois dias. O autocontrole é bem menos atraente quando a gente sobrevive com um número limitado de goles.

Me pego examinando o horizonte pela décima vez em uma hora, esperando ver um sinal de alguma cidade. Um sinal de qualquer coisa.

Nada.

Nenhuma silhueta de construção ou fumaça brotando de uma chaminé. Faço força para engolir, me sinto pequena demais na vastidão que me rodeia. Me sinto como um único grão de areia num mar de dunas onduladas.

Insignificante.

Perdida.

Solitária.

Enxugo uma gota de suor que ameaça arder nos olhos já ofuscados pelo sol poente. As ondas de areia são tingidas em tons dourados, espelhando o céu que muda lá em cima. Admirar a beleza do terreno perigoso por onde ando com dificuldade é um modo agridoce de

terminar minhas noites. O crepúsculo no deserto é de tirar o fôlego e, no entanto, é o último lugar onde eu gostaria de estar.

Meu olhar se prende em alguma coisa que brilha ao longe, reluzindo sedutora ao sol. Pisco à luz ofuscante, sentindo os olhos secos. O lago cintila, piscando convidativo. Balanço a cabeça, o que só a faz latejar mais.

Miragem.

Coisas atraentes, tentadoras, costumam me provocar sob a forma de água límpida e lagos em que anseio dar um mergulho. Suspiro, me curvando ligeiramente para esfregar as pernas doloridas. Bolhas estão escondidas dentro das minhas botas suadas, os pés pegajosos de areia.

As coisas que eu faria por um pouco de água…

Passo o resto da noite enterrada nas dobras da velha jaqueta do meu pai, sentindo a temperatura caindo e entorpecendo os dedos dos meus pés. Depois de sobreviver a um encontro surpreendentemente amistoso com a maior cobra que já vi, caminhei até tarde da noite, falando com a areia e alimentando minha insanidade.

Minhas pálpebras caem, pesadas como o restante de mim. Consigo manter os olhos abertos por tempo suficiente para encontrar um trecho de areia plana aonde chego tropeçando. Solto a mochila das costas e me esforço para tirar de dentro o cobertor áspero.

Mal o estendo na areia e logo meu corpo faz o mesmo, sem cerimônia. Desmorono em cima do cobertor e aperto a jaqueta em volta do corpo dolorido. Pego um pedaço de pão rançoso e me demoro mordiscando-o antes de bochechar com um pouco de água quente.

— Sabe — sussurro para a escuridão —, não é sua culpa eu não conseguir dormir à noite. Sem dúvida os pesadelos não ajudam.

Como se invocadas pela menção a elas, imagens de Adena assolam meus pensamentos. A sensação do sangue escorrendo entre meus dedos. Minhas lágrimas se derramando na bochecha macia dela. O galho ensanguentado atravessando-a pelas costas…

Um tremor sacode meu corpo. Engulo em seco com força, nauseada, mas incapaz de me dar ao luxo de expulsar o pouco conteúdo no meu estômago.

— Eu poderia culpar você pela falta de sono — minha voz é um pouco mais do que um sussurro engasgado —, mas acho que nem quero dormir, já que isso significa vê-la daquele jeito. De novo. Simplesmente não consigo… não consigo…

Eu não tinha percebido que estava chorando até a lágrima escorrer pelo meu nariz. Enxugo-a, bufando, e envolvo com os dedos o colete verde embaixo da jaqueta. Minha unha acompanha a costura bem-feita dos bolsos e sinto as dobras do trabalho meticuloso dela.

Se quiser cumprir minha promessa a Adena, preciso sobreviver. Preciso viver para usar esse colete por ela.

E estou decidida a fazer exatamente isso.

Murmuro mais uma vez para a noite, deixando os olhos trancarem o mundo lá fora antes de escorregar para o sono.

— E vou me vingar. Por ela.

CAPÍTULO 6

Kai

Um brilho de prata ao sol poente.

Um clarão de olhos azuis que aplaca minha sede.

Sardas que são como a areia ao nosso redor.

Uma adaga prateada, afiada como a língua dela, girando entre dedos rápidos.

É ela.

Ali está ela. Parada, me olhando como se eu fosse apenas um estranho que ela avalia. Como se eu não valesse mais do que as moedas que ela está se preparando para roubar do meu bolso.

Como se eu não fosse o homem que arruinou sua vida. Como se ela não fosse culpada de fazer o mesmo comigo.

Ela vem na minha direção, uma imagem tão familiar que me pego lutando contra um sorriso habitual; a memória muscular é mais um lembrete dela. Alguma coisa dói quando ela finalmente para diante de mim, com as mãos escondidas às costas. Passo distraidamente uma das mãos sobre o peito enquanto a olho de cima a baixo, sinto uma pontada de urgência por motivos que não consigo indicar.

Balanço a cabeça numa tentativa inútil de clarear a mente.

Eu deveria fazer alguma coisa. O que eu deveria fazer com…?

Os lábios dela se abrem num sorriso, o olhar percorrendo meu rosto.

E ali está a dor no meu peito, parecendo uma faca cega.

— Olá, príncipe.

Sua voz é sedosa, tranquilizadora de um modo que dá arrepios.

— Tenho um presente para você — diz ela, com a voz suave e um sorriso meigo. — Para você se lembrar de mim.

Ela tira as mãos das costas, apresentando-as. Seus dedos seguram um buquê frouxo de flores azuis opacas.

Miosótis. Não-me-esqueças.

Começo a sorrir, mas a emoção trava nos meus lábios. Baixo os olhos para as flores — as mesmas que dei a ela na última noite que passamos juntos na chuva. E de repente estou cambaleando para trás diante do que vejo, apertando o peito e a dor que lateja ali.

— O que foi? — pergunta ela, com inocência demais. — O que há de errado, Malakai?

Ofegante e boquiaberto, olho o sangue pegajoso que agora encharca as mãos dela e pinga pelos braços. Cada haste de flor está manchada com um vermelho nauseante que embota a vividez das pétalas que murcham na palma das mãos dela.

— Você… — gaguejo, balançando a cabeça. — O sangue dele. Esse é o sangue dele, não é?

A expressão dela espelha a minha, chocada e esboçada em dor.

— Fiz o que precisava fazer. Eu *faço* o que preciso fazer.

Seu olhar endurece, assim como sua determinação. Ela se aproxima de mim e derruba as flores que não estão grudadas nos dedos ensanguentados enquanto estende as mãos para o meu rosto. Me afasto, praticamente tropeçando nos meus pés na tentativa de escapar do seu toque.

— O que você fez? — Minha voz falha. — Olha o que você fez. O que você está me obrigando a fazer.

De repente identifico a dor que emana do meu peito.

É o meu coração.

É quando me lembro do que preciso fazer com ela.

— O que você fez, Executor? — A voz dela sai hesitante, amarga e cortante. — Então está tudo bem quando é você quem mata? É isso? — Ela dá um passo na minha direção, mas fico firme. — Você tem tanto sangue nas mãos quanto eu, Kai. A diferença entre nós é que você se recusa a ver.

Balanço a cabeça e começo a recuar de novo.

— Ah, você não acredita? — Ela está praticamente rindo, achando graça. — Você está coberto de sangue.

Olho para baixo e levanto as mãos vermelhas nas laterais. Minha respiração sai ofegante enquanto examino meu corpo.

Estou pingando morte.

O sangue se gruda no meu cabelo, se empoça nas minhas botas, cobre meus dentes. Estou cuspindo, escarrando, espiralando enquanto cambaleio para trás.

— Não, não, não…

— Vá em frente — desafia ela, baixinho. — Derrame o meu sangue e vista-o com o resto.

Grito.

Meus olhos se abrem subitamente.

Encaro o céu escuro acima de mim, sem enxergar, com a areia se mexendo sob as costas. Meu coração bate forte enquanto examino o acampamento improvisado, os olhos se ajustando à escuridão. Uma dúzia de Imperiais cochilam espalhados no chão do deserto, em volta da fogueira que já se apaga.

Minha garganta está áspera.

Eu estava gritando?

Se acordei alguns dos meus homens, eles são espertos o bastante para fingir que não. Me sento lentamente, e minhas costas doem das noites passadas na areia irregular e dos dias montado em selas rígidas. Meu cabelo sujo faz cócegas na testa e eu passo os dedos por ele, antes de aquecê-los junto à fogueira.

Estou há três dias nesse maldito deserto.

E não há um único sinal dela em lugar nenhum.

Bom, não há um único sinal físico dela em lugar nenhum.

E, no entanto, eu a vejo em todo canto. Ela me assombra. Na metade do tempo, fico me perguntando se já está morta, se o deserto reivindicou mais uma pessoa, se a engoliu inteira e a cuspiu como um fantasma para garantir o meu tormento.

Ninguém mais vê o brilho de cabelo prateado ao sol nem a silhueta do corpo dela no topo de uma duna.

Porque ninguém mais está enlouquecendo.

Estou enlouquecendo, me sinto perdido neste deserto, mesmo sabendo que chegaremos a Dor antes de o sol nascer amanhã. Primeiro vamos procurar na cidade e, se não encontrarmos nada, iremos para Tando a fim de continuar a busca.

É impossível que ela já tenha chegado a uma cidade.

Certo?

Apesar da minha negação, já vi do que ela é capaz. Já vi como ela consegue sobreviver; ouvi sobre como ela *tem sobrevivido* durante toda a vida. Duvido que o deserto seja uma força intensa o bastante para tirá-la deste mundo antes de ela estar pronta para isso. Logo o Deserto Escaldante conhecerá sua teimosia.

Levanto a cabeça para longe das brasas que restam na fogueira, fixo o olhar no céu que vai mudando lá em cima. O alvorecer dança no horizonte, esgueirando-se nas nuvens para tingi-las com uma luz dourada suave. Volto os olhos para os homens dormindo ao redor, ouço seus roncos, os únicos sons que preenchem esta parte do deserto.

Suspiro e me levanto, alongando os músculos doloridos.

— De pé. Agora.

Minha ordem ecoa e agita até os cavalos do deserto amarrados a alguns metros do acampamento improvisado. Sou recebido por resmungos grogues enquanto começo a andar pelo círculo desordenado de Imperiais.

— Bom dia — digo em tom leve, diferentemente do bico da minha bota que cutuca suas costelas.

Diante disso, eles não hesitam em obedecer às minhas ordens. O grupo desgrenhado está de pé e se movimenta em questão de minutos, alguns cuidando dos cavalos e outros juntando nossos suprimentos espalhados. Devoramos carne de coelho dura e seca e bebemos água quente antes de montar nos cavalos e partir num ritmo constante.

A carne de coelho me faz bochechar a água arenosa. Não é só do gosto que estou tentando me livrar, mas também da lembrança que o acompanha. Me pergunto vagamente se retorci a boca enquanto comia, assim como fiz nas Provas quando ela me olhava de perto o bastante para perceber.

É perigoso o quanto penso nela. O quanto tudo lembra ela. O quanto imagino se tudo era um jogo dela, uma armação para ajudar a

Resistência. Para ajudar os Comuns a derrubar o reino. Matar o rei. Matar meu *pai*.

Será que realmente me importo que ela o tenha matado?

Afasto o pensamento, me remexendo na sela e girando os ombros tensos.

Logo vou descobrir. Logo vou encontrá-la.

E então terei minhas respostas.

CAPÍTULO 7

Paedyn

Eu poderia jurar que o escorpião que passa perigosamente perto das minhas botas gastas dá uma piscadela, respondendo à minha pergunta.

Aconteceu. Fiquei louca de vez.

Com isso em mente, suspiro e repito a pergunta:

— Eu disse: se você pudesse comer qualquer coisa, e quero dizer *qualquer coisa*, o que seria?

Dizer que minha voz sai rouca seria um eufemismo. Minha garganta está tão áspera quanto a areia que faz barulho sob meus pés, tão seca que mal consigo pensar direito. Balanço a cabeça dolorida para a criatura enquanto dou passos descuidados ao seu redor, praticamente cambaleando.

— Ótimo. Se não quer responder, eu respondo. — Tropeço na areia, nas minhas palavras. — Eu… eu gostaria de uma laranja. É. Uma laranja grande e suculenta. Ou então… caramelo.

Olho de novo para o escorpião e percebo que ele está me seguindo bem de perto. A visão deveria ser muito mais alarmante para mim, mas não consigo encontrar energia para me preocupar.

— Sabe, meu pai adorava caramelo. — Faço um som que mal lembra uma risada. — Às vezes me pergunto se de fato gosto do doce, sabe? Tipo, talvez… talvez eu só tenha me convencido de que gostava porque ele gostava.

O escorpião me encara.

Ou talvez não. Ultimamente tenho tido um pouco de dificuldade para discernir o que é real.

Esse é o meu quinto ou sexto dia no deserto?

Quase rio.

Talvez eu já esteja morta. Como eu saberia a diferença?

Cambaleio, com a areia que de súbito voa ao meu encontro. Meus joelhos afundam no chão áspero e ofego, o sol poente ainda queima a minha pele ferida. Com uma respiração entrecortada, me levanto devagar e forço minhas pernas doloridas a continuarem com sua marcha instável.

Estou cansada. Muito cansada.

Minhas pálpebras baixam, imitando o sol que começa a mergulhar atrás das dunas para passar a noite.

Fique acordada.

De repente, é como se eu estivesse de volta à Floresta dos Sussurros, cambaleando no escuro enquanto tento não sangrar até a morte pelo corte fundo abaixo das minhas costelas. Foi então que *ele* me encontrou. Me salvou.

Afasto o pensamento e examino o horizonte pela centésima vez, os olhos acompanhando a silhueta de cada construção que atulha a cidade mais além.

Estou quase lá.

Se bem que não faço a mínima ideia do que é "lá". Não sei bem a que cidade estou chegando, se é Dor ou Tando, mas não estou em condições de ser exigente.

Só preciso chegar *lá*.

Lamber os lábios rachados só leva mais areia à minha boca. Agora seria a hora de engolir um pouco de água granulosa. Só que bebi avidamente o restinho hoje de manhã.

Estou morrendo de sede.

Talvez apenas morrendo. Talvez já esteja morta.

Minha risada rouca se transforma rapidamente em um soluço dolorido, parecendo sacudir meus ossos quebradiços.

Continue andando. Só continue andando.

Mas não quero. Só quero me deitar, fechar os olhos e *descansar*.

Meus pés desaceleram e meu corpo inteiro parece lento.

Continue. Andando.

Sei que, se parar agora, nunca mais vou começar de novo. A desidratação, a fadiga e os ferimentos espalhados pelo meu corpo finalmente me dominaram. Se eu me deitar, será no leito de morte.

Isso seria tão ruim assim?

Essa voz baixinha dentro da minha cabeça, a única que ouvi durante dias além da minha, foi se tornando cada vez mais convincente.

Para que estou vivendo? Por que estou me submetendo a essa agonia?

Cada centímetro do meu corpo dói. Cada centímetro implora pela misericórdia de desistir.

— N… não — gaguejo. — Não, não posso. — Falar comigo mesma nunca foi bom sinal, mas é a única coisa que impedirá minhas pálpebras de bloquear o mundo lá fora e de meu corpo de se entregar de vez. — Eu… — Outra respiração entrecortada. — Eu sobrevivi a coisas demais para ser derrotada pelo deserto.

Aperto a palma da mão calejada na batida teimosa do meu coração, prova de que coisas quebradas ainda podem servir a algum propósito. Meus dedos acompanham a letra familiar gravada ali, me provocando com a lembrança de como sou frágil.

C de Comum.

— C de "Chegando à beira da morte". — Minha tentativa de fazer piada é assustadoramente parecida com um sussurro agonizante. — Não foi assim que imaginei meu fim. Estou… — Um acesso de tosse seca me faz afrouxar o corpo. — Estou com vergonha de não morrer de um modo mais dramático.

Realmente achei que seria ele a fazer as honras. A cravar minha preciosa adaga no meu peito. Ou talvez no pescoço, simplesmente para manter a nauseante simetria.

Ele vai ficar tão desapontado ao descobrir que roubaram sua vingança, que foi no deserto que a morte finalmente me alcançou.

Minha visão fica turva quando avisto a cidade tão próxima, percebendo algo que se move ao longe. Franzo os olhos e me esforço para identificar uma silhueta que parece a de uma figura humana.

Pisco, atônita. É minha mente me pregando peças? Me provocando uma última vez?

De repente, meus joelhos afundam de novo na areia e as palmas das mãos escorregam à frente.

Acho que jamais saberei.

Minha têmpora encontra a areia escaldante e eu solto um murmúrio de satisfação ao senti-la.

Por que o deserto nunca foi tão confortável antes?

Agarro a costura amarrotada do colete, apertando a promessa em volta do corpo.

Eu o usei todos os dias, A. Até o último.

— Só vou… Só vou fechar… meus…

Meus olhos se fecham; o mundo se apaga com um único piscar.

E, pela primeira vez em dias, não temo o sono que me espera.



Uma batida de coração ressoa embaixo do meu ouvido.

Remexo o corpo nos braços fortes que me envolvem. Meus sentidos estão vagarosos.

Braços fortes. Estou sendo carregada.

Meus olhos se abrem de súbito.

Estou sufocada pela escuridão, envolta num manto de breu que o céu jogou em cima de nós. Com os olhos absolutamente inúteis neste momento, me concentro na sensação da mão áspera embaixo do meu joelho e da outra envolvendo meus ombros.

É ele. Ele me encontrou.

Sou balançada a cada passo irregular, tentando desesperadamente acalmar o coração agitado e forçar minha mente nebulosa a bolar um plano. Mas ele está perto demais, *real* demais, como se tivesse saído direto dos meus pesadelos para a noite muito real diante de mim.

De repente não consigo me lembrar de como respirar.

Ele me encontrou. Ele me encontrou. Ele me encontrou.

Minha mente grita as três palavras que tinham me aterrorizado tanto, afogando qualquer esperança de um pensamento racional. Estou

paralisada em seus braços, impotente em seu abraço que um dia pareceu tão seguro. Sinto seu peito subir e descer com a respiração, um sentimento que já foi tão familiar. Agora é estranho. Assustador.

Como ele me encontrou?

Ainda estou tentando decifrar por que continuo viva, apesar de estar sendo carregada para a perdição pela própria morte. Ele está me segurando. Está me levando de volta para Ilya. De volta para Kitt e para a fúria que tenho certeza que me espera…

Ele matou meu pai.

Esse único pensamento me salva da insanidade.

Não vou hesitar. De novo, não.

Eu me obrigo a respirar e me concentro na mão em volta dos meus ombros, enquanto avalio o melhor ângulo para quebrar o osso do pulso dele. Em seguida, é em suas pernas que me concentro, na fadiga do passo, na instabilidade que me ajudará a derrubá-lo. Há quanto tempo ele está me carregando? Onde estão seus homens? Examino o breu ao redor, sem ver nada além da cidade para onde caminhamos.

Sinto uma lâmina fina presa à cintura dele e meu coração dá uma cambalhota. Mas o cabo é plano, liso ao meu toque. Me permito um momento para engolir a frustração pela perda da adaga do meu pai antes de me obrigar a manter o foco.

Derrube-o, depois termine o serviço que você não conseguiu terminar.

Depois disso, vou simplesmente me misturar na cidade, me camuflando no caos ao qual estou tão acostumada. Ninguém jamais me encontrará de novo. Ele é o único que poderia, e depois desta noite não será mais uma ameaça à minha existência.

Visualizando cada movimento antes de tentar executá-lo, respiro fundo uma última vez para me estabilizar.

E entro em ação.

Um grito brota da garganta dele quando seu pulso se parte sob a palma da minha mão. Ele cambaleia, praticamente me derrubando. Prevejo seu movimento deselegante e me jogo no chão, com a areia grudando nas minhas mãos suadas enquanto giro a perna para trás a fim de acertar seus tornozelos.

Ele tomba com um grunhido. No instante seguinte, já estou montada em seu peito, prendendo os braços dele com os joelhos e colocando o peso do meu corpo sobre o osso partido.

Minhas palavras interrompem o grito estrangulado dele:

— Devo admitir que estou um pouco desapontada. — Puxo a adaga da sua cintura, tirando-a da bainha e encostando a ponta irritantemente cega na garganta que mal consigo ver. — Eu esperava que você lutasse mais.

— O… o quê? Olha, eu estava no meu posto, vi você no deserto e achei que estivesse morta, mas quando cheguei você estava respirando. — As palavras saem num jorro, com uma voz muito diferente da *dele*. Eu o encaro. Meus olhos começam a se ajustar à escuridão e revelam o rosto muito apavorado de um jovem guarda. — Eu só estava carregando você até a cidade, tá? — Agora ele está ofegante, implorando para que eu o entenda.

— Eu… — Fico o encarando de novo, perplexa, vendo seu cabelo castanho desgrenhado e o uniforme vermelho amarrotado embaixo de mim. — Achei que você fosse outra pessoa.

— É, bom, claramente você não precisa da minha ajuda. — Seu olhar vai rapidamente até a mão. — E, se sair de cima do meu pulso quebrado, terei o maior prazer em deixar você em paz.

— Ah. — Dou um sorriso sem graça. — Hm, desculpe por isso.

Saio de cima dele depois de recolocar a adaga na bainha. Observo-o ficar de pé, segurando a mão com cuidado. De repente estou lutando contra a ânsia de me esparramar de novo na areia enquanto a adrenalina começa lentamente a se esvair do corpo.

— Obrigada por ter vindo até mim. De verdade. Desculpe ter retribuído sua gentileza desse modo.

Ele resmunga uma resposta, recuando em direção à cidade a qual estamos chegando.

— Preciso voltar ao meu posto.

— Certo. — Incrivelmente sem graça, começo a andar atrás dele, a uma distância segura. — Hm, desculpe, para que cidade estamos indo?

Ele me olha confuso.

— Dor. — Outro olhar interrogativo. — O que você estava fazendo no deserto, afinal?

Engulo em seco. Imperiais podem até não ser problema em Dor, mas mesmo assim haverá guardas me pressionando com perguntas que preciso evitar. E não tenho a mínima ideia se as cidades vizinhas de Ilya conhecem minha reputação. Quando abro a boca para dizer uma mentira relativamente convincente, o olhar dele percorre meu corpo machucado de um modo que me deixa tensa. Ele observa meu rosto, examinando, procurando…

— Ei, você parece… familiar. — Ele faz uma pausa, ponderando sobre o que vê. Viro o rosto para o outro lado, ciente da suspeita no movimento sutil. O som sussurrante de dedos nos meus cabelos faz meu olhar voltar bruscamente para o dele. — Prateados — diz ele baixinho, como se fosse um pensamento que tivesse escapado furtivamente pela boca. — Interessante.

— É mesmo? — pergunto em tom despreocupado, tentando discernir o que ele sabe.

— Bom, uma cor assim não seria incomum em Ilya. — Seu olhar cético se transformou em algo bem mais confiante. — Mas aqui… — A mão que roça lentamente o punho da sua adaga não passa despercebida. — Por acaso você não seria aquela assassina do rei, não é? Sabe, a "Paladina Prateada" que se transformou em assassina? — Agora a adaga está firme na mão dele, virada para mim. — Você vale uns bons trocados, sabia? Ilya está oferecendo uma bela recompensa pela sua cabeça. — Dou um passo para trás, o olhar grudado na lâmina cada vez mais perto do meu peito. Sua próxima frase vem acompanhada de um sorriso irônico: — Viva ou morta.

O luar reflete no aço que ele gira na direção do meu peito.

Viro o corpo, poupando meu coração, mas não o ombro por onde a lâmina se arrasta. Contenho um grito ao sentir a dor lancinante, com o sangue quente começando a jorrar do talho. O guarda não perde um único segundo antes de mirar a lâmina na direção da minha barriga. Eu me esquivo de novo, me sentindo lenta, sendo forçada a me defender. Cada resquício acumulado de exaustão e dor volta numa torrente, me lembrando de que escapei da morte de novo e por pouco. Talvez ela tenha vindo para finalmente terminar o trabalho, reivindicar sua vingança.

— Olha — diz o guarda, ofegando entre os dentes trincados. — Se você vier de boa vontade, não vou precisar machucar você.

Eu me esquivo de outro golpe da adaga.

— Eu até acreditaria, mas você parece bastante ansioso para me fazer pagar por esse pulso quebrado.

O guarda praticamente rosna para mim, jogando o peso do corpo em um golpe que pretendia atingir minhas costelas. Os dois passos que ele sempre dá com o pé esquerdo me alertaram do golpe antes que eu visse o lampejo do aço. Eu giro, segurando seu pulso antes de ir para trás dele, dobrando seu braço contra a escápula oposta.

A adaga escorrega dos seus dedos suados, cravando-se na areia. Ele não gritou até que eu segurasse seu pulso quebrado com a mão livre e apertasse, fazendo o osso quebrado se projetar contra a palma da minha mão. O guarda tomba de joelhos e treme violentamente enquanto eu me abaixo devagar atrás dele. Suas mãos continuam presas entre as minhas.

Meus lábios quase roçam em sua orelha quando murmuro:

— Quem mais sabe sobre mim?

O guarda se debate, tentando se livrar, o que só lhe rende outra torção do pulso quebrado. Ele solta um grito antes de cuspir as palavras seguintes:

— Você é uma cretina maluca, sabia?

— Sabia — respondo com um suspiro. — Eu sei e você sabe. Olha, o que estou perguntando é se mais alguém sabe disso.

Ele solta uma risada dolorida.

— Todo mundo sabe que você é uma cretina maluca. Você tem uma bela reputação.

Fico tensa ao ouvir essas palavras.

— E em Tando? Ilya ofereceu uma recompensa pela minha cabeça nas duas cidades?

— Até onde eu sei — diz ele, ofegante, com um risinho irônico escondido na voz baixa —, até Izram tem um cartaz com sua cara estampada em cada superfície.

Faço uma careta para a nuca dele. Entrar como clandestina num navio para Izram parecia muito mais atraente do que caminhar pelo Deserto Escaldante. E eu teria feito exatamente isso, mas faz anos que

ninguém se aventura pelas águas traiçoeiras dos Baixios. Isso, em parte, se deve ao imenso isolamento de Ilya em relação aos outros reinos, mas as dezenas de naufrágios desencorajaram ainda mais quem quisesse realizar a perigosa jornada.

Entretanto, nada disso importa agora, porque parece que minha reputação viajou até Izram antes que eu pudesse fazer o mesmo.

— Bom — digo, suspirando —, vamos lá. Quanto eu valho?

A cobiça na voz dele escorre por entre os dentes trincados:

— Vinte mil moedas de prata.

Quase engasgo com uma gargalhada, e sussurro mais para mim mesma do que para o guarda sob meu domínio:

— Kitt me quer tanto assim, é?

— Quer. — De repente, a voz do guarda sai fria, calejada: — Viva ou morta.

E então a parte de trás do seu crânio colide com meu nariz.

Grito, já sentindo o sangue começando a jorrar, derramando-se na minha boca.

De repente, sinto mãos ásperas no pescoço.

O guarda me derruba de costas, seu peso me comprime com quase tanta força quanto as mãos apertam minha traqueia. Pontos pretos começam a nadar na minha visão e me sinto estranhamente grata por mal conseguir enxergar o que faço em seguida.

A adaga penetra facilmente no coração dele.

Ele pisca acima de mim, uma expressão incrédula pinta a tela preta que é seu rosto, agora completamente desprovido de cor.

As mãos em volta do meu pescoço se afrouxam e caem, levando o corpo logo em seguida. Ele tomba no chão e aperta o ferimento fatal causado pela própria arma. E suas últimas palavras saem em um grunhido:

— Cretina… maluca.

Estou tremendo.

A adaga escorrega da minha mão, apesar de estar presa entre meus dedos pegajosos.

Dedos pegajosos.

Olho para baixo, vendo o sangue que cobre minhas mãos.

Não, não, não…

A sensação me provoca ânsia de vômito, mesmo com a falta de conteúdo no estômago. Engatinho até o guarda, murmurando desculpas enquanto enxugo o sangue das mãos em sua camisa já manchada de vermelho. Olhos sem vida me encaram enquanto eu mal consigo enxergar por entre as lágrimas nos meus.

Olho o rapaz e recuo com dificuldade, as palmas das mãos afundando na areia.

Eu o matei.

Eu matei *de novo*.

Em poucos dias, consegui tirar a vida de três pessoas. Esse pensamento agita meu estômago outra vez, e eu me viro para vomitar na areia.

Nunca quis matar ninguém. Nunca quis…

Mas tinha matado. Matei. *Mato.*

O que eu me tornei?

O cheiro de sangue arde no meu nariz, tão forte que me faria vomitar outra vez se restasse alguma coisa no meu corpo para expelir. Respiro fundo pela boca, me levanto devagar com as pernas trêmulas e viro as costas para a cena.

Preciso dar o fora daqui.

O sangue escorre para a minha boca, me obrigando a cuspir a cada passo que dou em direção à cidade. Levanto a mão com cuidado para sentir como está o nariz, me encolhendo com a dor, mas aliviada ao descobrir que ele não está quebrado.

Um pé à frente do outro.

Eu o deixei lá.

Um pé à frente do outro.

Ele vai apodrecer ao sol.

Um pé à frente do outro.

Sou um monstro.

Um pé à frente do outro.

CAPÍTULO 8

Kai

Uma facada no peito — o golpe característico dela.

Eu me agacho ao lado do guarda caído, com a areia manchada de sangue fazendo barulho sob minhas botas. Um rosto que não pode ser muito mais velho do que o meu me espia, os olhos escuros abandonados pela vida que ele mal teve a chance de viver. Passo a mão pelo meu cabelo desgrenhado e examino as manchas de sangue que cobrem seu uniforme vermelho. Cada uma conta uma história.

Depois de derramar sangue durante toda a vida, cada mancha começa a falar, se você prestar atenção.

Ou talvez eu só esteja louco.

O ferimento no coração espalha carmim pelo peito dele, derramando-se na poça embaixo do corpo. A areia ao redor mostra sinais de uma luta, um combate registrado em pegadas.

Bom, pelo menos ela teve um motivo para matá-lo.

Meu olhar volta para o homem abaixo de mim, passando sobre o sangue na bainha da camisa, do lado oposto ao ferimento. Aproximo o rosto e quase engasgo com o cheiro metálico e mórbido.

— Foi ela — digo, sem me incomodar em olhar para os homens ao meu redor. — Ela esteve aqui. Ela *está* aqui. Ele só está morto há um dia, no máximo.

Olho o sangue na camisa dele, onde ela limpou rapidamente as mãos.

Ela devia estar em péssimas condições para deixar uma prova assim, em plena vista.

Ao pensar nisso, suspiro e passo as mãos sujas pelo cabelo ainda mais sujo, provavelmente pela décima vez. Se ela está ferida, não pode ter ido longe. Se ela está ferida, eu tenho uma vantagem.

Se ela está ferida, preciso ficar em paz com isso.

Balanço a cabeça, com pena do homem que chegou perto demais dela.

— Peguem-no. Vamos entregá-lo aos colegas dele para que lidem com a situação.

Alguns Imperiais trocam olhares, indagando em silêncio quem, dentre eles, assumirá a tarefa infeliz de arrastar o corpo meio apodrecido. Me levanto, movimentando o pescoço dolorido antes de dar as costas para eles e me virar em direção à cidade próxima.

— Se precisarem de algum encorajamento, terei prazer em…

Tosses desconfortáveis e pés se arrastando abafam minhas palavras. Os Imperiais não perdem tempo antes de me seguirem rebocando o cadáver. Mas não precisamos andar muito até sermos engolidos pela cidade agitada.

Empurro para o lado um estandarte desbotado pelo sol, pendurado entre as construções arruinadas, assim consigo uma visão melhor da cidade, que é quase tão desagradável quanto as pessoas que a habitam. Olhares raivosos nos recebem e expressam suspeitas de que o povo de Dor é inteligente o bastante para não revelar nada aos Notáveis que passeiam por sua cidade. É como se eles pudessem sentir o cheiro das habilidades em nosso sangue enquanto olham para nós com desprezo.

Ofereço um cumprimento seco — e quase arrogante — para alguns, nada chocado com a reação deles diante de mim e dos meus homens. Não é como se Dor fosse sutil em relação ao seu ódio pelo reino dos Notáveis, já que receberam o maior número de Comuns no correr das décadas.

Ilya não tem aliados desde antes da Peste. Desde antes de o reino se isolar para acumular seus poderes de Notáveis. Desde antes de Ilya se tornar subitamente uma ameaça para qualquer um que estivesse do lado de fora.

Ao avistar um guarda que parece entediado demais para realizar um serviço minimamente bem-feito, abro caminho pela rua lotada do mercado aonde chegamos por acaso e vou na direção dele. Centímetro por centímetro, o guarda se empertiga enquanto seus olhos nos examinam.

— Acredito que isso pertença a vocês — digo, indicando o guarda morto, agora deixado aos pés do sujeito de olhos arregalados. — Nós o encontramos no caminho para a cidade. Foi esfaqueado no peito. — O guarda pisca, atônito, e concluo: — Sei quem foi a responsável. Minha pergunta é se você a viu andando por aí.

— *A-a* responsável? — gagueja o guarda. — Uma *mulher* fez isso? — Seus olhos se arregalam ligeiramente com o reconhecimento. — Foi *ela*? A Paladina Prateada?

É difícil não estremecer ao ouvir o título.

— Sim. *Ela*. A garota cujo rosto vocês espalharam por toda a cidade.

Indico um cartaz meio rasgado perto da cabeça do guarda, ignorando o rosto estampado que um dia memorizei. Mas o que atrai meu olhar ali é o que está escrito embaixo: Vinte mil moedas de prata pela captura de Paedyn Gray. Viva ou morta.

Viva ou morta.

E a Peste sabe bem que ela não vai se entregar facilmente. É improvável que ela permita que qualquer pessoa a devolva viva a Ilya. Mas é isso que Kitt deseja, independentemente do que ele diga às cidades vizinhas.

Volto a atenção para o guarda perplexo diante de mim.

— Você não respondeu à minha pergunta. Você a viu?

— Se tivesse visto, já teria arrastado a garota de volta a Ilya para pegar a prata. — Ele ri, quase soltando um ruído de escárnio. — Então, o seu rei pôs mesmo todas as cidades procurando por ela, é?

Sim, pôs.

— Se você a vir, ou se vir qualquer coisa suspeita, deve informar a mim — digo, desconsiderando sua pergunta.

Outro ruído de escárnio.

— De jeito nenhum vou informar a você. Quem é você para roubar meus vinte mil xelins?

Chego um pouquinho mais perto, examinando-o por tempo suficiente para fazer seu pomo de adão subir e descer.

— Eu sou o homem com os vinte mil xelins.

Ver a constatação fazendo o queixo dele cair é cômico.

— O senhor é o… É o…

Eu me viro antes mesmo de ele terminar de gaguejar meu título.

Executor.

A palavra paira no ar, fazendo cabeças se virarem enquanto passo. Minha aparência é bastante conhecida nas cidades vizinhas, já que elas enxergam Ilya e sua realeza como um conto de fadas para dormir. Somos idolatrados da mesma forma que a aversão mútua une as pessoas, proporcionando fofocas mesquinhas quando há uma pausa na conversa.

Examino a rua procurando alguma coisa para comer, alguma carroça de feirante. Estou exausto e começando a me sentir tonto, como se toda a frustração que preenche meu corpo tivesse finalmente se acomodado na cabeça. Parto na direção de um grupo de carroças, contente em empurrar para o lado qualquer um que esteja entre mim e meu apetite.

Mas a multidão abre caminho como se a Peste estivesse andando no meio dela.

Sussurros me envolvem, meu nome sai de lábios repuxados em nítidas carrancas. Ignoro as pessoas e seus olhares minuciosos. O julgamento é familiar para mim, uma previsibilidade quase confortável.

Mas me arrependo da falta de compostura que me identificou tão rapidamente.

— Você tem alguma carne? — pergunto a um comerciante virado de costas para mim, enquanto deixo algumas moedas em cima da sua carroça e pego alguns pães velhos, quase tão sólidos quanto a madeira em que estão empilhados.

O comerciante se vira, os olhos escuros me examinam de cima a baixo vendo as moedas esparramadas.

— Só javali selvagem. — Sua voz é exatamente como eu tinha imaginado, carrancuda como ele.

Assinto uma vez.

— Vou querer o suficiente para meus homens e para mim.

Meu pedido é recebido por um longo silêncio.

— Para vocês — os olhos do homem se estreitam em direção às moedas —, custa o dobro.

Baixo a cabeça, com um riso sem humor passando pelos lábios. O comerciante se remexe, e seu corpo fica tenso quando pouso a palma da mão na madeira áspera e indico as moedas.

— Você e eu sabemos que a carne não vale nem metade do que eu já dei.

— O dobro — repete ele, grunhindo outra vez.

— E posso saber — minha voz sai num tom letal — por quê?

— Porque não gosto de você nem de gente da sua laia.

Quase rio disso.

Da sua *laia*.

Em qualquer outro lugar que não seja Ilya, eu sou um enigma. A coisa anormal que deve ser eliminada. Encaro esse homem, basicamente um Comum, apesar de não ter nas veias a doença que debilita os Notáveis. Não é de admirar que as pessoas das cidades vizinhas nos desprezem por termos banido os Comuns que são iguais a elas.

— Então você sabe quem eu sou — digo baixinho — e, no entanto, está me cobrando o dobro?

— Você não me assusta. Não aqui. — A barba em seu rosto não serve muito para esconder o risinho que repuxa os lábios. — Sei que vocês estão acostumados ao privilégio dos Notáveis, mas aqui não vão conseguir nada disso. Provavelmente esse é o máximo de respeito que vão receber de qualquer um em Dor.

— Anotado — digo, ríspido demais para o meu gosto. Não me agrada que as pessoas percebam sua capacidade de me irritar. Giro ligeiramente o pescoço enquanto exalo a frustração dos pulmões: um gesto familiar, bem treinado. — Bom, se esse é o máximo de respeito que vou receber em Dor, acho que estou fazendo um bom negócio.

O homem pisca, ligeiramente perplexo com minha mudança rápida de tom. Quase sorrio diante disso, adorando as reações daqueles que ainda não estão acostumados com as muitas máscaras que ponho e tiro quando bem entendo. Abro um sorriso ameaçador ao jogar mais moedas na madeira, junto com as várias que já deixei ali.

Não passa muito tempo até que meus Imperiais estejam distribuindo tiras secas da carne que foi vendida como javali selvagem, apesar de eu não estar nada convencido de que seja isso mesmo.

— Sumam — ordeno. — Nos encontraremos aqui ao pôr do sol.

Os homens trocam olhares confusos, uma expressão que jamais parece abandonar seus rostos sujos.

— Mas, senhor… — começa Matthew, dando um passo à frente do grupo de homens com uniformes amarrotados. Ele é um dos poucos Imperiais cujo nome me dou ao trabalho de lembrar, um dos poucos que não me provoca uma vontade de abandonar no deserto.

Meu olhar cortante faz as palavras morrerem na garganta dele.

— Estamos atraindo atenção demais. Nunca vamos conseguir as informações de que precisamos, nem comida ou abrigo, por sinal, se as pessoas souberem quem eu sou e de onde nós viemos — digo, e Matthew assente com os outros homens, que começam a entender. — Separem-se. Descubram o que puderem. Vamos nos encontrar aqui ao entardecer.

Ofereço ao grupo um gesto rápido de despedida com a cabeça antes de me virar e me misturar à multidão, de repente me torno uma pessoa sem importância.

Comum, por assim dizer.



CAPÍTULO 9



Paedyn

— Ah, qual é! Nós dois sabemos que isso não vale nem duas pratas, muito menos três.

Bato com o pão velho na carroça do comerciante, para enfatizar.

Toc, toc, toc.

— Na verdade — acrescento com uma boa dose de diversão —, você é quem deveria estar *me* pagando para comer isso, Francis.

O senhor esconde a careta por trás das dobras do tecido que envolve seu nariz e sua boca. As rajadas de vento do oeste estão fortes hoje, soprando areia granulosa e detritos do deserto que cobrem completamente a cidade e seus habitantes. Só levei dois dias em Dor para descobrir como os lenços são essenciais para o meu traje, se eu quiser ter alguma esperança de manter a camada constante de areia longe da boca.

— Três — resmunga ele pela quarta vez, o sotaque forte abafado pelo tecido imundo. — Estamos com escassez de trigo.

Solto um grunhido. Passei dias tentando fazer esse homem gostar de mim, para não ter de ficar roubando-o descaradamente. Maldita consciência que ainda tenho.

— Francis — começo devagar, e observo como a carranca que não consigo ver direito estreita os olhos dele. Depois de ver seu nome em uma gravação torta no topo da carroça de madeira, passei a usá-lo numa tentativa de criar algum tipo de conexão. Até agora, fracassei

miseravelmente. — Sejamos razoáveis. Você sabe que eu não tenho tanto dinheiro assim para gastar com um pão que provavelmente vai quebrar um dente.

Ele não se dá ao trabalho de responder com nada além de um rosnado grave.

Fecho os olhos, respiro fundo e sinto a areia passar entre os meus lábios.

Eu tinha chegado a me orgulhar de entender essas pessoas. Pessoas como eu. Pessoas que lutam para sobreviver, que contam com migalhas para alimentar o estômago sempre roncando. Em outra vida, eu poderia ter considerado as favelas de Ilya o meu lar, se não fosse a falta de poder fluindo nas minhas veias.

Talvez por isso esteja tão desesperada para recomeçar aqui. Aqui, em Dor, onde sou uma Comum num sentido completamente novo da palavra. Ninguém pode ser considerado impotente se todas as outras pessoas também são assim. Não, aqui sou considerada uma igual. E nada jamais pareceu tão incomparável.

— Ótimo — suspiro, fingindo derrota. — Mas só porque eu gosto de você, Francis.

Só porque quero que você goste de mim.

Seus olhos dourados parecem lutar contra a vontade de se revirar diante do que eu disse. Abro um sorriso doce, esperando que meu olhar revele o quanto anseio por companheirismo e, ao mesmo tempo, odiando a facilidade com que esse anseio se revela.

Jogo mais uma moeda na carroça de um modo desajeitado, torcendo para que o dinheiro role e caia da madeira gasta. A prata brilha ao sol que se põe preguiçosamente antes que a moeda bata no chão com um tilintar satisfatório.

— Ah, desculpe, Francis! Ainda não estou acostumada com esse calor. Minhas mãos ficam suando o tempo todo, um negócio nojento.

Ele pisca, o rosto bronzeado inexpressivo atrás do lenço, além do óbvio desdém por mim. Quando ele abaixa para pegar a moeda que é minha atual parceira no crime, pego mais dois pães com mãos hábeis, um de cada pilha, para não levantar suspeitas.

— Quero dizer, não há nenhum momento em que eu *não* esteja encharcada de suor — continuo em tom casual enquanto Francis se

levanta, espanando a moeda suja com o polegar. — Sério, como você consegue ficar fresco embaixo de todas essas camadas de pano? Eu fico tão pegajosa que…

Ele me interrompe, grunhindo:

— Esse é o nosso inverno.

Eu o encaro.

— Ah. Bom, isso é… péssimo.

Apesar de Dor ficar relativamente perto de Ilya, eu cresci com as estações se revezando, se bem que, felizmente, nossos invernos eram amenos. Eu não tinha percebido como o clima pode ser drasticamente diferente do outro lado de um deserto. Enquanto os ventos do oeste sopram ar fresco dos Baixios na direção de Ilya, Dor é abençoada com o calor granuloso do Deserto Escaldante flutuando o tempo todo para a cidade. O calor é um habitante familiar para eles.

— Você nunca vai sobreviver à temporada de escassez, sua coisinha pálida. — Ele me encara por um longo momento em que eu luto, em silêncio, para fazer minha voz funcionar.

Um riso seco rompe o silêncio insuportável e meus olhos se viram rapidamente para os dele. Francis leva a mão bronzeada à barriga, sacudindo-se com uma gargalhada áspera. Hesitante, acompanho-o com um riso desconfortável.

— Você é engraçada, coisinha pálida — acrescenta ele, entre risadas.

Suspiro aliviada, afrouxando o corpo na esperança de que minha ignorância acabe ganhando a simpatia de Francis.

— É bom saber que meu sofrimento suado é divertido para você — digo em tom suave, pegando o pão que ele estende.

Seu riso continua enquanto ele parte um pão ao meio com um esforço razoável.

— Aqui. — Ele balança a metade do pão para mim antes que eu o pegue, hesitante. — Vá encontrar uma sombra para comer isso.

Agradeço, engolindo a culpa ao sentir os dois pães roubados pesando nos bolsos de dentro do colete. Francis ainda está rindo quando lhe dou as costas, o que faz um pequeno sorriso repuxar meus lábios atrás do tecido que cobre a maior parte do meu rosto.

Talvez ele esteja começando a gostar de mim, afinal de contas.

Olho meus braços, agora muito mais bronzeados do que estavam uma semana antes de atravessar o deserto. Apesar disso, minha pele ainda é mais clara do que a da maioria das pessoas que passaram a vida em Dor. Examinando as ruas movimentadas, admiro as peles escuras e lisas brilhando ao sol — como se os próprios raios de luz fossem velhos amigos, acariciando a pele deles com dedos familiares.

Puxo o tecido fino mais para baixo, sobre a testa, e abro caminho pela massa de corpos que lota as ruas. Meu olhar é atraído por um cartaz amassado, pendurado precariamente na parede de uma loja meio arruinada. Faço uma careta e deslizo pela multidão até ficar diante do rosto que espelha o meu. Olho a garota que reflete minhas feições. Seus olhos estão cheios de terror e fúria.

Engulo em seco e pisco para conter as lágrimas que me recuso a deixar cair.

Essa imagem deve ser uma réplica do que o Visor gravou ao me avistar logo depois de ter matado o rei; o crime que cometi está estampado no meu rosto cansado. Quase posso sentir o sangue que encharcou minhas mãos, que cobriu meu corpo machucado. Levo a mão à cicatriz que desce abaixo do meu maxilar, meus dedos procuram a letra gravada sobre o meu coração.

Não suporto continuar olhando, não suporto reviver aquele momento mais do que já o revivo.

Não suporto olhar o rosto de uma assassina.

Com os dedos trêmulos, arranco o cartaz da parede, amassando-o antes de enfiar na mochila pendurada nos ombros. Na noite em que entrei cambaleando na cidade depois da luta contra o guarda…

Contra o homem que você matou e largou para apodrecer.

… quase trombei numa parede que tinha meu rosto grudado. Meu cabelo prateado brilhava ao luar no cartaz que, mesmo coberto de areia, não deixava dúvida de que eu era a réplica perfeita da foragida Paladina Prateada que me olhava de volta. Qualquer cabelo de cor estranha é uma indicação clara de ter nas veias o sangue contaminado pela Peste, quer você seja Comum ou Notável.

E depois de passar uma vida insignificante escondida em plena vista, eu me destaco como um polegar machucado. Nunca me senti tão exposta, tão *fora* do comum.

Naquele dia, passei a noite na cobertura arruinada de uma loja, cuidando dos ferimentos e me escondendo até que um amanhecer precoce pintasse as ruas de dourado. Só então ousei roubar um lenço velho da carroça de um comerciante para enrolar no rosto e cobrir o revelador cabelo prateado. Por sorte, não é incomum alguém proteger o rosto do sol e da areia soprada o dia inteiro. E assim, num instante, tive a bênção de ficar invisível de novo.

Um ombro colide com o meu, me sobressaltando a ponto de me arrancar do estupor. O rapaz assente rapidamente no que acho que é uma tentativa de pedido de desculpas antes de voltar a abrir caminho pela rua lotada. Respiro fundo e puxo meu lenço, tentando parecer local. As pessoas de Dor são um pouco afiadas — ouso dizer que são parecidas com os pedaços de metal serrilhado que meu pai me fazia atirar contra a árvore retorcida no nosso quintal.

Meus olhos examinam a rua, captando incontáveis confrontos e os gritos que os acompanham. As brigas, tanto físicas quanto verbais, são claramente comuns. E se os guardas não estiverem bocejando de tédio ou piscando, provavelmente se juntam à briga.

Essas pessoas são tão ásperas quanto a areia de onde saíram se arrastando.

Avisto um toldo meio rasgado pendendo precariamente da parede de uma loja, prometendo um tentador pedacinho de sombra.

Eu poderia muito bem seguir o conselho de Francis.

Depois de quase tropeçar num grupo de crianças correndo pela rua, me abaixo sem a menor elegância na faixa de sombra, esfregando os músculos doloridos. Mastigar é uma palavra generosa para o esforço de engolir o pão velho, já que agora posso acrescentar o maxilar à minha interminável lista de dores. Mas passo o pouco que resta do dia escondida do sol escaldante e dos cartazes incriminadores que olham para mim.

Preciso de dinheiro.

Esse único pensamento está assolando minha mente, martelando minha cabeça a cada hora passada nessa cidade nova que estou desesperada para tornar meu lar. As moedas que tilintam na minha mochila parecem leves demais para o meu gosto e, infelizmente para mim, os habitantes de Dor não são nem um pouco descuidados com o

dinheiro em seus bolsos. Minhas tentativas de roubar, a não ser pelas mercadorias que enfeitam as carroças dos comerciantes, têm sido escassas, para dizer o mínimo. Fico quase constrangida.

Com o sol se pondo e o calor recuando junto, sigo em zigue-zague pela cidade, procurando o telhado em que passei a gostar de dormir.

Preciso de dinheiro. Dinheiro significa abrigo. Significa comida. Significa…

Vontade de viver.

— … aposto três pratas que o Ensebado vence. O maldito segue invicto.

A voz trovejante me distrai da espiral de pensamentos. O tédio e a curiosidade se misturam em uma combinação perigosa e intrigante que faz com que eu me encoste numa parede do beco para escutar.

Outro homem faz um ruído sarcástico, com sotaque forte:

— Invicto, é? Talvez porque o cara só tenha encarado três lutas. Ele é um maldito sortudo, isso sim.

— Vai apostar num novato, é? — O primeiro homem dá uma risada de desdém.

— Decidirei quando o vir. — Então ele gargalha, um som áspero que duvido que produza com muita frequência. — Talvez eu entre no ringue. Para mostrar a eles como se faz, que tal?

Uma risada rouca percorre o beco enquanto eu me afasto da parede num movimento casual e vou caminhando a uma distância segura atrás deles. Cada centímetro do meu corpo busca empolgação, alguma coisa que me afaste dos pensamentos perturbadores.

E onde há apostas, há dinheiro a ganhar.

E onde há dinheiro a ganhar, há dinheiro a ser roubado.



Um cotovelo afunda na minha barriga, tirando o ar dos meus pulmões.

Abro caminho pela turba, fazendo o máximo que posso para não me afogar no mar de corpos suados. Ondas de gritos e risos passam pelo porão, todas direcionadas para a violência enjaulada à mostra, embora eu praticamente não consiga vê-la.

Estou sendo sufocada por corpos pegajosos, obrigada a espiar por entre as fendas no muro de ombros. Irritada, viro a cabeça, quase acertando-a na que está logo atrás de mim. Já perdi de vista os dois homens que segui até aqui depois de copiar a sequência de batidas que eles deram à porta escondida. Batuco o padrão na perna, memorizando-o enquanto tento abrir caminho pela multidão.

Reconheço os sons de punhos encontrando carne, mas estou muito mais interessada nos bolsos das pessoas entre as quais me espremo. Tento um movimento sutil de mão em direção ao corpo ao meu lado, mas sou empurrada para trás por um homem aos gritos.

Solto o ar com força, sentindo as pessoas espremidas contra mim.

Como vou conseguir roubar se mal posso mover os braços?

Cerro o punho ao lado do corpo, enquanto luto contra a vontade de acertá-lo em alguém.

Volto meu olhar para a jaula e a luta sangrenta dentro dela.

Posso ser paga para dar um soco, se for ali dentro.

Um plano totalmente novo e estúpido começa a se formar na minha mente enquanto tento abrir caminho pela multidão outra vez. Sou recebida por mais cotoveladas na barriga e nos ombros, que ignoro para continuar procurando quem quer que administre esse ringue de luta ilegal.

A luta termina com um último golpe sangrento no instante em que chego à frente. Palavrões e gritos de comemoração ecoam no porão, e de repente o humor de todo mundo depende de suas apostas.

— Recibos das apostas! Vocês sabem como funciona. Tragam os recibos e faremos os acertos!

Sigo a fila formada grosseiramente até uma mesa precária ao lado da jaula. Uma mecha de cabelos prateados ameaça escorregar do meu lenço, e rapidamente a enfio de volta enquanto me esforço para enxergar o homem que troca os recibos por moedas.

Seu rabo de cavalo oleoso brilha à luz fraca sob a qual ele está, com as costas curvadas diante de um monte de recibos. Ele não perde tempo colocando o número adequado de moedas em cada mão, mal se dando ao trabalho de olhar a pessoa à sua frente.

— Seu recibo?

Olho para sua mão estendida, atônita ao ver a rapidez com que cheguei diante dele.

— Não, desculpe, na verdade eu queria falar com você sobre lutar no ringue.

— Sem recibo — diz ele, suspirando sem nem sequer olhar para mim —, sem conversa.

Balanço a cabeça, chegando mais perto até meus quadris encostarem na beira da mesa.

— Mas…

— Próximo!

Seu grito faz uma mulher avançar para o meu lado sem pensar duas vezes. Depois de ser empurrada quando ela estende seu recibo, planto os pés junto à extremidade da mesa.

— Me deixe lutar.

— Escuta, jovem. — Ele esfrega os olhos cansados antes de inspecionar o próximo recibo. — Não deixo qualquer um lutar no meu ringue. Além disso — ele me olha rapidamente —, acabariam com você ali dentro. Então dá o fora.

Espalmo as mãos na mesa e me inclino perto o suficiente para captar a visão de um relógio de ouro em seu pulso e sentir o cheiro de perfume em sua pele.

Ele está melhor de vida do que metade desta cidade.

— Quero uma parte justa. O mesmo que seus outros lutadores estão ganhando — digo com calma. — Mas espero ganhar mais do que eles em pouco tempo.

Diante disso, ele levanta a cabeça com relutância, encontrando meu olhar e levantando a mão para pausar a fila.

— Eu disse para dar o fora, jovem. Enquanto ainda permito.

Inclino a cabeça casualmente, meus olhos se estreitam de leve.

— Seria uma pena se os guardas descobrissem as lutas ilegais na jaula que você está administrando aqui embaixo. — Indico com a cabeça o relógio brilhante que enfeita seu pulso grosso. — Parece que você se acostumou com a riqueza. Duvido que seria fácil se reajustar à pobreza da qual se arrastou para sair.

Ainda que lutar não seja ilegal aqui em Dor, considerando como a prática é comum, o limite estabelecido é a aposta — o que explica o

porão lotado e a batida elaborada à porta para permitir o acesso.

Um sorriso começa a se formar no canto da boca do sujeito, como se ele tivesse uma espécie de carisma corrompido.

— Está me ameaçando? — Ele ri, num som áspero e cortante. — Você não pode me ameaçar, jovem. Mando meus homens despedaçarem você. Eu sou praticamente dono dessa cidade.

— Você nunca me viu lutar. — Dou de ombros, despreocupada. — Então, se eu precisar devolvê-los a *você* em pedacinhos, só para provar do que sou capaz, acho que terei de fazer exatamente isso.

A ideia de despedaçar alguém me deixa nauseada, mas a expressão que direciono a ele mostra o contrário. Vários segundos vagarosos se passam antes que um sorriso se abra nos lábios do sujeito.

— Gosto da sua atitude, jovem.

Engulo meu alívio.

— Isso é um "sim"?

— Você vai lutar daqui a uma hora. — Ele pega um pedaço de pergaminho no qual estão escritos os nomes dos lutadores anteriores e o quanto lhe renderam. — Vou lhe dar uma chance, então não me desaponte, jovem. Não vai querer descobrir o que acontece quando eu fico desapontado.

Assinto, escondendo o sorriso.

— Duvido que eu descubra algum dia.

Ele balança a cabeça, incrédulo, já parecendo arrependido da decisão.

— É, veremos. Meu nome é Rafael. — Seu olhar sobe até meu rosto escondido. — E como devemos chamar você, jovem?

Meus olhos se viram na direção da jaula e das luzes tremeluzentes acima. Um pequeno sorriso consegue curvar meus lábios, repuxando levemente a cicatriz.

— Sombra.

CAPÍTULO 10

Kai

Até o luar parece quente aqui.

Fracos raios prateados atravessam as rachaduras das construções e dos estandartes, como dedos frágeis desesperados para agarrar qualquer coisa no caminho. Aperto o lenço enrolado em volta da boca e do nariz — um tecido vermelho-sangue que tem a função de impedir que a areia entre na minha boca, mas mesmo assim ela arranha entre os meus dentes.

Abandonei meus Imperiais por essa noite, assim como fiz nas quatro anteriores desde que chegamos a Dor. Passei a maior parte do dia sozinho, examinando as ruas e cada fenda por onde ela pudesse ter subido. Sempre que puxo um estandarte, abro uma porta apodrecida ou pergunto se alguém viu a Paladina Prateada, ela escapa de mim.

Ela é um fantasma em forma humana. É como tentar segurar o vento, incapaz de vê-lo mesmo sentindo-o escapar entre os dedos.

E perceber isso provoca algo pateticamente parecido com alívio.

Esta noite está mais quente do que a maioria das outras, me deixando pegajoso de suor e areia. Entro numa rua silenciosa, ligeiramente inquieto com o silêncio que engole esta cidade a cada noite. Se eu tivesse que dar um palpite, diria que é porque todo mundo está exausto depois de um dia longo lutando nas ruas e abrindo caminho na torrente de corpos.

Olho um guarda de passagem, que não parece nada alerta. Respiro fundo e engulo a ânsia de arranjar uma briga por pura curiosidade de saber o que o maldito preguiçoso faria. Eles são piores do que a maioria dos Imperiais no meu reino, e isso quer dizer muita coisa.

Minha falta de poder aqui é um fardo, um zumbido surdo no meu sangue. Eu me sinto estranhamente pesado, ainda que falte um pedaço de mim. Diferentemente dos outros Notáveis, tenho habilidades que dependem de quem está por perto, e os Imperiais que eu trouxe para Dor são a única fonte de poder que tenho para me alimentar. Depois de passar a vida inteira cercado por Notáveis, a ausência deles e de seus poderes é tão estranha que chega a ser assustadora.

Nunca me senti tão exposto.

Uma pressão leve e súbita no quadril me deixa tenso, e estendo a mão hesitante para minha adaga escondida. Bom, a adaga *dela*.

A bolsa de moedas.

É atrás disso que estão.

Era atrás disso que ela também estava, no dia em que a conheci.

Pode ter sido ela? Será que ela pode estar repetindo a história sem perceber?

De jeito nenhum. Nem no inferno ela seria ousada a ponto de me roubar sabendo que sou *eu*. Meu coração bate forte, a pulsação acelera na cabeça e no pulso.

Vire-se.

Engulo em seco, saboreando os segundos em que ainda estou no desconhecido.

Vire-se e olhe para ela. Olhe para o rosto que tirou a vida do seu pai. O rosto que não roubou simplesmente o seu dinheiro, mas também sua h…

Engancho o pé de alguém atrás de mim, pegando o tornozelo do ladrão que rouba silenciosamente minhas moedas. Com um puxão, faço-o despencar.

Desleixado. Não é o estilo dela.

O corpo esparramado diante de mim certamente não pertence a uma mulher, e sim a uma menina. Meus olhos se arregalam, tanto de surpresa quanto numa tentativa de enxergar na escuridão cada vez mais densa. Em instantes, as palmas das mãos da garota estão

empurrando-a para trás enquanto ela tenta colocar algum espaço entre nós, as botas gastas levantam a poeira do chão.

Avanço um leve passo na direção dela, me agachando ligeiramente para ver melhor…

De repente, uma lâmina está apontada para o meu rosto.

Pisco, atônito. Isso foi… inesperado, para dizer o mínimo.

Levanto as mãos ligeiramente, em rendição, e começo a me afastar com os olhos fixados na arma que está naquela mão delicada. Estreito os olhos nos relevos que espiam entre os dedos pequenos em volta do punho.

Eu conheço esse canivete.

Meus olhos sobem até o cabelo desgrenhado em volta do rosto pálido.

Ruivo.

— Abigail — sussurro.

Ela está viva.

É um milagre ela ter conseguido atravessar o Deserto Escaldante depois de eu bani-la junto com a família que a abrigava.

Agora, o canivete está tremendo na mão dela, mas sua voz tem uma espécie de suavidade firme.

— Como… como você sabe o meu nome?

Tiro o lenço do rosto e me aproximo lentamente, mantendo as mãos onde ela possa ver. Como resposta, digo:

— Parece que você andou usando meu canivete.

Os olhos dela se arregalam com algo que mais parece uma admiração infantil, mas não de uma forma agradável.

— Você — reconhece ela, e seu tom é quase uma acusação. — O que você está fazendo aqui? — Abro a boca para responder, mas sua voz fraca preenche o silêncio. — Veio aqui para me matar? De verdade, dessa vez?

A pontada de dor que sinto ao ouvir suas palavras provocam um choque que atravessa meu corpo. Eu não deveria estar surpreso com sua suposição. Minha fama não deixa espaço para dúvidas. Sou a coisa que fui criado para ser: um assassino.

— Não — digo baixinho. — Não é por você que estou aqui.

Ela me avalia por um momento, baixando a arma só um pouquinho.

Garota esperta.

— Você se lembrou do meu nome — declara.

— Claro que sim.

Tentei esquecer, acredite.

Pigarreio, me agachando para olhá-la nos olhos enquanto ignoro a lâmina ainda apontada para mim.

— Talvez você possa me ajudar a encontrar quem eu estou procurando, que tal? — Ela me encara com um olhar cético. — A… Paladina Prateada. A mulher que está nos cartazes espalhados pela cidade. Você a viu? Ouviu alguma coisa sobre ela?

Abigail baixa o canivete lentamente, tendo decidido que é melhor não usar minha própria arma contra mim.

— Não sei. — Ela dá de ombros. — Não ouvi nada.

Solto um suspiro.

Bom, isso não ajudou nem um pouco.

O cabelo ruivo da garota ondula quando ela vira a cabeça para a direita, olhando por uma rua especialmente escura, ansiosa.

— Se eu estiver te atrapalhando…

Sinalizo para o trecho escuro para onde ela parece decidida a correr.

— Preciso chegar lá antes do fim da luta. Não consegui muito dinheiro hoje, e essa noite as apostas devem estar bem altas. — As palavras rolam de sua boca enquanto eu me esforço para acompanhar a fala. — Tem um novo favorito, e isso significa que tem muita gente.

Ela começa a se afastar, e minha pergunta só a faz parar por um instante.

— Um novo favorito? O que é o novo favorito?

— Não é o quê. — Um sorriso infantil ilumina o rosto dela. — É *quem*.

— Abigail — digo, com a voz enganosamente calma. — Vou precisar de um pouquinho mais de informação do que isso.

— Argh. — Consigo praticamente sentir os olhos dela se revirando no escuro. — Vem. Vou te mostrar. — Ela se vira e aponta um dedo minúsculo e acusador para mim. — Mas fica com as mãos longe. Essas moedas são minhas. Preciso de xelins pra levar pra mamãe.

Contenho o sorriso.

— Ah, sim. Agora você é uma bela ladra. Mas ainda precisa de um pouco de treino. Suas mãos são pesadas demais. — Uma careta repuxa os lábios dela enquanto andamos, então acrescento: — Os melhores ladrões sabem distrair suas vítimas. Se você conseguir afastar o pensamento da pessoa do dinheiro que está no bolso dela, então ele é seu.

Ela me olha com a cabeça inclinada.

— Como *você* sabe tanto sobre roubos?

Fico em silêncio por tempo suficiente para deixar os pensamentos se voltarem para a pessoa que me distraiu mais do que qualquer outra.

— Porque — respondo, com um suspiro — até eu já fui vítima de uma ótima ladra.

Ela para diante da porta do porão de um prédio em ruínas. Com a mão minúscula, bate uma série de toques. Olho em volta, sem ver ninguém no beco escuro, e me pergunto para onde, pela Peste, essa garota está me levando.

— Então — diz Abigail, confiante —, quando eu conseguir roubar você e passar despercebida, vou ser uma das melhores?

Os cantos da minha boca se repuxam para cima.

— Isso é querer demais, garota.

Ela faz uma careta.

— Ei. Eu ainda tenho um canivete, lembra?

De repente, a porta do porão se abre com um estrondo. Amarro de novo o lenço em cima do nariz e da boca e vejo Abigail se virar antes de descer a escada.

Balanço a cabeça para sua figura que se afasta.

O brilho nos olhos. O instinto de ladra. O canivete com os redemoinhos gravados no cabo.

O que eu criei?

As semelhanças entre as duas são espantosas.

Será que *ela* era assim anos atrás? Ensinando a si mesma como sobreviver com as moedas do bolso de outra pessoa? Recusando-se a prestar atenção no medo que sentia?

Parece que não consigo tirá-la da cabeça nem parar de vê-la nas pessoas ao meu redor.

É enervante.

E o pior é que eu posso ter ajudado a criar o que logo será outra versão da ladra que levou a melhor sobre mim.



CAPÍTULO 11



Paedyn

Agora sei por que o chamam de Ensebado.

Meus dedos pingam com o suor que cobria a mandíbula do sujeito antes de eu enxugar seu rosto à força com meu punho. O sangue do Ensebado cobre minhas mãos, fazendo arder os nós dos dedos ralados que eu sacudo enquanto rodeamos um ao outro.

A multidão zomba, os gritos ecoam no porão apinhado. Rostos que não tenho tempo de focalizar se espremem no círculo da tela de metal que nos separa da plateia barulhenta. Esta noite as apostas estão especialmente altas, encorajando os espectadores a sacudirem a jaula ou bater os pés no ritmo dos trovões que ressoam lá fora. Considerando que minha luta contra o Ensebado tem sido aguardada desde que passei as últimas noites derrotando cada oponente dele, eu não esperaria nada menos do que isso.

De repente, ele parte para cima de mim e sinto dificuldade em imaginar um adjetivo adequado para descrever seu tamanho. Ensebado deve ser o maior homem que já conheci, e o mais escorregadio — mas também é o mais lento. Me abaixo sob o punho gigante que ele gira na direção da minha cabeça, evitando por pouco o segundo golpe destinado à minha barriga. Meu pé acerta a lateral nua do corpo dele, que é tão sólido que eu devo ter causado mais danos a mim mesma.

Ele segura meu tornozelo com uma das mãos suadas e me puxa para a frente, grunhindo. Ensebado é quase tão previsível quanto

gigantesco. Com a perna que ainda está firme no chão, levanto o joelho contra sua virilha. Diante disso, ele faz mais do que grunhir, e a multidão em volta demonstra empatia com um *uuuf* sincronizado.

A luta fez o lenço enrolado na minha cabeça se mover, ameaçando expor uma mecha do maldito cabelo prateado capaz de me condenar. Recuo, ofegando, e ajusto o tecido em volta do rosto. Depois de três noites, é um milagre que eu tenha conseguido permanecer anônima.

Talvez seja a empolgação da luta que esteja me fazendo voltar. Além do dinheiro, é claro.

Um punho acerta minhas costelas e rouba o ar dos meus pulmões. Cambaleio com o impacto, gemendo através do lenço em volta do rosto enquanto tento recuperar o fôlego. Ensebado se aproxima lentamente, sorrindo torto em reação à multidão que grita.

Faço uma careta para o som. Ele é o favorito dos fãs, no fim das contas, então não há motivo para eu levar isso para o lado pessoal. É uma pena que a multidão não possa ver a garota de dezessete anos que vem enchendo de porrada homens com o dobro do seu tamanho e da sua idade. Mas atenção é a última coisa de que preciso, afinal, é o que torna essas lutas muito mais perigosas. Preciso permanecer como o novato sem rosto, representando um enigma passageiro para alimentar as fofocas nas ruas.

Só que não pretendo ir embora. Nem perder.

Não. Ganhei mais vencendo essas lutas do que em um mês roubando em Ilya. Mesmo com Adena vendendo suas roupas, jamais conseguimos o suficiente para pagar por alojamento e comida de verdade. Uma pontada de dor me atravessa ao pensar nisso, mas não tem nada a ver com os machucados que ganhei. É uma dor que atravessa direto meu coração, ferido pela falta dela — o coração que se partiu no dia em que ela se foi.

Por você, Adena. Tudo por você.

Ensebado é persistente, soltando uma série de golpes que mal consigo evitar. Ele acerta o punho na lateral da minha cabeça e estrelas embaçam minha visão. Estou lenta. Cansada e…

Faminta. Ah, as coisas que eu faria por uma laranja neste momento.

Balanço a cabeça, na tentativa de clarear a mente turva.

Agora, foco. Comida mais tarde.

Ensebado me exauriu completamente. Estou tentando decifrá-lo, aproveitar aquela minha habilidade *Psíquica* e descobrir o melhor modo de derrubá-lo rapidamente.

Papai ficaria desapontado com o tempo que estou demorando para decifrá-lo.

Ele bloqueia meu soco antes de vir para cima de mim e me empurra com força contra a jaula. O arame solto chacoalha e eu mal assimilo a multidão entoando do outro lado:

— Acaba com ele! Acaba com ele! Acaba com ele!

Certo. Quase esqueci que eu sou ele.

As roupas largas e o rosto coberto ajudaram a manter minha identidade de gênero masculino. Eu ficaria ligeiramente ofendida se não fosse exatamente isso que eu desejava.

Foco.

Ele está me pressionando contra a jaula enferrujada, recuando o braço gigante para me acertar mais de uma vez. Quando o punho voa na direção do meu rosto, desvio de lado, vendo-o golpear o metal onde minha cabeça estivera.

Ele só luta com a parte superior do corpo.

De fato: ele dobra o braço de novo, decidido a só acertar a vítima com o punho. Com essa percepção, meu pé encontra a parte interna do joelho dele, chutando com força suficiente para fazer um choque subir pela minha perna. Ensebado engole um grito enquanto tomba sobre um dos joelhos, à minha frente, segurando o que provavelmente é uma patela deslocada.

Um arquejo coletivo ecoa na multidão quando todos veem seu campeão tão vulnerável. Os arquejos se transformam em um som muito mais alto quando acerto meu joelho na barriga dele.

Uma vez. Duas…

De repente, estou sendo jogada no chão.

Ele agarrou minha perna e me derrubou sem nenhuma cerimônia antes de girar meu corpo no piso pouco acolchoado do ringue. Consigo me levantar cambaleando, com os ossos doendo enquanto ataco o sujeito ainda ajoelhado. Em seguida, antes que ele tenha um momento para reagir, uso sua perna boa, que está dobrada, como um

degrau. Passo as pernas por cima dos seus ombros, envolvo seu pescoço com um joelho e uso o impulso para jogar nós dois no chão.

Não foi minha derrubada mais graciosa.

Eu me preparo para o impacto, mantendo a perna em volta do pescoço dele, comprimindo sua garganta. Ensebado tenta golpear para trás, às cegas, suas mãos se agitam na esperança de acertar alguma coisa importante. Aproveito a oportunidade para agarrar um dos seus punhos, puxando-o com força por trás de sua cabeça e apertando-o para baixo, de encontro ao meu peito.

Desta vez, ele grita de verdade. Mas é um grito estrangulado, graças à minha perna que continua sufocando o som que brota de sua garganta.

O cotovelo dele se retesa enquanto puxo seu braço para baixo numa posição que não é natural, estendendo a junta além do limite. Seu suor excessivo me deixa em desvantagem, já que me esforço para minha mão não escorregar. Mantenho-o ali, ofegando enquanto se retorce, sentindo minhas costas suadas contra o tatame áspero embaixo de nós. A multidão se espreme em volta da jaula, chacoalhando o metal e gritando coisas que não tenho energia para processar no momento.

Ensebado demorou nove segundos para bater agressivamente no tatame com a mão livre, aceitando a derrota.

Ganhei.

Desembaraço o Ensebado dos meus membros e rolo para longe da poça de suor que delineia seu corpo ofegante. Com meus dedos doloridos, ajeito o tecido enrolado no rosto antes de levantar devagar, insegura. Examino a multidão que aplaude e me sinto bastante satisfeita com a mistura dos gritos de surpresa e dos rostos carrancudos daqueles que apostaram na minha derrota. Levanto uma das mãos em triunfo, sorrindo com lábios rachados que eles não conseguem ver.

— E aí está. O Sombra venceu!

Volto a atenção para o homem que não quer admitir que passou a gostar de mim. Rafael levanta uma das mãos, gritando uma variação de suas frases usuais acima do barulho da multidão.

— Se você apostou no novato, é o seu dia de sorte. Tragam os recibos e…

Não me incomodo em ouvir o restante do discurso repetitivo. Assim que pegar minha parte, vou embora para dormir o mais rápido possível em cima de um telhado.

Só mais algumas noites e terei o suficiente para conseguir uma cama de verdade.

Essa esperança faz com que eu me agarre aos últimos resquícios de sanidade. Esfregando os dedos esfolados, saio do ringue e entro na confusão de corpos do outro lado. Sinto mãos me dando tapinhas nas costas e ouço parabéns em forma de grunhidos. Isso é o auge da educação para essa gente.

— Ah, Sombra. — Rafael gesticula com a cabeça para me parabenizar, me observando abrir caminho até sua mesa precária coberta de recibos e moedas.

— Como nós fomos essa noite, Rafael? — E com *nós*, quero dizer eu. Mantenho a voz baixa; a garganta seca ajuda a tornar o som bem mais áspero do que eu pretendia.

Ele balança a cabeça, indicando a mesa bagunçada e assobiando baixo.

— Muitíssimo bem, jovem.

Sorrio apesar do corte furioso no lábio e ignoro o sangue que começa a empoçar na boca.

— De quanto estamos falando? Vinte? Trinta?

— Pelo menos. — Rafael me olha com um sorrisinho malicioso e os fios grisalhos que riscam seu cabelo oleoso brilham à luz bruxuleante.

— Que tal isso como prova do que sou capaz, hein? — digo com uma voz marota, como faço depois de cada vitória.

— É, é. Escuta, você tem futuro aqui, jovem. As pessoas vão querer ver mais de você depois da demonstração de hoje. — Ele ajeita a postura e começa a contar as moedas antes de colocá-las nas minhas mãos cobiçosas. — Eu poderia fazer você subir cada vez mais — continua ele enquanto enfio as moedas no bolso. — Que tal uma luta toda noite?

Meu sorriso é presunçoso o suficiente para ele enxergá-lo nos meus olhos.

— Talvez eu considere a possibilidade depois de ouvir um pedido de desculpas por ter duvidado de mim.

— Você é um pé no saco, sabia? — As palavras dele são duras, mas não o tom. — Tudo bem. Desculpe. Pronto, está feliz agora?

Abro a boca para responder, para dizer que aceito seu lamentável pedido de desculpas e que espero receber uma parte maior.

Mas não é minha voz que ecoa no porão.

Não. É uma voz que me arrepia até os ossos, mesmo que antes fizesse meu sangue pegar fogo. Mesmo que antes me deixasse grudada em cada palavra e ansiando pela próxima vez em que iria ouvi-la.

Mas agora? Agora eu esperava nunca mais escutar de novo essa voz fria. O tom de comando em cada palavra, o cálculo em cada frase.

E, no entanto, ali está ela — forte, segura e presunçosa, o som descendo pela minha coluna.

— E então, o *Sombra* está pronto para outra rodada?

Ele me encontrou.

CAPÍTULO 12

Kitt

Faz quase duas semanas.

Não, sem dúvida mais do que isso. Talvez.

Esfrego o rosto, agora áspero com os resquícios do descuido. Não me lembro da última vez que fiz a barba, muito menos da última vez que saí deste gabinete. Bom, duas semanas seria uma boa aposta. Porque, supostamente, esse é o tempo que me separa daquilo que um dia foi a minha normalidade, se bem que não consigo me lembrar direito do que aconteceu entre a vida atual e a de antes.

Pergaminhos se espalham pela mesa que usei como travesseiro ontem à noite, cobrindo a madeira escura e ameaçando me cortar com o papel. Pálpebras caídas significam uma caligrafia rabiscada, e eu olho para as letras inclinadas que me encaram.

Tantas palavras raivosas. Tanta amargura espremida entre as linhas no papel amarrotado. Quem imaginaria que eu fosse capaz de uma crueldade tão grande, de sentir uma tristeza tão paralisante?

Talvez papai fosse gostar dessa versão minha.

Esse pensamento é uma espécie de traição amarga, um sussurro da verdade fazendo cócegas na minha orelha. Porque isso — essa casca de homem e silhueta de monstro — era exatamente o que ele queria. Não a brandura da qual zombava, o calcanhar de Aquiles que é a minha gentileza.

Passo a mão manchada de tinta no rosto, rabiscando entre as rugas profundas. Meus olhos captam uma caligrafia que não pertence à minha mão percorrendo o pergaminho entre meus cotovelos. A aspereza de Kai pode ser encontrada até mesmo na inclinação das suas letras, no peso da tinta.

Eu não o invejo. Não de verdade. Não intencionalmente.

Kai era o rei que papai queria. Isso era tão claro quanto a aversão óbvia que eles compartilhavam um pelo outro. Kai é totalmente brutal, ousado, ameaçador — totalmente o filho do rei. E acho que esse era o exato problema entre os dois. Papai odiava o fato de ele não ser o herdeiro. Odiava que o rei que ele queria fosse impedido pelo filho que ele teve antes. Eu não era Kai, e isso o matava.

E sei que parte dele desprezava meu irmão porque Kai era tudo que eu não era.

Fico de pé, me sentindo quase tão trêmulo quanto o suspiro que exalo. Andar de um lado para o outro diante da janela tem sido minha excursão rotineiramente empolgante nas últimas duas semanas. Mas, hoje, estou me sentindo um tanto ousado. Hoje abro as cortinas antes de lamentar de imediato essa decisão precipitada.

Minha visão fica ofuscada pela luz opaca que atravessa a janela turva. Pisco e examino o terreno abaixo, o lar onde ultimamente me sinto um refém. Direciono o olhar até onde sei que o Deserto Escaldante se estende, mais além, para onde mandei Kai encontrá-la.

Ela.

Penso nela mais do que deveria. Escrevo sobre ela quando meus pensamentos não conseguem mais contê-la. Repasso cada detalhe da nossa curta existência compartilhada. Cada palavra deliberadamente enganosa. A persistência do jogo que ela fez comigo. Papai e seu encorajamento para eu passar tempo com ela. Os sentimentos contra os quais Kai está lutando enquanto a persegue.

A torrente de pensamentos me faz puxar um pergaminho relativamente limpo de baixo dos seus irmãos manchados.

E então ela está se derramando na página outra vez. A variação de palavras que juntei antes. Uma balada de traição, um soneto de tristeza.

Estou cansado de escrever da perspectiva do vilão.

CAPÍTULO 13

Kai

Eu a encontrei.

No meio de uma maldita luta, veja só. Eu não deveria estar surpreso.

— Acaba com ele! Acaba com ele! Acaba com ele!

O porão é úmido e ecoa com os gritos de uma multidão apertada. Depois de abrir caminho entre corpos suados, deixei o olhar pairar sobre as cabeças de cores opacas, ainda desacostumado com a falta de cabelos vibrantes. Foi então que voltei a atenção para o homem se esgueirando em círculos na jaula, de uma enormidade chocante em comparação com o oponente.

O oponente.

Que se move como um dançarino, nem sempre na fluidez, mas no cálculo. Como se antecipasse cada passo, mapeasse cada movimento.

Que luta com uma espécie familiar de fogo, uma ferocidade alimentada e aprimorada durante anos.

Que está com o rosto coberto, o cabelo escondido, a identidade oculta.

Conheço o rosto por trás daquele tecido, as sardas salpicadas no nariz, o cabelo prateado que reluz ao sol. Conheço o corpo esguio escondido sob aquelas camadas de roupas, a cintura onde minha mão se encaixa perfeitamente, as costelas com a cicatriz de uma lança que a atingiu na Floresta dos Sussurros.

É ela.

— E aí está. O Sombra venceu!

Sombra. Que adequado.

Mesmo não vendo seu rosto, consigo praticamente sentir o orgulho que irradia dela enquanto está parada no ringue, o punho erguido em triunfo. Mal me concentrei na luta, consumido demais pela percepção de que é *ela*. Mas vejo o sangue encharcando o lenço que ela mantém enrolado e apertado na cabeça e no rosto, escondendo a criminosa que há por baixo.

A luta termina muito rápido. A multidão está aplaudindo. O Sombra está indo embora.

Não. Preciso dela.

Esse pensamento quase me faz rir com amargura. Duas semanas atrás, essas palavras teriam um significado muito diferente. Um significado em que não me permito pensar mais.

Agora ela está parada junto do apresentador, pegando seu pagamento e o que parece ser um elogio do sujeito.

Pense.

Eu deveria segui-la. Deveria segui-la e pegá-la de surpresa. Deveria ser inteligente com relação a isso. Cada pedacinho do treinamento que tive grita comigo, pedindo para eu lidar com a situação de modo delicado, deliberado.

Mas o que teria de divertido nisso?

Vou lidar com ela tão delicadamente quanto ela fez com meu pai.

Quero vê-la se agitar, se atrapalhar para manter a fachada. E com uma plateia à minha disposição, sua identidade corre perigo, obrigando-a a se concentrar em mim e no papel que está representando.

E é então que abro a boca.

— E então, o *Sombra* está pronto para outra rodada?

É como se eu tivesse gritado.

Ela vira a cabeça na minha direção com um ardor tão grande que me esforço para ignorar a lembrança de como ela costumava relaxar ao som da minha voz. Seu olhar vai de rosto em rosto. Procurando. Frenética. Aterrorizada.

E então aqueles olhos de oceano se chocam com os meus.

É elétrico, esse olhar, mas não como antes. O fio invisível entre nós agora está carregado com nosso passado, nosso presente, nosso futuro — tudo que fomos um dia e tudo que somos agora. É uma espécie de harmonia hostil, ambos enfim totalmente conscientes do que somos um para o outro: nada. Apenas a casca daquilo que fomos; do que poderíamos ter sido.

Eu costumava gostar da ideia de me afogar em seus olhos azuis. Mas agora, vendo o desdém com que ela me encara, percebo que o que eu desejava não era me afogar sozinho, e sim afundarmos juntos.

— E quem — a voz do apresentador não consegue afastar meu olhar do dela — é você?

Ela estreita os olhos acima das dobras do tecido que esconde aquele rosto que conheço tão bem. Um desafio. Consigo praticamente ouvir sua voz provocadora ecoando no meu crânio.

Anda. Diga a eles quem você é, príncipe.

— Meu nome é Chama — respondo, sem jamais desviar os olhos dos dela.

Paedyn afasta os olhos dos meus por tempo suficiente para revirá-los. Meu sorriso é afiado, mas ela não consegue vê-lo por trás do lenço que esconde a parte de baixo do meu rosto.

Se ela é Sombra, eu sou Chama.

Essa garota é a coisa da qual não consigo escapar — não consigo ir a lugar nenhum sem que aquilo que resta dela me siga. Onde estou, ela está. Seja em carne e osso ou nos fragmentos da minha mente.

E onde há uma chama, há sempre uma sombra.

Ela é o que há de inevitável em mim.

O apresentador coça a nuca, avaliando.

— Bom, *Chama*, não estávamos planejando outra luta esta noite…

— Ah, claro. — Levanto as mãos ligeiramente, parecendo pedir desculpas. — Entendo. O Sombra não aguenta outra luta essa noite. Não iríamos querer que ele perdesse a sequência de vitórias, não é?

Meus olhos se estreitam ligeiramente quando deslizam de volta para o olhar incendiário que ela me lança. É meu próprio desafio.

É a sua vez, Sombra.

A multidão atenta finalmente rompe o silêncio com sussurros esparsos. O apresentador olha de lado para ela, revelando muitíssimo

com esse único movimento. Eu a encurralei, ameaçando a imagem que ela construiu. Agora sua reputação corre perigo se recusar meu desafio descarado.

O olhar dela se crava no meu, ameaçando me incendiar. E então ela assente, devagar, segura, e faz o porão zumbir com expectativa.

— Parece que teremos outra luta, pessoal!

Mal escuto a voz trovejante do apresentador através do sangue que lateja nos meus ouvidos. Meus pés começam a me levar em direção ao ringue e a cada instante seguinte. Cada instante depois de eu tocá-la outra vez.

— Vamos dar um tempinho para o Sombra respirar, tudo bem? É o mínimo.

Viro a cabeça na direção do apresentador, os pés parando bruscamente. Meu olhar vai até a figura ao lado dele e vejo o alívio relaxando a testa franzida dela, os olhos que examinam a multidão.

Porque ela vai desaparecer.

E não posso permitir isso.

O sujeito sorri, provavelmente pensando em cada moeda que vai ganhar conosco.

— Começaremos em breve.

A multidão volta às conversas despreocupadas, cada um já começando a apostar em seu campeão.

Mas meus olhos jamais se afastam do rosto coberto dela, apesar de eu ter memorizado cada centímetro do que há por trás das dobras do lenço. Se eu a conhecesse menos, talvez não percebesse os sinais. Talvez não visse o modo como ela dá um passo casual em volta da mesa, entrando no caminho de alguns espectadores que discutem.

É como se fosse realmente feita de sombra.

Dou um passo em sua direção, empurrando as pessoas para o lado antes que ela possa se fundir àquele agito. Vendo a ondulação do lenço, deslizo entre os corpos, tentando acompanhá-la. Cabeças se viram enquanto disparo xingamentos. A turba a engoliu por inteiro, mas eu luto para abrir caminho até a porta do porão, para onde sei que ela está indo.

Ouço o guincho do aço me informando que ela está prestes a desaparecer na noite. Murmúrios me acompanham enquanto continuo

forçando o caminho até a porta, que só se entreabriu o suficiente para a passagem do seu corpo familiar. Abro-a, subo correndo os degraus e mergulho na escuridão.

Meus ouvidos zumbem com o silêncio súbito enquanto meus olhos tentam se ajustar. Ouço o eco abafado de passos pesados, viro a cabeça para a direita e começo a correr.

Mal consigo ver sua silhueta antes de ela entrar em outro beco. Aumento a velocidade — as pernas acelerando, o coração batendo forte.

Mas ela não pode correr mais rápido que eu. E o que mais me preocupa é que ela sabe disso.

Estou ganhando terreno, acompanhando cada uma de suas viradas que tentam me despistar. Apenas alguns segundos nos separam do destino em que ambos nos encontramos. Apenas alguns segundos para ela me assombrar fora dos meus pesadelos.

Ela vira outra esquina e eu vou atrás.

… Escuridão.

Paro, derrapando, a cabeça girando em busca da sua figura de sombra.

Nada.

— O que…? — murmuro, dando passos lentos nas pedras. Examino as paredes ao redor, antes que meu olhar suba até um teto plano acima. Há uma janela no centro da parede de tijolos, servindo como um degrau perfeito.

Achei você.

Apoio o pé no peitoril da janela e subo até estar equilibrado nele. Fico de pé um momento com as palmas suadas e a garganta seca. Os segundos se arrastam. Até o tempo parece prender o fôlego na expectativa pelo nosso reencontro.

E então ele exala. O tempo retorna. Agarro a borda do telhado e dou um impulso para cima.

Passo as pernas num movimento rápido e em seguida estou de pé.

Primeiro, não há nada.

Segundo, há tudo.

Ali está ela.

— Se você se mexer, eu cravo essa adaga em seu coração.

Não. Ali está o ódio.

O luar brilha na lâmina entre os seus dedos. Ela está preparada para atacar, o braço dobrado e a voz firme.

Essa voz.

É exatamente como era antes. Nenhum de nós mudou e, no entanto, aqui estamos: dois estranhos.

Engulo em seco, abrindo a boca…

— Isso inclui os seus lábios — diz ela incisivamente. Eu a encaro, tentando conter o deboche por cima do qual ela continua: — O único motivo para eu ainda não ter atirado essa faca é que tenho uma proposta para você.

Faço sua vontade e assinto ligeiramente, meus lábios se repuxando por baixo do lenço. Ela dá um passo na minha direção sem jamais abaixar a arma.

— Nós voltamos ao porão — diz ela. — Lutamos. E eu venço.

Antes mesmo que eu termine minha reação de deboche, ela atravessa subitamente a distância entre nós. Como se quisesse me lembrar de sua ameaça, sinto a ponta fria de uma lâmina apertada contra a garganta.

— Eu *venço* — continua ela, numa tranquilidade falsa — e você me deixa livre.

Encaro seu rosto engolido pela sombra.

— E se você vencer… — continua ela, engolindo em seco, ajustando a pegada da arma que ainda pressiona minha pele — … eu… eu volto para Ilya sem reclamar.

O silêncio vibra entre nós. A lua parece nos encarar, inclinando-se para ouvir minha resposta. Eu pigarreio.

— Posso falar agora ou você vai me esfaquear? — Baixo a cabeça mais perto dela, ignorando a ardência da lâmina na minha garganta. — Sei como você é boa nisso.

Ela suspira pelo nariz.

— Pode falar, desde que seja para aceitar a oferta.

— Eu não tinha percebido que você estava em condições de negociar — digo com frieza.

— Você deveria agradecer por eu sequer *me dar ao trabalho* de negociar.

— E por que está fazendo isso? — murmuro, arrancando o lenço de cima do rosto. — Por que não corta logo minha garganta?

Mal consigo ver o rosto dela, mas ouço a fúria contida na voz:

— Cuidado com o que deseja.

Eu me inclino perigosamente para perto.

— Não consegue, não é?

— Você, mais do que qualquer um, deveria saber que é melhor não me subestimar — sussurra ela, ofegante.

— Então vá em frente, Gray.

Um clarão de aço voa na direção da minha barriga, deixando meu pescoço nu, a não ser pela fina linha de sangue que começa a brotar ali. Ela golpeia a adaga num arco para cima, pretendendo enfiá-la entre minhas costelas e furar o coração que um dia bateu por ela.

Só que ela já fez isso. Já mutilou qualquer parte de mim que ainda não fosse monstruosa. E aqui estou eu agora, um mosaico de homem: todo feito de arestas afiadas e cacos despedaçados.

Seguro seu pulso, prevendo exatamente esse movimento. Ela sibila quando torço seu braço para fora, me dando espaço para avançar contra seu corpo.

— Ah, qual é — digo, ofegante, perto da orelha dela. — Você não fez isso de coração.

Ouço o clangor de aço raspando na bainha.

E de novo estou olhando para a extensão de uma lâmina, cuja ponta está virada para cima, abaixo do meu maxilar.

Ela não segurava essa adaga desde que a enterrou no pescoço do rei. Eu deveria saber que a tiraria da bainha à minha cintura, e o familiar cabo com redemoinhos está de volta na palma de sua mão. Só foi necessária uma distração e o movimento rápido de dedos ladrões.

Seu peito arfa, roçando no meu a cada respiração pesada. Ela sussurra:

— Não pense nem por um segundo que eu não serei sua ruína.

Ela é perigosa com essa adaga na mão. Já vi o que é capaz de fazer com essa arma e a tive encostada na garganta vezes suficientes para memorizar a espessura da lâmina cortando minha pele. Junto à minha garganta está a mesma arma que cortou a do meu pai, na mão da assassina dele. Na mão *dela*.

Abro um leve sorriso.

— Duvido que haja mais algum dano que você possa me causar.

Sinto o calor do seu olhar se cravando no meu, ainda que só possa ver a sombra de suas feições ao luar. E agradeço por isso. Agradeço a bênção que é não poder vê-la.

Porque quando a escuridão esconde esses olhos azuis flamejantes, posso fingir que ela não é nada para mim. É apenas uma figura sombria que se parece com ela, cheira como ela e fala como ela. Apenas uma estranha neste lugar estranho que jamais verei de novo.

Mas no momento em que o sol nascer e derramar luz na minha realidade sombria, não poderei mais fingir. Não poderei mais roubar o que desejo quando o dever tiver me amarrado em uma coleira, me arrastando de volta para meu destino.

Mas aqui ela não é ninguém.

Aqui eu não sou nada.

Aqui estamos esquecidos.

A adaga treme na mão dela, cutucando minha pele a cada espasmo.

— Eu odeio você — sussurra ela.

A lembrança da sua falta de sentimentos só estimula minha idiotice súbita. Minha necessidade súbita de terminar o que começamos, não importando o quanto isso estivesse condenado desde o início. Porque aqui, nada entre nós importa.

Ainda segurando um dos pulsos dela para garantir que a outra faca não cortará minha pele também, levanto a mão livre em direção ao seu rosto. É um movimento lento, até mesmo suave, para não a assustar. Prendo o fôlego, com o coração martelando nos ouvidos.

Ela parece ficar imóvel, derretendo-se sob a sensação dos meus dedos desenrolando o lenço de cima do seu rosto. O peito dela roça no meu a cada respiração entrecortada. Examino o rosto agora descoberto e não vejo nada da garota de quem eu gostava. A garota que matou meu pai. A garota que fui ordenado a levar para casa.

Não vejo nada disso porque não vejo nada.

Ela não é ninguém.

Não sou nada.

Estamos esquecidos.

E isto não significa nada.

Gentilmente, prendo uma mecha de cabelos atrás da orelha dela. Uma mecha sombreada, não prateada. Uma mecha que pertence a essa estranha que jamais verei de novo.

— Você prometeu que seria minha ruína — murmuro, baixando a cabeça suficientemente perto para ouvir sua respiração brusca. — Então prove.

O rosto dela se inclina na direção do meu, nossos narizes se tocam. Ela jamais baixa a adaga, e a ponta da lâmina continua tirando sangue do meu pescoço.

— Prove — repito em voz baixa. — Me odeie o suficiente para fazer com que eu queira você. — Seguro o queixo dela, sentindo seus olhos queimando os meus. — Seja minha ruína.

Nossas bocas se encontram.

Sinto o gosto do ódio nos lábios dela, a raiva em cada movimento da língua. Ela faz uma promessa, deixando-a se demorar nos meus lábios. Uma promessa de me arruinar. E já começou.

Ela me beija com vontade, mordendo meu lábio para tirar sangue como a adaga que continua pressionada contra mim. Aperto mais seu outro pulso que ainda segura a faca pequena, com força suficiente para fazer sua mão se abrir e a lâmina cair, batendo no telhado irregular. Seguro a mão dela, agora livre, e levanto-a por cima do meu ombro, guiando-a em volta do meu pescoço.

Seus dedos se enterram no meu cabelo enquanto os meus apertam seus quadris. Ignoro como ela parece familiar, ignoro os gritos de cada um dos meus sentidos. Porque esta é uma estranha. Não somos nada um para o outro. E isso significa que tudo é permitido.

É um beijo profundo, nada delicado. É traição. É amargura. E nada jamais teve um gosto tão doce.

É ruína.

Ela se afasta de repente e larga a adaga que estava apertando minha garganta. Então, empurra meu peito com força e cambaleia para trás, ofegando. Pisco para a escuridão, tentando ignorar o enorme peso da realidade que nos esmaga.

— Não… — diz ela, ofegante. — Nunca mais.

Passo a língua nos lábios, sentindo o gosto do sangue da sua mordida. Ela oscila com as pernas trêmulas e a vejo fixar a atenção no

telhado entre nós. As lâminas estão esquecidas aos nossos pés, piscando para nós sob o luar fraco.

Ela enrijece ao perceber. E então avança.

Consigo agarrar sua adaga com redemoinhos antes que ela possa pegá-la, obrigando-a a ficar com a faca com que me recebeu. Seus ombros se elevam enquanto ela dá outro passo para longe de mim, enfiando a faca na bota.

Meus lábios ardem com o gosto dela, minhas mãos tremem com a sensação de seu corpo. Respiro fundo, chocado com meus próprios atos. Chocado porque encontrei um modo de justificá-los. Chocado porque ela queria tanto quanto eu.

Era ódio, mas aconteceu.

Ergo o olhar e a vejo aparentemente recomposta, escondendo o cabelo e o rosto no casulo de tecido.

— Temos um acordo? — pergunta ela, a voz estável, como se nada tivesse mudado entre nós. E nada mudou. Ela ainda é minha missão e eu ainda sou o seu monstro. O que aconteceu entre nós, no passado e no presente, não foi mais do que um equívoco. Um erro de julgamento. Uma fagulha entre dois estranhos na noite.

Mas quando ela vira o rosto em direção ao luar que brilha de um céu estrelado, vejo a garota que me arruinou. Os contornos de um rosto que segurei nas mãos, as sardas que contei uma dúzia de vezes. As mãos que cravaram uma espada na barriga do rei e uma adaga em seu pescoço.

E agora não posso mais fingir.

Levanto o lenço e vou para a beira do telhado.

— Temos.



A multidão se divide, abrindo um caminho até a jaula.

Ela chegou ao porão antes de mim depois de praticamente pular do telhado para se afastar. Demoro um tempo para entrar, espiando-a através da jaula de arame, mas ela olha em outra direção.

Quando a porta se fecha atrás de mim, os gritos explodem. A multidão já está apostando no resultado da luta, gritando o que devem acreditar que são palavras de encorajamento para o lutador escolhido.

Ela não perde tempo e começa a me rodear. Esta não é a mesma garota que eu beijei no telhado, e parece que estamos nos encontrando de novo pela primeira vez. Ainda que um reencontro em público, com os dois escondendo as próprias identidades, não seja exatamente ideal.

Eu a observo enquanto nos cercamos, devagar, cada um tenta prever o movimento do outro. Sinto as palavras grudando na minha garganta, incapaz de dizer algo digno das semanas de silêncio entre nós. Porque o que aconteceu no telhado não pode ser considerado um reencontro. Não pode ser considerado nada.

— Você demorou, *Chama*.

Suas palavras são temperadas com uma diversão amarga, desprovida de qualquer emoção que deixamos no telhado.

Ótimo. Vamos agir como sempre. Como inimigos.

— A encontrar você ou a recuperar o juízo? — pergunto.

— Bom, claramente você não recuperou de fato o juízo, já que entrou neste ringue. Comigo. — As mãos dela balançam ao lado do corpo, ansiosas para se conectar com meu rosto.

Quase rio.

— Eu poderia dizer o mesmo, *Sombra*. — Minha voz baixa até um sussurro que nem sei se ela consegue ouvir acima da multidão, mas sei que meus olhos gritam o título. — Ou será que devo dizer *Paladina Prateada*?

— Se eu fosse você, controlaria a língua, *príncipe*. — Posso ver o sorriso afiado nos olhos dela. — A não ser que você queira engoli-la.

— Andou ensaiando essa fala? — provoco. — Sabe, para quando eu inevitavelmente a encontrasse? Ou será que…

O punho dela encontra meu queixo. Com força.

Nem tive tempo de reagir, me desviar, fazer qualquer coisa além de receber o golpe que empurra minha cabeça violentamente para o lado.

— Não — responde ela, com a voz suave —, mas andei ensaiando *isso*.

Cuspo sangue no tatame, o que provoca um rugido na multidão.

— Parece que não preciso lembrar a você como dar um soco corretamente. De novo.

Desta vez, me abaixo antes que ela consiga quebrar meu nariz. Seu braço passa por cima da minha cabeça e eu aproveito sua cintura desprotegida para dar um soco rápido abaixo das costelas. Ela cambaleia ligeiramente antes de preencher o espaço entre nós com um pé voando na direção da minha têmpora. Giro, bloqueando o chute e empurrando sua perna para longe.

— Está preparado para me deixar ir embora quando eu vencer essa luta? — pergunta ela, ofegante, me cobrindo com uma combinação de socos que eu mal consigo bloquear.

Ela é persistente, como sempre, e está muito menos fatigada do que imaginei. Suspeito que o tempo que passamos no telhado tenha aumentado sua sede de sangue.

Depois de trocar socos, na maioria bloqueados, ela se agacha para girar a perna. Eu pulo e por pouco escapo da sua tentativa de me deixar esparramado no tatame. Mas ela se levanta num instante, retorcendo-se com um chute para trás que manda o calcanhar na direção do meu crânio.

Desta vez, bloqueio o golpe antes de segurar sua perna. Usando o impulso do seu próprio chute, derrubo-a no tatame antes que ela consiga piscar de novo. Ela rola, e suas costas colidem com a parede da jaula, fazendo-a chacoalhar enquanto a multidão ruge do outro lado.

Passo a mão já ensanguentada sobre o fio vermelho que escorre do meu lábio cortado.

— Olha — começo, ofegando, parando acima dela. — Eis o que vai acontecer. Você vai…

Seus pés calçados com botas voam contra a minha barriga e arrancam todo o ar dos meus pulmões. Cambaleio com a intensidade súbita do golpe, e minhas costas batem com força na parede da jaula. Em um instante ela está em cima de mim, com as mãos nos meus ombros e…

Estamos dançando na Floresta dos Sussurros.

O luar penetra entre as árvores, iluminando os olhos que encaram os meus, brilhando como um poço azul no qual estou disposto a mergulhar de cabeça.

Suas mãos me ancoram, unindo-nos com um toque hesitante. Suave, mas seguro. Firme, mas aparentemente tímido. Sem saber direito o que isso significa, mas com a certeza de que ela quer.

Suas mãos estão nos meus ombros e…

E seu joelho afunda no meu abdome.

Uma vez. Duas. Três vezes antes de eu voltar a mim, bloquear o golpe com um dos braços e mandar o outro contra seu queixo. A cabeça dela é impelida bruscamente para o lado e eu aproveito a vantagem daquele segundo de choque que ela me concede. No instante seguinte, estou segurando-a pela gola da camisa e a pressionando contra a jaula.

E é aí que ela me dá uma joelhada na virilha.

A multidão solta um grunhido junto comigo.

— Quanta classe. Como sempre — consigo dizer, engasgando, ainda segurando-a com força.

— Ah, isso não foi nada, príncipe — sibila. — Agora dá o *fora* do meu ringue.

Solto uma risada seca, com o rosto perto do dela.

— Ah, eu darei o fora dessa cidade abandonada pela Peste, desde que você venha comigo. Se for necessário, arrasto você de volta para Ilya.

— Só por cima do meu cadáver, príncipe.

— Isso tornaria as coisas bem mais fáceis, então acredite quando digo que estou considerando a possibilidade.

Seu corpo se retesa e eu sinto o soco que ela vai dar antes mesmo de ela se mover. Prendo os pulsos dela na tela da jaula, apertando-a com força contra o arame.

— Eis o que vai acontecer — digo, ofegando junto ao seu ouvido enquanto olho a multidão que está adorando o entretenimento. — Vamos encerrar esse pequeno espetáculo e você vai comigo *sem reclamar*.

Os olhos dela parecem estar em chamas.

— Você ainda não venceu.

— Ah, não? — Eu levanto a mão até o rosto dela e puxo o tecido. — Tudo que eu preciso fazer é tirar uma única mecha de cabelo prateado do lenço, e todo mundo aqui vai tentar matar você em troca

do grande prêmio pela sua cabeça. E fico tentado a deixar que eles façam exatamente isso. Tornaria meu trabalho muito mais fácil.

Mentira.

Tenho ordens rígidas de levá-la *viva* para Ilya, apesar do que dizem os cartazes. Mas obviamente ela não precisa saber disso.

Abro um sorriso largo o suficiente para que ela o veja nos meus olhos.

— Então, sim, eu venci no instante em que entrei nesse ringue.

Ela engole em seco, o único sinal de preocupação que me permite ver.

— Você é muito confiante para alguém que também está escondendo a identidade.

— É, bom, minha cabeça não está a prêmio.

— Você é o príncipe de Ilya. Sempre haverá um prêmio pela sua cabeça.

E com isso ela arranca o lenço do meu rosto.

CAPÍTULO 14

Paedyn

O rosto dele é chocante como um *déjà-vu*, é como ver algo inventado pela imaginação se materializar fora da mente.

No telhado, eu mal conseguia enxergá-lo, envolto pela escuridão. E aquilo foi perigoso. Foi perigoso fingir que ele era algo além do homem que assassinou meu pai. Foi patético. Foi uma distração. E nunca mais serei tão fraca de novo.

Mas agora vejo como ele está para mim: morto.

A barba crescendo sombreia o queixo afiado dele, acompanhada pelo sangue que escorre do lábio, me lembrando de como eu o mordi. Afasto essa ideia e prometo a mim mesma nunca mais pensar nisso de novo.

Ele levanta as sobrancelhas escuras, em choque, e seus olhos cinzentos perfuram os meus. Está com uma aparência áspera, como o rosto do qual passei, de modo irritante, a gostar na floresta.

Está horrivelmente idêntico ao que eu me recordo.

Cada cílio escuro ao redor dos olhos prateados. Cada tremor dos lábios familiares. Cada mecha de cabelo cor de ébano caindo em ondas em cima da testa bronzeada. Cada pedacinho no lugar perfeito, exatamente como deixei. Vê-lo tão preservado, tão parecido com o rapaz de que aprendi a gostar, parece uma provocação. Um deboche de cada momento que não levou a nada.

Mal consigo identificar as vozes abafadas na multidão ou me concentrar nos muitos dedos que apontam para o príncipe. Eu tinha ouvido os boatos nas ruas. Os sussurros sobre o Executor percorrendo a cidade em busca da Paladina Prateada. Mas só tive certeza quando pus os olhos nele.

Chama.

O babaca metido a besta se deu o nome de Chama. O fogo para a minha sombra.

Filho da puta insuportável…

Os nós dos dedos que ele acerta no meu rosto me pegam de surpresa. Minha cabeça gira de lado enquanto a dor atravessa meu rosto e desce pelo pescoço.

Sem dúvida ele não está se contendo mais.

Antes que eu possa revidar, ele segura meu queixo e vira o meu rosto para si com força.

— Isso foi um erro, meu bem.

Meu bem.

Agora essas palavras são totalmente desprovidas de carinho, de qualquer empatia.

Quando sua mão puxa o tecido que cobre meu nariz e minha boca, faço a coisa mais baixa em que posso pensar.

Eu a mordo.

— *Merda* — sibila Kai, afastando a mão do meu sorriso maligno. — O que foi *isso*?

Empurro-o com força para o centro do ringue.

— O quê? Não tive classe o bastante para você?

Dou um soco, sabendo que ele vai se abaixar. Quando tenta acertar meu abdome, seguro seu pulso, giro para suas costas e o pressiono contra sua escápula. Kai suga o ar com força e morde a língua por causa da dor que sei que está subindo pelo braço.

— É chocante como alguma coisa que você faça ainda me surpreenda.

Logo depois de conseguir dizer isso, ele engancha um pé atrás do meu e puxa. O desgraçado me derruba no tatame. Ele monta em cima de mim, prendendo meus braços sob os joelhos, antes que eu tenha um

instante para recuperar o fôlego. Eu me contorço enquanto ele segura o lenço que ainda cobre meu cabelo comprometedor.

— Mexa-se de novo, *morda* de novo, e todo mundo vai ver como é fascinante a cor do seu cabelo.

Ofegante, lívida e procurando freneticamente uma saída, respondo:

— Tudo bem. Eu vou sem reclamar. Mas precisamos encerrar essa luta. — Relaxo o corpo, me obrigando a parecer derrotada. — Me deixe bater no tatame.

Mexo a mão que está presa embaixo do joelho dele. Ele me lança um olhar cético antes de lentamente diminuir a pressão sobre meu braço. E então eu levo a mão ao lado, dando à multidão uma visão completa da palma que parece prestes a bater no tatame.

Só que, em vez disso, acerto o rosto dele.

Ele xinga alto, sem perder um segundo antes de prender meu pulso acima da minha cabeça. Abro um sorriso. Suas pernas se afrouxaram só o suficiente para eu impelir meu joelho para cima, de novo contra a virilha dele. Kai solta um grunhido, mas já estou usando a distração e a perna livre para inverter nossa posição.

Jogo todo o meu peso em cima do seu peito enquanto tiro a lâmina pequena e letal de dentro da minha bota. A mesma que eu deveria ter cravado em seu peito no minuto em que ele subiu no telhado. Eu me inclino para perto do seu rosto a fim de esconder a arma ilegal e a aperto contra seu rosto. O choque que atravessa sua máscara de indiferença fria, se fixando nos olhos arregalados, me faz sorrir.

— Você vai me cortar? Aqui, num porão cheio de testemunhas? — A voz dele está firme, mas consigo sentir os batimentos traiçoeiros do seu coração de encontro às costelas apertadas pelas minhas pernas. — Você deveria ter me matado no telhado.

Rompo sua pele ao ouvir a menção do que jamais deveria ter acontecido entre nós.

— Com certeza teria me poupado o trabalho de fazer isso mais tarde.

— Vá em frente, então. — Ele levanta a cabeça ligeiramente, pressionando a lâmina com mais força contra a própria pele. Provocando. Testando. — Faça. Não seria a primeira vez que você derramaria sangue real.

Seus olhos me encaram, parecendo assombrados pela visão. Pela visão da assassina do seu pai prestes a se tornar a dele. Me pergunto vagamente se ele ao menos suporta me tocar, roçar nas mãos cobertas pelo sangue do pai. Se ele ao menos consegue me olhar sob a luz sem ver o modo brutal como o pai morreu.

Porque é isso que ele é para mim. Uma lembrança constante do destino do meu pai.

— Anda, minha *Paladina Prateada* — murmura ele, amargo. — Seja minha ruína.

E desta vez eu serei. Farei o que deveria ter feito no telhado.

O punho da adaga fica escorregadio na palma da minha mão.

Vá em frente. Danem-se as consequências, dane-se a multidão. Faça.

Eu disse a mim mesma que não hesitaria de novo. E, no entanto, aqui estou. A vida dele nas minhas mãos ensanguentadas enquanto minha cabeça e meu coração lutam pelo controle.

Faça.

Minha garganta secou. O sangue lateja nos meus ouvidos, abafando a multidão barulhenta junto com qualquer pensamento racional. Aperto mais o cabo da arma, puxando-a ligeiramente para trás enquanto me preparo para cravar a lâmina…

E então sinto aquela mão calejada segurando meu pulso, a mão que estive preocupada demais para notar que vinha saindo de baixo das minhas pernas. Ele empurra meu braço para longe da garganta que já começa a sangrar enquanto a outra mão sobe, sobe, sobe…

Não, não, não…

Não consigo impedi-lo de arrancar o lenço da minha cabeça.

CAPÍTULO 15

Paedyn

A prata desliza para fora do tecido, sem brilho sob a luz fraca, mas inegavelmente identificável.

— Cuidado, Gray — murmura ele. — Eu estava começando a achar que você se importava comigo.

Arquejos de perplexidade percorrem a multidão enquanto sussurros se transformam em dedos apontados e gritos de acusações.

Não, não, não.

Mesmo que eu consiga escapar do Executor, não será fácil correr mais do que cada pessoa em Dor. E agora que viram meu cabelo, que viram que estou aqui, não posso mais lutar no ringue. Não posso ganhar dinheiro para recomeçar a vida.

Um brilho parecido com diversão ilumina os olhos dele, fazendo com que eu me arrependa de não ter cortado sua garganta quando tive a chance. E com certeza tive essa chance, mais de uma vez.

— Seu desgraçado. — Minha voz mal passa de um sussurro enquanto luto para me soltar.

De repente, ele está com meus dois pulsos presos nas mãos calejadas, me puxando mais para perto enquanto a adaga escorrega da minha mão suada. Praticamente tombo sobre seu peito e sinto sua boca junto do meu ouvido.

— O que você vai fazer, hein? Você não vai conseguir dar um passo para fora dessa jaula antes de ser dilacerada…

— Ei, sai daí, pequena Paladina Prateada!

Antes que as palavras brotem na boca do sujeito, gritos de provocação percorrem a turba:

— É *essa aí* que vale aquele dinheiro todo?

— Essa coisinha bonita vale uma boa grana, hein?

Agora as pessoas estão sacudindo a jaula, gritando para uma Paladina Prateada atônita.

— Ótima observação, príncipe. Você poderia se passar por um Psíquico. — Estou praticamente mostrando os dentes para ele. — Nós tínhamos um trato.

— E eu venci.

— Ah, você está chamando isso de vitória? — ironizo. — Como, exatamente, você planeja me tirar daqui, então? Por que, *pela Peste*, você fez isso?

Ele sorri. É um movimento simples e suave dos lábios que parece um soco no estômago. Um pedaço do passado abrindo caminho até o presente. Um pedaço dele que eu não achava que testemunharia de novo.

— Porque — responde ele calmamente — eu precisava que você precisasse de mim.

Contenho uma risada sem humor.

— E você acha que hoje é o dia em que eu subitamente decido que preciso de você?

— Acho que hoje é o dia em que você não tem nenhuma outra opção. — Ele começa a se sentar, com meus pulsos ainda firmes entre os dedos, apesar dos meus puxões incessantes. — O único modo de você sair daqui inteira é com o Executor ao lado. A não ser que a Paladina Prateada consiga derrubar todas as pessoas aqui dentro. Se for o caso, por favor, fique à vontade.

Lanço um olhar fulminante para ele — um último recurso, já que me recuso a dizer o que ele deseja ouvir. Porque ele está insuportável, detestável e irritantemente certo. O Executor é minha única saída. Mas é muito mais fácil escapar de uma pessoa do que de todo esse porão lotado.

Vou usá-lo para sair, depois lido com ele sozinha.

Minha garganta está seca quando tento engolir o orgulho crescente.

— Tudo bem — consigo dizer. — Me tire daqui.

— Aí estão seus bons modos — retruca ele, seco. — Mas talvez você precise descer do meu colo, se quisermos sair algum dia.

Levo um susto, minhas bochechas ardem com a percepção súbita de que estou empoleirada no colo dele, com os pulsos presos. Ele está perto demais, a sensação é muito familiar. Não suporto isso. Não o suporto. Por isso deslizo do seu colo, sem a menor elegância, e fico de pé junto a ele.

Kai solta um dos meus pulsos, mas compensa isso apertando muito mais o outro. Virando-se para a multidão, sua voz soa calma quando anuncia:

— Vou levar a Paladina Prateada comigo e ninguém aqui vai nos causar problema. — A multidão explode num ultraje que o Executor se recusa a reconhecer enquanto continua, com o tom absolutamente autoritário: — Como Executor de Ilya e estando abaixo apenas do rei, afirmo que ela é minha propriedade. *Minha.* O que significa que, se alguém encostar nela, descobrirá em primeira mão como os Notáveis podem ser brutais.

Silêncio.

O silêncio é denso e quase palpável por todo o porão, o que atrai a atenção para o zumbido nos meus ouvidos. Fico me remexendo, desconfortável, girando o anel no polegar enquanto as palavras dele se assentam.

Ela é minha propriedade.

Engulo o deboche e em vez disso examino o porão, o medo escondido na multidão sob a forma de olhares agitados e sobrancelhas franzidas. Não importa o que eles sintam em relação a Ilya, o medo é mais profundo que o ódio. A mera possibilidade da fúria de um Notável recaindo sobre eles desperta a imaginação. Duvido que a maioria deles já tenha tido contato com alguém de Ilya, quanto mais ter ouvido algo além de horrores sobre a poderosa população isolada do outro lado do deserto.

Eles nem sabem do que têm medo, não sabem o que os Notáveis são capazes de fazer. O que *ele* é capaz de fazer. O Executor só tem habilidades quando existem outros para cedê-las, mesmo que ele

próprio seja uma arma. No entanto, todos se encolhem diante do seu potencial poder, da ameaça de um infame Notável.

Talvez o desconhecido seja metade do horror.

Ele usou a ignorância das pessoas contra elas.

— Fique perto — murmura, estendendo a mão para a porta da jaula. — Ou não. É sua vida que está em risco.

Luto contra a ânsia de revirar os olhos ao mesmo tempo em que tento ignorar o fato de que estou parecendo e me sentindo uma criancinha. Ele aperta meu corpo contra o dele, não por proteção, mas por algo muito mais predatório. É a possessividade irradiando dele que faz as pessoas abrirem caminho, boquiabertas, enquanto ele guia para fora a garota que pode valer o sustento delas.

Olhares nos acompanham pela escada, até o mundo acima do porão. As ruas estão escuras na calada da noite e uma brisa quente agita meu cabelo solto. Luto contra o suspiro que ameaça escapar dos meus lábios ao sentir o vento beijando meu couro cabeludo.

Há dias não me sinto tão livre.

Um puxão forte no braço traz de volta minha infeliz realidade.

Não estou nada livre.

— Por aqui, Pequena Psíquica. Não temos tempo para um passeio ao luar.

Fico irritada com o título debochado.

— Qual é o plano, então?

Ele lança um olhar divertido por cima do ombro enquanto me puxa por uma rua estreita.

— Sabe, eu não costumo contar meus planos aos criminosos.

Faço um ruído sarcástico ao ouvir isso.

— Você sabe muito bem que eu já era uma criminosa muito antes daquela última Prova. E, no entanto… — Abro um sorriso malicioso para seus ombros tensos. — Eu me lembro de você ter me informado de muito mais coisas do que somente seus *planos*.

Eu conheci você. Conheci seu passado, seu presente — e seu futuro, do qual fomos idiotas a ponto de achar que eu faria parte.

Ele se vira, me obrigando a parar bruscamente antes que meu rosto encontre seu peito.

— Eu sei. — Sua voz sai baixa, pesarosa de um jeito que me obriga a me remexer desconfortavelmente. — E estou tentando não criar o hábito de repetir os mesmos erros.

Erros.

A palavra aparentemente simples é como um tapa na cara, não importando o quanto seja adequada. Porque tudo foi exatamente isso: um erro. Cada pedacinho de nós mesmos que compartilhamos em olhares silenciosos e cada história que sussurramos sob os salgueiros só contribuíram para a morte lenta que nós éramos. E agora podemos acrescentar o que aconteceu no telhado à lista de erros sempre crescente.

Éramos inevitavelmente imperfeitos um para o outro.

— Vem — ele me apressa, praticamente me arrastando pela rua. — Você pode andar mais depressa, mesmo com sua péssima habilidade com os pés.

— Talvez não seja uma habilidade tão ruim se você me deixar ficar com os pés no chão — retruco, tropeçando quando ele me puxa para uma esquina meio arruinada.

— Você prefere que eu a jogue no ombro? Não seria a primeira vez.

— Não, eu não…

Paro derrapando no meio da frase, no meio do plano que estou tramando, antes de firmar os pés contra seus puxões persistentes.

Talvez eu preferisse que ele me jogasse no ombro.

— Não vou me mexer até você contar o que vai acontecer — digo.

Ele se vira lentamente, com um ar de diversão escondido no meio da irritação que repuxa os cantos da sua boca.

— É mesmo?

Puxo meu pulso que ele ainda segura com firmeza com a mão implacável.

— É. Então sugiro que você poupe nosso tempo e conte qual vai ser o meu destino.

Ele solta uma risada sinistra.

— Você não tem esse direito, criminosa.

— E você não é melhor do que eu, hipócrita.

Ficamos nos encarando, ainda conectados por sua mão áspera envolvendo a minha. Nossos pecados não ditos parecem se estender

entre nós, engolindo as palavras insignificantes que ardem na minha garganta. Somos iguais, esse Executor e eu. Ambos apáticos, ambos carregando um fardo, ambos cobertos com o sangue do pai um do outro.

Um Notável e uma Comum jamais pareceram tão semelhantes.

Suas próximas palavras são delicadamente perigosas, daquele seu jeito devastador:

— Tudo que fiz foi pelo rei, e foi você quem o matou, não eu.

— Eu matei um pai — digo, me aproximando. — E você também.

Suas sobrancelhas se levantam, com a confusão franzida entre elas.

— O que você está…?

O aperto dele se afrouxa, a guarda baixa, e não penso duas vezes antes de aproveitar essa distração. Com um movimento rápido, giro as costas contra seu peito e engancho o braço livre sob seu ombro. Com uma combinação de impulso e puro choque, faço-o voar subitamente por cima do meu ombro.

Não foi meu golpe mais gracioso, e a Peste sabe que papai levantaria as sobrancelhas como sempre fazia durante os treinamentos. Afinal de contas, foi ele quem me ensinou a derrubar um homem com o triplo do meu tamanho, de modo que a forma desajeitada como o Executor rolou por cima do meu ombro o faria balançar a cabeça com aquele seu sorriso exasperado.

O príncipe cai no chão e solta uma sequência de palavrões. Estou em cima dele antes da próxima batida estrondosa do meu coração, tirando a última adaga fina de dentro da bota.

— Você realmente achou que eu não teria outra faca? — pergunto, ofegando, pressionando-a contra as costelas dele.

Alguma coisa afiada espeta minhas costas e eu estremeço com a sensação familiar de uma lâmina cutucando minha coluna. Estou ficando desleixada. Não tenho a mínima ideia de onde a arma veio nem de quando ele a sacou, e minha falta de foco é assustadora.

Desculpe, papai.

— Você realmente achava que eu iria subestimá-la depois de tudo que você fez?

Os olhos dele se cravam nos meus, ardendo como as palavras não ditas que tentam abrir caminho pela sua garganta.

— Anda logo! — Meu próprio grito me surpreende, com palavras muito mais rudes do que eu pretendia. — Diga. Diga o que eu fiz.

O peito dele arfa embaixo de mim.

— Você matou o rei.

Balanço a cabeça, meus olhos jamais se afastam da traição no olhar dele.

— É, eu matei o rei. Porém, mais importante, matei um tirano maligno. Matei um homem que matou um número incontável de pessoas. Matei um homem que tentou me matar só porque o poder não corre nas minhas veias. — Solto o ar pesadamente, com os dentes à mostra, acima dele. — Mas estou me esquecendo de uma outra coisa. O que mais eu matei, príncipe?

Ele engole em seco.

— Você matou… meu pai.

— Mais uma coisa que temos em comum — digo, ofegante. As sobrancelhas dele se franzem enquanto balanço a faca acima da sua barriga. — Devo cravar isso em seu peito, como você fez com meu pai? Parece adequado, não acha?

Ele balança a cabeça para mim, com a incredulidade estampada em suas feições.

— Seu pai…? Eu não… — Os olhos dele se arregalam ligeiramente com algo parecido com compreensão. — Há quantos anos? Há quantos anos ele foi morto?

Eu me recuso a acreditar que o príncipe não sabia de quem era a vida que ele tirou naquela noite. Eu me recuso a acreditar que ele não estava me enganando durante todos esses meses, me ludibriando para confiar nele depois de tudo que tirou de mim. Eu me recuso a acreditar que ele não sabia que era meu coração que estava despedaçando na noite em que cravou uma espada no do meu pai.

— Cinco — respondo com a voz rouca. — Na minha casa. — Minhas palavras são pouco mais do que um sussurro. — Eu vi quando você o matou.

Ele balança a cabeça, o horror escorre entre as frestas da máscara, entre as fendas de suas muralhas desmoronando.

— Paedyn, eu…

É a primeira vez que ele diz meu nome, e alguma parte patética de mim gostaria de ouvir de novo. Mas nem tenho chance de escutar o que ele diz em seguida.

— Ele está aqui!

Um grito que só pode pertencer a um Imperial ecoa nas paredes, seguido pelo trovejar de uma dúzia de pés calçados com botas. Meus olhos se viram rapidamente na direção do som, vendo sombras se aproximarem. E então estou olhando-o de novo. Ele abre a boca para falar alguma coisa, mas o que sai é um grunhido estrangulado.

O corte preciso no ombro dele me rende alguns segundos, e não ouso desperdiçar absolutamente nenhum.

Estou fugindo outra vez, como sempre.

E não olho para trás.

CAPÍTULO 16

Kai

Pé no saco está longe de ser uma descrição precisa para essa garota.

Ela me faz correr por ruas desconhecidas, tropeçando nas pedras irregulares das calçadas na escuridão sufocante. Minha mão está coberta de sangue, apertando o ferimento surpreendentemente raso que ela me ofereceu como presente de despedida.

Ela teve a chance de me matar. Mais de uma vez.

No entanto, apesar de toda a falação sobre cortar minha garganta, fracassou várias vezes em fazer isso. E eu, afinal de contas, fracassei em cumprir com a promessa de enterrar sua própria adaga nas costas dela, mas culpo as ordens rígidas que recebi para mantê-la viva.

Estou ofegando no calor da Peste que envolve constantemente essa cidade. Entro numa rua vazia, quase trombando com um dos meus Imperiais antes de sinalizar para que ele vire à esquerda enquanto eu pego a direita. Mesmo com doze homens a perseguindo, ela conseguiu escapar de cada um deles durante quase meia hora.

Pé no saco é pouco.

A lua estica seus dedos pálidos pela cidade, cobrindo tudo numa claridade opaca que não ajuda nem um pouco a encontrá-la. Se as sombras são amigas dela, a lua deve ser sua cúmplice, com os raios prateados correndo por seu sangue para tingir o cabelo que a encobre numa máscara de luar.

Viro outra esquina, me encolhendo por causa da dor no braço. Meus pés batem com força no chão pelo caminho, que é irregular como os pensamentos que disparam na minha mente. As palavras dela ecoam na minha cabeça e roubam o foco das ruas em que eu deveria estar procurando.

Eu vi quando você o matou.

Cinco anos.

Há cinco anos, matei pela primeira vez. Há cinco anos, cravei pela primeira vez uma espada no peito de um homem. Há cinco anos, vi um homem tombar no chão antes de fugir do primeiro dos meus muitos crimes.

Há cinco anos, o pai dela foi minha primeira vítima.

Como ela sabia disso e eu não? Por que fui mandado para matá-lo, para começo de conversa? Talvez ela esteja enganada. Talvez esteja procurando mais um motivo para me odiar. Penso naquela noite assombrosa, a noite que selou meu destino. Quase consigo visualizar a sala, o sangue, o tremor nas minhas mãos…

A sala.

Quase tropeço quando a constatação me alcança.

A casa dela. A casa que eu incendiei. A sala onde eu estive…

Não foi a primeira vez que estive ali. As peças começam a se encaixar, conectando a casa escura onde realizei minha primeira missão com a casa iluminada pelas chamas.

Fui eu. Eu matei o pai dela…

Um movimento faz minha cabeça virar bruscamente para uma agitação nas sombras.

Sei que é ela antes mesmo de vislumbrar a figura que corre por um beco. Estou segurando uma faca de arremesso, que lanço antes que ela possa se fundir de novo na escuridão.

O grito que ela solta é tenso, como se mal tivesse energia para expressar a dor. Caminho até lá sem pressa, observando-a se apoiar numa parede suja antes de deslizar para o chão. Ela está ofegando de dor, com a mão ensanguentada apertando o ferimento mal curado que eu reabri em sua coxa.

— O quê? — pergunta ela, bufando. — Mutilar minha perna uma vez não foi o bastante para você?

— Bom — respondo com um suspiro —, aparentemente não foi o bastante para *você*, considerando que ainda está tentando fugir de mim.

— Pode se acostumar com isso.

— Ah, estou começando.

Sua cabeça está encostada na parede, seus olhos estremecem de fadiga. Ela parece cansada. Cansada demais. Como se estivesse se equilibrando à beira de algo mais devastador do que a privação do sono. Inclino a cabeça, examinando-a na escuridão velada.

— Você está bem, Pequena Psíquica?

A risada que ela solta é ofegante.

— Você acabou de me cortar com uma faca. O que acha?

— Ah, qual é, eu mal te arranhei.

Ela crava aqueles olhos azuis incendiários em mim.

— É, você *arranhou* um ferimento que ainda não estava curado. Um ferimento que você causou, se me permite acrescentar.

Quase sorrio.

— Você sabia que era eu, é?

— Claro que era você. — Ela bufa. — Você é o único que tem uma mira quase tão boa quanto a minha.

— Quase? — pergunto secamente. — É mesmo?

— Você me ouviu, príncipe.

Vejo seus dedos indo em direção à faca na bota e agarro seu pulso.

— Chega. — Solto outro suspiro. — Estou cansado. Você está cansada. Vamos encerrar por hoje. Sem contar que você vai sangrar até a morte se não enfaixar esse ferimento.

— Se você acha que vou me entregar sem lutar…

— Eu acho — interrompo ao mesmo tempo em que arranco a adaga da sua bota — que você não vai conseguir lutar nunca mais se não descansar um pouco e não fizer um curativo.

— Não é isso que você quer? — Sua voz falha com o peso da acusação. — Que eu pare de lutar? Que eu vá quietinha para o meu fim?

Examino-a por um momento, vendo a teimosia desenhada em seu rosto carrancudo. A verdade aperta meu peito e meu coração solta um

suspiro quando meus pulmões não conseguem. Porque não consigo decidir o que é mais assustador: vê-la parar de lutar ou vê-la morrer.

O que ela é sem o fogo que a alimenta? Uma casca da Paladina Prateada que foi um dia? O fantasma de uma garota por quem eu estava disposto a me arruinar? Se não luta por nada, ela vive para a morte. Mas se anseia por algo, ela vive pela *esperança*.

Quero que ela lute contra mim.

Que anseie por mim, mesmo que seja com ódio.

Suspiro, exalando as emoções que acompanham cada pensamento atordoante, e digo:

— E o que teria de divertido nisso?



— Isso é ridículo.

O murmúrio dela soa abafado e, quando ajeito o pano que cobre seu rosto, o resmungo carrancudo também.

— Não, isso é necessário. Você está ótima.

Por mais que eu tente, não consigo impedir que um sorriso acompanhe cada palavra. Consigo praticamente sentir seu olhar raivoso através do lenço que enrolei em sua cabeça, em parte para esconder o cabelo e o rosto tremendamente reconhecíveis, mas principalmente porque fui preguiçoso demais para dobrar o tecido corretamente.

— Odeio você — sibila ela.

— É, você e todo mundo nesse reino, meu bem.

O estalajadeiro acena com uma das mãos, me chamando para o balcão. Empurro-a ligeiramente, o que resulta num passo manco e relutante.

— Só um quarto. Ou qualquer coisa que você tiver — digo, oferecendo um sorriso tenso escondido por trás do lenço que cobre a metade inferior do meu rosto.

— Está com sorte — resmunga o sujeito. — Um quarto acabou de ser liberado no terceiro andar. É bem pequeno.

Como resposta, jogo algumas moedas no balcão lascado, olhando-o contá-las antes de assentir, mal-humorado. Então seu olhar pousa na garota engolida por um lenço.

— O que há de errado com ela?

Sinto-a se remexer, preparando-se para cuspir algum comentário engraçadinho pela boca que não consigo ver.

— Um acidente horrível — intervenho, balançando a cabeça com tristeza. — Você não vai querer ver o que tem aí embaixo. — E me inclino, dando-lhe um olhar de quem sabe das coisas. — Ela está meio sem graça. E com bons motivos.

O estalajadeiro assente como se tivéssemos compartilhado uma piada hilária.

— Então é melhor mantê-la coberta.

Ele ri. Eu rio. Mordo a língua quando o calcanhar da bota dela acerta os dedos dentro da minha.

Sei que não devo rir de novo enquanto ela tropeça ao subir às cegas a escada barulhenta, com sangue escorrendo pela perna ameaçando pingar na madeira. A porta no terceiro andar range quando a empurro, revelando um quarto do tamanho do meu closet no palácio. Com a cama ocupando quase o espaço inteiro, a bacia no canto parece ser o único acessório nessa imitação grosseira de quarto. Uma janela cheia de mofo deixa entrar luz suficiente para revelar a imundície que cobre o lugar.

— Vou *matar* você. — Ela arrancou o lenço do rosto, soprando o cabelo que cai, farto.

— É mesmo? Você teve dificuldade para fazer isso mesmo antes de se ferir.

Ela me dá as costas, balançando a cabeça. Sua voz está distante, como se as palavras quisessem permanecer como um pensamento.

— Eu estou sempre ferida. Sempre meio quebrada. — Observo-a examinar o quarto, até porque cada resposta que me vem à mente parece ficar presa na garganta. — É só isso? — pergunta ela, indicando o quarto com um gesto. — Todos os seus homens vão se amontoar na cama com você?

— Engraçadinha — digo, sem qualquer sugestão de humor. — Não, essa noite meus homens vão ficar lá fora, pela cidade. Um grupo tão

grande chama atenção. Mas não se preocupe, eles vão nos encontrar de manhã, quando sairmos.

Ela me dá um olhar ligeiramente parecido com um daqueles sorrisos maliciosos que costumava me mostrar.

— Você acha mesmo que dá conta de mim sozinho?

Dou de ombros.

— Acho que sou o único que daria conta de você sozinho.

— Estou vendo que ainda é um babaca metido a besta.

— Tenho uma reputação a zelar.

Ela desdenha, mancando enquanto passa por mim, e se deixa cair na beira da cama. Olho seu ferimento sangrando e a colcha dobrada embaixo.

— Tudo bem, por favor, suje de sangue a cama em que vou dormir.

Ela mal me olha.

— E o que faz você ter tanta certeza de que vai dormir nessa cama?

— O que faz você pensar que não vou?

Me ignorando, ela começa a examinar cuidadosamente o ferimento na coxa, totalmente satisfeita em desconsiderar minha existência. A visão dela enrolando a perna da calça, revelando uma bela extensão de pele bronzeada, parece mais significativa nas sombras do quarto.

Ela sibila quando o tecido se prende no ferimento pegajoso, e a vejo lutar para impedir que a dor invada seu rosto. Passo a mão pelo cabelo, suspirando baixinho:

— Vem cá.

— Estou bem, obrigada — diz ela, com a voz suave.

— Você é um enorme pé no saco, sabia?

— Se é assim — seu tom é tranquilo —, você poderia simplesmente me deixar ir embora. Problema resolvido.

— Você e eu sabemos que isso não é uma opção.

— Certo — diz ela, rude. — Porque seu novo rei mandou você me caçar.

Há um silêncio que dura várias batidas do meu coração antes de eu responder:

— Bom, você matou o pai dele, o rei. E representou um papel fundamental no levante da Resistência. Para não mencionar que usou Kitt no processo.

— E não me arrependo de absolutamente nada. — Ela me encara sem qualquer traço de remorso no olhar. — Tudo que eu fiz, tudo pelo que lutei, foi por Ilya.

Minha mandíbula fica tensa.

— E isso inclui matar o próprio rei de Ilya?

Ela balança a cabeça, desviando o olhar.

— Eu não entrei naquela Prova planejando matá-lo quando saísse. Ele foi atrás de *mim*. — Há uma coisa assustadoramente parecida com apelo nos olhos dela, não porque esteja implorando perdão pelo que fez, mas porque precisa que eu entenda o motivo. — Mas isso não significa que eu não tivesse pensado em cravar uma faca naquele coração maligno uma dúzia de vezes antes.

Mesmo com o ódio cobrindo cada palavra, essa é a fala mais sincera que já recebi da parte dela. Consigo ouvir na voz rouca e ver nas mãos trêmulas. Tudo antes deste momento pode ter sido falso, uma fachada, um conto de fadas criado para me atrair. Mas jamais presenciei algo tão real do que isso, agora.

Suspiro, contente em deixar o silêncio se prolongar entre nós antes de pegar a pequena bacia no chão. Não estou preocupado em deixá-la sozinha enquanto desço a escada para encher o recipiente com água gelada, não com os ferimentos que a obrigam a se esforçar ao máximo para não tremer na minha frente.

A água se derrama pelas bordas a cada degrau que subo na escada íngreme, e depois de eu empurrar a porta com a bota úmida, a garota caída na cama parece diferente da que deixei. O cabelo parece se misturar com o corpo, fundindo-se ao seu próprio ser agora desprovido de toda cor, a não ser pelo vermelho que mancha as mãos trêmulas. Ela olha para o sangue que cobre seus dedos, sem enxergar, engolindo em seco, tremendo a cada respiração entrecortada.

Alguma coisa está muito errada com a Paladina Prateada.

E eu não deveria me importar.

Já vi o trauma em formas piores. Já o vi mutilar a coragem, devorar os sonhos e cuspir a casca de uma pessoa. O trauma e eu nos conhecemos muito bem.

— Vem cá.

Desta vez, minha ordem é mais suave, a empatia alivia a seriedade da minha voz. Seus olhos se viram para os meus, desfocados e cheios de pânico. Ela pisca, a voz falhando quando começa a dizer:

— Eu… não consigo…

— Não preciso saber — interrompo baixinho.

Porque não preciso mesmo. Não preciso saber o que a mantém acordada à noite, o que assombra seus sonhos, o que a faz tremer assim. Porque saber disso implica *conhecê-la*. E isso é algo que jurei que não faria de novo.

Ela é a história que estou tentando desesperadamente não repetir.

Já fracassei o suficiente por uma noite.

Eu a observo engolir em seco, deslizar para fora da cama e se sentar ao meu lado nas tábuas gastas do piso. Ela não perde um momento antes de enfiar os dedos ensanguentados na água gelada, esfregando vigorosamente as mãos entorpecidas.

Analiso-a, usando sua distração como uma chance de me demorar olhando a cicatriz irregular que desce pelo pescoço. Não me dou ao trabalho de perguntar, porque já sei que foi obra do meu pai. Posso praticamente sentir a quantidade exata de pressão que ele usou para cortar a pele dela.

Mas não digo nada. Sei que o ferimento provavelmente é muito mais profundo do que parece. Esse pensamento me lembra do quanto ainda tenho cuidado com os sentimentos dela. É de enlouquecer.

Ela está tão concentrada na tarefa de se livrar do próprio sangue que preciso segurar seus pulsos e puxá-la de volta para a realidade.

— A não ser que você queira arrancar a pele de tanto esfregar, acho que já basta.

Assentindo lentamente, ela afasta as mãos molhadas das minhas para enxugá-las numa camisa amarrotada que eu tiro da mochila emprestada de um Imperial. Rolos de bandagem suja caem no chão quando sacudo a mochila. Desenrolo um deles, franzindo a testa.

— Por que está fazendo isso? — pergunta ela, com a voz rouca.

Não a encaro.

— Bom, não posso deixar você sangrando em cima de mim, posso? Na verdade, estou sendo egoísta. Não quero ter de carregar você até em casa.

Ela bufa sem muito ânimo.

— Então ele tem grandes planos para mim? E preciso estar viva para isso?

Fico em silêncio por um longo momento, me demorando para limpar o ferimento com uma bandagem molhada. Os únicos sons que compartilhamos são os sibilos abafados de dor e os pingos constantes da água.

Quando finalmente respondo, é a uma pergunta que ela não fez.

— Eu não sabia.

Seu olhar se esforça para encontrar o meu.

— Não sabia de quê?

— Do seu pai. Eu não sabia. Não sabia na época, e definitivamente não sabia até agora.

Ela fica imóvel sob o meu toque. Levo algum tempo preparando sua coxa para o curativo, engolindo em seco enquanto puxo mais para cima o tecido fino da perna da calça. Agradeço em silêncio à Peste quando ela enfim fala, me dando outra coisa para me concentrar que não seja a tarefa atual. Sua voz sai surpreendentemente suave, e não sei se devo ficar alarmado ou tranquilo.

— Você não sabia quem iria matar naquela noite?

Engulo meu riso amargo.

— Eu nem sabia que iria matar alguém naquela noite. Não sabia que meu destino iria começar tão cedo.

— Não seja enigmático — murmura ela. — Não quando se trata disso.

Suspiro e começo a enrolar lentamente a bandagem em sua coxa.

— Eu tinha catorze anos. Estava bem no meio do meu… treinamento com o rei. Tinha crescido sabendo exatamente como seria o meu futuro, mas isso não significava que iria chegar um momento em que eu estaria pronto para encará-lo. — Ela se encolhe quando aperto a bandagem. — Quando acordei naquele dia, não sabia que ia matar a sangue-frio um homem indefeso. Não sabia que meu pai ameaçaria fazer o mesmo comigo se eu não fosse até o fim.

— Ele não… — Ela engole em seco, respirando fundo. Duvido que a agonia em seu rosto tenha a ver com o ferimento que acabei de enrolar. — Ele não contou por que você iria matá-lo?

Balanço a cabeça ligeiramente.

— Nos primeiros três anos das minhas *missões*, eu não recebia nenhuma informação sobre quem eu iria matar. Ele chamava isso de obediência absoluta. Dizia que o Executor não precisava saber de nada. Que as ordens do rei jamais deveriam ser questionadas.

Os olhos dela saltam para os meus, ardentes como uma chama azul.

— Você podia estar matando gente inocente. Você *matou* gente inocente. — Com o peito arfando, ela vira de costas para mim, fazendo um ruído sarcástico enquanto olha para a parede. — E para quê? Para testar sua aliança, sua disposição de obedecer a ordens de forma absoluta?

Meu olhar jamais se afasta dela.

— Acho que você sabe que são exatamente esses os motivos.

Ela balança a cabeça, como eu sabia que iria acontecer.

— É um choque ninguém estar me agradecendo pelo que fiz.

Eu a encaro, sentindo um aperto no peito que deve ser meu coração. A ideia de agradecer a ela por cravar uma espada no peito do meu pai pode ser a coisa mais cruel em que já pensei. E, no entanto, cada cicatriz espalhada no meu corpo canta com a lembrança de mãos frias e de uma fúria cálida. Cada uma das minhas muitas máscaras é uma lembrança do homem que as moldou.

Talvez eu devesse agradecer a ela.

Não me lembro de amá-lo quando ele estava vivo. Mas agora? Será que a morte revela uma devoção profundamente enraizada? Acho que não consigo fazer a distinção entre sofrimento e amor e entre a culpa e a falta dela.

Ela morde a parte interna da bochecha para conter um tremor enquanto começa a desenrolar a perna da calça.

— Acho que eu deveria agradecer a você — diz ela.

Examino-a, com o silêncio se prolongando entre nós. Quando ela não diz mais nada, levanto as sobrancelhas.

— Estou esperando.

— Não fique muito empolgado. Eu disse que *deveria* te agradecer.

Reajo bufando, o que sugere que eu poderia achar isso engraçado, e ela levanta os lábios, o que sugere um sorriso. Quando ela se levanta com dificuldade, acompanho-a, sustentando seu olhar.

— Vire de costas — ela ordena.

— O quê?

— Vire de costas. Quero trocar de roupa. — Ela agita a mão, sinalizando para eu obedecer.

— Não sei — respondo com um suspiro, cruzando os braços e me encostando na parede. — Como vou saber se você não vai pular pela janela quando eu estiver de costas?

Ela pega a camisa molhada emprestada, com uma carranca.

— A única coisa em que penso em fazer quando você estiver de costas é cravar uma adaga em você.

— Você não está se ajudando…

A mochila me acerta com força na barriga antes que eu a pegue.

— Só vire de costas — resmunga ela, bufando, com os olhos relampejando em desafio.

Demoro um tempo me virando para a parede, inexpressivo. Ela não se dá ao trabalho de conversar, me deixando ouvir o farfalhar das roupas antes de caírem no chão. E agora que senti o gosto dos seus lábios, é difícil não ansiar por eles, especialmente porque sei que não deveria. De modo que, com certeza, isso não está ajudando.

— Posso me virar agora? — pergunto com um suspiro quando a cama range atrás de mim.

— Quieto, estou tentando dormir.

Giro e a vejo esparramada em cima da colcha, a camisa cinza roubada engolindo-a inteira. Com os braços e as pernas esticados, ela tenta ocupar o máximo da cama. A visão é tão inesperada que quase engasgo com uma risada.

— O que…?

— Desculpe — diz ela, com os olhos fechados e os lábios torcidos. — Não tem mais espaço na cama.

— Estou vendo — respondo secamente.

Os olhos dela se abrem quando puxo a colcha na qual ela está deitada.

— O que você está…?

— Estou buscando um meio-termo — interrompo. — Se você fica com a cama, eu pelo menos fico com o cobertor.

— Ótimo. — Ela assente rapidamente no travesseiro achatado em que seu cabelo está espalhado.

Pego o outro ao lado e tento, em vão, afofar essa imitação lamentável de travesseiro.

— E vou ficar com isso também.

Ela me olha rapidamente antes de se acomodar de lado e se enfiar nos lençóis.

— Combinado.

Com isso, sou banido para o chão duro ao lado da cama *dela*. A colcha é áspera e o travesseiro é praticamente inútil, mas já dormi em condições piores.

Ainda assim não consigo deixar de pensar que em outra vida, em outro tempo, em outra chance de escolhermos um ao outro, eu estaria na cama ao lado dela.



CAPÍTULO 17



Paedyn

— Vou sufocar você com um travesseiro daqui a uns cinco segundos.

Resmungo, ignorando de propósito a ameaça do príncipe e me enfiando mais nos lençóis ásperos. Esse é o terceiro e supostamente o último aviso que ele está disposto a me dar. Com isso em mente, não dou a mínima para o Executor ao lado da cama exigindo obediência.

Quando um travesseiro encalombado acerta meu rosto, abafando a sequência de palavrões que sai da minha boca, levanto a mão para mostrar o dedo médio. Ele reage às minhas palavras não ditas com outra:

— Levanta.

— Se você vai me escoltar até meu fim — resmungo por baixo do algodão amarrotado —, o mínimo que poderia fazer é me deixar aproveitar minha última vez em uma cama.

— Você teve horas suficientes para aproveitar, não se preocupe.

Afasto o travesseiro de cima do rosto, espiando o quarto nas sombras. A janela nebulosa revela um céu igualmente nebuloso do outro lado, ainda manchado de escuridão.

— O sol ainda nem se levantou, então não sei por que eu deveria me levantar.

— Ótimo argumento — diz ele secamente. — De pé. Agora.

Suspiro, olhando inexpressiva para o teto. Tinha planejado passar a noite tramando como fugir do Executor, mas não pude lutar contra a

sonolência que me tomou assim que minha cabeça bateu no travesseiro. Dormir um sono tão profundo é assustador quando você está ao lado de alguém disposto a te esfaquear pelas costas.

Desgrudando o corpo dos lençóis gastos, deslizo da cama sem a menor elegância e me encolho ao sentir o ferimento esquecido na coxa. Os olhos de Kai acompanham o movimento, a ruga entre minhas sobrancelhas e minha respiração presa.

— Como você está?

Solto um ruído de deboche, tirando as mechas de cabelo prateado de cima do rosto.

— Não finja que se importa com meu bem-estar, príncipe. Eu não passo de mais uma missão para você.

Ele parece enrijecer ligeiramente, mas suas palavras não combinam com a cautela que ele aparenta:

— É, e minha missão precisa estar suficientemente bem para suportar a viagem de volta para casa.

Casa. *Lar.*

A palavra arde nos meus olhos e queima na garganta como a fumaça de quando escapei dos fragmentos ardentes da minha infância. Tudo que eu considerava meu "lar" se foi — meu pai, minha Adena, minha casa na esquina da Rua dos Mercadores com a Rua dos Olmos.

Não tenho lar. Não tenho esperança. Não tenho nada.

— Ilya não é meu lar. — Não era minha intenção que as palavras saíssem sussurradas, mas ele me olha como se eu as tivesse gritado.

— Não é? — pergunta ele lentamente. — Ilya não é seu lar?

— Nenhum lugar é meu lar. *Ninguém* é meu lar. Não mais. — Sustento seu olhar, levantando a cabeça enquanto acrescento: — Você e seu rei se certificaram disso.

Ficamos nos encarando, seu olhar minucioso desliza pelo meu rosto.

— Você não é a única que conhece a perda.

— E devo agradecer a você por isso.

— E eu a você — retruca ele. — Já esqueceu que agora eu também não tenho pai? Ou não pensou nisso quando cravou uma espada no peito do rei?

— Você matou um pai — praticamente rosno, chegando perto o bastante para ver a tempestade se formando em seus olhos cinzentos.

— Eu matei um *monstro*.

Seu olhar salta para os meus olhos, ardendo com alguma coisa que não consigo identificar.

— Já esqueceu tudo que ele fez com você? — sussurro, instigando-o a se lembrar dos crimes de sua infância. — Tudo que ele obrigou você a fazer? Para não mencionar o que ele fez com o próprio reino…?

— Chega. — Sua voz interrompe a minha, autoritária e baixa. — Já chega.

— O quê? Não aguenta escutar a verdade?

Ele agarra meu braço com a mão calejada como suas palavras seguintes:

— Eu disse *chega*. Vamos embora.

Com isso, procuro minha mochila antes de ser puxada pela escada estreita. Quando chegamos ao andar de baixo, sou enrolada bruscamente no lenço, tentando afastar as mãos rápidas do príncipe enquanto ele envolve meu rosto e meu cabelo no tecido. Assim que seus pés batem no piso que range, ele joga uma moeda para o homem mal-humorado atrás do balcão, sem olhar outra vez para ele enquanto me puxa para fora da estalagem arruinada.

Pisco à luz ofuscante do sol nascente, cambaleando um pouco enquanto ele me guia pelo mar de pessoas. As ruas estão cheias de comerciantes, afogadas no tumulto. O Executor serpenteia comigo pela multidão, com um olhar saltando de rosto em rosto, acima do lenço que cobre a metade inferior da sua face. Invejo sua capacidade de se disfarçar tão facilmente, já que não tem um cabelo identificável.

Torço o pulso que ele aperta, testando as muitas opções para me soltar.

— Nem pense nisso — murmura ele, sem desacelerar o passo.

Reviro os olhos para as suas costas. Ele está cada vez mais insuportável.

Kai vira em um beco estreito, parando por tempo suficiente para me olhar por cima do ombro.

— Tudo bem aí atrás?

— Você pergunta como se fosse parar caso não estivesse.

— Você realmente me conhece bem — cantarola ele, me puxando por outra rua movimentada.

Depois de virar em várias esquinas, vou mais devagar atrás dele, me esforçando para acompanhar seus passos largos. Minha perna arde, a dor incômoda se transforma em algo muito mais exigente.

Ele deve estar me ouvindo ofegar e sentido meus pés se arrastando, porque entra numa rua lateral sombreada e para.

— Está fora de forma, Gray?

Eu o encaro com raiva antes de direcionar o olhar para o corte na coxa.

— É, meu ritmo não tem nada a ver com o fato de que vou sangrar até a morte.

— Ah, não seja dramática.

Suas palavras soam leves, diferentemente do seu olhar, que viaja pelo meu corpo e por fim pousa na minha coxa. E de repente ele se agacha diante de mim e suas mãos seguram minha perna. Não posso fazer nada a não ser piscar para os cabelos pretos revoltos abaixo de mim. Ele ajeita a bandagem que aparece por baixo da calça rasgada, os dedos roçando na minha pele.

— Você vai realmente sangrar até a morte ou só é teimosa demais para admitir que precisa de uma pausa? — continua ele.

— Talvez eu precise de uma pausa *porque* estou sangrando — consigo dizer com um sorriso falso. — Por sua causa.

Ele se distrai com meu ferimento agora exposto, me oferecendo um "Hmmm" divertido. Eu me encolho quando ele limpa o sangue quente que escorre pela minha perna. Seu toque é gentil demais, disfarçado de algo parecido com cuidado. Engulo em seco quando suas mãos percorrem a lateral da minha coxa, me lembrando em silêncio do motivo para eu estar ferida. Para eu estar fugindo. Para eu estar tão arruinada.

Então as mãos dele se afastam da minha pele e puxam a parte de baixo da sua camisa, me deixando com frio e frustrada, na sombra. Ele rasga um pedaço de pano com facilidade, puxa minha perna e a apoia na sua, ajoelhado. Eu me pego guardando essa visão na memória, com um sorriso presunçoso.

Não me sinto nem um pouco Comum com o príncipe ajoelhado diante de mim.

— Fique parada — murmura ele. — Você está se balançando feito um bêbado.

Franzo a testa para o cabelo cor de ébano caindo em sua testa.

— Você roubou uma das minhas pernas.

— É, uma perna. Não o seu equilíbrio.

Balanço a cabeça para a parede na qual apoiei uma das mãos.

— Você é insuportável.

Capto um princípio de sorriso enquanto amarra a nova bandagem improvisada e põe minha perna gentilmente no chão. Em seguida, ele se levanta, ficando mais alto do que eu tão rapidamente que me pego dando um passo para trás, insegura, contra a parede suja.

— Melhor? — pergunta ele, percebendo meu nervosismo ao ver seu olhar ficando mais suave.

— Um pouco — consigo dizer. — Vou conseguir fazer a viagem para o meu fim, não se preocupe.

Ele me olha de cima a baixo, me examinando com um ar de incerteza.

— Então é melhor irmos.

CAPÍTULO 18

Kitt

O ar puro me parece estranho.

Parado junto à janela rachada, respiro o frescor desconhecido que começa a soprar no gabinete abafado. O terreno lá embaixo está coberto por um gramado vibrante, brilhando à luz do sol que se derrama em cascata.

Não costumo parar aqui. Nem abrir as cortinas por tempo suficiente para ser notado pelos empregados fofoqueiros. Mas isso sempre acontece depois das refeições.

Viro o prato comido pela metade e olho o conteúdo se derramar na grama lá embaixo. Cada vegetal bate no chão com um barulho fraco — batatas, cenouras, um tipo de feijão fibroso do qual passei a não gostar —, se juntando à pilha crescente de sobras que joguei fora.

É a parte da minha rotina que precisa ser corrigida. A princípio, começou como um modo de esvaziar o prato e apaziguar os serviçais. Bom, apaziguar Gail com a prova de que digeri sua comida. Mas ultimamente os sussurros do lado de fora da minha porta só ficaram mais altos antes de cada refeição entregue. Talvez a pilha de comida que não comi tenha sido enfim encontrada e seja apenas uma questão de tempo até que Gail entre aqui intempestivamente para me alimentar à força.

Uma batida à porta me faz presumir que esse dia chegou.

— Entre.

Passo os dedos frenéticos pelo cabelo desgrenhado, tentando alisar os fios que permanecem de pé. Minha camisa amarrotada é a próxima coisa que captura minha atenção, mas mal tenho tempo de passar a mão pelo tecido antes que a porta se abra.

Levanto os olhos e não é Gail que me encara.

— Aí está o meu primo recluso.

O sorriso que consigo abrir surpreende até a mim mesmo.

— Olá, Andy.

Ela entra no gabinete, seus olhos cor de mel varrem cada centímetro do cômodo. Pigarreio antes de me sentar de volta na cadeira, rigidamente.

— Há algum motivo para a sua… visita?

Ela afasta o olhar da janela aberta e deixa que ele pouse em mim.

— Certo. Bom, obviamente estou aqui para consertar sua… hmm… — Ela para, visivelmente tentando inventar alguma coisa. — Sua janela? — E assente, tentando convencer nós dois. — É, sua janela.

— Você veio aqui para consertar minha janela? — repito devagar.

— É isso que eu faço! — Ela indica o próprio cinto de ferramentas, com o piercing de argola no nariz brilhando à luz. — Sei que é fácil esquecer que eu ainda sou uma faz-tudo aqui no castelo, além dos meus muitos outros talentos.

Meu olhar percorre o couro gasto que envolve sua cintura, cada centímetro ocupado pelo monte de ferramentas enfiadas ao acaso. Eu me lembro de quando o topo dos cabelos cor de vinho de Andy mal chegava ao quadril do pai dela e mesmo assim ela vivia praticamente grudada nele, acompanhando-o a todo lugar.

Então, naturalmente, ele ensinou tudo que ela sabe. A arte de consertar, emendar, criar — tudo que compõe a função de um faz-tudo. Mesmo com a habilidade especial de transformação que corre em suas veias, ela optou pelo que a maioria das pessoas acha que é uma paixão sem importância.

Ela põe as mãos nos quadris e suspira.

— Mas alguém precisa arrumar a bagunça que você e Kai deixam para trás, e eu tenho muita experiência com isso.

Assentindo a cada palavra, me lembro das muitas coisas que quebramos em nossas lutas improvisadas. Quando éramos apenas

irmãos, sem o fardo desses títulos novos e brilhantes que usamos agora.

Incapaz de suportar a intensidade do seu escrutínio, finjo que estou ocupado, folheando papéis e tentando ajeitar as coisas na mesa atulhada.

— Não há nada de errado com minha janela, Andy. Se você quisesse me ver, bastaria pedir.

Uma sombra de tristeza cobre seu rosto.

— E você me deixaria? Ver você?

Lá vamos nós.

Foi idiotice achar que eu poderia evitar essa conversa por muito mais tempo. Solto um suspiro.

— Andei ocupado.

— Certo. — Ela assente com o olhar distante. — Agora você é rei. É o *meu* rei. Não consigo imaginar como deve ter sido difícil se ajustar. — Uma pausa. — Especialmente pelo modo como tudo aconteceu.

Quer dizer, o modo como meu pai foi brutalmente assassinado? Como me ajoelhei junto ao corpo coberto de sangue, olhando a adaga dela cravada em seu pescoço? É isso que você quer dizer, prima?

Mordo a língua para me impedir de cuspir a enxurrada de pensamentos.

— É, tem sido… difícil.

— Jax sente sua falta. E ele está me enlouquecendo, então sinta-se livre para tirá-lo das minhas mãos. — Ela diz isso com aquele sorriso luminoso, apesar da tristeza que nubla o olhar. — Certo, tudo bem. Nós dois sentimos sua falta. E sei que ultimamente você está lidando com muita coisa, mas seria bom de verdade você sair desse gabinete…

— Andy. — Levanto a mão suja de tinta de escrever, silenciando-a com um único movimento. — Estou bem aqui. De verdade.

Minhas palavras saem tão firmes que até eu quase acredito.

Andy fica imóvel, sorri e vai rapidamente na direção da janela.

— Sabe — diz com aquela tensão familiar na voz —, acho que a sua janela está realmente quebrada.

Não levanto os olhos da pilha de papéis à minha frente.

— E por quê?

Posso ouvir o desafio em sua voz.

— Bom, parece que vive caindo comida dela.

O silêncio recai sobre nós, preenchido apenas pelo tamborilar dos meus dedos na mesa.

Os braços de Andy estão cruzados acima do cinto de ferramentas quando me viro para encará-la. Ela levanta uma sobrancelha, inquisitiva.

— Quer me explicar isso?

Penso por um momento.

— Não.

Ela faz um ruído de desdém.

— Qual é!

— Você está certa. A janela deve estar quebrada.

— Kitt.

— *Rei*.

Ela pisca, surpresa, ao ouvir minha correção e endireita a postura ao ver meu rosto subitamente severo.

— Agora é *rei*. As coisas mudaram. Eu mudei. — Balançando a cabeça, sussurro: — Ele se foi, e eu nem sei como respirar sem que ele me ordene. Se não ordena que eu coma. Que eu *viva*.

Minhas mãos estão tremendo. Papéis escorregam das pilhas bagunçadas enquanto lágrimas que não saem queimam nos meus olhos cansados.

O rosto de Andy desmorona com a compaixão franzindo suas sobrancelhas cor de vinho.

— Ah, Kitt…

Fico de pé rigidamente antes que ela tenha a chance de se ajoelhar ao meu lado. Pigarreando para limpar a garganta apertada, murmuro:

— Isso é tudo, Andy.

— Kitt, espera…

— Isso é tudo.

Ela se levanta, inspirando fundo.

— Me deixe ajudar a consertar sua janela. Por favor. Ela não precisa ficar quebrada.

Então eu olho para ela e deixo que ela olhe para mim.

Só depois que Andy examinou cada rachadura da minha fachada calma é que digo:

— Acho que não tem mais conserto.



CAPÍTULO 19



Paedyn

— Isso é mesmo necessário?

Levanto uma sobrancelha para as cordas ásperas que apertam meus pulsos, deixando-os em carne viva. Como resposta, o Executor abre um leve sorriso nas sombras antes de deixar os nós ainda mais apertados. Faço um ruído sarcástico, indicando com as mãos amarradas a vastidão árida ao redor.

— Só agora você decide me amarrar? No deserto, com todos os seus Imperiais fungando no meu pescoço?

Mas o príncipe já perdeu o interesse em mim e está se virando para tomar as rédeas de um dos muitos cavalos inquietos.

— Tudo isso para uma Comum? — Levanto a voz de modo que o cobertor de areia não a abafe. — Quem imaginaria que eu te deixo tão apavorado?

Abro a boca de novo, pronta para cuspir alguma outra coisa que definitivamente atrairá sua atenção, quando um empurrão nas costas me faz tropeçar e morder a língua que ia acabar me colocando em encrenca.

— *Cretina*.

É um sussurro no meu ouvido, um arrepio que desce pela minha espinha. O Imperial torce meu pulso antes mesmo que eu recupere o equilíbrio e me puxa contra o peito com um rosnado. Solto um

arquejo de dor e me encolho ao sentir seus lábios encostados na minha orelha.

— Sua Comum imunda. Eu deveria cortar sua garganta bem aqui…

— Sabe, eu nem me dei ao trabalho de perguntar seu nome, soldado. Para você ver como não dou valor à sua vida.

A voz do Executor faz o Imperial se enrijecer atrás de mim, empertigando-se ligeiramente quando o príncipe vem devagar na nossa direção. Olho o peito largo se erguendo diante de mim, vendo-o subir com rapidez apesar das palavras enganosamente calmas que saem dos seus lábios.

— Então imagine o que eu ficaria feliz em fazer se você ousasse encostar outro dedo nela — diz ele em tom casual.

É impossível não trombar no Executor com a força com que o Imperial me empurra. Ele murmura um débil pedido de desculpas, assentindo diante de ordens envoltas num véu de ameaça. Assim que recupero o equilíbrio, cambaleio para trás, me afastando do príncipe e da expressão calculista do seu rosto.

Não era atenção, preocupação ou qualquer coisa parecida com gentileza. Não. Era posse. A ameaça era territorial. Eu sou sua presa, seu prêmio, sua prisioneira. Dele e somente dele.

Odeio isso. Odeio *pertencer* a ele.

— Vem cá.

Eu o encaro, atordoada, diante da ríspida ordem e do fato de que algum dia fui algo além do que uma prisioneira a ser controlada. A ordem tem o efeito oposto, obrigando meus pés a me afastar ainda mais dele. Kai reage inclinando a cabeça, e seu olhar percebe o que deve ser um resquício de aversão estampado no meu rosto.

— Estamos de partida — diz ele devagar, dando um passo igualmente lento na minha direção. — Se preferir atravessar o deserto andando, fique à vontade. Caso contrário, vou precisar que monte num maldito cavalo.

Meus olhos se voltam para as criaturas resfolegantes espalhadas pela areia. Engulo em seco.

— Estou bem, obrigada.

Outro passo.

— É mesmo?

Eu me remexo desconfortavelmente.

— Prefiro andar.

— A *Paladina Prateada* tem medo de cavalos? — Ele sorri.

Uma risada leve encontra meus ouvidos, zombando de mim. Ignoro os risinhos ao redor e, em vez disso, pouso o olhar no babaca que se diverte em silêncio à minha frente.

— Bom, eu nunca fui privilegiada a ponto de montar num cavalo quando era criança, não é? Então acho que tenho o direito de achar que eles são… desconcertantes.

— Todo mundo tem algum medo, Gray — murmura ele, chegando mais perto para que somente eu ouça. — Se bem que eu estava começando a acreditar que você não tinha nenhum. Muito menos de cavalos.

— Não tenho medo — digo por entre os dentes que mostro a ele. — Só preciso me exercitar um pouco.

Mal consigo ver seus lábios se repuxando na escuridão antes que ele prenda meu pulso amarrado ao seu cavalo com uma corda comprida.

— Tente acompanhar o ritmo, Gray. Não quero ter que arrastar você pelo deserto.

Reviro os olhos para as costas dele, mas rapidamente os afasto dos músculos que esticam por baixo da camisa quando ele monta na sela. Ao ver isso, minha mente vaga até o que aconteceu no telhado e, de imediato, balanço a cabeça, enterrando o pensamento de novo.

Logo estou cambaleando ao lado dele, tentando colocar o máximo de distância possível entre mim e aquela fera enorme. Os Imperiais espalhados ao redor estão envoltos em sombras, cobertos pela escuridão que esperamos baixar antes de entrar no deserto. Passar a tarde com o príncipe e seu séquito foi tão sofrido quanto o manto de calor que nos esmagava. Isto é, até que o sol finalmente se cansou da tortura e afundou num leito de nuvens, deixando a lua nos guiar enquanto começávamos a jornada pelo deserto.

O tempo passa devagar, indicado apenas pela dor cada vez maior que pulsa no meu ferimento. Cada passo arde, queimando como o sol do qual conseguimos fugir durante algumas horas. Não demora muito até eu começar a mancar um pouco, apesar de todo o meu esforço para evitar.

Mas quando ele pigarreia ao meu lado, me obrigo a ajeitar a postura, mordendo a língua por causa da dor.

— Você está ficando mais lenta, Gray. — Sua voz sai baixa, rouca devido às horas sem uso.

— Gostaria que eu corresse, Vossa Alteza? — consigo dizer, mantendo o olhar na areia que se move sob meus pés.

— Gostaria de ver você tentar. Seria uma diversão, para dizer o mínimo.

Olho para ele rapidamente.

— Vivo para entreter, Vossa Alteza.

Uma tosse fica presa em sua garganta, o mais próximo de uma risada que ele se permite.

— Pare — ordena ele, fazendo o cavalo se imobilizar.

Cambaleio ao seu lado, quase tentada a me apoiar no animal. O grupo de Imperiais puxa as rédeas, parando ao redor.

Observo o príncipe descer graciosamente da sela e se aproximar de mim. Engolindo em seco, acompanho o músculo que lateja em seu maxilar, o caminho do seu olhar descendo pelo meu corpo. E então ele está agachado de novo à minha frente, olhando para cima com as mãos dos dois lados da minha coxa ferida.

Ignoro o formigamento de uma dúzia de olhos curiosos percorrendo a cena que criamos, incapaz de encontrar um único motivo para me preocupar. Os olhos dele estão voltados para os meus e, por um único segundo agridoce, é para Kai que estou olhando — e não para o monstro decidido a me caçar.

Ele franze a testa, a mente capturada pela tarefa. Com dedos ágeis, ele acompanha o corte irregular, emendando pele e carne. Suspiro, com o alívio me inundando a cada passada das pontas dos dedos dele. E então ele levanta a cabeça, o olhar percorrendo meu rosto de um modo que me faz sentir que estou nua diante dele.

— Melhor? — Sua voz mal passa de um murmúrio.

— Melhor — digo baixinho. Afasto os olhos e examino os Imperiais, me perguntando em silêncio qual é o Curador de quem ele absorve o poder. — Você não poderia ter feito isso doze horas atrás?

Os cantos dos seus lábios se repuxam.

— Doze horas atrás estávamos numa cidade movimentada onde eu sabia que você poderia desaparecer facilmente. Isto é, se conseguisse escapar de mim. — Ele quase dá de ombros. — Chame de precaução.

Imito seu gesto e também dou de ombros.

— Parece que você está tomando um monte de precauções com uma simples Comum.

— Acho que nós dois sabemos que nada em você é *simples*.

Ficamos nos encarando por um longo momento, cautelosos como sabemos que devemos ser. Tudo nele é afiado e frio, me perfurando através daquele olhar que parece de vidro. Mesmo agachado perto de mim, ele é, dos pés à cabeça, o príncipe e a criação do rei. Uma marionete da coroa disfarçada com um título chique.

Imagino com que frequência o Executor se ajoelha diante de alguma coisa. De *alguém*.

— Você tem medo de mim.

Ele recebe meu comentário com um olhar firme, mas prolongado, como um suspiro.

— Eu seria um tolo se não temesse algo tão feroz.

Engulo em seco.

— E você não é? Quero dizer, um tolo?

E então ele se levanta, sustentando meu olhar até que é ele quem está me espiando de cima.

— Não mais.

Abro a boca, procurando palavras que ele não se incomode em ouvir. Quando Kai se vira e assente para seus homens, a procissão se move outra vez, me arrastando junto. Observo-o montar no cavalo e vislumbro o brilho de esperança em seu quadril.

Meu coração falha uma batida, tropeçando em si mesmo ao ver uma adaga enfeitando a cintura dele — se bem que a falta do cabo com redemoinhos no aço me diz que não é a minha. Obrigo minha mente a ser racional, me obrigo a pensar como a ladra que precisei me tornar. Como destruí qualquer possibilidade de confiança, cada movimento que faço é irritantemente suspeito. É uma dificuldade não lamentar como era fácil ficar perto dele antes e com que desespero anseio por uma coisa que não seja completamente complicada.

Eu avanço, com o cavalo resfolegando ao meu lado, a mente girando e os pés hesitando.

Pela Peste, preciso de um plano.

A procissão continua sua marcha melancólica ao luar fraco — pouco mais do que sombras de prata pintando a areia. *Plano* é uma palavra generosa para a ideia que estou formulando, mas o desespero me faz jogar a cautela pelos ares. Respirando fundo, engulo o orgulho e forço meus pés a se arrastarem dramaticamente.

A corda que me prende ao animal se retesa, com meus calcanhares raspando na areia. A princípio, o Executor não se digna a reconhecer minha óbvia resistência, e o cavalo em que ele está montado também não. Mas depois de vários suspiros arrastados e passos teimosos…

— O que foi agora, Gray? — Ele parece absolutamente despreocupado com minha demonstração.

— Estou cansada.

— É mesmo?

Faço uma carranca para seus ombros sombreados.

— É.

— Hmm.

— *Hmm?* — repito, ofegando. — É só isso que você tem a dizer? *Hmm?*

— Tudo bem. — Consigo praticamente senti-lo sorrindo em cima do seu cavalo alto. — *Hmm*, é uma pena você ter medo de cavalos.

— Eu não tenho… — Começo a retrucar, suspirando e respirando fundo para esconder o sorriso. Era exatamente isso que eu queria. — Eu supero o medo. Estou cansada demais para me importar no momento.

Ele olha por cima do ombro.

— Vamos ver, então. Suba.

Engulo em seco, uma reação que eu gostaria que fosse dramatizada. Ele estende a mão para me ajudar, os cantos da boca subindo.

— De jeito nenhum. — Tento dar um passo para trás, fazendo força contra a corda. — Vou precisar de… assistência.

Agora ele está sorrindo de verdade.

— Quer dizer que você precisa de *ajuda*?

— Não é isso que estou dizendo.

Ele balança a cabeça.

— Ainda é teimosa demais para admitir que está pedindo ajuda, mais ainda para admitir que precisa.

Reviro os olhos, olhando para qualquer lugar, menos para os dele.

— Anda, Gray. Quero ouvir você dizer.

Balanço a cabeça também, inclinando-a para as estrelas que nos espiam lá de cima.

— Você é insuportável.

— Não é bem isso que estou esperando ouvir.

Um som de desgosto escorre por entre meus lábios, um gemido que parece arrependimento.

— Tudo bem. Eu preciso… da sua ajuda. — Cuspo as palavras, engolindo o gosto amargo que elas deixam.

E então ele sorri para mim, um sorriso que me impressiona de uma forma que não deveria, não mais. Em seguida, desliza facilmente da sela e para diante de mim. Meu coração bate forte no peito, os olhos disparando para a arma à cintura dele. Estendo as mãos amarradas com expectativa, abrindo um sorriso meigo.

Ele me encara, os olhos penetrantes examinando meu rosto.

— Um movimento errado, Gray — murmura ele —, e eu amarro você às costas desse cavalo. Entendeu?

— Entendi, príncipe.

Ele recebe meu deboche com a sugestão de um sorriso. E então me solta, usando a faca que eu desejo tão desesperadamente ter na mão. Não ouso acompanhar seus movimentos enquanto ele enfia a pequena lâmina de volta na cintura. Em vez disso, mantenho os olhos fixos nos dele. Meus pulsos estão vermelhos e arranhados, doloridos devido às horas de atrito. Levo um tempo massageando-os, passando os dedos sobre os vergões salientes, até ter certeza de que os pensamentos dele estão longe da faca na cintura.

É hora de uma distração.

Levantando os olhos para os dele, respiro fundo uma última vez, me preparando para executar o suposto plano que bolei.

— Certo — digo com um suspiro. — Me coloque aí em cima.

Seu sorriso é provocante demais para o meu gosto.

— Certo, então.

Ele se posiciona atrás de mim e põe as mãos com força nos meus quadris antes que eu possa respirar fundo de novo — um movimento confiante, forte e de uma familiaridade repugnante. Em seguida está me levantando, levantando, levantando…

— Pela Peste! — berro, me sacudindo como o planejado.

Cada parte do meu corpo está agitada, desesperada para escapar de suas mãos com o que espero que pareça medo. Minhas costas se comprimem contra seu peito enquanto os pés voam à minha frente e uma das mãos vai para trás, tentando agarrar alguma coisa — seu rosto, seus braços, seu quadril — enquanto tiro a faca da bainha com a outra.

— Mas que *merda* deu em você? — pergunta ele, me colocando de volta no chão e desviando de um cotovelo que eu lanço em sua direção.

Assim que minhas botas batem na areia, eu me viro e cambaleio contra ele, levando às costas a mão que segura sua faca. Incapaz de me arriscar a enfiar a arma no cós da minha calça, onde ele provavelmente iria senti-la, viro a lâmina com o cabo para baixo e rezo silenciosamente a sabe-se lá quem. Só então deixo a faca baixar na direção da bota.

Mordo a língua, primeiro para conter a pontada de dor onde o sangue começa a pinicar, na pele do tornozelo que a lâmina furou de leve, mas depois para conter um sorriso.

Consegui. Deu certo. Talvez eu devesse rezar mais.

— Eu… eu não estava preparada! — exclamo, ofegante, dando um passo para longe antes de alisar minha camisa amarrotada.

— Ah, desculpe — ironiza ele, exasperado. — Eu só presumi que a frase "me coloque aí em cima" implicava você estar pronta para *ser colocada ali em cima*.

Olho os homens ao redor, escondidos nas sombras. O manto de escuridão é o único motivo pelo qual pude realizar essa manobra malfeita sem que alguém visse.

— Só estou… nervosa, tá? Me dá um segundo.

— Leve o tempo que precisar — diz ele com os dentes trincados, nada sincero.

Afasto os olhos da agitação estampada tão descaradamente no rosto dele. Respirando fundo, faço o papel da prisioneira medrosa, até os dedos se agitando inquietos e os pés se remexendo.

— Certo — digo por fim.

— Certo o quê? — pergunta ele devagar. — Quero ouvir você dizer, para não ser emboscado de novo.

Dou-lhe um olhar apático.

— Certo, estou pronta.

— Tem certeza? Devo esperar um olho roxo ou…?

— Só me coloque no maldito cavalo, Azer.

Com um passo lento para trás de mim, ele sustenta meu olhar enquanto desliza as palmas das mãos ásperas nos meus quadris. Engulo em seco diante da pura intimidade de um momento que não pretende ser nada disso.

Ele está me colocando no cavalo que vai me levar para o meu fim, pelo amor da Peste.

No entanto, minhas bochechas estão ardendo no meio de um deserto sem sol. E odeio isso. Eu o odeio. *Certo?*

Ele me puxa para perto e me prende como se eu fosse uma respiração, sabendo que é apenas questão de tempo antes que precise me soltar.

E então me levanta, guiando meu pé para um estribo. Passo a outra perna por cima da fera, trêmula e vagarosa. Agarro a sela, cada músculo tenso e pronto para me jogar longe, se necessário. Mas justo quando penso em fazer exatamente isso, ele está atrás de mim, sólido e firme contra minha coluna.

— Acho que eu ficaria mais confortável atrás — digo baixinho.

— Ah, tenho certeza — murmura ele, tão perto do meu ouvido que eu contenho um tremor. — Mas quero você onde eu possa ver.

Então ele me envolve, os antebraços emoldurando minha cintura enquanto pega as rédeas. Reviro os olhos para as minhas coxas, onde ele pousa as mãos.

— Isso é mesmo necessário?

— O quê? Você sabe conduzir um cavalo?

Inclino-me ligeiramente contra seu peito.

— Eu aprendo rápido.

Ele bufa, agitando meu cabelo.

— É, você aprende rápido e voltaria direto para Dor.

— Você pensa tão pouco de mim, Vossa Alteza…

Uma risada.

— Não, eu penso demais em você. E é por isso que sei exatamente o que você faria.

Engulo em seco, afrouxando o corpo enquanto deixo o silêncio recair sobre nós. Os minutos passam vagarosos, me tentando a conversar, nem que seja apenas pelo tédio.

— O que ele vai fazer comigo?

O príncipe está tão grudado em mim que posso sentir seu corpo tenso quando a pergunta escapa da minha boca. Ele se remexe de repente, desconfortável, suspirando na minha nuca. Tentei não pensar em Kitt, em como posso ter ajudado a transformá-lo numa réplica do rei em quem cravei uma espada.

— Eu… — começa Kai, baixando a cabeça. — Não tenho certeza.

— Como ele está? — pergunto baixinho. — O meu *rei*?

— Como você o deixou. — Sua voz soa apática. — A casca de um homem ocupando o lugar de um rei.

Suspiro, olhando as estrelas no alto.

— Então já estou morta.

CAPÍTULO 20

Kai

A respiração dela é melódica.

Hipnotizante de um jeito que eu odeio admitir.

Ela está tão perto, tão recostada no meu peito que sinto suas costelas se expandindo a cada respiração.

Duvido que tenha dormido tão bem nos últimos tempos.

Outra respiração profunda. Outra batida das suas costelas na minha barriga.

… Ou que tenha comido direito, por sinal.

Pela aparência e pela sensação do seu corpo, percebo que provavelmente sobreviveu comendo pão velho durante toda a estadia em Dor, lutando diariamente no ringue.

Eu realmente deveria fazê-la comer mais.

Balanço a cabeça diante do pensamento, diante da percepção de que me importo com ela. Porque ela não é minha responsabilidade. É minha prisioneira. Minha missão. A assassina do meu pai.

Um som baixo, sonolento, escapa dos seus lábios, e eu congelo. Ela está segura entre as minhas mãos, sólida de encontro ao meu peito, a cabeça apoiada no coração acelerado do seu captor. Nunca vi tamanha paz aninhada tão gentilmente nos braços da morte.

Olho para o céu, um manto de escuridão lotado de constelações. Os homens que cavalgam ao meu lado não passam de sombras

percorrendo a areia em silêncio. Cabeças tombam à minha volta, lutando contra o sono pesado nas pálpebras.

— Parem — digo, a voz rouca. — Acamparemos aqui pelo resto da noite.

Sou recebido por resmungos de gratidão, seguidos pela agitação frenética dos corpos descendo das selas. Paro meu cavalo, hesitando antes de pousar as mãos pesadas nas coxas dela. Permito-me um momento. Um momento egoísta da minha existência miserável comprometido com ela. Com uma garota nos braços de um rapaz. Com uma fachada.

E então o momento termina, despedaçando-se enquanto eu a acordo, sacudindo-a.

Bom, pelo menos tento.

Ela resmunga, sem achar divertida minha tentativa de despertá-la. Tento de novo, dessa vez segurando sua cintura para sacudi-la por completo. Ela protesta, como sempre, dando uma cotovelada na minha barriga com força surpreendente para alguém ainda meio adormecido. Sibilo antes de prender os braços dela dos lados do corpo.

— Calma — digo, ofegante. — Você preferiria passar o resto da noite nesse cavalo?

Ela suspira, a voz suavizada pelo sono.

— Se isso significasse que eu poderia ir com ele para bem longe de você, sim, eu adoraria.

— Assim você me magoa — digo secamente, descendo do cavalo com facilidade. Ela me encara com expectativa, olhando para baixo, por cima do nariz. Em troca, abro um sorriso agradável. — Precisa de alguma coisa?

Ela torce o nariz, uma representação visível da frustração que abre caminho até seu rosto.

— Não. Estou perfeitamente bem. — Com isso, ela segura o arção da sela e tenta passar a perna por cima.

— É mesmo? — Agora estou sorrindo. — Não quer pedir nada?

— Eu *não* vou pedir sua ajuda — retruca ela, bufando e oscilando na sela. — Melhor ainda, o que me impede de dar meia-volta com esse cavalo e partir a toda velocidade?

— A habilidade. O conhecimento. O medo — respondo em tom inexpressivo. — Gostaria que eu continuasse?

— Gostaria de arrebentar seus dentes.

— Ah, mas aí eu não poderia sorrir daquele jeito que você gosta.

Com uma carranca, ela declara:

— Pode sorrir o quanto quiser. Não gosto de nada em você.

Minha reação sai em voz baixa, áspera, como se fosse arrancada das profundezas da minha mente:

— Eu me lembro de você gostando daquele sorriso que era só seu.

Ela enrijece com minhas palavras, mas não se dá ao trabalho de responder. Me ignorando, volta a atenção para a tarefa a realizar. Para alguém tão tipicamente coordenado, vê-la tentar descer de um cavalo é cômico. Ela praticamente se joga de cima do animal, ansiosa para finalmente estar em solo firme.

— Onde eu vou dormir? — pergunta, olhando os muitos sacos de dormir espalhados pela areia.

— Ao meu lado.

Seus olhos disparam rapidamente para os meus.

— De jeito nenhum.

— Por quê? — pergunto inocentemente. — Já fizemos isso antes.

— E nunca mais pretendo fazer de novo — desafia ela.

— E por quê, Gray? — Solto um suspiro. — Está preocupada com a possibilidade de gostar demais?

O som que ela faz é uma mistura de deboche e aversão.

— Você é quem deveria estar preocupado. Eu posso estrangulá-lo durante o sono.

Com isso, ela se deixa cair no saco de dormir mais próximo, olhando um Imperial usar a habilidade como Labareda para acender uma fogueira.

Deixo meu olhar vagar até ela, percorrer a pele bronzeada, os dedos mexendo o anel no polegar, o cabelo prateado espelhando a lua lá em cima. Tudo nela é familiar demais, enganador demais. Nenhum poder correndo pelas veias sob aquela pele bronzeada. Nenhuma habilidade guiada por aqueles dedos ágeis. Nenhum sinal de Notável nos fios daqueles cabelos prateados.

E, no entanto, ela não parece nada Comum. Durante toda a vida, me ensinaram que pessoas como ela seriam a ruína dos Notáveis, mas jamais senti uma força maior.

Vou me sentar ao lado dela, passando a mão pelo meu cabelo cheio de areia.

— Cuidado — ironiza ela —, se chegar mais perto, vou começar a enfraquecer seus poderes.

Lanço um olhar em sua direção.

— Não é assim que funciona, e você sabe disso.

Ela ri, uma gargalhada áspera e cheia de ódio.

— Por favor, me esclareça então. Eu adoraria ouvir como você acha que os Comuns serão a ruína de todos os Notáveis.

— Se você continuasse a viver em Ilya — respondo com um suspiro —, você seria. Por mais de um motivo. — Eu me viro para olhá-la, observando a descrença óbvia no vinco entre as sobrancelhas. — Não conhece a história? De onde nós viemos e por que é tão importante permanecermos Notáveis?

Vejo seus olhos se revirando rapidamente à luz da fogueira.

— Claro que conheço a história de Ilya. Posso não ter frequentado a escola, mas meu pai se certificou de que eu não fosse totalmente incompetente.

— Certo, então — digo em tom casual. — Me conte.

Ela dá um risinho debochado.

— O quê? Quer que eu ensine a *você* a história de Ilya?

— Quero garantir que você sabe do que está falando. Então — sinalizo para que ela vá em frente —, continue.

— Isso é ridículo — diz ela, bufando e ajeitando o saco de dormir.

— Está começando a parecer que você não sabe…

— Ilya era um reino fraco — interrompe ela, irritada por estar me entretendo. — Sempre foi, mesmo antes de ser varrido pela Peste. Os reis do passado viviam com medo de sermos conquistados, e quando a Peste matou quase metade da população, o reino ficou em quarentena, isolado e mais vulnerável do que nunca. — Ela recita a informação com os olhos voltados para o céu. — Assim, quando os Notáveis surgiram a partir da Peste, o reino se regozijou com o poder que, de

repente, tinha sobre todo mundo. — Ela me olha de volta. — Satisfeito?

— Nem um pouco. — Abro um sorriso. — Continue.

Ela solta um resmungo de irritação seguido por um suspiro pesado.

— Desde então, Ilya permaneceu em isolamento. E, depois de setenta anos, seu pai decidiu banir os Comuns para ter uma sociedade de Notáveis.

— Você está deixando de lado alguns pontos muito fundamentais, Gray.

— Certo. — Ela suspira. — A *doença* que os Curadores descobriram que nós, Comuns, possuímos. E que eventualmente enfraquecerá os poderes dos Notáveis.

— E? — instigo.

— *E* o fato de que a reprodução de Comuns com Notáveis acabará eventualmente causando a extinção da raça dos Notáveis. Nisso eu acredito — acrescenta ela com um olhar incisivo. E continua com um suspiro melancólico: — Só os Notáveis podem gerar Notáveis. Se bem que as habilidades específicas não são herdadas dos pais. Algumas pessoas acreditam que o nível de poder tem a ver com a própria força da pessoa.

— Então você entende por que Ilya precisa permanecer como está.

— É — diz ela baixinho. — Por causa da cobiça.

Examino-a por um longo momento, deixando as palavras se assentarem. Ouvir o que ela pensa sobre Ilya é ao mesmo tempo perturbador e intrigante. Tendo crescido como uma Comum nas favelas, ela enxerga o reino de um modo muito diferente de qualquer Notável da classe superior. E, infelizmente, estou intrigado.

— Já acabou de me interrogar? Posso dormir agora? — pergunta ela, apoiando-se nos cotovelos.

Ignoro a pergunta e arrisco outra:

— E o que você sugere, então?

— O que eu sugiro para quê?

— Para Ilya — digo simplesmente. — Que outra opção existe, além de continuarmos como estamos fazendo nos últimos trinta anos?

Ela levanta o tronco ligeiramente, parecendo surpresa com a pergunta.

— Sugiro continuar como era feito durante setenta anos antes do Expurgo. Quando Comuns e Notáveis viviam lado a lado…

— E o enfraquecimento dos nossos poderes? E a doença?

Ela suspira.

— Por acaso já lhe ocorreu que os Notáveis talvez não devessem existir? Que o que a Peste *concedeu* a Ilya não é natural? — Fico rígido ao ouvir suas palavras, mas ela continua: — Os seres humanos não devem brincar de ser Deus. E os Notáveis fizeram esse papel por tempo demais. Se o enfraquecimento dos poderes deles significar o fim do isolamento e da morte de Comuns, que seja.

Olho para longe, balançando a cabeça na direção das estrelas.

— Ilya ficaria fraca sem os Notáveis. Poderíamos ser conquistados facilmente e…

Sua risada me interrompe.

— Acha que não somos fracos agora? Estamos tão isolados que não há comida suficiente para alimentar os que vivem nas favelas, quanto mais acomodar todo mundo quando não houver mais terras para onde expandir. — Sua voz está séria, mas os olhos estão suplicantes. — Sem um único aliado ou reino que não nos odeie, não estamos mais fracos do que nunca? E só vamos continuar desmoronando, a não ser que alguma coisa, ou alguém, mude.

Alguém.

Ela está pensando em Kitt. Provavelmente sempre pensou em Kitt como esse alguém que poderia mudar Ilya para ela. Alguém com potencial para ser convencido a enxergar as coisas de um modo diferente.

Quase rio com a ideia.

O Kitt que deixei em Ilya é desprovido de qualquer potencial que não fizesse parte do plano do meu pai. Ele não fará nada além do que o rei queria e desejava. Mesmo morto, meu pai está controlando Kitt, governando Ilya diretamente da sepultura.

— É bom finalmente saber como você se sente de verdade — digo, soltando um ruído sarcástico.

— Bom, agora não faz sentido esconder. No momento, a traição é a menor das minhas preocupações. — Ela se espreguiça e observa as

estrelas antes de se acomodar de lado. — Você acredita que eu sou doente?

Fico espantado com a seriedade com que ela faz a pergunta.

— Eu acredito nos Curadores. E há trinta anos eles descobriram algo indetectável. Uma coisa que, com o tempo, irá deteriorar os poderes dos Notáveis. — Ela fica em silêncio e eu me aproveito disso: — Você acredita que é doente?

— Minha opinião é tendenciosa, mas não, não acredito. Meu pai era um Curador, e ele também não acreditava. Talvez não exista um jeito de ter certeza — diz ela baixinho. — Mas sei que, de qualquer modo, eu mereço viver.

Ela fica quieta, preferindo o sono a terminar essa conversa. Depois de um longo momento, sinto-a estremecer antes de ouvir a reclamação passar por seus lábios:

— Por favor, diga que eu não fui sequestrada só para morrer de frio no deserto.

— Você é um pé no saco. — Agito a mão para um Imperial enquanto me deito ao lado dela. — Me dê um cobertor extra.

Ela não se dá ao trabalho de se virar para zombar da minha cara.

— E eu achei que o cavalheirismo estava morto.

Quando o Imperial joga um cobertor para mim, não hesito antes de largá-lo sobre a cabeça dela.

— Ah, está sim, meu bem.

Resmungando, ela espia pela borda do tecido, o cabelo prateado deslizando no rosto. Sua expressão promete uma morte que eu sei que ela é capaz de entregar. E então ela se vira de costas outra vez, contente em ignorar minha existência até que o sono a reivindique.

Não, é provável que esteja tramando alguma coisa. Suspeito que raramente não esteja. Ela é uma prisioneira difícil, que precisa ser vigiada mesmo quando não existe um lugar aonde ir. Porque se alguém é capaz de arranjar um modo de…

— Merda, Gray! — Pulo para longe dela, xingando.

— O que há de errado com você?

— *Comigo?* — reajo com exasperação. — Seus pés estão *congelando*.

Ela olha por cima do ombro, nitidamente fracassando em esconder um sorrisinho.

— Bom, não consigo dormir de sapatos. Nunca consegui.

— Parece que também não consegue dormir de meias — digo, irritado.

— É uma maldição, de fato — diz ela, dando de ombros.

— Bom, mantenha essa maldição do seu lado do cobertor.

— Mas você está tão quentinho. — Ela parece frustrada. Antes que eu possa responder, ela indica a fogueira. — Eu e meus pés frios poderíamos dormir ali. Sozinhos.

— De jeito nenhum vou deixar você dormir sozinha — murmuro.

Em seguida estou balançando a cabeça, passando o braço em volta das suas pernas e puxando-as para mim.

Ela me olha, chocada. E então sorri, um sorriso luminoso e enorme como o céu noturno lá em cima.

Temo que ela possa competir com as estrelas.



Uma flecha se crava na areia ao lado da minha cabeça.

Eu a ouço antes mesmo de abrir os olhos.

Rolo e fico abaixado enquanto examino a escuridão, procurando a fonte dessa emboscada. Flechas chovem sobre o acampamento, enterrando-se na carne dos meus homens grogues de sono. Seus gritos preenchem meus ouvidos enquanto sinto seus poderes se apagarem sob minha pele.

Piscando para afastar o sono e o breu que bloqueia minha visão, mal consigo ver as figuras que se aproximam pela areia. Viro de lado, me preparando para me levantar e usar um dos poucos poderes que restam à minha disposição para…

Alguma coisa fria e afiada encontra a pele do meu pescoço.

A sensação é familiar demais.

A voz dela também.

— Mais um movimento e eu não vou hesitar outra vez.

CAPÍTULO 21

Paedyn

A lâmina brilha ao luar, escondendo o pálido fio de sangue que ela extraiu.

— Nem quero saber como você conseguiu pegar isso. — Kai ofega, o músculo do maxilar latejando de frustração. Mantenho a faca encostada em seu pescoço enquanto ouço o último Imperial cair na areia com um baque surdo. — Estamos sendo emboscados, Gray. O que você acha que está fazendo? — murmura ele, os olhos examinando meu rosto enquanto avalio a areia e as figuras que se aproximam.

Eu o observo, sentada numa postura casual.

— O que eu acho é que estou sendo resgatada.

A confusão amarrota o rosto dele enquanto um sorriso se espalha pelo meu.

— Como…? — Ele faz uma pausa, com a incredulidade pintando as feições. — Como você…?

— Oi, princesa!

Meu coração dá um pulo quando ouço aquela voz. Nunca me senti tão feliz escutando esse apelido ridículo.

O cabelo do rapaz se funde com o círculo de luz da fogueira em que ele acaba de entrar. É uma confusão encaracolada caindo na testa, o rosto abaixo salpicado de terra e sardas. O sorriso que ele me dá faz as lágrimas brotarem nos meus olhos. Nunca pensei que veria outro amigo, vivo e bem.

— O quê, vai ficar sentada aí o dia inteiro ou vai vir aqui me dar um abraço? — pergunta Lenny, levantando as sobrancelhas, desconfiado.

Olho o Executor me encarando quando uma voz afiada responde à pergunta que eu não verbalizei.

— Estou com ele na mira, Paedyn, não se preocupe.

Sorrindo, ergo o olhar e encontro Leena fazendo o mesmo. Ela está com uma besta apontada para o príncipe e um sorriso travesso brincando nos lábios. Seu cabelo comprido e preto está amarrado na nuca e jogado por cima do ombro. Ela é pequena e aterrorizante, e meus olhos lacrimejam só de vê-la.

Não hesito antes de me levantar. Com o olhar fixo em Lenny, vou tropeçando na direção dele, os pés descalços escorregando na areia. E então paro, cambaleando, olhando o rosto que eu tinha pensado que jamais veria de novo.

— Certo. — Ele abre os braços, dando ligeiramente de ombros. — Vem cá.

Assentindo, deixo a faca escorregar da mão antes de me envolver em seu abraço. Minha testa encontra o peito dele com uma pancada cômica. Sinto seu riso vibrar por mim enquanto ele leva os braços às minhas costas para dar um tapinha desajeitado.

— Senti sua falta também, princesa — diz ele, encostado no meu cabelo, antes de recuar para me olhar. — Não sabia se veria você de novo. Pelo menos… — Ele desvia os olhos, subitamente sério. — Pelo menos não antes que o restante de Ilya visse você.

— É, eu também — sussurro, piscando para conter as lágrimas teimosas. Em seguida estou abraçando Leena enquanto ela segura uma besta carregada, o que, de algum modo, parece adequado.

— É bom ver você — sussurra ela. Assentindo, abro um sorriso quando outra figura sai das sombras.

— Nenhum cumprimento caloroso para mim? Vou me esforçar para não ficar ofendido.

— Oi, Finn. — Sorrio, envolvendo-o em um abraço. — Sabia que você estava aqui antes mesmo de te ver. — Eu me viro para olhar todos eles. — Sabia que eu estava em segurança.

— É mesmo? — Finn levanta uma sobrancelha para mim, o cabelo castanho brilhando avermelhado à luz fraca da fogueira.

— As flechas. — Indico-as, espalhadas pelo acampamento e em seus antigos ocupantes. — São as flechas da Resistência. Que você faz com as pontas vermelhas. — Finn dá um sorrisinho ao ver que conheço seu trabalho. — E eu sabia que era você que estava disparando, porque você sempre grava um "F" na parte de baixo da haste.

Ele dá de ombros.

— Talvez eu faça as melhores para mim mesmo. E talvez eu queira garantir que mais ninguém fique com elas.

— Típico — resmunga Leena, ainda com o Executor na mira.

— O que vocês estão fazendo aqui? — pergunto, me virando para Lenny.

Ele passa a mão na nuca.

— Por que não continuamos essa conversa viajando? Já passamos tempo suficiente no deserto. — Ele olha para o príncipe que não parece nem um pouco satisfeito. — Finn, você está com a corda na mochila?

Depois de pegar a corda, Finn dá um sorriso presunçoso por cima do ombro para Leena, que não parece nada contente.

— Viu? Eu disse que a gente ia precisar amarrar alguém nessa viagem.

— É, eu só esperava que fosse você — resmunga ela.

Apesar de Kai não fazer qualquer menção de resistir, Lenny hesita antes de amarrar as mãos dele às costas. É óbvio que jamais sonhou que prenderia o príncipe, já que fez um juramento para protegê-lo.

— Não acredito que vou dizer isso — começa Lenny, suspirando —, mas se você tentar fugir, nós atiramos.

Kai está em silêncio, examinando os corpos espalhados. Sua expressão está subitamente vazia, parecendo sem emoção, olhando os homens. Já o vi colocar dezenas de máscaras, por isso reconheço o momento em que ele fixa outra.

Calço as botas de novo antes de ajudar a enfiar alguns sacos de dormir nas mochilas enquanto os três desamarram rapidamente um cavalo para cada.

— Qual é o problema, princesa? — pergunta Lenny, depois de ver que estou me remexendo, inquieta. — Esses cavalos não estão à sua altura?

— Nenhum cavalo está à minha altura — murmuro, e então acrescento muito mais alto: — Posso ir com você?

Consigo ver o momento exato em que ele percebe que a Paladina Prateada tem medo de cavalos, e não vou deixá-lo dizer absolutamente nada sobre isso.

— Vou acabar com você, Lenny. Você sabe que vou.

Ele levanta as mãos, rendendo-se e dando de ombros.

— Eu não ia dizer nada.

— Até parece — murmuro, observando-o soltar o restante dos cavalos que não podemos levar. Depois de encontrar minha faca na areia e colocá-la de volta na bota, Lenny se esforça para abafar o riso enquanto faz pouco para me ajudar a montar na fera.

O príncipe caminha à nossa frente enquanto deixamos a carnificina para trás e começamos a voltar na direção de Dor.

— O que está acontecendo em Ilya? — pergunto para as costas de Lenny enquanto o abraço com força. — E o que aconteceu na Arena depois da última Prova? Ah, e o resto da Resistência…?

— Calma, princesa. Teremos tempo suficiente no deserto para responder às suas perguntas antes de chegar a Dor. — Seu olhar salta entre Leena e Finn, que cavalgam à nossa direita. — Hm, algum de vocês quer contar a ela?

— Eu, particularmente, não — responde Finn sem alterar a voz.

Lenny estende a mão e dá um tapinha nas costas dele, com um sorriso meigo.

— Todos nós sabemos que você é o melhor contador de histórias. Vá em frente.

— Sou, não sou? — Finn sorri antes de balançar a cabeça. — E é por isso que você precisa treinar…

— Será que alguém pode, por favor, me contar o que eu preciso saber? — explodo, encarando os dois.

— Sai da frente — diz Leena, antes de guiar seu cavalo em volta do de Finn para seguir ao meu lado. — Argh, você não faz ideia do que a gente teve que enfrentar. — Ela passa os dedos pequenos por toda a extensão dos cabelos, ajeitando-se. — Paedyn, a Resistência… A Resistência já era. Acabou.

Passo o dedo sobre o anel no polegar, balançando a cabeça para ela.

— Do que… do que você está falando? Como assim, *acabou*?

Leena olha para os rapazes antes de continuar, suspirando.

— A luta na Arena foi brutal. Não estávamos preparados para aquela quantidade de Imperiais. Cada número que tínhamos calculado, cada detalhe que descobrimos com nossos espiões internos estava errado. Nada deu certo naquele dia.

— É, Calum foi interrompido antes que pudesse negar que nós, Comuns, somos doentes e estamos enfraquecendo o reino — acrescenta Finn.

Reajo assentindo, me lembrando de como a multidão ficou ultrajada ao descobrir quantos Comuns viviam no meio de todos.

— Ele está vivo? Calum? E a Mira?

— Ouvimos dizer que ele está com o rei. — Lenny balança a cabeça, coçando a nuca. — Provavelmente eles estão sendo interrogados agora mesmo.

Estremeço ao pensar no que Kitt pode estar fazendo com o líder da Resistência e sua filha.

— E as outras pessoas na Arena? — pergunto baixinho, com medo da resposta. — Todas…?

Leena balança a cabeça, olhando para a areia.

— Qualquer membro da Resistência que não tenha sido morto ou preso na batalha da Arena está fugindo. Como nós.

Um silêncio pesado recai sobre nós ao pensarmos em tantas mortes. Tantas pessoas que *eu* levei para a Arena. Tantas vidas inocentes perdidas lutando pelo que acreditavam ser certo. Pelo que *é* certo.

— E foi assim que acabamos aqui — diz Finn. — E encontramos você.

Sorrio, balançando a cabeça para os três.

— Como sabiam que era eu?

— Bom — responde Lenny —, o fato de o grupo estar em volta de uma fogueira ajudou. Deu para ver vocês enquanto não podiam nos ver, mesmo se estivessem acordados. E quanto a saber que era você… — Ele ri, virando-se para puxar minha trança desfeita. — A maior parte disso estava cobrindo seu rosto e refletindo a luz.

— Você era como um pequeno farol na noite — acrescenta Finn alegremente.

Dou um riso leve, vendo Leena revirar os olhos antes de acrescentar:

— Não foi difícil cuidar dos Imperiais, considerando que estavam dormindo. Para não dizer que você cuidou do Executor para nós.

— É, bom, nenhum deles teria sequer acordado se Leena — Finn lança um olhar na direção dela — não tivesse acertado um sujeito no braço e feito com que ele gritasse.

Mesmo sob o luar fraco, consigo ver facilmente o fogo ardendo nos olhos cor de âmbar de Leena.

— Isso foi porque você esbarrou em mim — retruca ela, com os dentes trincados.

— Tudo bem, Leeny — cantarola Finn, o que lhe rende um soco nas costelas.

Ouço os dois se alfinetarem até Lenny se inclinar para trás, na minha direção.

— Como você está, Pae? Quero dizer, depois de tudo. — Ele vira o rosto para trás, parecendo me captar inteira com um único olhar. — Eu nem sabia se você estava viva. Nós acabamos voltando para a casa da Resistência, a sua casa, e ela estava…

— Reduzida a cinzas? — concluo por ele. — É, eu estava lá quando isso aconteceu. — Olho com raiva para o Executor, que caminha vários metros à nossa frente, esperando que ele sinta meu olhar queimando suas costas.

Lenny balança a cabeça.

— Você é igual a uma barata, sabia?

— Pela Peste — reclamo. — Você sabe mesmo o que uma garota quer ouvir, não é?

— Não, quero dizer, estou convencido de que você consegue sobreviver a qualquer coisa.

— É, bom, e eu estou convencida de que isso está virando uma maldição — digo baixinho.

— Qual é, não fale desse jeito — sussurra Lenny. — Não viva para morrer. Morra porque viveu. — Uma pausa. — Ou algo assim. Escuta, você fez por merecer cada respiração. Então aproveite.

Dou um suspiro.

— Bom, não há muito para aproveitar no deserto.

— A minha companhia.

— Foi o que eu disse. — Abro um sorriso. — Não há muito para aproveitar.

— Cuidado, princesa. Sou eu que estou controlando essa fera de quem você sente tanto medo.

Reviro os olhos para as costas dele enquanto o aperto com mais força. Ficamos em silêncio por um trecho de areia até que Lenny diz:

— Pelo menos pude ver seu rosto diariamente. Você está espalhada por todo o reino de Ilya.

— Em Dor também — acrescento. — E em Tando. E provavelmente em Izram.

— A recompensa pela sua cabeça é… — Ele solta um assobio baixo.

— É — concordo com um suspiro. — Acho que é isso que acontece quando a gente assassina um rei.

Sinto-o se preparando para fazer a pergunta antes de finalmente abrir a boca:

— Paedyn, como foi que isso…?

— Eu estava fugindo do castelo — digo baixinho. — Tinha feito uma promessa e não podia ir embora sem levar uma coisa. — Mexo na bainha meio desfeita do meu colete, sentindo o fantasma dos dedos hábeis de Adena. — E ele estava parado do lado de fora da Arena, sangrando e segurando uma espada. E então… Então ele simplesmente me atacou, como se estivesse esperando aquele momento. — Balanço a cabeça. — Ele disse coisas sobre o meu pai e a Resistência, mas agora a maior parte virou um borrão.

Mentira.

Revivo o momento sempre que fecho os olhos.

Lenny se vira, acompanhando com o olhar preocupado a cicatriz irregular no meu pescoço.

— Ele fez isso com você?

Engulo em seco.

— Você não viu o que eu fiz com ele.

A cicatriz acima da minha clavícula arde com a lembrança, mas aperto mais o colete em volta do corpo. Ninguém verá como ele me arruinou.

— Lamento que você estivesse sozinha — diz Lenny, gentil.

— Sou igual a uma barata, lembra? Sempre encontro um jeito de sair viva.

Ele ri baixinho enquanto eu observo o céu, vendo as primeiras nuvens cor-de-rosa cobrindo o horizonte. Respirando fundo, pergunto:

— Como vai nosso novo rei?

Lenny balança a cabeça antes de passar a mão no rosto.

— Há… há boatos.

— Boatos?

— O reino inteiro está falando que… — intervém Finn, cavalgando ao nosso lado. — Ele enlouqueceu. Simples assim.

— Esse é o *boato*. — Lenny lança um olhar para ele. — Só sabemos que ele não saiu do gabinete desde a morte do rei, e os serviçais comentam. Dizem que conseguem ouvi-lo murmurando através das paredes e sempre encontram a comida dele jogada pela janela. — Ele dá de ombros. — Talvez ele só esteja de luto e tudo isso acabe logo. Ou talvez…

— Talvez esse seja o futuro de Ilya — diz Leena baixinho.

De repente, fica difícil engolir. Sei em primeira mão como Kitt era afetado pelo pai quando o rei era vivo. E agora que o matei…

— Como está Ilya? As pessoas? — consigo perguntar depois de um pigarro.

Lenny dá de ombros.

— Bom, não estão ótimas. Os Notáveis também estão de luto pelo governante que, sozinho, tornou Ilya o reino mais forte de todos ao banir os Comuns.

— Tem bastante gente, digamos, odiando você. — O tom de Finn é brincalhão, mas o assunto não é nada divertido.

Olho para longe, balançando a cabeça.

— Não fico surpresa. Eles não odeiam só o que eu fiz. Também odeiam o que eu sou.

— As pessoas estão inquietas — diz Leena. — Nosso novo rei ainda não deu as caras, e isso faz com que muita gente se sinta negligenciada, de certo modo.

— A rainha também não está bem — acrescenta Finn. — Eles acham que é só uma questão de tempo.

Meu olhar vaga até o príncipe andando à nossa frente. Seus olhos estão voltados para o alto, vendo a escuridão sugerir a promessa de um céu rosado. Solto um suspiro entrecortado. A mãe dele está morrendo e ele foi mandado numa missão para me levar de volta. Uma missão que agora vai demorar mais do que todo mundo esperava.

Será que ele se despediu dela antes de partir? Será que fez uma promessa que agora não pode cumprir? Será que…?

Afasto os pensamentos, enterrando a preocupação sob as camadas de ódio por ele.

O bem-estar do príncipe não é problema meu.

E, com isso, volto a atenção para o rapaz à minha frente e para a fera embaixo de nós.

— Lenny, você precisa me ensinar a montar em um bicho desses.

CAPÍTULO 22

Paedyn

— Para onde você está levando a gente?

Me abaixo antes que um tronco meio caído acerte meu crânio. Andando com dificuldade na escuridão, me esforço ao máximo para acompanhar as pernas compridas de Lenny, vários passos à minha frente. Meu corpo dói depois de um dia inteiro cavalgando, e caminhar a esmo pelas ruas mais afastadas de Dor não está exatamente ajudando.

— Você vai ver. Falta pouco — grita Lenny por cima do ombro para o grupo que resmunga atrás dele.

Leena me lança um olhar cético enquanto Finn caminha atrás de Kai segurando uma besta. Já faz quase uma hora que estamos percorrendo a periferia da cidade, mas ainda não fomos informados exatamente do motivo.

— Cuidado com a cabeça aí — avisa Lenny antes de passar por uma porta parcialmente fechada com tábuas.

Eu me viro, olhando a construção abandonada onde acabamos de entrar. O que resta das paredes está envolto em sombras salpicadas pelo luar que atravessa um telhado de ripas.

Lenny não se incomoda em desacelerar os passos largos que o levam até o canto escuro. Semicerro os olhos na direção dele, respirando fundo. Piscando, mal consigo ver as figuras que saem das sombras enquanto ele se aproxima.

Abro a boca para gritar um alerta e chamar seu nome…

— Lenny!

Mas é o grito de outra mulher que ouço, apesar de o meu estar na ponta da língua. Uma chama se acende, pintando a parede e iluminando a cena. Dezenas de sacos de dormir forram as tábuas irregulares do piso, a maioria ocupada por homens, mulheres e crianças grogues de sono. Uma mulher alta está de pé no meio deles, seu cabelo ruivo e curto reluz como uma brasa à luz bruxuleante. Lenny sorri, puxando-a num abraço esmagador.

— O que, pela Peste, está acontecendo aqui? — murmura Finn ao meu lado. Balanço a cabeça, incapaz de fazer qualquer coisa além de olhar.

— Pessoal — diz Lenny depois de finalmente ser solto —, esta aqui é a minha mãe.

Piscamos, perplexos, olhando para ele e para os estranhos que começam a acordar. Leena é a primeira a se mover, estendendo a mão para a mulher.

— Oi. Meu nome é Leena.

— Maria — diz a mulher com voz calorosa, apertando a mão de Leena.

— Mãe, estes são Paedyn, Finn e…

— E o Executor — conclui ela, com os lábios apertados.

— É, o Executor. — Lenny coça a nuca. — Ainda não sabemos direito o que fazer com ele.

— Bom — ela vira os olhos castanhos na minha direção —, você é a Paladina Prateada, não é?

— Infelizmente. — Dou um leve sorriso.

Ela não parece ter medo de mim nem do que eu fiz. Em vez disso, devolve o sorriso.

— Então o usem para ganhar a liberdade. O rei precisa do seu braço direito mais do que de uma fugitiva.

Lenny assente devagar.

— Poderia dar certo. Precisamos pensar em um plano exato, mas…

— Desculpe interromper — intervém Finn —, mas onde nós estamos? E quem são essas pessoas?

Há dezenas delas agora, se remexendo sonolentas nas camas ou se levantando para se juntar aos recém-chegados.

— Isso aqui — diz Maria com um sorriso — é uma espécie de refúgio.

— Len Len!

Um borrão surge guinchando e pula em cima de Lenny, que o pega no colo. A garotinha ri incontrolavelmente enquanto ele a gira, beijando-a na bochecha.

— Aí está você, dragãozinho!

— Sentiu minha falta?

— Depende de quanta saudade você sentiu de mim. — Lenny sorri, beliscando o nariz da menina.

Ela ri e seus olhos brilham.

— Mais do que um pouquinho.

— Ótimo — diz Lenny. — Eu também senti mais do que um pouquinho de saudade de você.

Vejo-a dar um tapinha no cabelo dele e pergunto hesitante:

— É sua irmã?

Lenny dá de ombros.

— De certa forma. Mamãe a encontrou nas ruas de Ilya e sabia que ela não poderia ficar lá, por isso a trouxe para viver aqui. Nós ficamos bem próximos.

— E onde é *aqui*, exatamente? — pergunta Leena, olhando a construção meio decadente ao redor.

Maria sorri.

— É um lugar para… — Seu olhar pousa no príncipe amarrado, que está olhando a menina atentamente. — Bom, sem dúvida ele já deduziu.

Kai dá um passo em direção à menina antes que Finn o cutuque com a ponta da besta.

— Calminha aí, príncipe.

O Executor o ignora e examina os estranhos que nos cercam.

— Eles são… parciais. Porcentagens. — Ele balança a cabeça, lutando para entender o que está sentindo.

Maria assente, sorrindo de leve.

— Isso mesmo. Eles são o resultado de Notáveis e Comuns. Alguns têm mais poder do que outros, mas todos estão aqui porque não pertencem a lugar nenhum. — Ela fala diretamente para Kai, observando-o enquanto ele absorve cada palavra. — Não podem se arriscar a viver nas favelas de Ilya porque seus poderes são fracos demais para eles serem considerados Notáveis, mas também não podem viver livremente nas cidades ao redor porque as pessoas odeiam o poder que não podem controlar. — Maria dá um passo para o lado, permitindo uma visão total das muitas figuras que estão nos encarando. — Por isso eles dormem aqui e se misturam do melhor modo que podem.

— Mostre o que consegue fazer, dragãozinho — sussurra Lenny no ouvido da menina.

Ela sorri, mostrando as palmas das mãos e balançando os dedos, que subitamente se acendem com chamas. Então sorri para Lenny, que assente, encorajando.

— Anda, mostre a eles por que você é o meu dragãozinho, Luna.

Ela assente, o cabelo escuro riscado pela luz do fogo. Em seguida, leva os dedos à boca e respira fundo antes de soprar as chamas. Elas saltam dos dedos, estendendo-se pelo cômodo como se ela estivesse respirando fogo.

— Luna vem de uma longa linhagem de Mistos, por falta de uma palavra melhor, por isso o único lugar em que a habilidade de Labareda se manifesta nela é nos dedos — explica Maria, baixinho. — Eu a encontrei nas favelas, era praticamente um bebê. Soube imediatamente que ela não possuía todo o poder de um Labareda, considerando que as crianças Notáveis mal conseguem conter as habilidades durante vários anos. Ela deveria estar coberta de chamas.

Ela abre um sorriso triste, olhando a menina que dá risadas no colo de Lenny.

— Eu sabia que não iria demorar muito até que todos percebessem que ela não era totalmente Notável. E Ilya não tem espaço para quem é enfraquecido por Comuns. — Seu olhar salta para o Executor. — Por isso eu a escondi por um tempo. A maioria dos Mistos ainda tem força suficiente para se misturar com os Notáveis, mas Luna está longe de ser a primeira Mista em sua linhagem. Com o tempo — ela agita a

mão, indicando o grupo atrás —, encontrei outros na Alameda e os acolhi. Até que não pude mais escondê-los e acabei vindo para Dor, onde é mais seguro para eles. Aqui eles recebem ódio se forem descobertos. Lá — seu olhar afiado encontra o príncipe — eles recebem a morte.

— Não restam muitos em Ilya — acrescenta Lenny. — A maioria fugiu para Dor ou Tando há várias gerações e se misturou com as outras pessoas. Mas quando eu encontrava algum nas favelas enquanto estava por lá, eu mandava para mamãe.

Um homem pigarreia, saindo de trás do grupo.

— Lenny me encontrou há alguns anos. — Suas mãos estão unidas em concha, segurando a pequena chama que estivera iluminando o cômodo escuro. — Também sou um Labareda parcial. Preciso juntar as mãos assim só para fazer uma chama.

Uma mulher pigarreia, surgindo à luz fraca.

— Eu sou uma Véu parcial. Por isso… — De repente, seus braços desaparecem diante dos nossos olhos. — O resto de mim continua visível.

Vários outros se adiantam, contando como chegaram e o pouco que podem fazer. Leena está à beira das lágrimas enquanto agradece profusamente a Maria pelo que ela fez, abraçando-a e abraçando todo mundo que permite.

Mas é o Executor que atrai minha atenção. Ele os examina como se fossem um quebra-cabeça, decifrando a porcentagem de poder que cada um possui. Me pergunto vagamente quantos desses Notáveis parciais passaram por ele nas ruas sem que ele percebesse.

— Vocês podem ficar aqui o tempo que quiserem — diz Maria, suavemente, voltando a atenção para mim. — Imagino que seja difícil manter você longe de problemas, com esse seu cabelo.

— A senhora não faz ideia — digo, sorrindo de leve.

— Fiquem à vontade — diz Lenny, e então se vira para a mãe, informando onde deixamos os cavalos, enquanto Luna brinca com o cabelo dele.

Desenrolo um saco de dormir rapidamente e mastigo um pedaço de pão que Maria começou a distribuir. Viro a cabeça e vejo Finn balançando a besta na direção do príncipe.

— O que vamos fazer com ele? — pergunta.

— Coloque-o perto de mim — digo com voz meiga, mas meu sorriso não é nada meigo. — Vamos nos revezar vigiando-o.

Quando Kai se senta ao meu lado, está com a máscara da qual menos gosto: a de indiferença. Por isso, me inclino e sussurro baixinho em seu ouvido:

— Sorte sua: meus pés estão *congelando*.

CAPÍTULO 23

Kai

Minhas mãos estão dormentes.

E estão assim há quase dois dias.

Ajeito o corpo, encostado na parede, e tento girar os pulsos doloridos. Estou amarrado desde a emboscada no deserto e, francamente, não estou acostumado a sentir que meus dedos vão cair da mão. Solto o ar com força, frustrado com a situação em que me encontro.

— Algum problema, príncipe?

Ela está agachada na extremidade do meu saco de dormir, com a besta na mão e um sorrisinho nos lábios. É alarmante como ela gosta disso.

— Não sei, talvez o fato de que eu ainda esteja amarrado, não é? — respondo secamente.

Ela me dá um olhar falsamente empático.

— É melhor ir se acostumando.

Ah, já tive tempo suficiente para me acostumar com isso.

Andei por todo o caminho de volta do Deserto Escaldante com as mãos atadas às costas. Pelo menos tive algum entretenimento. Ficar escutando me manteve ocupado na longa viagem, já que ninguém parecia lembrar que a habilidade de Lenny de Intensificador estava à minha disposição.

E foi assim que fiquei sabendo como ela o matou. Percebi que eu nunca tinha perguntado como havia sido para ela. Talvez não quisesse saber se ela tivera um bom motivo.

Meus olhos se demoram na cicatriz que desce pelo seu pescoço e se esconde nas dobras do colete. Ela acompanha o movimento, se remexendo desconfortável sob meu escrutínio. Em seguida, levanta a gola do colete e sustenta o meu olhar.

— O que foi?

Dou de ombros, balançando a cabeça para o chão.

— Nada. É só que eu sei como isso foi doloroso.

Fui cortado vezes suficientes pelo rei para saber exatamente quanta pressão ele usava com uma faca.

Ela revira os olhos.

— Empatia não cai bem em você, Azer.

— Tudo cai bem em mim, Gray. — Lanço um sorrisinho a ela. — Não minta.

Eu a vejo ficar boquiaberta e estou bastante ansioso para ouvir sua reação, mas Lenny se aproxima bem na hora.

— Está pronta para amanhã, Pae?

Ela respira fundo, parecendo controlada enquanto continua me encarando.

— Ah, mal posso esperar.

— Ótimo. — Lenny assente. — Vamos partir no fim da tarde e cavalgar durante a noite. E quando chegarmos perto de Ilya, eu vou na frente e informo ao rei que estamos com o Executor dele. — Com um suspiro, ele acrescenta: — Vou dizer para ele nos encontrar no campo perto do Santuário das Almas com, o quê, no máximo três Imperiais? Isso deve evitar a emboscada que certamente aconteceria se a gente tentasse entrar na sala do trono. Vamos manter as bestas o tempo todo apontadas para o nosso *trunfo* — ele gesticula com a cabeça na direção de Kai — para garantir que não vai acontecer nenhuma gracinha. E vamos trocar nosso príncipe aqui pela sua liberdade. — Ele bate palmas, animado. — Depois disso, voltamos a Dor e vivemos felizes para sempre.

Eu me esforço para não balançar a cabeça na direção deles. É um plano péssimo. Eles vão perder todo o controle sobre mim assim que

eu chegar perto o suficiente de um Notável. Um Notável de verdade. Não os resquícios de poder que venho tentando captar deste grupo nos últimos dois dias. O pouquinho de habilidade que eles possuem é imprevisível, escorregadio sob minha pele, e ainda não sei como usá-lo.

Nunca senti nada assim. Mas agora que senti, não duvido que isso estivesse escondido bem embaixo do meu nariz o tempo todo. Imagino quantos Notáveis já encontrei que só continham uma porcentagem de poder, tendo saído de uma linhagem mista. É fascinante de um jeito frustrante.

— Alguém quer pão?

Maria está fazendo a ronda com seu cesto de pão velho e queijo aquecido. Seu poder pulsa nas minhas veias; o dela e o de Lenny são mais fortes do que o dos outros. Ela é uma Lagartixa, o que seria mais do que útil se minhas mãos não estivessem amarradas às costas.

— Sim, senhora — grita Finn, pulando por cima de alguns corpos adormecidos para pegar um. Ele dá uma mordida e se vira para Paedyn. — Ei, essa noite eu fico com o primeiro turno. — Mesmo de longe, consigo ver as migalhas voando de sua boca. — Durma um pouco.

Ela sorri para ele, parecendo aliviada.

— Obrigada, Finn. Me acorde daqui a umas duas horas, está bem?

Finn ainda está mastigando o pão quando faz uma saudação para ela, pega a besta e se senta encostado na parede a poucos metros de mim. Ignorando o canto que ele ocupa, examino o chão com velas esparsas que lançam sombras trêmulas nas paredes arruinadas e no teto. Ajeito o corpo no grande saco de dormir, forçado a me deitar de lado com as mãos amarradas às costas.

Paedyn hesita antes de se deitar ao meu lado. Ela sempre faz isso. Só é tímida quando estou perto o bastante para tocá-la.

Eu me remexo no saco de dormir, me agitando o suficiente para provocar um suspiro nela.

— Qual é o seu problema?

— Meu nariz está coçando — respondo, a voz abafada pelos cobertores.

Ela fica em silêncio daquele jeito que me faz pensar que está lutando para não rir.

— Tudo bem — diz ela, bufando. — Vire-se.

Com os braços doloridos, eu me viro até ficarmos cara a cara. Não tive chance de observá-la recentemente. Ela está perto de mim, o corpo quente apesar dos pés gelados que se aproximam cada vez mais dos meus. Seus olhos azuis ondulam à luz das velas, parecendo o ponto mais profundo de uma lagoa. Consigo vislumbrar as sardas leves que salpicam o nariz, mas finjo esquecer qual é a quantidade exata.

Ela tira uma das mãos de baixo do cobertor e a estende para o meu rosto.

— Hm. — Está tímida de novo. — Onde?

— No osso do nariz — digo, jamais afastando meu olhar do dela.

A ponta do seu dedo encontra o meu nariz e não consigo evitar a lembrança de quando ela deu um peteleco nele. Talvez ela esteja pensando a mesma coisa, porque afasta a mão depois de uma passada rápida do dedo.

Pigarreio.

— Eu não pensei que você fosse do tipo que gosta de apostar.

— Sou uma ladra — diz ela, sem dar importância. — Cada bolso em que enfio a mão é uma aposta.

— Tudo bem. Eu não pensei que você fosse do tipo tola.

Ela me dá um olhar inexpressivo.

— Que negócio é esse, príncipe?

— Seu trato com o rei — digo, sustentando seu olhar. — Me trocar pela sua liberdade. Não vai dar certo.

O olhar dela percorre o cômodo, assombrado pela memória.

— Kitt ama você mais do que me odeia. Vai dar certo.

Abro um sorriso triste.

— Você ficaria surpresa.

Ficamos em silêncio e eu noto suas pálpebras estremecendo de sono. Ela é insuportável, de verdade. Mas não de um modo que torne mais fácil afastar os olhos. Não, tudo nela é um tipo ousado de beleza, como uma rosa mostrando orgulhosa seus espinhos. Ela é atraente como as coisas mais fatais costumam ser. É cativante.

Não. Não, é aterrorizante. *Deveria* ser aterrorizante o fato de eu ainda estar pensando nela como algo que tento merecer. Ainda estar considerando-a digna do meu desejo.

Mas ela não é. Não importa o que já aconteceu entre nós. Ela é minha prisioneira e minha missão.

Ela não é nada para mim.

É isso que digo a mim mesmo enquanto a observo adormecer.

Eu a sigo — até o sono, o esquecimento ou qualquer lugar para onde esteja indo.

Só acordo quando algo é jogado na minha cabeça e o ar fica denso e sufocante.

Luto contra os braços fortes que me estrangulam antes que meu corpo se afrouxe.

E então estou sonhando de novo. E pode ser justamente com ela.



Minhas mãos ainda estão amarradas às costas.

Só que agora também estão amarradas às dela.

Sua cabeça está apoiada na minha nuca, as mãos se remexendo ao lado das minhas. Ela se move levemente, o único sinal de que está acordando. E então sua cabeça bate com força na minha, fazendo estrelas surgirem na minha visão.

— Ai. — Solto um grunhido, me inclinando para a frente o máximo que as cordas permitem.

— Ah, é você. — Ela soa grogue. — Eu não sabia a quem estava amarrada. Deveria ter batido com mais força.

— Que engraçado — digo, trincando os dentes. — Chegue mais perto de mim, você está puxando minhas mãos.

Consigo praticamente sentir os olhos dela se revirando.

— Sim, Vossa Alteza. Há mais alguma coisa que eu possa fazer para deixar o senhor mais confortável?

— É um prazer tão grande estar preso com você.

Sinto a cabeça dela se virando para olhar a cela em que fomos jogados. Não há nada além de pedras rachadas e um piso sujo. As barras são feitas de metal simples, e não do Abafador ao qual estou acostumado. No entanto, sem um Notável por perto, estou tão desprovido de poder quanto os Comuns.

— Onde, pela Peste, a gente está? — Ela finalmente verbaliza a pergunta que estive esperando ouvir.

— Algum tipo de prisão. Definitivamente no subsolo.

O piso de pedra imundo é congelante, e a única luz à vista fica na metade do corredor do lado de fora da cela.

— Como… como a gente veio parar aqui? — pergunta ela, com o pânico envolvendo cada palavra. — Não me lembro de nada de ontem à noite.

— Devem ter nos drogado. — Inclino a cabeça para trás, encostando-a na dela. — Seu amigo montou guarda muito bem, hein?

Ela sacode as mãos, puxando as minhas.

— Não, não, não. Isso não pode estar acontecendo…

— Calma, Gray. Desse jeito você vai arrancar meu braço.

— Por que eles…? — Ela prende a respiração. — Por que colocaram a gente numa cela tão pequena?

— Bom — digo com calma —, não é como se a gente pudesse se mexer…

— Obrigada por lembrar, Azer. — Ela praticamente grita. — Não aguento isso. Você está sentindo cheiro de sangue? Eu estou. Não aguento. Eu… eu preciso sair daqui.

Sinto as mãos dela suando em volta das minhas e suas costas se expandindo a cada respiração entrecortada. O cheiro de sangue é fraco, mas estou tão acostumado com ele que mal teria notado. Por que isso a incomoda tanto?

Quando sua respiração embarga com o que parece o início de um soluço, sei que alguma coisa está muito errada.

— Paedyn — digo baixinho. O gosto do seu nome é inebriante na minha língua. — Paedyn, está me escutando?

— Quando é que — ela ofega — eu escuto você?

Sorrio sozinho.

— Seus joelhos estão encostados no peito?

— O quê? — Ela bufa. — Estão. Meus joelhos estão encostados no peito.

— Certo — digo devagar. — Quero que você me escute pela primeira vez na vida. Ponha as pernas no chão e estique o máximo que puder.

— Por que eu faria…?

— Porque está me escutando, lembra?

Sua respiração está trêmula, as mãos suadas enquanto ela desliza as pernas pela pedra.

— Agora — continuo devagar — quero que veja quanto espaço você tem. Essa cela é muito maior do que parece. Minhas pernas também estão no chão.

Mentira. Meus joelhos estão encostados no peito e eu estou encarando uma parede de pedra.

— Viu quanto espaço você tem? Essa cela tem tamanho suficiente, e não vai ficar menor.

Engulo em seco antes de cruzar os dedos dela com os meus, sentindo-a perder o ar com o contato repentino. Mas então sua respiração fica mais lenta às minhas costas, a mão apertando as minhas como uma âncora para os pensamentos acelerados.

— Está melhor? — pergunto, aflito.

Sinto-a confirmar com a cabeça.

— Estou.

O silêncio se estende entre nós. Ela pousa a cabeça no meu ombro. Cada pedacinho do meu ser está concentrado na sensação dos seus dedos entre os meus. É absurdo.

O som distante de botas batendo no chão a faz tirar as mãos das minhas.

Que bom. Ótimo. Fico feliz que tenha acabado.

O homem que aparece do lado de fora das barras parece vagamente familiar, com o cabelo grisalho preso num rabo de cavalo e as sobrancelhas fartas pendendo sobre os olhos pretos. Mas, quando sinto Paedyn enrijecer atrás de mim, percebo por que o reconheço.

— Rafael. — Ela suspira. — Então é a sua ganância que está por trás disso?

Ele abre os braços como se cumprimentasse uma velha amiga.

— Ah, qual é, jovem. Pode me culpar? Ninguém seria capaz de abrir mão da recompensa pela sua cabeça. — Os olhos dele disparam para mim. — E o que eu poderia receber por vocês dois é irresistível. Até eu teria estômago para pôr os pés em Ilya em troca do ouro que vou receber por vocês.

— Como nos encontrou? — pergunta Paedyn, meio engasgada.

O ar está ficando cada vez mais denso com um fedor que vem subitamente na nossa direção.

Rafael continua, sem se abalar:

— Coloquei meus homens em toda a periferia da cidade, de olho para o caso de você escapar do seu príncipe. — O sorriso dele é empolgado. — Mas, em vez disso, você o trouxe junto.

A expressão de Paedyn faz o sujeito franzir a testa.

— Ah, não leve para o lado pessoal, Sombra. Você me fez ganhar um monte de xelins no ringue, mas vai me render muito mais por levar vocês de volta a Ilya.

Rafael se afasta um momento para pegar um prato numa mesa ali perto.

— Pensei em trazer isso para vocês pessoalmente. — Ele destranca a porta da cela com uma chave enferrujada antes de se curvar para pôr o prato de metal com pedaços de pão velho ao nosso lado. — Para agradecer por encontrarem o caminho de volta para mim.

— Obrigada, mas duvido que eu consiga engolir alguma coisa com esse fedor. — Paedyn praticamente tosse.

— Ah, é o esgoto no subsolo. — Ele indica uma grade mais adiante, no corredor. — Eles enchem o esgoto e o esvaziam a cada poucas semanas. Para sorte de vocês, parece que vão fazer isso a qualquer momento. — Ele sorri enquanto a porta se fecha. — Espero que aproveitem a curta estadia na melhor hospedagem de Dor. — Em seguida, gesticula em direção ao prato de pão velho. — Divirtam-se arranjando um jeito de comer isso.

O som dos seus passos fica mais fraco enquanto segue pelo corredor. Tossindo, tento limpar a garganta do ar denso que ameaça me sufocar. Paedyn apoia a cabeça no meu ombro, forçando minha atenção de volta para ela, e diz:

— Precisamos sair daqui.

Assinto antes de tombar a cabeça na dela.

— Não existe a menor chance de eu retornar a Ilya como prisioneiro.

Isso bastaria para despedaçar a reputação que venho construindo com esmero desde pequeno. Cada ordem obedecida, cada missão

realizada, cada morte pela minha mão… Tudo teria sido absolutamente inútil. Voltar precisando que paguem um resgate pela minha cabeça me faria parecer mais do que fraco, mais patético do que morrer durante uma missão. Essa opção não existe.

— Certo, então. — A voz dela é neutra, decidida. — Alguma ideia, príncipe?



CAPÍTULO 24



Kitt

Há alguém batendo à minha porta.

Sempre há alguém batendo à minha porta. Sempre há um serviçal, um Imperial ou outra pessoa batendo na madeira e implorando por minha atenção.

Vida de rei, acho.

Passo a mão pelo rosto cansado, depois pela camisa amarrotada, antes de me lembrar dos dedos sujos de tinta.

Não pareço um rei.

Pareço um garoto tentando ocupar o lugar de um homem, sentado numa cadeira que me engole inteiro. Vivendo num reino cheio de pessoas que tenho medo demais de confrontar.

E, no entanto, mesmo com tudo isso, eu finjo. Finjo que sei viver como um rei.

— Entre.

A ordem é recebida pelo rangido das dobradiças e por passos macios no tapete gasto. Meu olhar se afasta dos papéis que cobrem cada centímetro da mesa. O homem fecha a porta devagar. Cada movimento é calmo e deliberado.

Não é um serviçal. Não é um Imperial. Não é alguém que implora por minha atenção. Na verdade, não consigo imaginá-lo fazendo nada do tipo.

— Merda, já é meio-dia? — Balanço a cabeça, tentando limpar a carnificina de tinta na mesa.

— Bom, é difícil saber as horas com essas cortinas sempre fechadas — diz ele, tranquilo, gesticulando para a janela.

— Você sabe por que eu as mantenho fechadas. — Suspiro, sinalizando para que se sente. — Não preciso de mais serviçais olhando boquiabertos do pátio para a minha janela. Já existem boatos suficientes.

— E com bons motivos — diz ele com gentileza, de um modo que dificulta saber se está me censurando ou não.

Ele leva jeito com as palavras. É confiante o bastante para falar suavemente porque sabe que todo mundo irá se inclinar para ouvir. Cada palavra é deliberada, delicada do modo mais exigente.

— Você ainda não se dirigiu ao seu povo, Kitt. — Seus olhos azul-claros parecem atravessar os meus, procurando muito além do meu olhar. — Se não der alguma coisa para falarem, eles irão inventar uma versão da história.

— É, obrigado pelo sábio conselho — murmuro, já tendo ouvido isso em cada um dos nossos encontros.

Seu olhar se suaviza enquanto ele se recosta na cadeira, me examinando do outro lado da mesa.

— Só estou aqui para ajudar, Kitt. Para oferecer minha orientação.

— Certo. Claro — digo, assentindo. — E a Peste sabe que eu preciso disso.

Ele sorri, e é um sorriso reconfortante.

— A Peste sabe que também não é fácil para você.

— É, bom. — Outro suspiro. — Você me aconselhou durante grande parte dessa situação, e eu agradeço.

— E continuarei a fazê-lo. — Ele se remexe na cadeira, inclinando-se sobre a mesa. — E é por isso que espero que você siga meu último conselho.

Fico rígido. Seu último conselho foi, na melhor das hipóteses, absurdo. Tão absurdo que sou estúpido o bastante para considerar. Mas, antes que eu possa verbalizar isso ou alguma outra coisa igualmente inconsequente, ele tira uma caixinha do bolso e a coloca na madeira gasta entre nós.

Pisco, atordoado, sabendo o que está dentro da caixinha de veludo. Meu coração parece falhar sob as costelas e minha boca também falha ao tentar formar o nome dele, num protesto.

— C-Calum…

— É o melhor modo — interrompe ele, passando os dedos pelo cabelo louro. — Sei que não é exatamente a ideia mais agradável…

— "Não é exatamente"? — ironizo, rindo do absurdo disso tudo. — Você ao menos entende o que está pedindo que eu faça?

Seu suspiro é pesado, como se ele também carregasse o peso do reino nos ombros. E, de certa forma, carrega.

— Você é o rei. Sua vida não é mais apenas sua. Esse é um sacrifício que deve ser feito pelo bem do reino. — Ele faz uma pausa e deixa as palavras pairando no ar entre nós. — É assim que você ajuda as pessoas que ainda não confrontou.

Desvio o olhar, balançando a cabeça para a tinta que mancha cada superfície.

— Farei isso. É só que… — A emoção prende as palavras na minha garganta, sufocando-as até eu finalmente conseguir cuspir as sílabas: — É só que estou de luto. Não sou o príncipe que eles conheciam.

— Não, não é — diz Calum baixinho. — Porque agora você é o rei. — Com a mão hesitante, ele empurra a caixa por cima da mesa até que eu não possa mais ignorá-la. — O que significa sacrificar quem você era em favor de quem você precisa ser. — Seu olhar se fixa no meu, lendo mais do que apenas a emoção no meu rosto. — E com quem você precisa estar.

Olho para a caixa. E só levanto a cabeça quando ele murmura:

— O que o seu pai sempre dizia ao povo? Algo sobre o que faz de um homem um grande rei?

Consigo dar um sorriso triste e respondo:

— Ah, sim. Os três *B*s.

Calum assente, cantarolando com a lembrança.

— Era isso. Eu me lembro de como ele costumava recitá-los quando informava ao reino sobre uma nova lei ou alguma decisão que havia tomado.

— Era um dos seus muitos lemas — relembro. — Ele me fazia escrevê-lo dezenas de vezes nas nossas aulas. Eu não ficaria surpreso se

murmurasse isso enquanto dormia. — Calum ri quando recito a frase em voz inexpressiva: — "Para ser um grande rei, você precisa ser bravo, benevolente e brutal. Só então poderá governar um grande reino."

Assentindo, Calum se recosta na cadeira.

— Ele não estava errado. É um bom lema para se avaliar. — Em seguida estende a mão para a caixa, batendo no veludo com um dedo longo. — E fazer *isso* exigiria as três qualidades que ele esperava encontrar em você. Bravura. — Uma batida na caixa. — Benevolência. — Outra. — E até mesmo brutalidade, dependendo de como você enxergar.

Ele está certo. Pela Peste, ele está sempre certo.

Engulo em seco e pego a caixa, acomodando-a na palma da mão.

— Os três *B*s, não é?

Ele sorri.

— Os três *B*s.



CAPÍTULO 25



Paedyn

— Sua péssima habilidade com os pés vai ser o nosso fim, sabe.

Um som frustrado sai da minha garganta.

— Bom, você não é exatamente a pessoa mais encorajadora para se estar amarrada.

— Em outras circunstâncias — ele ofega —, garanto que sou muito mais divertido quando estou amarrado.

Minhas bochechas ficam vermelhas enquanto reviro os olhos, sabendo muito bem que ele não consegue vê-los.

— Não. Está. Ajudando. — Sinto as costas dele se sacudirem com uma risada. Eu o ignoro e firmo os pés, me preparando. — Certo, vamos tentar de novo. — Ofego antes de fazer força contra suas costas e tentar pôr os pés embaixo do corpo.

— Isso aí, Gray — murmura ele. — Vamos, só mais um pouquinho.

Minhas pernas estão tremendo ao me esforçar para levantar com ele. Essa está longe de ser a nossa primeira tentativa, o que me deixa cansada e frustrada ao mesmo tempo. Ficar de pé nunca foi um desafio tão grande. Faço força contra as costas dele, trazendo o pé aos poucos para baixo de mim e conseguindo me levantar, sem nenhuma elegância, no chão frio da prisão.

— Já não era sem tempo — diz o babaca, suspirando. — Agora, a parte divertida.

Olho a pedra serrilhada que se projeta da parede, a quase um metro e meio do chão. Ele dá um passo na direção dela, me puxando.

— Ai — sibilo. — Da próxima vez, seria bom avisar.

— Tudo bem — diz ele, rígido. — Vou andar até a pedra agora.

E com isso ele praticamente me arrasta enquanto eu tropeço de costas em direção à parede. Bufo quando meus pés finalmente se firmam no chão de novo, desejando que ele pudesse ver meu olhar de fúria. Em seguida, ele levanta as nossas mãos, guiando a corda até a pedra afiada.

Meus braços estão puxados para trás, flexionados num ângulo desconfortável. E a coisa só piora quando ele começa a esfregar a corda na pedra. Para a frente e para trás. Para a frente e para trás. Inclino a cabeça para o chão, vendo meu cabelo cair num halo bagunçado em volta do rosto.

— Tudo bem aí atrás, Gray?

— Ah, estou ótima — digo com a voz abafada pelo cabelo. — Meu pescoço nunca esteve melhor.

Escuto o som da corda esfregando na pedra, sentindo Kai fazer a maior parte do trabalho.

— Que tal um jogo? Para te distrair?

Minha cabeça se levanta bruscamente ao ouvir a oferta. É espantoso ele se preocupar. Ele não tinha prometido que nunca mais faria isso?

O Executor ordena que eu dê um passo mais para perto da parede.

Mas ele não está se preocupando, está? Não, está me usando para escapar e salvar a própria reputação. Sou um meio para alcançar um fim.

— Certo. — Ele suspira, ainda esfregando a corda. — Estou vendo uma coisa cinza. Adivinhe o que é.

Reajo bufando.

— Tudo é cinza nesse lugar esquecido pela Peste.

— Bom, então é melhor ser específica.

Suspiro pelo nariz.

— Está bem. A parede.

— Tente de novo.

— As barras?

Ele puxa a corda, testando a força dela.

— Errado outra vez.

— O teto?

— Você não é muito boa nisso…

Um som de passos ecoa, interrompendo suas palavras. Dessa vez eu o puxo em silêncio de volta para o nosso lugar no chão, onde praticamente caio, impelindo-o para baixo. O guarda vira a esquina do corredor vazio e fantasmagórico, parando apenas para pegar uma chave no bolso. Ele não levanta o olhar enquanto entra e põe uma tigela de metal com água ao lado do pão velho intocado.

Tenho dificuldade para conter o desdém. Esperam que a gente beba feito cachorros. Mais uma prova do ódio que sentem por nós, ilyanos.

Quando ele sai, a porta se fecha com um estalo forte e eu fico olhando sua sombra deslizar por todo o corredor. Ficamos em silêncio por um longo momento antes de eu sentir a mão de Kai dar um tapinha na parte de baixo das minhas costas, numa ordem silenciosa. Respiro fundo, me preparando para me levantar com dificuldade.

Em seguida, estamos de volta à pedra e à esfregação tediosa. Abaixo a cabeça de novo, descansando o pescoço dolorido enquanto murmuro:

— A bandeja.

— Ela está mais para prateada.

Franzo a testa.

— E o meu cabelo, então?

— Não sei, *Paladina Prateada* — responde ele devagar. — Diga você.

— Acho que ele poderia ser chamado de cinza — argumento.

Ele gargalha. É o riso profundo e sombrio que eu passei a reconhecer.

— Seu cabelo poderia ser chamado de raios de lua antes de ser chamado de cinza.

— Cuidado — digo lentamente. — Isso quase pareceu um elogio.

Eu o ouço conter outra risada.

— Talvez eu lhe faça um elogio de verdade se você conseguir adivinhar.

Olho irritada para o chão.

— Já falei tudo que há de cinza aqui.

— Obviamente não.

Ele para de esfregar a corda por tempo suficiente para puxá-la. Sinto-a se afrouxar ligeiramente em volta dos pulsos e suspiro, aliviada. Não falta muito até eu ficar livre.

— O que eu poderia ter deixado passar? — pergunto, bufando e levantando a cabeça para examinar a cela outra vez.

— Aquela pedra ali — diz ele casualmente, como se não parecesse absurdo.

Tento morder a língua pelo maior tempo possível. De verdade. Mas, antes que possa me conter, eu explodo:

— Desculpe, você está falando da pedra do outro lado da cela que eu *não consigo ver*?

Ele fica em silêncio por um momento.

— A própria.

— Isso é completamente injusto.

— Eu pedi para você ser específica — diz ele, devagar.

Um som frustrado sobe pela minha garganta, do qual ele tem a audácia de rir. Consigo manter a boca fechada, o que é chocante, e afrouxo o corpo em silêncio com os braços sendo puxados para um lado e para o outro. Quando minhas pálpebras começam a pesar, ele para e testa a força da corda.

— Agora consigo arrebentar. — Sua voz está rouca, o corpo implorando para dormir. — Podemos descansar até a volta do guarda.

Assentindo, puxo-o lentamente de volta para o centro da cela e deslizo para o chão.

— E então vamos sair daqui.

— E então vamos sair daqui — repete ele baixinho.

Minha cabeça encontra a parte de trás do seu ombro, afrouxando-se encostada nele apesar dos meus esforços em evitar. Meu corpo dói, cada pedacinho do meu ser traidor implora para eu me enroscar nele, ser abraçada por ele.

Em meu momento de maior fraqueza, eu o desejo. E, em meu momento de maior força, gostaria de poder dizer que não.

Kai apoia a cabeça na minha, gentil e tranquilizador. Odeio que ele pareça a personificação do conforto.

— Será que podemos fingir que está tudo bem não odiarmos um ao outro nesses momentos? — pergunto baixinho, nem que seja para aliviar a consciência.

Parece que ele poderia ter rido, se não estivesse tão exausto.

— Sim. Fingir.

Fico quieta até não conseguir mais.

— Você se arrepende?

Sua voz sai baixa, calma.

— De quê?

— De nós? — Uma pausa. — Você se arrepende do que aconteceu entre nós? Até mesmo das coisas mais recentes? — sussurro, me lembrando do momento de fraqueza no telhado.

Ele fica quieto por tanto tempo que eu cochilo e só acordo quando ele murmura:

— Durma, Pequena Psíquica. Deixe para se arrepender de manhã.



Acordo com o som de metal rangendo.

Meus olhos se abrem com um tremor quando sinto Kai dando um tapinha na parte de baixo das minhas costas, me alertando. Com os olhos turvos, vejo o guarda entrar na cela, segurando um pão velho. Pisco para despertar, me preparando para o plano que está prestes a se desdobrar.

Tudo acontece tão depressa que quase me esqueço do que devo fazer. Assim que o guarda se curva para colocar o pão entre nós, Kai mexe o corpo e enfia um pé embaixo da bandeja. O metal chutado pelo príncipe acerta o rosto do sujeito com força suficiente para eu ouvir o nariz do guarda se partir.

— Puxe, Gray — ordena Kai, fazendo força para tensionar a corda esgarçada que ainda nos une.

Jogo o peso do corpo para a frente e quase bato com o rosto na parede de pedra quando a corda se parte, soltando meus pulsos.

Engatinho rapidamente na direção do guarda, que está gemendo de dor e segurando o nariz quebrado. Antes que seus olhos possam se

arregalar ao me ver, bato com a cabeça dele contra a parede. Ele já está apagado quando enfio a mão em seu bolso, pego a chave enferrujada, e cambaleio até a porta da cela.

Kai está logo atrás de mim, me olhando enquanto estendo a mão pelas barras para destrancar a porta pelo lado de fora. Passamos pela abertura, esfregando os pulsos em carne viva. Meu olhar varre a parede cheia de celas vazias e fico aliviada ao não encontrar nenhum rosto familiar dentro delas.

Lenny e os outros não estão aqui. Parece que só o príncipe e a Paladina Prateada eram dignos do interesse de Rafael. E fico momentaneamente aliviada ao perceber isso.

Mas é a grade do esgoto no final do corredor que atrai minha atenção.

— Até agora tudo bem — murmura Kai, correndo na direção do esgoto sem fazer barulho.

Eu o alcanço em um instante, com a cabeça girando enquanto procuro algum sinal de guardas chegando. Meu coração acelera, a cabeça lateja, e me concentro em manter as pernas em movimento para a liberdade.

— Segure do outro lado — ordena o Executor quando paro derrapando junto da grade. Meus dedos escorregam no metal sujo, mas eu o puxo com o máximo de força que meus braços tensos permitem. — Anda, Gray. — Ele solta um grunhido. — Você consegue fazer melhor do que isso.

A grade é incrivelmente pesada, e o som crescente de botas correndo não me ajuda a concentrar. Respiro fundo antes de puxá-la para cima, esperando que Kai faça o resto. Fico tentada a agradecer à Peste quando ele consegue deslizar a tampa até a metade do buraco escuro que desce para o esgoto.

Somos recebidos pelo som de água corrente e pelo fedor de fluidos corporais. Engasgo, apesar do esforço, mas consigo manter os poucos pedaços de pão rançoso no estômago. Gritos distantes fazem minha cabeça se levantar rapidamente, meus olhos se esforçando à luz fraca para ver quantos guardas correm na nossa direção. Conto sete antes que meus olhos encontrem os de Kai do outro lado da bocarra do esgoto.

E, com um único movimento de cabeça, pulo para a escuridão.

Caio no chão espirrando líquido e agradeço ao descobrir que a maior parte do que se agita em volta das minhas panturrilhas é água. Kai pousa rapidamente ao meu lado, apesar de estar com alguma coisa tilintando em volta dos ombros. Ele não me dá a chance de perguntar antes de pegar minha mão e disparar pelo túnel.

— Eles estão vindo! — grita ele, acima do som da água. — Precisamos correr!

Assentindo num movimento que ele não consegue ver, tento ignorar que nosso plano só ia até aqui. Era só nisso que tínhamos pensado. Cortar a corda. Nocautear o guarda. Pegar a chave. Escapar pelo esgoto.

Só que não temos a menor ideia do que nos espera no fim desse túnel.

Minhas pernas parecem pesadas, como se tentassem correr numa piscina de mel.

— A água está subindo! — grito, o pânico faz minha voz tremer.

Ela já está em volta dos meus joelhos, rápida e forte.

— Continue correndo! — A ordem dele ecoa nas paredes do túnel, forçando minhas pernas a acelerarem na correnteza.

Está tão escuro aqui embaixo que não consigo ver Kai atravessando a água à minha frente, mas sua mão está firme na minha, me guiando pelo túnel. Estendo a outra mão e arrasto os dedos pela parede suja ao lado, sentindo cada passagem por onde poderíamos ter entrado.

Agora a água densa está batendo na minha cintura. Só consigo ver sombras e silhuetas, sentir a água gelada e o terror paralisante. Escorrego a cada passo, tentando acompanhar Kai, que continua me puxando.

O líquido sobe rapidamente enquanto corremos, ameaçando nos afogar a cada centímetro.

Morrer afogada nunca foi meu ideal, sobretudo num esgoto. Sei que estou em movimento, mas praticamente não consigo sentir as pernas. Arrepios percorrem meu corpo e meus dentes chacoalham, se juntando à sinfonia da água corrente, da água que continua subindo.

— Só mais um pouco!

Ouço o grito de encorajamento dele, mas não me incomodo em acreditar. Estamos correndo às cegas pelo esgoto, perseguidos pela água e por guardas gananciosos. Nossas chances não são nada favoráveis.

Minhas mãos estão dormentes, os dedos congelados pela água que agora envolve os cotovelos.

Talvez seja um destino melhor do que o que me espera em Ilya.

Talvez seja aqui que a morte finalmente me pega, finalmente consegue rir ao me ver flutuando numa sepultura aquática.

Ou talvez ela me abrace como uma velha amiga.

Bato em alguma coisa sólida e espirro água gelada sobre qualquer parte minha que ainda esteja seca. As costas de Kai bloqueiam meu caminho, mas estou perto o suficiente para ouvir a sequência de palavrões que ele solta.

— Merda. — Ele ofega, largando minha mão.

— O quê? O que foi? — Tateio em volta dele, estendendo a mão até…

Minhas palmas encontram uma parede suja.

Passo os dedos freneticamente em todas as direções, tentando sentir alguma abertura na escuridão.

Nada.

A água está batendo nas minhas costelas e eu me esforço para respirar, com a água gelada e o medo apertando meu peito.

— Não. Não. Tem que haver uma saída.

Ouço Kai passando as mãos em cada parede, espirrando água enquanto examina o túnel sob nossos pés. Ignoro o eco dos gritos que se aproximam e continuo a tatear cada centímetro de pedra que nos prende aqui embaixo. As pontas dos meus dedos mal conseguem roçar no teto, me obrigando a pular para procurar algum tipo de saída.

Estou ofegando, entrando em pânico, batendo nas paredes. Meus punhos encontram a pedra à frente, de novo e de novo.

— Tem que haver um jeito!

Não sei bem com quem estou gritando. Com a parede. Com o príncipe. Com a sombra da morte que consigo ver pairando acima de mim.

Arranho a parede com as unhas quebradas, batendo na rocha com os punhos em carne viva. Não consigo ver nada e duvido que algum dia veja alguma coisa de novo. A água chega aos meus seios, me golpeando enquanto me esforço para respirar. Devo estar gritando a cada batida de mão na parede. Devo estar com medo da morte.

— Já chega.

A voz dele está calma, tão calma que sinto vontade de lhe dar um tapa no rosto que não consigo ver. Ignoro-o, como sempre, e continuo a socar a parede. Uma lágrima escorre pela minha bochecha, misturando-se com a água que espirra no meu rosto.

— Eu disse que já chega. — Ele me agarra pela cintura, me afastando da parede. Luto contra ele, me sentindo um animal feroz se agitando na água. — Paedyn! — Meu nome ecoa nas paredes, me imobilizando por um momento. Então seu rosto está ao lado do meu, sua bochecha molhada e fria encostada na minha. — Já chega.

E então eu ouço. Ouço a derrota em sua voz. Ele está desistindo.

— Não, não! — grito, lutando contra os braços que me envolvem. — Não, tem que haver uma saída. Tem que haver um modo…

Suas mãos calejadas deslizam na minha cintura, delicada e deliberadamente, como se ele estivesse memorizando a sensação. E então sobem pelos meus braços, me virando de frente para ele. Não consigo ver seu rosto, mas sei exatamente para o que estaria olhando.

— Paedyn… — A água parece se imobilizar para sua voz suave.

— Não — digo, a voz séria. — Não faça isso. Não fique dizendo o meu nome porque acha que pode ser a última vez.

Ele tem o desplante de rir.

— Seu nome parece uma boa palavra para ter nos lábios enquanto morro.

— Kai…

— Não me arrependo. — Sua voz sai num jorro, uma confissão à qual ele se agarra. — Não me arrependo de você nem do que aconteceu entre nós. E não me arrependo de ter beijado você no telhado daquela casa. Mas sei que, pelo resto da vida, vou me arrepender do que preciso fazer com você.

A água lambe minha clavícula enquanto o escuto falar. Ao ouvir um homem que encara a morte decidido a dar a última palavra.

— Você se arrepende? — pergunta ele, com urgência na voz.

Suas mãos sobem pelo meu pescoço para sentir meu rosto, os dedos tremendo acima dos malares.

— Eu… — Minhas mãos encontram os braços dele, segurando seus pulsos. — Me arrependo de não ter feito a coisa certa. E me arrependo de não ser o que deveria ser.

Ele passa o polegar no meu rosto molhado.

— Eu lamento que você precise ser alguma coisa.

Sei que isso tudo é conversa de um homem à beira da morte. Confissões de duas pessoas subitamente cônscias de suas ruínas iminentes. Mas me derreto ouvindo suas palavras, sofrendo pelo que poderia ter sido. E agora vou me afogar no arrependimento que ele é.

O túnel está se enchendo de água, me obrigando a inclinar o queixo e ficar nas pontas dos pés. Me sinto desolada em seus braços, como se nada importasse antes de estar envolvida neles. Não existe passado nem futuro.

Apenas ele. Apenas nós. Apenas esse momento e o que decidirmos fazer com ele.

A morte encoraja. O fim começa.

Ele puxa meu rosto mais para perto e sinto seu hálito nos meus lábios. A água pinga do seu cabelo e bate na minha pele subitamente aquecida. Sua pulsação lateja sob meus dedos que envolvem seus pulsos.

Meu coração dói de vontade de se juntar ao pedaço que ele roubou de mim.

Meu nariz roça no dele.

— Finja — sussurro de encontro aos seus lábios.

Sou a imprudência encarnada. Até o fim.

Minha boca encontra a dele.

Kai tem gosto de desejo. De arrependimento e alívio. De que nada importa, a não ser este momento.

É fervoroso, como a última oração de um pecador.

E talvez este beijo seja isso.

Penitência.



CAPÍTULO 26



Kai

Ela tem o gosto do céu para o qual não vou.

Beijá-la é um alívio.

Uma espécie de exigência delicada.

Ela recua, ofegando as palavras entre os beijos.

— Odeio você.

— Eu sei — murmuro em sua boca.

Empurrando meu peito, ela afasta os lábios dos meus para sussurrar de novo:

— Odeio você.

Subo a mão pela cintura dela devagar, murmurando em seu ouvido:

— Prove, Gray. Me odeie o suficiente para me usar.

Ouço a respiração dela falhar e sinto seu coração disparado contra o meu peito.

Desvio os olhos, pronto para recuar e…

A mão dela encontra meu rosto, puxando-o de volta para apertar meus lábios contra os seus.

A boca de Paedyn está pressionada na minha, e é ela que irei respirar pela última vez.

Seguro seu rosto, os dedos se entrelaçando no cabelo molhado.

Eu a beijo desesperadamente, memorizando a sensação dos seus lábios contra os meus.

Parece o fim derradeiro, este beijo. Este momento.

Pensando nisso, eu a beijo com mais vontade, respirando-a até o último momento.

Os braços dela deslizam dos meus pulsos e envolvem meu pescoço. Ela está se agarrando a mim como se eu fosse uma âncora com a qual está disposta a afundar. Estou me afogando com ela, me afogando nela.

Só quando a água chega à altura dos seus lábios é que ela se afasta.

— Kai — sussurra. — Eu nunca aprendi a nadar.

— Está tudo bem — murmuro, afastando o cabelo emaranhado de cima do seu rosto. — Eu seguro você.

Envolvo a cintura dela, apertando-a contra o meu corpo. Agora é apenas questão de tempo. A água está no meu pescoço e continua subindo rapidamente. Não demora muito até que eu esteja com os pés fora do chão, tentando nos manter flutuando.

— Passe as pernas em torno de mim — ordeno baixinho, permanecendo calmo por ela.

Eu a sinto concordar antes de suas pernas abraçarem minha cintura, livrando minhas mãos para manter nossas cabeças acima da água. A minha está chegando perto do teto que nos prende aqui embaixo. Mantenho o foco na sensação das mãos dela no meu pescoço, dos dedos mexendo no meu cabelo. Com os lábios perto do meu ouvido, ela sussurra:

— Você está com medo?

— Sou corajoso o bastante para admitir que estou aterrorizado — digo baixinho.

É difícil segurar nós dois, mas não precisarei fazê-lo por muito mais tempo. Só gostaria de poder ver o rosto dela, contar pela última vez as sardas que cobrem seu nariz. Gostaria de poder me afogar naqueles olhos de oceano antes que a água tenha essa chance.

— Você… — começa ela. Sinto seus braços soltando meu pescoço. — Você está sentindo isso?

Tento manter a voz firme, apesar da dificuldade para manter a cabeça acima da superfície.

— Sentindo o quê?

— O ar… — As mãos dela roçam a pedra meio se desfazendo acima de nós. — Tem ar vindo aqui de cima.

Seus dedos fazem um barulho frenético. Ouço o som de unhas raspando e palavrões sussurrados antes de começar a piscar para um fino facho de luz que atravessa o teto.

— Kai — diz ela, ofegante. — É uma grade. Está coberta, mas está ali.

Ela joga na água o pedaço de pedra que arrancou, meio rindo enquanto começa a quebrar a argamassa. Estou me desviando de pedaços de pedra que caem enquanto ela despedaça o teto. É difícil mantê-la flutuando enquanto se mexe constantemente nos meus braços, ainda mais porque minha cabeça está roçando no teto.

— Depressa, Pae — resmungo.

Sua coluna fica rígida, reagindo ao apelido, mas ela logo se distrai com o problema mais premente.

— Eu sei, eu sei — diz ela, ofegante, puxando as pedras ásperas.

Já conseguiu destapar vários centímetros da grade de metal coberta às pressas, permitindo que a luz do sol penetrasse pelas fendas.

Sou obrigado a reclinar a cabeça para respirar.

— Paedyn — ofego.

— Só mais um pouquinho — garante ela, frenética.

Apenas alguns centímetros nos separam do teto. A cabeça dela está inclinada, a bochecha provavelmente comprimida na pedra que ela está despedaçando. Agora a maior parte da grade está descoberta e Paedyn faz força para empurrá-la enquanto eu tento continuar segurando-a.

Não consigo. Não consigo mais. Não consigo continuar flutuando. Não consigo *respirar*.

— Pae — consigo dizer. — Respire fundo…

Sugo o ar antes que a água nos engula.

Paedyn se solta de mim, usando as mãos para empurrar a grade. Envolvo sua cintura com um braço para impedi-la de afundar e também empurro a grade com cada resquício de energia que me resta.

A luz do sol nos provoca, salpicando a água turva. Um lembrete de que a única coisa que nos separa do ar é essa maldita grade. Bato nela com o ombro, sentindo-a se mover. Paedyn faz força, dando socos de encontro à nossa última esperança.

Estou ficando sem ar, e sei que ela também. Seus movimentos se tornam mais lentos a cada segundo.

Não vou deixar que ela morra assim. Não posso.

Com uma última pancada de ombro, sinto a grade se erguer. Sou obrigado a soltar Paedyn, usando as mãos para empurrar a grade para o lado, que cede alguns centímetros, permitindo que eu segure a borda para abri-la por completo.

E então eu me viro e encontro Paedyn afundando lentamente no túnel. Seus olhos se fecharam, os lábios manchados de um azul fantasmagórico. Nado para baixo, agarrando-a pela cintura e dando um impulso para subirmos em direção à luz.

Em seguida, forço-a para cima até sua cabeça passar pela abertura.

Ouço vagamente os arquejos dela, as tosses engasgadas. Com os olhos turvos, vejo-a se impulsionar para cima e passar pela grade.

Ela conseguiu. Está respirando. Está viva.

Não sei se poderei dizer o mesmo de mim.

Minhas pálpebras estão pesadas, se fechando sem minha permissão. Na verdade, meu corpo inteiro está pesado, me puxando para baixo enquanto começo a afundar.

Então é isso.

É assim que o poderoso Executor encontra seu fim.

Suponho que poderia ser pior.

Não me importo mais em lutar contra a água. Estou exausto demais, pronto para descansar.

Ela estará livre de mim agora. Provavelmente já está na metade do caminho até uma sombra em que poderá se fundir. A ideia quase me provoca um sorriso.

Afundo no esquecimento, e pensar nela é minha oração final.



CAPÍTULO 27



Paedyn

A água jorra da minha boca.

Estou vomitando no beco para onde me arrastei. Ofegante, rolo de costas, piscando para a luz do sol poente.

Estou viva.

Viva.

Estou tossindo, cuspindo e encharcada de algo que só a Peste sabe o que é, mas estou viva.

Rio para o céu, meu corpo inteiro se sacode com o movimento.

Quase consigo ouvir a morte amaldiçoando meu nome. Há um zumbido nos meus ouvidos e estou tremendo da cabeça aos pés. Só de dar um impulso para fora do túnel foi…

Meu coração falha uma batida, vacilando no peito.

Ele me salvou. Ele praticamente me levantou através da abertura. Ele…

Eu o beijei. De novo.

Agora ele está morrendo no fundo de uma tubulação de esgoto.

Vou me arrastando até a borda da abertura e examino freneticamente a água turva. Consigo ver a silhueta apagada do corpo dele afundando no túnel.

Minha mente dispara e o coração também.

Eu poderia deixá-lo para trás. Poderia deixá-lo para trás e acabar com isso. Porque só ele conseguiria me capturar, só ele seria capaz de

me encontrar de novo quando eu desaparecesse.

É o meu escape. É a minha liberdade.

É errado.

Puxo meu próprio cabelo, com a frustração assumindo uma forma física. Se eu o salvar, talvez esteja me condenando. E, no entanto, foi exatamente isso que ele fez. Me salvar fez com que ele afundasse para a morte.

Balanço a cabeça para o meu reflexo na água suja.

E então mergulho.

Não é nada gracioso. Meu rosto encontra a superfície bem no instante em que me lembro de que nunca nadei na vida. O pânico me atravessa, mas o afasto e forço as pernas a me impelirem para a frente. Sacudindo os braços e os pés, consigo nadar mais para o fundo.

Procuro na água e o encontro a pouco mais de um metro de distância. Bato os pés com força, me obrigando a avançar enquanto estendo as mãos. Envolvo seu peito com um dos braços, os pulmões gritando e implorando por ar. Quando meus pés encontram o piso do túnel, dou um impulso com as pernas trêmulas.

Atravessamos a água, indo para a abertura. Bato os pés com os resquícios de força que encontro, mantendo os olhos voltados para o céu. Minha mão tateia a borda da abertura, buscando algo para me agarrar. Com os pulmões ardendo num protesto silencioso, fico tentada a largar o Executor e subir para a liberdade.

Mas meus dedos escorregadios se prendem à borda e eu tomo impulso para cima. Minha cabeça rompe a superfície e não perco um segundo antes de engolir o ar. Com uma das mãos segurando o braço dele, uso a outra para me impulsionar até a rua. E então me deito de barriga para baixo, prendendo os dois braços nas axilas dele, e o puxo para cima.

A cabeça de Kai balança acima da superfície, os olhos fechados e o cabelo desgrenhado como tinta preta escorrendo. Solto um grunhido com o esforço de puxar seu tronco para a rua. Só agora vejo o que ele trouxe para o esgoto. Há uma corrente em volta do seu pescoço, praticamente o enforcando. Arranco-a sem pensar duas vezes, jogo-a para o lado e continuo o puxando para cima, centímetro por centímetro.

Já estou ofegando antes que metade do corpo dele esteja deitado nas pedras do calçamento, a outra metade ainda enfiada no esgoto. É uma dificuldade virá-lo de costas, mas de alguma forma consigo. Sua cabeça tomba de lado, os olhos fechados contra o sol poente. Espero alguma coisa acontecer — qualquer coisa.

Mas ele não está respirando.

Não está fazendo nada, a não ser morrer.

Não era isso que eu queria?

— Não — murmuro. — Não. Não mergulhei de volta para você morrer.

Dou um tapinha no rosto dele. E outro mais forte. E então começo a estapeá-lo como sempre disse que faria. Nada.

— Não. *Não.*

Minhas mãos encontram o centro do peito dele e começo a massagear com força, tentando livrá-lo da água que engoliu.

— Anda, Azer — sussurro. Minha visão ficou turva, mas não me dou ao trabalho de reconhecer as lágrimas que se acumulam nas minhas pálpebras. — Não seja dramático — ordeno. — Abra esses malditos olhos.

Estou fazendo pressão no peito dele, implorando. Que patético. Não sei por que me importo. Isso é exatamente o que eu deveria querer: ter me esforçado ao máximo e mesmo assim ficar livre dele. É a situação ideal. Posso me afastar desse momento sem que a culpa me atormente pelo resto da vida.

Então por que estou lutando contra as lágrimas?

— Anda — sussurro, continuando com a massagem rítmica. — Anda, seu desgraçado teimoso.

As pálpebras de Kai se abrem.

Pulo para longe, dando espaço para ele se virar e vomitar. Uma lágrima escorre pelo meu rosto enquanto solto um riso trêmulo, com o alívio inundando cada pedacinho do meu corpo exausto.

— Quase desisti de você.

Kai se arrasta para sair de vez da abertura, ofegando para o céu. Sua cabeça se vira para o lado, os olhos me examinando com intensidade. Ele tosse antes de conseguir dizer:

— Estou chocado que você sequer tenha se dado ao trabalho de tentar.

Assentindo devagar, me permito aceitar o que fiz.

— Vou ter que viver com esse arrependimento.

Ficamos nos encarando. Seus olhos cinzentos permanecem inabaláveis. É diferente, esse olhar. O olhar de duas pessoas que agora compartilham outro segredo. Nada mudou entre nós e, no entanto, nada jamais será como antes. As coisas que a morte nos fez dizer e o beijo que demos pensando que era o último jamais poderão ser desfeitos.

Já fracassei duas vezes na tentativa de resistir a ele, e não vou deixar que isso aconteça de novo.

Pelo menos espero.

Ele é meu inimigo, meu captor, minha escolta para a morte. Não deixarei que seja minha fraqueza também. De novo, não.

— Obrigado — murmura ele, rouco. — Você nunca deixa de me surpreender.

— Pelo jeito, você também não — murmuro, roçando meus lábios com os dedos sem perceber.

O sorriso que ele abre é rápido, me distrai num momento e desaparece em outro.

Desvio o olhar, sentindo uma timidez irritante. Meu cabelo molhado está grudado no rosto, e levo um tempo para soltar as mechas. Ignoro a sensação muito tangível do olhar dele em mim e me concentro em respirar mais lentamente, acalmando o corpo trêmulo.

Hesito antes de me deitar ao seu lado.

— Eu agradeço também. — Minha voz sai baixa. Cruzo as mãos na barriga, subitamente consciente de que poderia tocá-lo com facilidade. — Você me salvou primeiro.

Ele solta uma risada fraca.

— Estou chocado que você esteja admitindo isso.

Reviro os olhos para as nuvens rosadas lá em cima. Depois suspiro, girando o anel escorregadio no polegar.

— Lenny iria me chamar de barata, se estivesse aqui.

— Barata? — Kai vira a cabeça para me olhar. — Quero dizer, já me chamaram de coisa muito pior, mas…

— Tenho certeza de que é verdade — interrompo. — Especialmente por mim.

O riso dele soa cansado.

— De fato.

Fico em silêncio por um momento, contente em senti-lo me observar enquanto olho para o céu.

— Lenny diz que eu sempre consigo sobreviver. Mas ainda estou tentando decidir se isso é um dom ou uma maldição.

— Hmmm. Se eu fosse um homem diferente, um homem melhor, poderia dizer que a sobrevivência é sempre um dom. Mas… — Ele dá um sorriso sombrio. — Você e eu sabemos que não sou. E que, mais do que a maioria das pessoas, sei que às vezes sobreviver é mais doloroso do que morrer.

Reajo assentindo devagar. Claro que ele entenderia. Sempre entende.

— Mas fico feliz por ter sobrevivido dessa vez — digo. — Não era assim que eu planejava morrer.

Há uma espécie de humor sombrio cobrindo a voz dele:

— Você planejou sua morte?

— Planejei minha morte *ideal*. — Dou de ombros. — Eu nasci para morrer. E quando a gente passa a vida inteira fugindo do inevitável, pensa um tanto no fim. Acho que pode-se dizer que eu tenho uma preferência.

Ele fica em silêncio por vários instantes.

— E que preferência seria essa?

— O quê? Vai tomar notas para quando o rei ordenar que me mate? — Dou um riso leve, como se esse pensamento não me mantivesse acordada à noite. Mas continuo rapidamente, sem esperar a resposta: — Quero um final igual ao das pessoas que mais amei. Com o peito rasgado e um sorriso no rosto.

— Paedyn… — começa ele, baixinho.

— É isso que eu quero — digo com firmeza. — Quero sentir o que eles sentiram. Quero sentir que estou com eles pela última vez enquanto ainda estou viva.

— Isso é… admirável, de um jeito perturbador. — Ele fica em silêncio por um momento, pensando em alguma coisa. — E desculpe

por ter iniciado esse padrão.

De repente estou sentada, virando as costas para ele. Gostaria que ele não tivesse dito isso, que não tivesse se desculpado por ser a primeira pessoa a rasgar o peito de alguém que eu amava. Gostaria que ele tivesse a consciência de que sua primeira missão tinha sido meu pai. Gostaria que tivesse mentido. Seria muito mais fácil odiá-lo assim.

— Você tem alguma preferência em relação à sua morte? — pergunto, evitando reagir ao pedido de desculpas.

— Nunca pensei nisso.

Faço um ruído de desdém.

— Claro que não. Porque pessoas como você não esperam morrer tão cedo.

— Talvez — diz ele baixinho. — Ou talvez eu só esteja tentando ignorar que não sou imortal.

— Que postura sábia, Executor.

Desembolo meu cabelo uma última vez enquanto examino o lugar de onde saímos. Agora está repleto de sombras, o que ajuda a nos esconder à luz do fim do dia. Estamos em um beco sem saída, com a grade do esgoto ainda aberta junto aos nossos pés. Mas mesmo com as ruas sendo lentamente abandonadas ao cair da noite, não tenho intenção de ficar aqui sentada, à plena vista de alguém que possa entrar nesse beco.

— Aqui não é seguro — começo. — Aqueles guardas devem estar nos procurando.

— Vamos conversar a respeito? — pergunta, subitamente parecendo muito mais perto de mim.

Ele começa a se sentar, ajeitando o cabelo molhado com os dedos.

— Não tenho ideia do que você está falando.

Um riso presunçoso.

— É mesmo? Posso refrescar sua memória, se quiser.

— Foi um erro — digo, bufando e me virando para olhar seu rosto, que está perto demais. — Esse e o anterior.

— O único erro foi não ter acontecido antes.

— Eu… Isso é…

Estou gaguejando. Kai sorri daquele jeito que me faz querer lhe dar um tapa. E então chega mais perto, roubando lentamente o pequeno

espaço que nos separa.

— Não. — Os dedos dele sobem pelo meu pescoço e acompanham meu queixo. — O erro foi provar seu gosto, agora que você provavelmente não vai me deixar senti-lo de novo.

Engulo em seco. Estremeço. Respiro fundo.

Que a Peste me ajude.

O rosto dele está perto o suficiente para eu tomar uma decisão ruim com facilidade. Seus dedos ásperos estão embolados no meu cabelo, roçando na pele sensível do pescoço. A água pinga das pontas do cabelo dele, grudando nos cílios grossos em volta dos olhos que me encaram com intensidade.

— É isso mesmo — digo, ofegante. — Não vou deixar você me beijar de novo.

Mentira.

Vou me inclinando mais para perto a cada palavra saindo dos lábios que querem desesperadamente encontrar os dele outra vez. Os cantos da sua boca se curvam para cima, atraindo minha atenção.

— Tem certeza? — A respiração dele está quente, me enchendo de calor.

Concordo distraidamente, com os pensamentos em qualquer coisa, menos em manter minha palavra.

Kai segura meu rosto com a mão calejada, mais firme do que antes, quando me segurou com reverência. Me derreto sob seu toque, me inclinando mais enquanto o olhar dele desliza até meus lábios. É inebriante vê-lo me absorver.

Ele chega mais perto e desce a mão pelo meu pescoço.

Minha respiração falha quando seus lábios roçam nos meus e…

Alguma coisa envolve meu tornozelo com um estalo.

Recuo, vendo a corrente de metal que ele trouxe do esgoto. Há uma algema em cada extremidade da corrente, que tem cerca de um metro. E ele acaba de prender uma delas em mim.

— O que…?

Nem terminei de soltar o palavrão que pretendia quando Kai prende a outra extremidade no próprio tornozelo. Meu olhar vai da extremidade dele até a minha, piscando para a corrente curta que nos une.

Quando encontro minha voz, ela está enganosamente calma.

— O que você fez?

— Apenas garanti que minha missão retorne a Ilya comigo.

Olho para ele, para a expressão vazia que ele grudou no rosto.

— Você… você acorrentou nós dois?

Ele dá de ombros.

— Era o único modo de garantir que você ficasse comigo.

— E você… — Minha mente gira enquanto passo os dedos entre os cabelos. — Você planejou isso antes mesmo de a gente sair da prisão. Foi por isso que pegou essa corrente na parede. — Balanço a cabeça, fazendo um ruído de ultraje enquanto me viro para longe. — Seu desgraçado.

Me sinto enojada. Usada. Culpada. Porque fui eu que fiz isso comigo mesma. Não satisfeita em salvar o Executor, também me permiti *desejar* o Executor. Mas, para ele, isso não passou de uma distração. Um meio de alcançar um fim. E eu fui idiota a ponto de achar que poderia ter significado algo mais.

Os patéticos são punidos. E agora estou acorrentada ao meu captor.

— Paedyn…

— Não — interrompo baixinho. — Não diga meu nome.

A mágoa lampeja nos olhos dele; surge num instante e desaparece no outro.

— Era o único modo — repete ele em voz baixa.

— Sua missão precisa de um banho — digo, firme. — E de uma cama.

Ele me encara, parecendo procurar alguma coisa nos meus olhos.

— Tudo bem.

Me levanto e ando com as pernas trêmulas até a corrente se retesar. Ela repuxa meu tornozelo, já tentando rasgar a pele. Me esforço para dar outro passo, puxando a perna de Kai.

Giro, colocando minha própria máscara para esconder a raiva e a dor.

— Tente acompanhar o ritmo, príncipe.

CAPÍTULO 28

Kai

— Você planeja falar de novo algum dia?

Estamos caminhando desajeitadamente há quase uma hora pelas ruas afastadas do centro, e Paedyn não disse uma única palavra. A corrente é arrastada entre nós, saltando sobre as pedras rachadas do calçamento como um lembrete constante do que eu fiz.

Não me orgulho. Não me orgulho do que fiz para prender essa algema no tornozelo dela. Só posso imaginar que ela esteja desesperada para gritar comigo, quais pensamentos ecoam em seu crânio. Sei como ela pensa, por isso sei que presume que foi tudo uma armadilha. Cada toque, cada palavra, cada beijo.

E eu gostaria que tivesse sido. Gostaria de não ter sentimentos nublando meu foco, minha capacidade de julgamento. Gostaria de não precisar dela como preciso para terminar essa missão. É exaustivo lutar contra cada impulso que me diz para explicar por que fiz isso. Por que preciso fazer.

Minha vida não me pertence. E é por isso que Paedyn jamais poderá ser minha.

Como se isso importasse. Violei absolutamente qualquer confiança que tivesse surgido entre nós. E agora não passo daquilo que era antes: o inimigo dela.

Quando começamos a seguir nosso caminho, ela me levou em silêncio até onde sua mochila ainda estava escondida, embaixo do

entulho de uma construção arruinada, e tirou depressa um lenço para enrolar no cabelo facilmente reconhecível. Peguei no bolso um lenço molhado para cobrir a metade de baixo do meu rosto, lembrando a ela que ambos corríamos perigo se um de nós fosse reconhecido.

Paedyn não se dignou a responder àquela ameaça velada. Apenas pendurou a mochila nas costas e sinalizou para que eu a levasse até um banho e uma cama. E é o que estou fazendo nesta última hora.

Por sorte, a maior parte do que havia no esgoto enquanto nadávamos era a água gelada usada para limpar o túnel, mas precisamos desesperadamente de um banho e de roupas limpas. E as duas coisas vão ser difíceis com essa corrente nos prendendo. Mas primeiro precisamos achar algum local com uma banheira.

— Não consigo imaginar você aguentando muito mais tempo sem falar nada. — Dou um suspiro.

A corrente se arrasta entre nós, raspando o chão e preenchendo o silêncio.

Paedyn não se dá ao trabalho de me olhar. Seus olhos estão voltados para a rua vazia, um brilho azul sob os últimos raios do sol. Acho que mereço o silêncio. Se bem que, para dar crédito a ela, não achei que fosse durar tanto.

Entro em uma rua mais movimentada, sentindo a algema ferir meu tornozelo com a tensão. Os comerciantes estão recolhendo as carroças para a noite, passando sem pudor por cima dos pés de qualquer um que esteja no caminho. Vou em direção à parte principal da feira, sentindo a corrente se retesar enquanto puxo Paedyn, obrigando-a a apressar o passo.

A corrente.

Paro de maneira abrupta e sinto as palmas das mãos de Paedyn batendo nas minhas costas, depois seu nariz. Viro-me para encará-la, mas ela parece estar olhando para qualquer lugar, menos para mim. A esse ponto, já perdi a paciência, como sempre. Minha mão encontra o queixo dela e vira seu rosto com gentileza. Ela me fulmina com uma expressão que me esforço para ignorar.

— Você vai precisar roubar uma saia — digo.

Paedyn levanta as sobrancelhas. É o primeiro sinal de emoção que vejo desde que nos afastamos da grade do esgoto.

— Não se preocupe — digo secamente. — Não estou pedindo para você falar. Só para roubar um maldito pedaço de pano, pelo menos.

— Na verdade, eu gostaria de ver você tentar. — Ela afasta minha mão do seu queixo, parecendo surpresa com o som da própria voz.

Abro um sorriso.

— Ah, então ela fala.

Paedyn me ignora e levanta as mãos, fingindo inocência.

— Meus dias de ladra ficaram para trás.

Balanço a cabeça antes de olhar por cima do ombro para a rua que esvazia.

— É, você é uma santa. Agora, a não ser que queira ir parar numa prisão de novo, sugiro que roube alguma coisa para cobrir essa corrente que vai atrair um bocado de atenção para nós.

— E de quem é a culpa? — Ela cruza os braços.

Respiro fundo antes de responder:

— Você é uma criatura inacreditavelmente difícil.

Ela dá uma risada seca.

— Talvez você devesse ter pensado nisso antes de se acorrentar a mim.

— É, que descuido da minha parte. — Dou um passo para o lado, proporcionando a ela uma visão ampla da rua. — Agora mostre o que sabe fazer.

— Já mostrei, príncipe. — Ela bufa, passando por mim. — Quando roubei de você, lembra?

Ah, eu me lembro.

Acompanho-a, observando enquanto ela estica o pescoço na esquina do beco. Fico atrás dela e ela empurra meu peito sem se dar ao trabalho de olhar para mim. Não estou acostumado a receber ordens, muito menos ser empurrado. Mas giro o pescoço, engulo o orgulho e recuo um passo, me encostando na parede e a observando em ação.

Várias carroças barulhentas passam junto à entrada do beco onde estamos, mas Paedyn fica imóvel, sem interesse no que elas estão vendendo. Depois de vários minutos, vejo seus ombros ficarem tensos e o corpo se inclinar adiante, em expectativa. E então vejo por quê.

Quando a próxima carroça passa, Paedyn não hesita antes de tropeçar na direção dela. Com os braços balançando, derruba no chão

uma pilha de saias coloridas. Se eu tivesse piscado, teria perdido o chute sutil que ela deu, jogando uma saia para baixo da carroça.

— Desculpe, senhor!

A voz dela subiu uma oitava, soando inocente e distraída. O comerciante xinga antes de levantar os olhos para identificar a culpada. Luto contra a ânsia de quebrar o queixo do sujeito quando o olhar dele se suaviza a cada segundo em que ele a examina de cima a baixo, cobiçoso.

— A culpa foi minha, moça — diz ele com voz sedosa, pondo uma das mãos no ombro dela. — Você está bem? Foi um belo tropeção.

— Muito melhor agora, obrigada — responde ela. Meus olhos se reviram involuntariamente. Paedyn se abaixa para pegar a pilha de saias antes de colocá-las de volta na carroça. — Estou tão sem graça!

— Não precisa ficar assim, querida. — A mão do sujeito volta ao ombro de Paedyn e eu penso em quebrá-la. — Olha, se você não estiver ocupada agora…

— Ela está ocupada, sim.

Maldição. Não consegui manter a boca fechada, não é?

Os olhos do comerciante encontram os meus, como se me visse pela primeira vez. Ele não se incomoda em responder, apenas assente brevemente, entendendo. Com um último olhar demorado para Paedyn, o sujeito se vira e continua empurrando a carroça pela rua, sem perceber a saia que ficou para trás.

Paedyn a pega rapidamente no chão antes que o sujeito tenha a chance de se virar e vê-la. Depois volta para o beco, levantando uma sobrancelha para mim.

— O que foi? — pergunto.

Ela faz um ruído sarcástico.

— Possessivo, hein?

— Eu te acorrentei a mim. O que você esperava?

Ela baixa a cabeça, escondendo um sorriso enquanto começa a desdobrar a saia. Por sorte, a moda em Dor consiste em tecido leve feito para ser enrolado no corpo. A saia não passa de um grande pano com uma faixa, facilitando para Paedyn prendê-la por cima de sua calça fina.

— Pronto — murmura ela. — Eu daria uma voltinha para você ver, mas infelizmente a corrente não permite.

Examino-a, olhando a bainha da saia em volta dos pés, cobrindo parte da corrente.

— Muito melhor. — Ando em volta dela para examinar. — A cor fica ótima em você.

Mal consigo dizer isso sem rir. A saia é tingida num tom de amarelo atroz, contrastando com o colete verde puído e a pele bronzeada de Paedyn.

— Você é realmente hilário. — O rosto inexpressivo dela combina com a voz. — Que bom que consigo divertir você.

Passo a mão pelo rosto, tentando apagar meu sorriso idiota. Depois me agacho à frente dela com um olhar questionador.

— Posso?

Engraçado, essa foi exatamente a palavra que eu disse antes de rasgar a saia do vestido que ela usou na entrevista. Mas neste momento não planejo repetir a história.

Empurro a saia para o lado e levanto a bota de Paedyn. Ouço o início de um protesto antes de começar a enrolar o excesso de corrente em seu tornozelo. Ela fica quieta, olhando a quantidade de elos que diminuem entre nós até só restarem uns trinta centímetros.

Fico de pé, soltando a saia ampla e deixando-a cobrir o restante da corrente que ainda nos separa.

— Pronto. — Solto um suspiro. — Quase não dá para ver. Mas você vai ter de andar bem perto de mim. Talvez passar o braço pelo meu e convencer todo mundo de que somos um casal. — As sobrancelhas dela sobem na testa. — Acha que consegue?

— Eu tenho opção? — Ela bufa.

— É um bom argumento — respondo, assentindo. — Certo, vamos.

Paedyn cambaleia para a frente quando dou um passo pequeno.

— Calma, Azer — sussurra ela perto do meu ouvido. O braço que ela passou em volta do meu fica mais tenso num alerta silencioso. — Estou usando uma saia horrorosa *e* uma corrente no tornozelo. Não force a barra.

Dou um tapinha no braço dela com minha outra mão, dando passos lentos na rua.

— Eu nem sonharia com isso, Gray.

Dizer o sobrenome de Paedyn só me lembra de que ela não quer que eu diga seu primeiro nome. Dói perder esse privilégio. Perder o direito a uma coisa íntima como o nome dela rolando da minha língua. Mas vou respeitar sua vontade, mantendo-o preso nos confins da minha mente.

Depois de vários tropeços, encontramos um ritmo familiar, os pés sobem e descem ao mesmo tempo. Os comerciantes passam depressa, sem prestar atenção em nós enquanto correm para casa. Não demora muito até a rua ficar num vazio fantasmagórico e Paedyn soltar seu braço do meu.

O sol escorregou por trás das construções arruinadas, afundando no horizonte para dormir. Andamos em silêncio nas sombras, seguindo pela rua até que uma estalagem precária surge diante de nós.

Ponho a mão de leve nas costas dela, guiando-a para o prédio.

— Bem-vinda à sua cama e ao seu banho.



CAPÍTULO 29



Kai

— É a melhor de Dor, tenho certeza.

Ela diz isso com a voz séria, como se essa fosse *mesmo* a melhor estalagem que Dor tem a oferecer. E não discordo.

Eu a guio para virar a esquina do prédio até a fileira de janelas dos quartos. Depois de já termos sido capturados uma vez, decidi que nossa melhor opção é entrarmos escondidos num quarto em vez de nos apresentar ao estalajadeiro.

Testo cada janela, procurando alguma que não esteja trancada. Quando uma se abre com facilidade, enfio a cabeça dentro e vejo bagagens espalhadas no chão.

— Ocupado — sussurro para Paedyn, que está na ponta dos pés, tentando enxergar o interior.

Continuamos até a parte de trás do prédio, puxando as travas até que outra janela se abre. Agradeço baixinho à Peste antes de me virar para Paedyn, que está com os olhos arregalados.

— Vazio. — Ela mostra um sorriso que some depressa demais. Me ajoelho, segurando o pé dela para desenrolar o excesso de corrente. Quando levanto a cabeça, vejo seus olhos azuis se arregalando. — Não vou pedir você em casamento, não se preocupe — murmuro. — Suba na minha perna. Vou levantar você.

— Certo. — Paedyn desvia os olhos depressa. — A corrente tem tamanho suficiente?

— Provavelmente não. — Dou de ombros de leve. — Vou dar um jeito.

Ela assente antes de apoiar a bota suja na minha coxa. Em seguida, segura o parapeito da janela e começa a dar um impulso para cima com os braços trêmulos. Ponho uma das mãos sob sua coxa enquanto a outra empurra a parte de baixo das costas.

— Cuidado, Azer — sussurra ela, irritada, acima de mim.

Abro um sorriso.

— Sou um cavalheiro, lembra? Só estou ajudando você a invadir a estalagem.

— Que nobre da sua parte.

Ela consegue se arrastar sobre o parapeito e entrar no quarto. A corrente se retesa antes que eu tenha chance de recuperar o fôlego. Minha perna é puxada para cima, me obrigando a pular e agarrar desajeitadamente o parapeito. É uma dificuldade me enfiar no quarto com a corrente esticada entre nós, mas consigo entrar praticamente ileso.

Caio no chão de tábuas que rangem e fico com o tornozelo latejando. Ela me olha no escuro, presunçosa.

— Isso foi você "dando um jeito"? Porque parece que doeu.

— Demais. — Consigo me sentar devagar, passando a mão no cabelo embolado. — Obrigado por se preocupar.

Ela sorri, indo na direção do banheiro até a corrente puxar minha perna em sua direção. Mas continuo sentado no chão.

— Você me prometeu um banho. — Paedyn franze a testa para mim. — Preciso arrastar você até a banheira?

— Com certeza. — Dou um sorriso. — Pode tentar.

Ela joga a mochila no chão e me olha irritada enquanto desenrola o lenço da cabeça. O cabelo prateado escorrega, caindo na direção da cintura. Meus olhos acompanham toda a extensão dos fios até encontrarem seu olhar penetrante.

— Odeio você — diz ela simplesmente.

Eu a encaro em resposta.

— Obrigado pelo lembrete.

— Só quero deixar isso bem claro, para o caso de ter acontecido alguma coisa que fizesse você pensar diferente.

Balanço a cabeça olhando para o chão.

— Como você me beijar?

— Só para esclarecer. — Ela avança um passo, apontando um dedo acusador. — *Você* me beijou. — Uma pausa. — Na primeira vez.

— E você me beijou na segunda — digo, ficando de pé e dando um passo lento, diminuindo a distância entre nós. — E acho que você odeia a *si mesma* por querer fazer isso de novo.

Ela bufa com desdém, virando as costas.

— E o que te faz pensar que eu tenho qualquer desejo de fazer isso de novo?

Dou de ombros.

— Você já fez duas vezes. Então me olhe e diga que não quer de novo. — Ela abre a boca para fazer exatamente isso, mas a interrompo com um puxão na corrente que a faz tropeçar mais para perto. — Sem ficar batendo o pé esquerdo no chão.

Ela fecha a boca depressa. Sorrio para a rara visão de Paedyn atônita.

— Não vou cair nessa. — Ela bufa, virando-se para o banheiro. — Quero tomar banho.

Ainda estou sorrindo enquanto Paedyn me leva até a porta meio apodrecida que nos separa da banheira. Ela gira, cutucando meu peito com um dedo.

— Você vai ficar aqui fora — afirma, abrindo a porta e olhando para dentro. — A corrente deve chegar até aqui, se você ficar sentado deste lado.

— Que ótimo. — Isso me rende um tapa, com as costas da mão, na barriga. Paedyn entra no banheiro puxando a corrente por baixo da porta.

— Sente aqui — ordena, me dando um olhar sério antes de fechá-la parcialmente.

Obedeço e me sento junto ao batente empenado, com a madeira cutucando minhas costas. Luto para ignorar o som das roupas úmidas batendo no chão. Então, como o cavalheiro que sou, passo os dedos nos sulcos da madeira, tentando ocupar os pensamentos com qualquer coisa que não seja ela. Paro ao ouvi-la balbuciando alguma coisa.

— Tudo certo aí dentro? — pergunto.

— A não ser pelo fato de que estou tentando tomar banho com uma corrente presa no tornozelo? — Ela continua murmurando, distraída por um momento: — Vou ter de lavar essa calça junto com o resto de mim, já que ela não vai sair tão cedo. Acho que tenho uma blusa extra na mochila…

O som de água correndo e dos canos rangendo abafa as palavras dela. Esta deve ser a única estalagem com água corrente em toda Dor. Talvez seja mesmo a melhor de todas.

Ouço-a entrar na banheira, e esse movimento puxa minha perna até a metade do banheiro. O silêncio se estende entre nós, interrompido apenas pelo som ocasional da água chacoalhando. Encosto a cabeça na parte interna do batente, ouvindo-a.

— Dá para escutar seus dentes batendo — comento.

— É, bom, a água não está exatamente q… quente.

Não penso nas minhas próximas palavras antes de dizê-las:

— Por que você mergulhou de volta no esgoto para me salvar?

Não consigo ver o rosto dela, mas não é difícil visualizar a expressão de surpresa que provavelmente o está iluminando.

— Eu… eu não podia me permitir tirar mais uma vida. — A voz dela fica mais suave a cada palavra. — Já tenho sangue suficiente nas mãos.

— Nos dedos, talvez. Mas não nas mãos — digo, a voz equilibrada. — Três vidas não são suficientes para condenar sua alma.

Eu sei bem disso.

— Você encontrou o soldado no deserto, então — diz ela, devagar.

— Encontrei. Mas imagino que ele tenha merecido.

A água chacoalha atrás da porta.

— É o que eu fico dizendo a mim mesma. Mas não parece justo decidir que uma vida vale mais do que outra. — Ouço uma respiração trêmula. — E foi exatamente isso que eu fiz.

— Sei como é — murmuro.

Ela fica em silêncio por vários instantes.

— Eu estava no telhado, sabe. Vi quando você encontrou o Imperial que matei.

Minha respiração fica presa.

Engulo em seco, tentando manter a voz firme.

— É mesmo? Então por que ainda estou vivo?

— Porque… — Uma pausa. — Porque você ia enterrá-lo para mim. Como fez com Sadie na primeira Prova. E quando vi você ali, ajoelhado… Quando vi você carregá-lo nos ombros para mim, apesar de tudo… — Ela deixa o resto no ar, pigarreando. — Apenas não pude me obrigar a atirar a faca.

Não consigo ver o rosto dela, e uma parte tímida de mim agradece por isso.

— Você já poderia ter se livrado de mim duas vezes. E sabe disso, não sabe?

A voz de Paedyn sai muito baixa.

— Sei.

— E se arrepende?

Minha pergunta a deixa em silêncio por vários segundos antes de ela sussurrar:

— Vou deixar para me arrepender de manhã.

O som das mesmas palavras que eu disse a ela na masmorra provoca um ligeiro sorriso nos meus lábios. Fecho os olhos, contente em deixar o silêncio se estender entre nós. Não demora muito até que ela esteja de pé na banheira, me deixando ouvir a água pingando do seu corpo.

— Pode pegar a blusa na minha mochila e jogar para cá?

A ideia de recusar é tentadora, mas em vez disso pego a mochila. Eu já havia tirado as numerosas armas que Paedyn tinha guardado ali, deixando-a praticamente vazia. Remexo até encontrar uma blusa cinza fina enrolada num caderno velho.

Puxo os dois objetos e desembrulho o diário antes de folhear as páginas envelhecidas.

— Que caderno é esse? — pergunto, jogando a blusa pela porta entreaberta.

Agora ela está de pé junto da porta, com a sombra pintando o chão ao meu lado.

— Era do meu pai. A maior parte está preenchida com o trabalho e as teorias de um Curador.

Escuto o sofrimento na voz de Paedyn, por mais que ela tente esconder. E odeio ser o causador. Quando não consigo encontrar a voz para dizer nada, ela continua:

— Sim, eu salvei o caderno da casa que você incendiou.

Ela diz isso em tom despreocupado, como se não tivesse sido afetada pelo ocorrido.

— Sobre isso… — começo a dizer, passando a mão pelo cabelo.

— Não peça desculpas. Por favor. — Quando volta a falar, a voz sai suave, delicada. — É mais fácil assim.

Assinto em resposta, mas sei que ela não está vendo. Sei exatamente o que ela quer dizer. Sei que pedir desculpas pelo que fiz só me torna mais humano. Torna mais difícil me odiar.

A porta se abre com um rangido enquanto ela passa. A blusa frouxa escorrega dos ombros, ficando úmida com os cabelos embolados que caem pelas costas. Com uma toalha esgarçada na mão, Paedyn volta ao quarto para enxugar sua calça encharcada.

Depois de torcer as roupas, ela se enrola na toalha e se aboleta no chão junto ao batente.

— Sua vez.



CAPÍTULO 30



Paedyn

Estou trançando o cabelo quando ele sai do banheiro.

Sai do banheiro sem camisa.

Uma mecha escorrega pelos meus dedos. Eu me levanto depressa, olhando para qualquer lugar, menos para o peito bronzeado e a calça úmida pendendo baixa nos quadris dele. Gotas d'água pingam do cabelo de Kai e rolam pelos ombros, escorrendo para o corpo. Não que eu tenha notado.

— Você já usou camisa alguma vez na vida? — pergunto casualmente, olhando a trança desajeitada que estou fazendo.

— Eu lavei, ela precisa secar. — Os olhos cinzentos se viram para os meus. — Se eu estiver distraindo você, não tem problema. É só falar.

Faço um som de deboche, como se ele não estivesse fazendo exatamente isso. Começo a atravessar o quarto e ele é obrigado a me seguir até eu me jogar no colchão fino. Ele paira acima de mim, iluminado apenas pelo luar que invade a janela, usando uma toalha para esfregar de qualquer jeito os cabelos molhados.

— Você está jogando água na minha cama — digo, me arrastando mais para longe no colchão.

Ele me olha por baixo da toalha.

— Desculpe, a *sua* cama?

— É, a *minha* cama.

— Eu escutei, só estou tentando entender por que você está dizendo isso.

— Porque não vou dormir com você. — Ele me lança um olhar significativo e eu reformulo a frase depressa: — Não vou dormir nessa cama com você.

Ele não se esforça para esconder o quanto acha isso engraçado.

— E por quê? Não é como se a gente nunca tivesse dividido uma cama antes.

— É o que você fica me lembrando. — Volto a atenção para a trança que eu tinha largado. — Mas, sim, foi *antes*.

Antes de cada traição que surgiu entre nós.

— Bom, você não tem muita escolha. — Ele indica a corrente que pende frouxa entre nós.

— Você pode pendurar a cabeça do outro lado da cama — digo com suavidade.

— Por que você não faz isso, já que é você que quer tão desesperadamente ficar longe de mim? — Ele dá um passo mais para perto da cama, os joelhos roçando na colcha. — Não tenho problema em dormir do seu lado.

Balanço a cabeça, irritada, me arrastando para o outro lado da cama que, de repente, é estreita demais para o meu gosto. O colchão afunda quando ele se senta. Ignorando-o, me demoro soltando a fina colcha e deslizo para baixo dela.

Está um frio de rachar, o ar gélido fazendo meus dentes baterem. Não sei quando esfriou tanto, mas o cabelo úmido grudado no pescoço com certeza não está ajudando. Puxo a colcha por cima do queixo antes de enfiar as mãos geladas embaixo de cada coxa.

— Você está sacudindo a cama — diz ele baixinho.

— Pode ficar à vontade para rolar para fora dela, se estiver tão incomodado.

Ouço o sorriso na voz dele.

— Você está tremendo desde que saiu do banho.

— E você diz isso como se estivesse preocupado com meu bem-estar.

A corrente tilinta quando me viro de lado e olho para a escuridão.

— Não, mas eu me importo com o *meu* bem-estar. E prefiro não ficar acordado a noite toda com sua tremedeira.

— Falou como um verdadeiro cavalheiro — ironizo.

Ficamos em silêncio. Apenas o som fraco dos meus dentes batendo preenche o espaço. Kai está tão imóvel ao meu lado que presumo que ele caiu no sono. Isto é, até que o colchão afunda às minhas costas e eu praticamente rolo de encontro a ele.

— O que você está…?

O peito dele encontra as minhas costas.

Tento de novo:

— O que…?

— Shh.

Fico boquiaberta.

— Estou esperando uma explicação melhor.

— Calma, Gray. — A mão dele roça no meu quadril, me sobressaltando. — Não consigo dormir com você sacudindo a cama e você não consegue dormir porque está congelando. Isso é o melhor para nós dois.

— É mesmo? — começo. — Porque eu…

— Pela Peste. — Ele ri de encontro ao meu ouvido. — Só finja. Finja que a gente não se odeia nesses momentos, lembra?

Abro a boca para protestar, mas o braço com o qual ele envolve minha cintura faz com que eu a feche rapidamente.

— Isso só significa que somos úteis um para o outro — diz Kai.

Fico ligeiramente rígida encostada nele.

Úteis um para o outro.

A frase dói mais do que deveria. Me odeio por odiar o som dessas palavras brotando da língua dele. Porque *utilidade* é tudo que existe no nosso relacionamento. É o máximo que vamos significar um para o outro.

— Ótimo — digo, irritada com o som da minha própria voz trêmula. — Fingir.

E, com isso, me deixo derreter em seu calor quando ele me puxa mais para perto.



Estou embolada nos braços dele e enrolada na corrente que nos une.

Pisco à luz nublada que entra pela janela, sentindo o calor cobrir meu rosto. O braço dele está quente encostado na minha bochecha, os dedos espreitando por baixo do meu cabelo despenteado. Sinto sua respiração profunda agitando meus cabelos, esquentando meu pescoço.

Ele está confortável. Está contente.

Está fingindo.

Esse pensamento faz com que eu me solte dele, começando pelo seu braço que envolve confortavelmente minha cintura. Seguro o pulso dele e o jogo para trás, sem me dar ao trabalho de ser gentil. E então me sento, soltando mechas do meu cabelo dos dedos dele.

Kai se remexe antes de se erguer rapidamente, apoiado nos cotovelos. A colcha escorrega pelo seu peito nu enquanto ele me observa com os olhos sonolentos, acompanhando minhas mãos enquanto junto meu cabelo por cima de um dos ombros.

— Ficou faltando uma mecha.

Levanto os olhos ao ouvir sua voz rouca.

— Bom dia para você também.

Passo a mão pelo pescoço e encontro a mecha esquecida que cai pelas minhas costas. Kai fica espiando enquanto eu finjo não sentir seu olhar percorrendo meu rosto.

— E agora? — pergunto distraidamente. — Está na hora de me arrastar de volta para o deserto?

A ideia de voltar a Ilya se funde com outra igualmente ruim, e meu coração dói com a lembrança súbita do meu egoísmo. Estive tão envolvida com o Executor que segura meu destino em suas mãos que ainda nem pensei nos meus amigos: os Mistos vivendo na miséria. Fico preocupada com Lenny, Leena, Finn e todos os outros que foram gentis o bastante para me ajudar. Para acreditar em mim.

Por favor, estejam em segurança. Por favor.

Se eu soubesse a quem ou a que rezar, eu rezaria.

— Não exatamente — responde Kai.

A cama se mexe quando ele se levanta e me obriga a fazer o mesmo. Ele vai até o banheiro e entra para pegar sua camisa úmida na banheira. Não sei bem por que afasto o olhar quando ele a enfia pela cabeça, mas o movimento parece íntimo demais.

— Vamos atravessar Dor — diz ele, voltando para dentro do banheiro. — E depois cruzar o Santuário das Almas.

Solto uma risada sem humor.

— O Santuário das Almas? O território rochoso infestado de bandidos? — Faço um som sarcástico. — Acho que prefiro o Deserto Escaldante.

A voz dele chega ligeiramente abafada pela porta entreaberta:

— Meu pai me mandou para lá várias vezes. Vamos ficar bem.

Engulo em seco me lembrando do treinamento torturante pelo qual ele passou.

— Bom, você estava acorrentado na última vez que esteve por lá?

Ele fica em silêncio por vários segundos.

— Eu era sempre… desafiado quando ia lá. — Mais silêncio. — Portanto, como eu disse, vamos ficar bem.

Quando ele sai do banheiro, está segurando algumas roupas nos braços, na intenção de largá-las no chão para o estalajadeiro encontrar. Um verde-oliva familiar atrai minha atenção e eu agarro o colete.

— Isso, não — disparo. Ele levanta as sobrancelhas em uma pergunta silenciosa. — Adena fez isso para mim — explico baixinho, com um pigarro sem graça. — Eu… eu fiz uma promessa a ela.

Ele assente devagar, hesitante.

— A última Prova. Eu… eu vi acontecer. Vi você a segurar. — Um músculo estremece na bochecha dele. — Ouvi você gritar.

Desvio o olhar, sentindo a emoção começar a empoçar nos olhos.

— Adena me fez prometer que eu o usaria por ela. — Passo a mão pela bainha áspera. — É o que planejo fazer.

Pigarreando, enfio os braços no colete. Odeio o modo como Kai me olha, como se estivesse pronto para recolher meus cacos quando eu me despedaçar. Ele suspira pelo nariz, abrindo a boca para dizer…

Uma pancada na porta o interrompe.

— Ei! Quem está aí?

O homem bate com força na porta trancada, chacoalhando as dobradiças enferrujadas. Kai gesticula em direção à janela, os olhos voltados para a porta. Vou na ponta dos pés em direção à nossa rota de fuga ao mesmo tempo em que enrolo o lenço na cabeça, enfiando os fios prateados para dentro. Quando chegamos à janela, calço as botas e passo rapidamente uma perna pelo parapeito antes de seguir com o resto do corpo. Kai vem pulando logo atrás quando ouço a porta se abrir com um estrondo.

— Ei! Voltem aqui, seus desgraçados!

Saímos de cena com movimentos arrastados. Estou tropeçando, tentando enrolar a saia na cintura enquanto Kai joga nossas roupas sujas para trás. Uma risada sobe pela minha garganta antes de escapar pela boca. O príncipe me olha e eu percebo seu sorriso enquanto nos enfiamos num beco, desviando das carroças e dos comerciantes que nos xingam.

— Peguem eles!

Giro a cabeça e vejo um homem que só pode ser o estalajadeiro. Está com o rosto vermelho e manchado de fúria enquanto corre atrás de nós, apontando um dedo grosso na nossa direção.

— Segurem esses dois!

A visão do sujeito só me faz rir mais alto, e esse som faz o sorriso de Kai se alargar por baixo do lenço. Semicerro os olhos à luz do sol nascente, desviando por pouco das pessoas que andam pela rua da feira.

— Por aqui — grita Kai por cima do ombro, segurando minha mão e me puxando pelo beco.

Ele pega um chapéu grande numa carroça que está passando em uma tentativa de roubo malfeita. O comerciante grita atrás de nós enquanto atravessamos várias outras ruas, a corrente raspando nas pedras do calçamento enquanto eu tento conter o riso. Não consigo deixar de achar isso tudo muito engraçado e estou ligeiramente preocupada com o motivo.

— Precisamos despistá-lo — murmura Kai depois de mais um grito ecoar da esquina.

Estou prestes a dizer alguma coisa quando, de repente, ele me puxa para outro beco e me pressiona contra a parede meio desmoronada.

— O que você está…?

— Finja, Gray — diz ele, ofegante, me prendendo na parede com o corpo.

Antes que eu tenha chance de questionar, Kai desamarrou minha saia com uma das mãos e a jogou no chão. Encaro o tecido amarrotado junto aos nossos pés antes que a mão dele puxe meu rosto de volta.

Vejo a ordem nos olhos dele, a necessidade de escutá-lo, só dessa vez. Então, não o afasto quando sua mão roça no meu pescoço para tirar o lenço da minha cabeça. Porque isso é fingimento. É um plano.

Ele coloca o chapéu flexível na minha cabeça, enfiando minha trança bagunçada embaixo. Em seguida, se inclina mais para perto, tirando o lenço de cima do próprio rosto. Sua mão livre segura meu quadril, me empurrando contra a parede. Respiro fundo rapidamente quando sua cabeça se abaixa ao lado do meu queixo.

O toque dos lábios dele me faz engolir em seco.

A boca de Kai se move de leve, plantando beijos na minha pele. Fico sem fôlego quando ele segura meu rosto, virando-o para si, para longe da rua. Ele se move devagar, descendo pelo meu pescoço, os lábios ficando menos hesitantes ao seguir o caminho da minha cicatriz irregular.

— Kai… — Minha voz sai ofegante, mas não era isso que eu pretendia.

— Finja. — Ele ofega de encontro à minha pele, me fazendo estremecer.

Ao ouvir os gritos e o som de passos se aproximando, Kai puxa minha cabeça e o chapéu que a cobre ainda mais para baixo. Seu corpo está pressionando o meu, o rosto enterrado no meu pescoço e escondido sob a aba do chapéu horroroso que estou usando.

O grupo de homens que está nos perseguindo passa sem sequer se virar na nossa direção. Afinal de contas, somos apenas um casal apaixonado. Dois amantes querendo ser deixados em paz.

Amantes.

A ideia de outras pessoas nos enxergando dessa forma me faz engolir em seco.

Ele chegou ao final da minha cicatriz, beijando a reentrância da clavícula. Se descessem mais um pouquinho, seus lábios encontrariam

outra cicatriz riscada sobre meu coração, uma que me marca até a morte. Esse pensamento me faz empurrá-lo e me soltar.

Kai recua um passo, a respiração pesada. Os olhos cinzentos se chocam com os meus com uma emoção que não me dou ao trabalho de tentar decifrar. Depois de um longo momento, ele pisca, assentindo com um movimento rápido. Sinto as bochechas ardendo e puxo o chapéu mais para baixo para me proteger do seu olhar penetrante.

Ele observa enquanto tiro a poeira da saia antes de enrolá-la na cintura, dando um tempo para o meu rosto esfriar. Depois pigarreia e enrola a corrente várias vezes no meu tornozelo, diminuindo a distância entre nós.

— Preparada? — pergunta ele casualmente, como se eu tivesse imaginado os últimos cinco minutos.

Ótimo. Se ele acha que isso não foi nada, eu também acho.

Assim, ajeito o chapéu, concordo apressada e passo o braço pelo dele.



CAPÍTULO 31



Kitt

A caixinha na minha mesa está enterrada embaixo de pilhas de pergaminhos borrados.

Escondo-a ali sempre que sinto vontade de pensar demais na minha decisão. A decisão que Calum garantiu que era a certa. Mas a lembrança dos três *B*s do meu pai para me tornar um grande rei ajudou a me convencer mais.

Meus dedos tamborilam na mesa de madeira, um som oco e áspero.

Há uma batida rápida à porta, o som ecoando o dos meus dedos na mesa.

— Entre.

Ouço o rangido das dobradiças antes de um Imperial mascarado enfiar a cabeça na sala.

— Vossa Majestade. Desculpe interrompê-lo, mas o senhor me pediu que…

— Ainda não há notícias dele?

Ouço o Imperial engolir em seco.

— Não, Vossa Majestade. Nem dos homens dele.

— E dela?

— Nada, Vossa Majestade.

Ele já deveria ter voltado. Já faz mais de duas semanas e ele já deveria ter voltado. Deveria tê-la trazido para mim. Ou talvez a tenha levado para outro lugar. Talvez jamais tenha tido a intenção de trazê-la

de volta. Talvez tenha fugido com ela. Talvez os dois estejam fugindo de mim — juntos. Porque ele já deveria ter voltado. Porque…

— Meu Executor já deveria ter voltado.

— Sim. — O homem assente com fervor. — Deveria, Vossa Majestade.

— Continuem vigiando a periferia da cidade.

— Sim, Vossa Majestade. — Ele olha de lado para a porta, praticamente implorando para ser dispensado.

— Vá.

O Imperial assente apressado e passa pela porta antes de fechá-la sem fazer barulho.

Passo a mão suja de tinta pelo rosto.

Kai sempre cumpriu as missões. Bom, sempre cumpriu as missões para o nosso pai. Mas eu não sou ele, sou? Nosso pai me lembrava disso diariamente. E depois passava o resto do dia treinando meu futuro Executor. Que já deveria ter voltado. Que está fugindo com ela. Ou de mim. Ou da própria vida.

Reviro os pergaminhos que atulham a mesa, procurando até que meus dedos encontrem a caixinha que enfiei embaixo.

Olho para ela como faço todos os dias.

O reino acha que eu estou fora de mim.

Eu acho que estou em algum outro lugar. Um lugar mais sombrio, talvez.

Ouço serviçais sussurrando ao passarem pela minha porta, vejo Imperiais me olhando quando, por acaso, caminho pelos corredores.

Acham que perdi a cabeça de tanto sofrimento pela morte de um homem que tinha pouco mais do que sentimentos de decepção e obrigação por mim.

Que absurdo.

Que absurdo sofrer por um homem que amava o poder mais do que amava os filhos. Que absurdo sofrer por um homem que não me fazia nenhum elogio. Que absurdo sofrer por um homem que jamais podia ser satisfeito.

Que injustiça sofrer por um homem assim.

Portanto, não vou sofrer mais. Chega. De verdade.

Sinto falta de quem eu era antes de encontrá-lo com uma adaga cravada no pescoço. Sinto falta do irmão que eu era para Kai e Jax, sinto falta dos dias de suor no círculo de treinamento. Sinto falta de fugir dos bailes para beber até o sol nascer. Sinto falta de fugir das responsabilidades em geral.

Kai e eu estávamos bem. Especialmente depois de Ava. Ficamos incrivelmente mais próximos a cada noite que ele passava lutando contra as lágrimas no meu quarto. Lembro que roubamos álcool da adega pela primeira vez depois daquilo tudo, eu me lembro de ter cuspido o primeiro gole.

Que estranho perceber que algumas das melhores lembranças que tenho agora são de coisas que não foram nem um pouco agradáveis quando aconteceram.

Mas duvido que eu tenha lembranças boas do que estou vivendo agora. Talvez eu nem viva por tempo suficiente para olhar para trás e sentir falta dos dias que odiei.

Meus dedos roçam a tampa da caixa, sentindo a importância dela a cada toque. Não quero odiar todos os dias. Talvez eu não tenha de odiar todos os dias. Talvez seja melhor assim…

Giro os ombros, os que agora estão carregando o peso esmagador deste reino.

E então consigo encontrar um pedaço de pergaminho relativamente limpo.

Esta carta é para ele.

Para o homem por quem estou cansado de sofrer.

Esta carta é endereçada ao sofrimento que ele me deixou.

Ao sofrimento que ele não merece me fazer sentir.

A próxima carta é para ela.

Geralmente são.

Ela dá uma bela musa.

Ou talvez seja simplesmente fácil pensar nela, fácil traduzi-la em palavras.

Derramo os pensamentos na página.

Ela já deveria ter voltado.

Outro borrão de tinta.

Ela já deveria ter voltado.

O papel se rasga com a pressão.
Ela já deveria ter voltado.
Ponho o pergaminho na pilha.

CAPÍTULO 32

Kai

— Uma fatia.

Minha testa se franze e espero que Paedyn continue.

— Por favor — ela consegue dizer por entre os dentes.

Recompenso sua educação abrindo um sorriso e levando um pedaço de maçã aos seus lábios. Os dentes dela arrancam a fatia da minha mão, quase me mordendo, coisa que ela tentou várias vezes.

Paedyn me olha com irritação, sentada no telhado. A luz da manhã salpica seu rosto e os fios de cabelo prateados que espiam por baixo do lenço.

— Isso é mesmo necessário?

Ela está falando da corda com a qual amarrei seus pulsos, claro.

— Ah, você sabe exatamente por que é necessário.

Depois de um longo dia andando pelas ruas mais calmas da periferia da cidade, conseguimos subir para o topo de uma construção arruinada onde ela teve o desplante de apontar uma faca para mim enquanto eu dormia.

Acordei com o som de Paedyn tentando abrir a algema do seu tornozelo antes de encostar a lâmina na minha garganta. Estou ligeiramente preocupado por ela ter conseguido pegar uma arma sem que eu percebesse. Mas a briga cansativa terminou quando amarrei as mãos dela às costas com uma tira de lona velha que eu havia encontrado. Só então consegui descansar um pouco.

— Eu não deveria tentar fugir do meu captor? — pergunta ela, exasperada. — Não sou exatamente do tipo que se entrega sem resistir.

— Obviamente não — concordo com um suspiro, oferecendo mais uma fatia de maçã.

Ela aceita de má vontade, odiando o fato de eu lhe dar comida na boca.

— Quanto tempo isso vai durar? — Paedyn balança os dedos atados às costas.

— Até que sua ânsia de me matar passe.

Ela solta uma risada.

— Então parece que vou ficar amarrada para sempre.

— Seria uma pena — digo distraidamente, usando a faca que ela encontrou para cortar fatias de maçã para mim.

Vejo-a revirar os olhos rapidamente.

— Uma fatia.

Isso está ficando bastante desagradável para nós dois. Corto mais um pedaço antes de levá-lo aos lábios dela.

— Estamos na metade de Dor. Se a gente conseguir fazer um bom tempo hoje e não encontrar nenhuma encrenca, talvez dê para…

— Uma fatia.

Fecho os olhos, respirando fundo por um momento antes de lhe dar mais um pedaço.

— Como eu estava dizendo — continuo, parecendo mais calmo do que me sinto —, a gente deve chegar ao Santuário das Almas em dois dias.

— Perfeito. — O sorriso dela é enganosamente doce. — Um pouquinho mais perto da minha morte.

Desvio o olhar para a rua embaixo, não querendo pensar na possível verdade dessas palavras. Odeio não saber o que Kitt planeja fazer com ela. Ou, pior, o que ele planeja que eu faça com ela.

— Bom, é melhor não deixar o rei esperando, não é? — Paedyn se levanta com dificuldade, olhando para baixo enquanto acrescenta: — Especialmente porque estamos pegando o caminho mais longo para Ilya. Não queremos que ele pense que aconteceu alguma coisa com você.

O tom dela é de deboche, uma tentativa de esconder o que sente de verdade. Sei muito bem como é. Por isso não digo nada enquanto me levanto, examinando seu rosto e as emoções que ela se recusa a deixar que eu veja. Mas é a mão que ela balança para mim, às costas, que atrai minha atenção.

— Preciso dos meus braços para descer.

Dou um leve sorriso.

— Eu poderia simplesmente pegar você lá embaixo.

— Essa corrente iria me puxar daqui de cima antes mesmo de você chegar lá.

— Ótimo — digo simplesmente. — Então você vai chegar lá embaixo antes de mim.

Um som de irritação sobe pela garganta de Paedyn. Rio despreocupado antes de cobrir a distância entre nós, observando seus olhos voltados para os meus. Ela fica imóvel quando estendo os braços para as suas costas, roçando sua cintura antes de segurar as mãos amarradas.

Só quando ela abre a boca para me repreender é que corto a lona com minha faca, o tempo todo sustentando seu olhar. As mãos dela se libertam com um estalo, provocando um sorriso suave em seus lábios.

— Então você não quer que eu morra na queda?

Ela está perto, cheirando levemente ao sabonete barato da estalagem. Dou de ombros.

— Não se você me arrastar junto.

— Bom, é o único jeito que eu me permitiria morrer.

Estou sorrindo antes mesmo de ter a chance de me conter. Estendo a mão para esconder alguns fios soltos de cabelo prateado dentro do lenço dela, os dedos roçando em suas têmporas. A sensação da pele de Paedyn faz minha mente voltar ao beco onde minha boca esteve junto ao seu pescoço, sentindo sua pulsação disparar sob meus lábios.

É desconcertante ela ser tão tentadora.

Paedyn tinha gosto de privilégio, de sonho.

Precisei de um esforço enorme para me afastar, me soltar.

Mas, afinal de contas, era tudo fingimento. Pelo menos é o que fico dizendo a mim mesmo.

Passo a mão pelos cabelos antes de amarrar meu lenço por cima do nariz.

— Preparada? — pergunto, indo com ela até a beira do telhado.

— Não importaria se eu não estivesse — responde ela, irônica.

Balanço a cabeça e passo pela borda da construção, as pernas penduradas enquanto seguro a beira do telhado. Paedyn faz o mesmo, começando a descer com cuidado. Lutamos para descer pela parede, usando cada fenda nas pedras para firmar dedos e pés.

A corrente tilinta entre nós quando finalmente saltamos para o chão. Minha mão arde. Olho para baixo e encontro uma fina linha de sangue brotando na palma, cortesia de uma pedra afiada. Ignoro isso e observo Paedyn enrolar a maior parte da corrente no tornozelo antes de ficar de pé outra vez. Em seguida, hesitante, ela passa o braço pelo meu e começamos a andar pelas ruas menos movimentadas de Dor.

A periferia da cidade está assustadoramente vazia, abrigando apenas os sem-teto e os inválidos. Viver tão longe das ruas principais não é escolha, é castigo. Os párias são empurrados para as margens, precisando se virar para conseguir comida ou caminhar até as ruas dos mercados.

Mas é mais seguro viajar ao longo da fronteira, onde há menos pessoas que poderiam nos reconhecer, sobretudo porque a notícia da nossa fuga da prisão deve ter se espalhado. Andamos por um bom tempo, só precisando nos desviar de alguns pedintes persistentes à medida que o dia prossegue.

Só quando passamos pelo quarto cartaz com seu rosto é que Paedyn o arranca da parede de uma loja.

— O quê? — pergunta ela, irritada, vendo minha expressão. — Estou cansada de olhar para mim mesma.

Ela está prestes a amassar o cartaz quando eu o arranco de suas mãos.

— Me deixe ver isso. — Evito facilmente a mão dela, levantando o pergaminho acima da cabeça.

— Você é insuportável — diz ela, bufando, enfim desistindo. — O que você pode querer com isso?

— Comparar com a original — digo, segurando a imagem ao lado do rosto dela. Paedyn quase se permite rir. Meu olhar salta entre ela e

o cartaz, examinando as feições. Devolvo-o depois de alguns segundos. — Não tem sardas suficientes.

— Não tem… — A cabeça dela gira na minha direção, com a confusão franzindo a testa. — Como assim, não tem sardas suficientes?

— Quero dizer que eles não desenharam sardas suficientes — respondo, sem olhar para ela.

Paedyn bufa.

— Sim, eu ouvi isso, mas…

Um sujeito corpulento sai de um beco, bloqueando nosso caminho. O braço de Paedyn fica ligeiramente tenso em volta do meu enquanto os olhos do homem nos examinam, parando ao ver a corrente presa no meu tornozelo. Dou um passo, incentivando Paedyn a desviar do sujeito, quando o rosto dele de repente se abre num sorriso.

— Caramba — grita ele —, ouvi dizer que o casamento acorrenta as pessoas, mas isso aí é ir longe demais, hein?

Pela primeira vez, fico aliviado ao ouvir esse tipo de comentário. Que ele pense o que quiser, desde que não saiba quem nós somos. Com isso em mente, entro no jogo do sujeito.

— Pois é, essa aqui dá bastante trabalho.

Mais tarde vou pagar por isso. Dá para sentir pelo modo como ela aperta meu braço.

Pouso a mão nas costas de Paedyn, guiando-a para a frente enquanto o homem gargalha.

— Você realmente a controla com rédeas curtas!

O corpo inteiro de Paedyn fica tenso, pronto para destroçar o sujeito. Passo a mão pela cintura dela, prendendo-a junto a mim para impedir que tome qualquer atitude impulsiva.

— Bom, não posso deixá-la fugir, não é mesmo?

A risada dele vai ficando para trás enquanto seguimos depressa pelo beco. Eu já esperava a cotovelada nas costelas antes mesmo que o golpe chegasse.

— Isso é o mínimo que você merece — diz ela baixinho.

— O que, exatamente, você queria que eu fizesse? — murmuro. — Que contasse por que você está acorrentada a mim?

Ela não se dá ao trabalho de responder enquanto caminhamos no mesmo passo. Andamos em silêncio por vários minutos, de cabeça

baixa e num ritmo tranquilo. Só hesitamos quando um grupo de homens entra na nossa frente.

São quatro, todos grandes e fortes. Um deles se adianta com um sorriso de zombaria, o mesmo de quem escapamos há alguns minutos.

— Sabe — ele balança um dedo para nós —, você parece familiar, garota. — O homem tira do bolso um pedaço de pergaminho amarrotado e o segura para vermos o rosto de Paedyn nos encarando de volta. — Então essa é a infame Paladina Prateada, é?

Firmo uma das mãos nas costas de Paedyn quando ele dá um passo vagaroso na nossa direção.

— E esse aí deve ser o Executor enviado para levar a garota ao seu reizinho. Ouvimos dizer que escaparam do Rafael. Mas ele capturou vocês dois com facilidade. — O sorriso do sujeito apenas cresce. — Vamos receber uma boa grana por esses dois, pessoal. A aberração Notável não pode derrubar todos nós. Na verdade, não creio que o Executor tenha nem metade do poder que a gente imaginava.

Olho para a direita, analisando o beco vazio.

— Eu odiaria dizer, mas…

— Eu sei — murmura ela, antes de partir correndo.

Entramos derrapando no beco, tropeçando na corrente enquanto Paedyn se esforça para desenrolá-la do tornozelo. Gritos ecoam atrás de nós, seguidos de perto pelo som de passos ribombando. Agarro a mão dela e vamos em zigue-zague pelas ruas de calçamento irregular, concentrados em não cair.

— Desse jeito não vamos despistar esses caras. — Ela ofega e me puxa em outra direção.

— Eu sei — concordo, enxugando o suor que arde nos meus olhos.

Viramos à direita e damos de cara com um dos homens. Somos obrigados a parar derrapando e dar meia-volta.

— Alguma ideia brilhante? — pergunto, sem fôlego.

— Eu ia perguntar a mesma coisa.

Ela mal consegue se desviar de um velho que passa mancando no nosso caminho. Viramos em outra esquina e entramos em uma rua mais movimentada. Sem dizer uma palavra, ela me puxa para um prédio mal iluminado e abre a porta.

Praticamente caímos do lado de dentro, passando do sol ofuscante para uma mortalha de sombras. Examino o salão, vendo as cadeiras de veludo e as mesas de jogo. Há muita fumaça, o que ajuda a esconder os rostos dos homens que bebem e jogam. Mulheres andam pelo salão vestidas com pouca roupa, procurando um colo vazio para se sentar.

— Você acaba de me puxar para um clube de cavalheiros — murmuro.

— Claro que você saberia o que é isso — sussurra ela, irritada. — E agora?

— Agora — deixo minha mão roçar a parte de baixo das costas dela —, a gente se mistura.

Tiro o chapéu flexível de dentro da mochila pendurada no ombro de Paedyn e rapidamente desenrolo o lenço de sua cabeça. Depois coloco o chapéu cobrindo seu rosto e enfio a trança malfeita dentro dele.

— Entre no jogo, está bem? — murmuro, passando o braço pela cintura dela. — Tire o colete. Ele pode ser reconhecido.

Pela primeira vez na vida, ela obedece, dobrando o colete e o enfiando na mochila; sobra apenas a blusa fina escorregando do ombro bronzeado. Em seguida, eu a puxo para uma cadeira vazia junto de uma das muitas mesas de jogo. Há alguns homens ao redor, espiando por trás das mulheres sentadas em seus colos para arrumar as cartas nas mãos e soltando baforadas dos charutos pendurados nos lábios.

Afundo lentamente na cadeira de veludo antes de puxar Paedyn para o meu colo. Ela se senta ereta e rígida até que minhas mãos encontram seus quadris para ajeitá-la encostada no meu peito.

— Relaxe, meu bem — sussurro junto ao seu ouvido. — Precisamos parecer à vontade aqui.

Ela concorda, assentindo de leve, com a aba do chapéu quase acertando meu rosto. Sinto-a se derreter de encontro a mim, convincente na postura confortável empoleirada na minha coxa. Mantenho uma das mãos pousada nos quadris dela e uso a outra para sinalizar pedindo cartas. Depois de eu largar no feltro da mesa os poucos xelins que ainda tenho, um homem joga várias cartas na minha direção.

Paedyn se vira até ficar com o rosto encostado no meu e envolve lentamente meu pescoço com um braço preguiçoso. É só uma desculpa para sussurrar sem levantar suspeitas, mas mesmo assim me esforço para acalmar meu coração acelerado.

— O que está fazendo, Azer? — murmura ela, os lábios roçando na minha bochecha.

Engulo em seco com a sensação.

— É preciso pagar para jogar — respondo, ofegante. — E não jogar só atrairia mais atenção para nós.

Ela solta o ar de encontro à minha pele de um modo que me faz pigarrear.

— Me lembre de roubar seu dinheiro de volta depois que terminar.

Com isso, ela se vira para a mesa, observando os homens darem as cartas.

Seria mentira dizer que não estou familiarizado com clubes de cavalheiros, embora os de Ilya sejam muito mais limpos do que este. Mas sei como funcionam esses jogos e, muito mais importante, sei como ganhar.

— Duvido que você precise fazer isso, meu bem. — Ponho uma carta no feltro puído. — Não pretendo perder.

Os homens em volta da mesa se revezam, frequentemente trocando as mulheres que enfeitam seus colos uns com os outros. Sinto Paedyn ficar tensa a cada vez que uma mulher é trocada, odiando o modo como os homens descartam uma somente para passar as mãos em outra.

Não demora muito até uma mulher pôr o braço em volta dos meus ombros. Com a voz aguda e rouca, ela se oferece para trocar de lugar com Paedyn. Mas, quando abro a boca para recusar, não é minha voz que escuto.

— Esse colo tem dona — diz Paedyn com frieza, chegando mais perto com o braço ainda envolvendo meu pescoço.

Bufando, a mulher assente e se vira, procurando outro corpo para esquentar.

Um sorriso malicioso se espalha pelo meu rosto. Inclino a cabeça para encarar Paedyn, mas ela está me ignorando teimosamente, concentrada no jogo que se desenrola diante de nós. Querendo atrair o

olhar dela, largo minhas cartas na mesa para puxar seu queixo na minha direção.

— Você fica bonita com ciúme, Gray — murmuro, com os dedos ainda segurando seu rosto.

Os olhos de Paedyn saltam para os meus, cheios de um fogo conhecido.

— Não estou com ciúme.

Meu olhar se demora nos lábios dela antes de viajar por todo o seu corpo.

— Então você só está bonita.

Ela faz um ruído de desdém, virando o rosto.

— Por que não se concentra em não perder, hein?

Abro a boca para argumentar que é culpa dela eu ter me distraído, quando a porta se escancara de repente, inundando o salão com uma luz intensa.

Dois homens familiares entram, parando junto à porta e procurando por nós.

CAPÍTULO 33

Paedyn

— Trouxe a sua, é?

Afasto os olhos dos dois homens junto à porta e pisco para o que está ao nosso lado. A mulher no colo dele usa um chapéu de plumas equilibrado de maneira precária na cabeça, provavelmente deslocado pelo sujeito de mão boba em quem ela está sentada.

O comentário dele esquenta minhas bochechas. Abomino este lugar. E abomino ter de agir como se eu não passasse de um brinquedo bonito.

A mão de Kai aperta meu quadril.

Não faça bobagem. Estamos sendo observados.

É isso que entendo pelo modo como ele me puxa para trás em seu colo, possessivo. Sua ordem silenciosa me faz relaxar de encontro ao seu peito, olhando por baixo da aba do meu chapéu absurdo para os dois homens que examinam o salão. Eles parecem bastante inocentes, como se estivessem decidindo em que mesa querem jogar. Mas seus olhos procuram, estudando cada pessoa no caminho.

— É meu amuleto da sorte — diz Kai simplesmente, ganhando alguns risinhos dos homens à mesa.

Ele envolveu minha cintura por completo com o braço, inclinando-se para pousar o queixo no meu ombro nu. Sem o lenço cobrindo seu rosto à luz fraca, a barba crescida no queixo dele faz cócegas na minha pele, me fazendo estremecer.

— O que acha, meu bem? — pergunta ele junto ao meu ouvido, segurando as cartas à minha frente.

Kai diz isso para os outros ouvirem, como se esse fosse um comportamento rotineiro para nós dois.

— Hmm. — Encosto a cabeça na dele, sentindo seu hálito no meu rosto. Em seguida, estendo a mão e bato numa carta. — Esta aqui.

— Essa é a minha garota — murmura ele, pondo a carta na mesa.

O jogo continua, mas não presto atenção devido ao modo como os dedos dele estão abertos sobre a minha barriga. Espio os homens que estão nos procurando e vejo que eles se aproximam da nossa mesa devagar. Sei que Kai também percebe quando ele aproxima seu rosto do meu para se esconder sutilmente embaixo do chapéu.

Não consigo deixar de ficar tensa a cada passo dos perseguidores. Estou pronta para pular do colo de Kai e correr, se for necessário. Meus dedos remexem a saia que cobre a corrente no meu tornozelo, embolando o tecido nas palmas das mãos suadas.

Kai passa a mão pela lateral da minha cintura com firmeza e atrai toda a minha atenção.

— Relaxe, Gray — sussurra ele no meu ouvido. Sua palma desce pelo meu quadril até a perna, me segurando por baixo do joelho e me puxando para mais perto. — Finja, lembra? — A voz dele é uma carícia, imitando a mão que agora corre pela minha coxa.

Certo. Fingir.

Isso é tudo que existe entre nós. Cada toque, cada olhar, cada momento genuíno.

Finja.

Eu me viro de lado para passar as pernas por cima do seu colo.

Finja.

Minha mão encontra sua nuca, os dedos penteando os cabelos.

Finja.

Nada tem qualquer significado com ele. E é isso que fico dizendo a mim mesma.

O foco dele está em mim e longe do jogo em suas mãos.

— Estou distraindo você? — pergunto com voz suave.

— Quando não está?

— Hmm. Seu coração está batendo forte, príncipe — sussurro no ouvido de Kai, sentindo seu coração trovejar contra o peito.

— É um jogo disputado — murmura ele. — E não estou acostumado a perder.

Faço um ruído sarcástico baixinho.

— Não, você está acostumado a conseguir tudo que deseja com esse seu rostinho bonito e seu belo título.

Ele afasta a cabeça o suficiente para me olhar nos olhos, permitindo que eu vislumbre a emoção que espia por entre as rachaduras da máscara. Seus olhos cinzentos examinam meu rosto, absorvendo cada centímetro desalinhado de mim.

— Nem tudo.

Pisco, atônita. Kai me encara até um homem indicar que é a vez dele. Só quando tento ver a carta que ele jogou é que vislumbro os dois sujeitos vindo para a nossa mesa. Kai toca meu ombro com o queixo de novo, escondendo o rosto embaixo da aba do meu chapéu. Sua mão sobe e desce no meu quadril, ajudando a me manter relaxada de encontro ao seu peito.

Finja.

É o que eu faço quando os homens param ao lado da mesa. Brinco com o cabelo de Kai, envolvendo seu pescoço com os braços.

Finja.

Minha mão livre passa os dedos na barba dele antes de descer pelo pescoço.

Finja.

Finjo ignorar o fato de que agora os homens olham direto para mim, observando o espetáculo que faço para eles. Sinto seus olhares passando sobre nós e nossos rostos parcialmente escondidos. Quando tenho certeza de que deveria estar pulando de pé e correndo, eles se cansam e se viram para outra mesa.

Solto o ar, encostando a testa no rosto de Kai.

— Foram embora.

Um músculo estremece de leve no queixo dele.

— Bom trabalho, Gray.

Ajeito a coluna ligeiramente ao ouvir seu tom de voz, ao lembrar que isso tudo era apenas para nos misturarmos ao ambiente.

— Já está perdendo o jogo? — pergunto, rígida.

Kai está distraído.

— Sua fé em mim é inspiradora.

— Não dá para apressar isso? — pergunto baixinho.

Ele põe uma carta na mesa.

— O quê? Você tem algum lugar melhor onde estar?

— Tenho — respondo secamente. — Fora do seu colo.

Abaixando a cabeça, ele ri de encontro ao meu pescoço.

— É mesmo?

Estremeço quando sua mão envolve lentamente minha cintura outra vez, os dedos calejados roçando a pele nua no ponto em que minha blusa está levantada.

Confirmo, assentindo devagar.

— Estou entediada.

Os lábios dele roçam meu queixo.

— Não está, não.

Luto contra o impulso de me virar e encará-lo.

— E o que te faz achar isso?

— Digamos que é um pressentimento — murmura ele no meu ouvido, antes de baixar uma carta que faz os homens ao redor da mesa soltarem grunhidos.

O jogo termina com murmúrios raivosos e a pilha de xelins reluzentes sendo empurrada na nossa direção.

Kai joga rapidamente as moedas na minha mochila, exibindo um insuportável ar de satisfação.

— Parece que você não precisará roubar ninguém hoje, meu bem.

— Que pena — murmuro. — Estava ansiosa por isso.

Com um risinho, Kai praticamente me levanta do colo e me põe de pé. Ele se levanta logo em seguida, pondo a mão firme às minhas costas. Seguimos tranquilos até a porta, como se não valêssemos uma quantia absurdamente maior do que a que acabamos de ganhar.

Olho uma última vez por cima do ombro, buscando os homens que estão nos procurando, e os vejo conversar com pessoas em uma mesa do outro lado do salão. E então já estou passando pela porta, piscando à luz ofuscante do sol. Viramos a esquina com cautela, examinando cada rua antes de continuarmos andando.

Só depois de quase uma hora de caminhada é que nos sentimos seguros para diminuir o ritmo e baixar a guarda, mas ficamos de cabeça baixa quando passamos por alguma pessoa desgarrada, tão longe do coração da cidade. Meus pés se arrastam, exaustos, e minhas pálpebras ameaçam se fechar. Kai percebe isso, claro, e começa a puxar a corrente quando meus passos ficam lentos.

— Você fez um bom trabalho lá atrás — diz ele, baixinho, quebrando o longo silêncio.

— Não é muito difícil ficar sentada num colo — murmuro com desdém.

— Ah, ficar sentada é a parte fácil. Difícil é parecer bonita. Bom — acrescenta ele com sinceridade —, não pela minha experiência. Mas tenho certeza de que outras pessoas podem ter dificuldade com isso.

Rio, mesmo contra a vontade.

— Você se acha o máximo mesmo, não é?

— Alguém precisa achar. — A frase seguinte faz minha cabeça virar na direção dele: — Já que você continua negando que me acha bonito.

— Bom, eu não acho você bonito.

— Sabe, quase acredito. — Ele me lança um olhar perplexo. — Você pode ser bastante convincente. Especialmente durante sua performance no meu colo.

Viro o rosto antes que ele veja o rubor que brota nas minhas bochechas.

— Bom, eu tenho muita prática em *fingir*. Venho fazendo isso a vida inteira.

Ao mencionar a fraude que é minha vida, minha habilidade Psíquica, só me lembro da quantidade de pessoas que foram arrastadas para ela. As pessoas que se tornaram cúmplices involuntárias, danos colaterais na minha performance. Olhos verdes e suaves e um sorriso fácil lampejam na minha mente. O novo rei foi a última vítima da minha farsa, da minha traição.

Tiro a mochila dos ombros para pegar um pão comido pela metade que roubei da carroça de um comerciante — como fiz com toda a nossa comida.

— Acha que ele está preocupado com você? — pergunto entre mordidas. Quando Kai levanta as sobrancelhas de maneira inquisitiva,

acrescento: — Kitt.

Engulo em seco. É a primeira vez que falo do rei usando o nome dele, e não o novo título. Parece um som estranho na minha boca, como se pertencesse à lembrança de alguém que eu costumava conhecer. E, de certa forma, é isso mesmo.

— Se estiver — Kai suspira —, é porque estou com você.

Faço um ruído sarcástico.

— O quê? Ele acha que meu objetivo é matar toda a realeza?

Kai me encara, o olhar percorrendo meu rosto.

— Ele não tem ideia de qual é o seu objetivo.

— Não tenho nenhum objetivo — digo, na defensiva. — Só quero ver o reino de Ilya unificado. E certamente não tinha intenção de matar o rei naquele dia. Ele me atacou, lembra? Como se estivesse esperando o momento. — Desvio o olhar, balançando a cabeça.

— Mesmo assim você matou o rei. Você é uma criminosa…

Meu riso amargo o interrompe.

— E o que isso faz de você? Um santo?

Ele para de forma abrupta, quase me puxando pela corrente.

— Nunca disse ser nada além de um monstro. — Suas mãos seguram meus ombros, apesar da voz enganosamente suave. — Mas eu também não tinha *intenção* de matar seu pai naquele dia. Na verdade, não tinha nenhuma intenção de me transformar nessa casca de homem que sou hoje. Mas me transformei. E pago o preço todo dia.

Eu o encaro, atônita com a mudança abrupta na conversa.

— Como assim, você não tinha intenção de matar meu pai?

— Eu não tinha sequer a intenção de virar um assassino naquele dia. — Kai faz uma pausa, soltando meus ombros como se tivesse acabado de perceber que os estava sacudindo. — Eu não sabia qual seria a minha primeira missão. E, quando descobri, não pretendia realizá-la. — Ele passa a mão pelos cabelos revoltos. — Ele estava dormindo e eu não ia fazer aquilo. Ia sair pela porta e enfrentar as consequências. Mas então ele acordou. Me olhou direto nos olhos, e foi então que de repente me vi cravando a espada no peito dele. — O Executor balança a cabeça. — Ele nem tinha estendido a mão para pegar uma arma. Nem tinha se mexido. Mas mesmo assim eu o ataquei. No pânico que eu estava sentindo, fiz exatamente o que o rei esperava.

Por um longo momento, ele fica em silêncio, engolindo o orgulho, e então acrescenta:

— Saí cambaleando e vomitei antes mesmo de chegar ao meu cavalo. Eu não queria fazer aquilo, Gray. Não *ia* fazer aquilo.

Recuo um passo, piscando para conter as lágrimas enquanto olho para qualquer lugar, menos para ele.

— Não é o que você queria ouvir, não é? — A voz dele sai rouca. — Torna mais difícil me odiar.

Eu me viro devagar, voltando a andar lentamente pela rua.

— Mais difícil, talvez — digo baixinho. — Mas não impossível.

CAPÍTULO 34

Kai

A periferia da cidade está assustadoramente deserta.

Quanto mais avançamos para o Santuário das Almas, menos pessoas encontramos. E é o esperado, considerando os bandidos que assombram esse canto da cidade. Passamos por um ou outro estranho arredio, correndo para encontrar o caminho de volta até uma rua movimentada.

Olho de soslaio para Paedyn. Faz horas que ela está girando aquele anel no polegar, olhando para qualquer direção, menos para mim. Odeio quando ficamos desse jeito. Quando não falamos. Quando ela age como minha prisioneira.

— Sua trança está escapando do chapéu.

Na verdade, não está. Mas sou patético e não consegui pensar num modo melhor de romper o silêncio. É preferível falar sobre o cabelo dela do que não dizer nada. Ela segura a aba do chapéu enquanto procura qualquer olhar curioso. Quando acha que a barra está limpa, tira-o da cabeça e deixa a trança cair às costas.

— Segure isso — ordena ela, empurrando o chapéu na minha mão.

— Que modos maravilhosos — murmuro, observando-a lutar contra a tira amarrada na ponta da trança. Na verdade, é insuportável ficar só observando. — Deixe que eu faço isso.

— De jeito nenhum. — Ela ri. — Na última vez que você trançou meu cabelo, ficou uma bagunça, lembra?

— Eu estava sem prática.

A emoção lampeja rapidamente no rosto dela.

— Bom, tenho certeza de que você melhorou suas habilidades desde então.

Só fico confuso por um instante antes de entender.

Ela acha que eu estive com outras mulheres.

A ideia quase me faz gargalhar, mas entro no jogo.

— Isso incomoda você, Gray?

Paedyn entra numa rua mais escura, me puxando.

— Você vai consertar ou eu conserto?

Ela ainda está tentando soltar a trança quando me encosto na parede.

— Isso não é resposta.

— O que você quer que eu diga? — Ela bufa, jogando a trança para trás. — Que a ideia de você trançando o cabelo de outra mulher me incomoda? Isso é patético, e não vou dizer.

Suspiro e vou para trás dela, segurando o que resta da trança.

— Bom, eu não fiz isso. — Consigo desamarrar a tira e passo os dedos pelos cabelos dela.

— Não fez o quê?

— Não trancei o cabelo de nenhuma mulher, só o seu — respondo baixinho. — Bom, o seu e o de Ava.

Sinto a coluna de Paedyn se retesar contra meus dedos.

— Ava? — Ela ri sem humor. — Me deixe adivinhar, é uma das suas muitas amantes? Talvez uma de quem você tenha realmente gostado?

Fico em silêncio por um longo momento, engolindo de volta a emoção que me sobe pela garganta.

— É, eu gostava dela. Até mesmo amava.

— Bom saber.

— Ela era… — Solto o ar. — Ela era como a própria vida. Tudo de bom que não existia em mim.

Paedyn dá uma olhada por cima do ombro, mas empurro seu rosto de volta na direção da parede.

— Por que está contando isso? Para me deixar com ciúme?

Sorrio.

— Não há motivo para sentir ciúme…

— É mesmo? Porque parece…

— Da minha irmã — concluo, falando por cima dela.

Acho que ouço o maxilar dela se fechando depressa.

— Eu… — gagueja ela, procurando pelas palavras certas. — Eu não…

— Não sabia que eu tinha uma irmã? — completo simplesmente. — Claro que não sabia. Você e o resto do reino não deveriam saber.

O cabelo de Paedyn escorrega da minha mão quando ela se vira para me encarar.

— Como assim?

Seguro o queixo dela, virando-a com delicadeza para a parede do beco, e prendo seu cabelo entre os dedos outra vez.

— Ela nasceu há onze anos; seu aniversário foi há quase duas semanas. Minha mãe não deveria ter mais filhos por causa do seu estado de saúde. Mas Ava foi inesperada. Não foi planejada. — Respiro fundo baixinho. — O parto foi… difícil. Quase perdemos a rainha. Eu me lembro de ficar sentado na beira da cama, segurando a mão da minha mãe enquanto os Curadores faziam o máximo que podiam. — Agora a trança está chegando à metade das costas, o cabelo, escorregadio nas minhas mãos. — Ava não deveria sobreviver ao parto, mas ela foi um milagre, apesar de todas as probabilidades.

— O que… — Paedyn começa, hesitando. — O que aconteceu?

— Ava tinha uma doença. Os Curadores disseram que ela não viveria muito tempo, por isso meu pai ordenou que ela fosse mantida em segredo para o reino. Ele não queria que a notícia de uma rainha frágil com uma filha doente se espalhasse. Parece que membros da realeza doentes são uma vergonha. Sinal de um rei e de um reino fracos. — Dou de ombros, sentindo a tensão e a raiva crescendo neles. — Assim, Ava foi escondida. Era um segredo guardado por todos no castelo. Ainda é.

— E agora? — pergunta Paedyn baixinho.

— Ela estava com quatro anos quando a doença a tirou de mim. — Engulo em seco. — Aprendi a trançar por causa dela. Ela era fraca e tinha dificuldade para cuidar do próprio cabelo. Por isso aprendi. Aproveitava qualquer desculpa para passarmos algum tempo juntos. Suportava todo o treinamento que o rei me obrigava a fazer porque

sabia que ela estaria me esperando depois. — Amarro a trança de Paedyn com os dedos trêmulos. — Ava tinha cabelos lindos, cheios, pretos. Olhos azuis grandes, iguais aos da minha mãe. Todo mundo brincava dizendo que ela era igual a mim, só que mais bonita. E quando eu olhava para ela, via as melhores partes de mim.

— Kai… — começa Paedyn. — Eu não sabia.

— Ava não deveria jamais colocar os pés do lado de fora do castelo, que era como uma gaiola para ela — continuo.

— Não deveria? — pergunta Paedyn em voz baixa. — Falando assim, parece que ela colocou.

Um sorriso suave curva meus lábios com a lembrança.

— Ah, sim. Eu me certifiquei disso. Quando ficou evidente que ela seria levada pela doença a qualquer momento, eu fui com ela até o jardim uma noite. Ela jogou água gelada da fonte em mim, colheu o máximo de flores que conseguiu. — Faço uma pausa. — E riu. Pela Peste, apesar de tudo, ela sempre ria. Tinha uma essência contagiosa.

O silêncio se estende entre nós enquanto Paedyn se vira lentamente para me encarar.

— Você nunca fala sobre ela.

Desvio o olhar, dando de ombros como se a tristeza não estivesse me engolindo inteiro.

— É muito doloroso. Kitt também nunca fala sobre ela. Ele sabe que não deve. Mas todo mundo a amava. Todo mundo sabe que não deve falar muito sobre Ava quando estou por perto. — Passo a mão pelo cabelo. — Mesmo na morte, Ava ainda parece um segredo. E eu quero falar sobre ela. Quero mesmo. Na verdade, é uma coisa egoísta. Mas, sempre que me olho, vejo uma versão desfigurada de Ava.

— Sinto muito — sussurra Paedyn, os dedos roçando hesitantes no topo da minha mão. — Eu não sabia.

— A maioria das pessoas jamais saberá — digo com amargura. — Mesmo depois de ela ter morrido, o rei, o *pai* de Ava, se recusou a contar ao reino sobre ela. Ava está enterrada embaixo daquele salgueiro no jardim. Onde você me encontrou naquela noite durante as Provas. — Vejo a percepção arregalar os olhos de Paedyn. — Eu a visito sempre que posso.

— Era por isso que você estava lá — murmura ela.

Balanço a cabeça na direção das pedras irregulares do calçamento.

— Eu queria contar a você. Mas nunca pensei que fosse fazer mesmo isso.

A mão de Paedyn encontra meu braço, hesitante e gentil.

— Obrigada por contar. — Ela parece tímida. — E sinto muito pela Ava.

Sorrio de leve, desesperado para aliviar o clima e pensar em qualquer coisa que não seja minha falecida irmã.

— Então eu nunca trancei os cabelos de uma amante. E não acho que alguém possa sentir ciúme da minha irmã de quatro anos.

Um sorriso rápido curva os lábios de Paedyn quando ela entende o que estou fazendo. Ela está familiarizada com mudanças bruscas de assunto.

— Como se eu fosse sentir ciúme, para começo de conversa.

Suspiro, aliviado com sua disposição de entrar no meu jogo.

— É bonitinho quando você finge que não sente.

Ela revira os olhos depressa antes de passar os dedos na trança.

— Nada mau, Azer. Não estou totalmente convencida de que você não andou treinando com alguém.

— Só com você, meu bem.

— Hmm. — Ela joga o cabelo por cima do ombro. — Que fofo.

Viro o olhar para o sol poente.

— Vamos nessa. Podemos chegar um pouco mais longe antes do anoitecer.

Pego o chapéu gigantesco no chão. Paedyn bufa quando o coloco na cabeça dela, cobrindo seus olhos. Depois de levantar a aba para me espiar, irritada, ela enfia a trança dentro e partimos pela rua deserta.



— Você está pisando na minha mão.

A bota de Paedyn esmaga meus dedos no degrau da escada.

— Ah. Ops.

— É, *ops*.

— Não consigo enxergar nada daqui — sussurra ela.

O celeiro onde entramos está engolido pelas sombras, e na plataforma acima do estábulo a escuridão é ainda maior. Estamos quase saindo de Dor, e qualquer pessoa disposta a desbravar o Santuário das Almas faz uma parada aqui antes de atravessá-lo cavalgando. Cavalos bufam baixinho abaixo de nós, acomodando-se nos estábulos para passar a noite.

A algema esfrega meu tornozelo machucado quando Paedyn dá um impulso para chegar à plataforma. Tateio a escada até encontrar pranchas de madeira surpreendentemente fortes. Rolo de costas com um suspiro, absorvendo o cheiro de feno e dos animais que o comem.

O ombro dela roça no meu quando ela se deita ao meu lado. A sensação faz minha mente disparar com a lembrança de quando ela estava no meu colo. Afasto o pensamento, como já fiz várias vezes desde então.

— Será que alguém viu a gente entrar aqui? — sussurra Paedyn.

Balanço a cabeça, o que faz o feno se enfiar no meu cabelo.

— Acho que nem tem ninguém por aqui para ver a gente.

Ela fica quieta por um longo momento.

— Continuo torcendo para que ele me encontre.

O feno continua a me cutucar quando viro a cabeça para ela.

— Quem?

— Lenny — sussurra ela. — Ou alguma das poucas pessoas que ainda se importam comigo.

— Tenho certeza de que eles procuraram por você — digo, ignorando a culpa crescente que me recuso a sentir.

— Você já matou Mistos? Ou só Comuns, até agora?

Fico ligeiramente rígido ao ouvir a dor na voz de Paedyn.

— Não encontrei nenhum *Misto* em Ilya. Bom, se encontrei, não sabia. Mas agora que sei como é o poder limitado deles, não duvido que vá encontrar.

— E vai matá-los.

— Eu não disse isso.

— Não precisava — reage ela, ríspida. — Eles são exatamente o que provoca medo em você e no restante do reino: o enfraquecimento dos poderes.

Solto o ar.

— Eles são o princípio do fim dos Notáveis.

— E o que há de tão errado se isso significar que todo mundo possa sobreviver? — sussurra ela, implorando que eu entenda.

O silêncio nos envolve, interrompido apenas pela agitação abafada dos cavalos.

— Sua mãe era Comum? — pergunto por fim.

— Era. Ela morreu me dando à luz.

— E o seu pai era um Curador?

— Você já sabe disso.

— Bom… — digo lentamente. — Então por que você é Comum?

— O que você… — Uma pausa. — O que você quer dizer?

Dou de ombros, e o feno faz barulho embaixo das minhas costas.

— Você não deveria ser *Mista*, então? Isso é, desde que sua mãe tenha sido, bom…

— Pense com muito cuidado nas suas próximas palavras, Azer — diz ela com um tom enganosamente calmo. — Porque se você estava prestes a sugerir que minha mãe foi infiel, é melhor pensar duas vezes. — A voz dela fica mais baixa de repente. — Eles se amavam.

— Acho que você superestima o amor — digo simplesmente.

— Não é possível superestimar algo que é infinito.

Infinito. Isso é intimidante. E, ao mesmo tempo, intrigante.

Mal consigo ver a silhueta dela na escuridão.

— Não vá me dizer que nunca se perguntou por que é Comum.

A voz de Paedyn sai inexpressiva:

— Acho que estive ocupada demais sobrevivendo para pensar nisso.

Fico em silêncio, pensando nessas palavras. Depois de vários minutos longos, pigarreio.

— Vamos dormir algumas horas antes de pegarmos um cavalo e irmos para o Santuário.

— Mal posso esperar — murmura ela, grogue de sono.

— Vai tentar me estrangular enquanto eu estiver dormindo? — Faço uma pausa. — De novo?

A voz dela sai abafada de encontro à mochila em que apoiou o rosto.

— Bom, não deu exatamente certo ontem à noite, não é?

— Ainda estou respirando — garanto. — Mas foi um esforço valoroso.

— Não deboche. Vou empurrar você daqui de cima.

— E vai cair comigo.

Ela rola para longe.

— Vai valer a pena.



CAPÍTULO 35



Paedyn

O feno está cutucando minha cabeça.

O dedo de Kai também.

— Você dorme feito um defunto.

Rolo para o lado, resmungando de encontro à mochila que estou usando como travesseiro.

— Só estou treinando para quando estiver morta de verdade, já que isso é inevitável.

Ele faz um som que pode ser um riso contido.

— Levante. Agora.

— Estou cansada.

— Eu também. — Ele suspira. — Especialmente de você.

— Foi você que acorrentou a gente — resmungo. — Não tem o direito de reclamar da minha companhia.

— Levante, Gray.

— Me obrigue, Azer.

Merda. Isso foi um erro.

Ele passa as pernas por cima da escada, conseguindo me arrastar junto. Em seguida, começa a descer, puxando minhas costas sobre o feno em direção à borda.

— Está bem — digo, ofegante, quando minha cabeça está quase pendurada na plataforma de madeira. — Você é insuportável.

Ele para por tempo suficiente para deixar que eu enfie o chapéu na cabeça e calce as meias e as botas.

— Foi o que você me disse. Muitas vezes.

A luz fraca do sol se espreme pelas frestas na madeira do celeiro. O dia mal nasceu, ainda está espantando as sombras. Minhas botas encontram o chão com uma pancada que levanta uma nuvem de poeira. Os cavalos espiam pelos cantos das baias, eriçando as orelhas curiosas para os estranhos que os encaram.

— Por aqui — sussurra Kai, me levando para os fundos do celeiro. Em seguida, indica os animais nas baias alinhadas nas paredes. — Esses cavalos são treinados para viagens longas. E temos comida e água suficiente para quatro dias em sua mochila.

— É, graças a mim — murmuro.

— É. Graças a você e seus roubos.

— Prefiro a palavra *habilidades*, mas…

Um cavalo bufa à minha esquerda, me fazendo dar um pulo.

— Essas malditas feras — resmungo, ofegante, com o coração batendo forte.

Kai dá um risinho.

— Essas *feras* são as mais mansas que você vai encontrar.

Ele destranca uma baia e a abre sem fazer barulho. O cavalo que está dentro é de um castanho profundo, o pelo opaco devido à poeira. Kai passa a mão distraidamente pelo focinho do animal antes de pegar uma sela jogada em cima da divisória.

— Venha se apresentar — diz ele baixinho, assentindo para o cavalo que está sendo selado.

— Estou bem, obrigada.

O infeliz puxa a corrente, quase me fazendo trombar no bicho, que bufa em cima de mim.

— Babaca — sibilo, ajeitando a postura, e olho para o cavalo.

— Ah, qual é, Paladina Prateada. Ele não vai morder… Provavelmente.

Reviro os olhos para o príncipe antes de levar a palma da mão, hesitante, até o focinho do cavalo. É macio e quente, e o bicho o esfrega com suavidade na minha mão. Consigo abrir um sorrisinho,

engolindo o medo diante de uma criatura tão formidável. Porque uma força tão grande jamais poderá ser domada por completo.

— Sua coragem é inspiradora — diz Kai, inexpressivo. — Agora abra a porta para eu sair com ele antes que os cavalariços cheguem.

Obedeço com irritação e dou um passo para o lado enquanto ele guia o cavalo para o corredor central. Os cascos fazem barulho no chão de terra batida enquanto seguimos em direção à porta do celeiro e ao trecho final da cidade. Estamos quase do lado de fora quando uma sombra desliza para dentro do celeiro, seguida pelo seu dono.

O homem para, olhando o cavalo e os dois estranhos que o estão roubando.

— O que…? — gagueja ele, olhando para nós.

O olhar de Kai jamais se afasta do homem enorme.

— Monte no cavalo, Gray.

— Mas a corrente…

— Então ponha o pé no estribo e se agarre.

Nem tenho chance de questionar antes de o homem vir na nossa direção, segurando alguma coisa que brilha. Kai me empurra para trás e se abaixa, esquivando-se de um soco do homem na direção do seu queixo.

A luta é um borrão que eu, às costas de Kai, mal consigo ver. O homem solta um grunhido quando leva um soco na têmpora, mas consegue fazer o Executor se dobrar com um punho na barriga.

— Demore o quanto quiser! — grita Kai para trás, por pouco evitando outro soco.

Seu sarcasmo me arranca do estupor e me faz procurar o estribo. Quando o vejo lutar, é difícil desviar os olhos. É uma precisão treinada. Uma espécie de caos sedutor.

A ponta da minha bota encontra o estribo enquanto tento me equilibrar com apenas um dos pés no chão. Ouço a luta e o som de botas raspando o solo. As costas de Kai se chocam em mim, arrancando o ar do meu peito e o apoio dos pés. Bato no chão com uma pancada forte, mas me obrigo a levantar antes mesmo de sugar o ar nos pulmões em brasa.

Levanto os olhos e vejo o homem segurando o nariz ensanguentado e cambaleando para trás depois de levar um soco. Kai não desperdiça

um instante, girando para segurar minha coxa e enfiar meu pé no estribo. Em seguida, sua mão está nas minhas costas, me empurrando para cima enquanto começo a passar a outra perna sobre a sela.

Quando a corrente se retesa, Kai segura a sela e sobe atrás de mim, esticando a corrente entre nós. Olho o homem embaixo, agora cambaleando para a frente e tentando agarrar minha perna. Chuto com violência, tentando me soltar das mãos úmidas que apertam meu tornozelo. Quando ele não solta, me abaixo e agarro seu cabelo antes de empurrar seu nariz quebrado contra minha patela.

Ele uiva de dor, com sangue escorrendo pelo rosto, e cambaleia para trás. De repente, sou jogada contra o peito de Kai quando ele bate os calcanhares nas laterais do cavalo, incitando-o a correr. Só depois que passamos pela porta do celeiro e saímos para as ruas é que Kai desacelera. Só um pouco.

Agarro o arção da sela, fechando os olhos com força a cada curva. As mãos de Kai estão pousadas nas minhas coxas, o queixo pairando acima do meu ombro enquanto ele segura as rédeas. Estamos bem longe do mercado principal, e existem poucas pessoas corajosas o bastante para morar tão perto do Santuário. Mas as que moram saltam para longe do nosso caminho para não ser pisoteadas.

O som dos cascos nas pedras do calçamento ecoa nas paredes de tijolos ao nosso redor. Um sopro de vento arranca o chapéu da minha cabeça, e o cabelo prateado cai pelas minhas costas, exposto pela primeira vez à luz do dia.

— Abaixe-se, meu bem.

A mão de Kai encontra o topo da minha cabeça, empurrando-a para baixo antes de passarmos sob um tronco tombado entre dois prédios.

— Não me chame assim — reclamo, esticando as costas enquanto passo a mão pelo cabelo frisado.

— Assim como?

— "Meu bem".

Sinto o sorriso dele encostado no meu pescoço.

— Por quê? Você gosta muito?

— Acho que *você* é que gosta muito — desafio.

Ele solta uma risada que agita meu cabelo. O vento roça seus dedos frios na minha cabeça e eu quase suspiro com a sensação. O ar livre é

libertador e me estimula a abrir os braços e abraçá-lo.

Vejo o que resta da cidade passar num borrão, mal vislumbrando uma ou outra pessoa que aponta para nós. Em pouco tempo, a rua vai ficando mais pedregosa à medida que o Santuário das Almas se aproxima.

Engulo em seco. É isso. É o princípio do fim que eu prolonguei por tantos anos.

Para além de Dor, não existe esperança de salvação. O Santuário é minha sentença de morte. É a esperança frustrada e o destino selado. É a perdição à qual estou fadada.

A estrada vira pedregulhos, as construções viram rochas. Kai diminui a velocidade quando entramos no desfiladeiro estreito que é o Santuário das Almas. Consigo ver a silhueta de cada sepultura rasa e de cada lápide rachada que dá nome a este lugar.

— Você não acredita no que dizem sobre as almas, acredita? — pergunto baixinho, olhando as pedras antigas gravadas com nomes desbotados.

— Não sei se os mortos assombram os viajantes. — Kai suspira. — Mas não posso dizer que não vi coisas estranhas acontecerem aqui.

— Tipo o quê?

— É melhor não saber, Gray — diz ele num tom tranquilo. — Não preciso de você com medo do cavalo *e* do lugar onde estamos.

O riso que borbulha da minha garganta surpreende até a mim.

— Você não é engraçado. — Mal consigo dizer por trás da palma da mão apertando a boca.

— Ah, não? — Kai inclina a cabeça por cima do meu ombro para me olhar. Sua voz sai comicamente confusa. — Porque está parecendo que eu sou.

Viro a cabeça para o outro lado, escondendo o rosto.

— Não. Não vou lhe dar a satisfação de me fazer rir.

— Assim você me priva desse som.

Fico em silêncio, baixando a mão do rosto. Kai se remexe atrás de mim e pigarreia, parecendo inseguro, como se estivesse surpreso com as próprias palavras.

Essa é a parte em que eu deveria provocá-lo. Deveria dizer que é inútil flertar.

Mas seu tom de voz é familiar, como a sensação de dançar num quarto escuro e fazer guerra de polegares embaixo de salgueiros. O modo como as palavras rolaram da língua dele parecia um peteleco de leve na ponta do meu nariz, dedos calejados trançando o cabelo prateado.

Parecia Kai.

O homem por trás das máscaras, que me olhava como se eu fosse extraordinária.

Encaro as pedras que atulham o caminho, forçando a mente a ir na direção de qualquer coisa, menos das palavras que me fazem desejar que tudo fosse diferente. Mas sou Comum. Sou a personificação da fraqueza que ele foi ensinado a odiar.

Comum.

A palavra ecoa no meu crânio, parecendo diferente de todas as vezes anteriores.

Eu suspeitava que os Mistos existiam, já que os Notáveis tinham tanto medo de se transformar neles e enfraquecer seus poderes. Mas nunca questionei por que eu não era uma, por que sou apenas Comum.

Olho o anel que estou girando freneticamente no dedo. Me sinto idiota por não ter deduzido isso antes. Mas o que eu disse ao príncipe é a verdade — um acontecimento raro para mim. Acho que eu estava ocupada demais tentando sobreviver.

— Vamos cavalgar até o anoitecer e nos abrigar até de manhã. — As palavras de Kai atravessam meus pensamentos. — Os bandidos gostam do escuro, e vamos estar mais bem escondidos no chão.

— Certo — concordo, distraída.

Uma brisa fraca agita o cabelo que cai em volta do meu rosto, atraindo minha atenção para a trança que ele fez e a confusão de prata em que ela se transformou.

Não parei de pensar em Ava. Não consigo parar de pensar na gentileza com que Kai falou sobre ela, como se estivesse se lembrando de como a irmã era frágil. Pude ouvir o amor cobrindo cada palavra e a dor ecoando depois.

Penso na primeira Prova e em Jax morrendo nos braços dele. Kai quase perdeu outro irmão naquele dia. Existem poucas pessoas de quem ele gosta e que ele não viu morrer — ou traí-lo.

O sol bate forte e estou começando a desejar que meu chapéu horroroso não tivesse sido soprado para longe. Enrolo as mangas da blusa, expondo os ombros bronzeados. Faz muito tempo que estamos cavalgando, examinando em silêncio o ambiente e organizando os pensamentos. Pedras altas preenchem o caminho ao redor, lançando sombras ocasionais enquanto ardem ao sol do meio-dia.

— Aposto que daria para fritar um ovo nessas pedras — digo, a voz rouca pela falta de água e de uso.

Quando não ouço uma resposta engraçadinha, me remexo de leve, sentindo um peso na mochila. Olhando por cima do ombro, vejo cachos pretos pousados nas minhas costas. Engulo em seco, sentindo subitamente a respiração profunda, o cabelo dele fazendo cócegas no meu braço.

Kai está dormindo.

Isso é inacreditável de tão *humano*.

Seu corpo está relaxado, em paz.

E completamente vulnerável.

Duvido que ele tenha dormido mais do que poucas horas nos últimos dias.

Mas aqui está ele. Respirando fundo com as mãos apoiadas nas minhas coxas, os dedos frouxos em volta das rédeas.

Observo a tira de couro que poderia me levar para qualquer lugar, que poderia guiar até mesmo a criatura mais forte.

Meu coração martela no peito.

É isso. É a esperança.

Respiro fundo e começo a desenrolar os dedos dele das rédeas, parando ao sentir o menor movimento. Quando sua mão esquerda está livre, ele tenta segurar alguma coisa, flexionando os dedos instintivamente. Engulo em seco e ponho a palma da mão em cima, cruzando os dedos com os dele.

Prendo o fôlego até que ele para de se mexer, parecendo contente em segurar minha mão no lugar das rédeas.

Rapidamente, faço a mesma coisa com a mão direita dele, soltando a tira e segurando-a. Agora estou com o couro apertado na mão e não tenho a mínima ideia do que fazer com ele. Puxo para a esquerda, esperando convencer o cavalo a dar meia-volta.

Nada.

Respiro fundo. E então puxo com mais força.

O cavalo se vira para a esquerda, agora andando mais perto da parede de rochas. Engulo a frustração e me preparo para puxar com ainda mais força.

Porque se eu conseguisse fazer esse cavalo voltar para Dor, eu poderia…

— Eu não faria isso se fosse você.

A mão de Kai envolve meu pulso, interrompendo a tentativa.

Bufando, levanto a cabeça para o céu, balançando-a.

— Desgraçado.

— Boa tentativa, Gray — diz ele, levantando a cabeça perto da minha. — Mas você não chegaria longe.

Dou de ombros, tentando parecer despreocupada.

— Quem disse que eu estava tentando chegar a algum lugar? E se eu só quisesse segurar as rédeas?

— E as minhas mãos? Também queria segurá-las?

Eu tinha esquecido que meus dedos ainda estavam entrelaçados com os dele, e me solto rapidamente.

— Eu gostava muito mais de você quando você estava dormindo — digo, a voz meiga.

— É bom saber que você gostou de mim em algum momento.



As migalhas de pão grudam no céu da minha boca.

Tomo outro gole da água, que deveríamos estar consumindo com moderação, para ajudar o alimento a descer. A fogueira que Kai acendeu está se apagando, não passa de chamas agonizantes na escuridão cada vez mais densa. Ele se senta ao meu lado, com a corrente esticada entre nós, mordendo pedacinhos do seu pão de vez em quando, após cuidar do cavalo. A pobre criatura deve estar exausta depois de carregar nós dois o dia inteiro no calor. Só paramos quando as sombras se arrastaram na nossa direção, escorregando por cima das pedras para nos engolir em trevas.

— Sabe, isso aqui era para ser um lugar de descanso final para a realeza. — Kai indica o terreno pedregoso ao redor. — Daí o nome Santuário das Almas. A primeira rainha foi enterrada numa cripta em uma dessas cavernas, mas quando os bandidos começaram a ocupar essas terras, a ideia foi abandonada. — Ele respira fundo, lembrando a história de Ilya. — Então, Mareena, a primeira rainha, está enterrada sozinha neste lugar.

— Hmm. Não parece que ela está sozinha. — Aponto as sepulturas espalhadas no chão perto de nós. — Só não está com os amigos da *realeza*. — A palavra sai coberta por um amargor que eu não pretendia verbalizar.

— Ela não está com o *marido* dela — corrige Kai. — Com a *família* dela.

— Certo — digo baixinho, como se isso servisse como um pedido de desculpas. — E onde o restante da família Azer está enterrado?

Kai parte um pedacinho de pão.

— Existe um cemitério no terreno do castelo. Todos os reis, as rainhas e os filhos estão enterrados lá. Menos uma pessoa.

Ava.

Assentindo devagar, cruzo as pernas no saco de dormir. Kai percebe quando me encolho com o movimento.

— O que foi?

— Nada — respondo rapidamente.

— Tente de novo.

Suspiro.

— Só estou dolorida de tanto cavalgar, está bem? — Uma risada sobe pela minha garganta. — Pela Peste, Kitt pediu para você me levar de volta para Ilya, não para cuidar de mim.

Os olhos dele se estreitam ligeiramente.

— Ele não precisa mandar que eu cuide de você.

— Então por que se dar ao trabalho? — Inclino o corpo para a frente e procuro qualquer tipo de rachadura na máscara que ele está usando. — Desde quando você faz alguma coisa que o rei não tenha ordenado?

A voz dele sai calma.

— O que eu sentia por você ia contra todas as ordens que já recebi.

— Que bom que os sentimentos não estão mais atrapalhando, então — digo baixinho.

Ele reclina a cabeça, subitamente interessado no pão que ainda está segurando. Pigarreio, olhando as estrelas que cintilam para nós.

— Por que você… — Paro de falar, me perguntando por que quero saber a resposta antes mesmo de terminar a pergunta. — Por que me contou sobre Ava? Você disse que nunca fala sobre ela.

Kai passa a mão pelo cabelo, suspirando para a fogueira crepitante.

— Acho que essa pergunta merece uma dança.

Engasgo com a risada.

— O quê?

— Você sabe como a coisa funciona, Gray — diz ele, como se fosse dolorosamente óbvio. — Nós dançamos e você ganha sua resposta.

— Fala sério. — Faço um ruído de deboche. — Só pode ser piada.

A cabeça dele se inclina ligeiramente para o lado.

— Isso é um "não"?

— Por que você iria querer dançar comigo? — pergunto, exasperada.

— Você está fazendo mais perguntas. E a gente ainda não está dançando.

Balanço a cabeça, sorrindo para o céu.

— Tudo bem. — Fico de pé, espanando as migalhas de pão que caíram na blusa. — Mas só porque eu quero respostas. Porque isso é ridículo.

Ele dá um leve sorriso antes de se levantar e estender a mão, que eu seguro, hesitante.

— Vamos ver do que você lembra.

— Eu me lembro de como pisar em seu pé. — Sorrio, pondo o braço no ombro dele.

— Tenho certeza que sim. — A mão dele encontra minha cintura, se encaixando de um jeito familiar demais. — Por que não mostra como fica perto do seu parceiro?

Luto contra a vontade de recusar e me obrigo a entrar em seu calor. O canto da boca de Kai se curva para cima quando ele segura minha mão livre e cruza os nossos dedos. A palma de sua outra mão se acomoda nas minhas costas, me fazendo engolir em seco.

— Muito bem, Gray — murmura ele. — Ficar perto de mim sempre foi a parte mais difícil para você.

— Isso costuma acontecer quando a pessoa é insuportável.

— Certo, espertinha. — Ele me observa, sorrindo ligeiramente. Um longo momento se passa. — Vamos dançar ou você prefere continuar me encarando?

Desvio os olhos, com as bochechas ardendo.

— Eu não estava encarando você.

— Entendi. Então estava me admirando…

— Você não respondeu às perguntas — interrompo.

— E você não honrou meus termos. — Ele indica meus pés firmes no chão. — Ainda não estamos dançando.

— Então comece a guiar, Azer.

Os olhos de Kai saltam para os meus antes de um sorriso levantar seus lábios diante do meu desafio.

— Sim, meu bem.

Ele começa com um passo simples, forçando meus pés a tropeçarem no mesmo ritmo dos dele. Depois de várias contagens e muita concentração, finalmente relaxo no movimento e deixo meus pés encontrarem o ritmo familiar.

— Então — digo lentamente. — A minha pergunta.

— Qual?

— Ava. — Faço uma pausa. — Por que me contou sobre ela?

Ele suspira de encontro ao meu cabelo.

— Você… Você se lembra do segundo baile, quando eu estava…

— Quando você estava propositalmente bêbado? — pergunto, inclinando a cabeça para olhá-lo.

O sorriso que ele abre parece triste.

— É, quando eu estava propositalmente bêbado. Por culpa sua, aliás.

— Culpa minha? Como pode ter sido culpa minha?

— Você estava dançando com meu irmão. — Ele me gira, me pegando de surpresa e me fazendo tropeçar. — E estava olhando para ele daquele jeito.

— De que jeito?

— Não sei bem — diz ele baixinho. — Você nunca olhou daquele jeito para mim.

Viro o rosto, sem saber o que dizer. Ele pigarreia.

— De qualquer modo, uma coisa da qual eu me lembro com muita clareza daquela noite é o momento em que arrastei você para a pista de dança.

— É. — Sorrio, feliz com a mudança de assunto. — Também me lembro disso claramente.

— Eu beijei sua mão antes de dançarmos, lembra?

Confirmo assentindo devagar, me lembrando de como sua boca roçou nos meus dedos para todos verem.

— E então meus lábios encontraram o seu polegar. — A voz de Kai é um murmúrio, uma lembrança transformada em palavras. — Eu nem percebi que tinha feito aquilo. — Ele balança a cabeça. — E, até aquele momento, havia anos que eu não o fazia.

— Também me lembro. — Examino o rosto dele nas sombras. — Fiquei me perguntando o que significava.

— Ava era uma Lagartixa — diz ele baixinho, ainda dançando devagar.

Minha mente vaga até as muitas figuras que vi escalando os prédios meio arruinados na Alameda dos Larápios, com a habilidade permitindo que subissem sem esforço.

— Ela era só uma Notável Defensiva — continua ele, interrompendo meus pensamentos. — Algumas pessoas dizem que o nível de poder depende do quanto você é forte física e mentalmente. E Ava nasceu fraca. — Ele me gira de novo, devagar. — Conforme crescia, era difícil usar o poder. Ela ficava cansada e caía das paredes. E então chorava, dizendo que só queria ser forte. — Kai respira fundo, olhando as estrelas. — Assim, eu beijava cada um dos dedos dela para lhe "dar" um pouco do meu poder. Ela adorava isso. Conseguia subir mais alto a cada dia. Mas adorava principalmente quando eu beijava os polegares, dizia que isso lhe dava uma força extra. Então eu o fazia. Beijava os polegares de Ava todo dia, até o Kitt me ajudar a enterrá-la.

Eu não tinha percebido que havia lágrimas nos meus olhos, até que uma ameaçou cair.

— Você a amava muito — sussurro.

— Amava. *Amo* — diz ele simplesmente. — E nunca beijei um polegar que não fosse dela.

— Então… — começo, ofegante. — Por que o meu?

Finalmente ele me encara, balançando a cabeça de leve.

— O seu espírito é familiar. Você me lembra o que poderia ter sido. Numa outra vida, acho que Ava cresceria e ficaria igual a você.

Eu me esforço para rir.

— O quê? Você queria que ela fosse uma criminosa?

— Não — murmura ele. — Queria que ela fosse formidável. Ousada e imprudente. Poderosa, independentemente de qualquer habilidade.

Encaro-o, absorvendo cada palavra.

— Não sou nenhuma dessas coisas — sussurro.

Ele solta minha mão para roçar os dedos suaves embaixo do meu queixo, levantando meu rosto.

— Você é muito mais do que essas coisas.

— Você me superestima.

— Não. Eu só *enxergo* você.

Adena foi a única pessoa que me enxergou de verdade e ficou ao meu lado apesar disso. Mas ela se foi. E é o príncipe destinado a me matar que agora está dizendo as mesmas palavras que ela usava para me reconfortar.

Engulo as frases que não sei como dizer.

— Jamais gostei de alguém o suficiente para beijar o polegar — continua ele baixinho. — Mas, naquele dia, meus lábios encontraram o seu.

— E veja aonde isso levou você — sussurro, lutando contra um sorriso.

Meu olhar percorre o rosto dele, desde os olhos cinzentos que me espiam até os lábios macios que sentiram meu gosto. Sinto como se estivesse caindo em alguma coisa familiar, como uma armadilha para a qual estou disposta a retornar de bom grado. A mão dele está firme nas minhas costas, ardendo como um ferro em brasa e me puxando mais para perto a cada passo da dança, para a frente e para trás. De novo me pego andando no gume afiado de uma faca, sabendo que, no final, ela inevitavelmente irá me cortar.

E, no entanto, meus dedos encontram os cabelos dele. Meu corpo pressiona o dele. Meu coração bate querendo ser partido.

Kai sorri daquele jeito que, de repente, me faz sorrir de volta. A terra estala sob minhas botas enquanto dançamos no escuro, a corrente se enrola na minha perna e me faz tropeçar o tempo todo. Bufo, irritada com essa coisa maldita. Kai dá um risinho quando tropeço esbarrando nele pela décima vez, e eu levanto a cabeça, irritada.

— Não vá se machucar, meu bem.

Antes mesmo que eu tenha chance de responder, ele está envolvendo minha cintura, me levantando e me pousando em cima das suas botas.

— O que…?

Ele ri, mostrando as duas covinhas.

— Deixe que eu danço por nós dois.

Engulo os protestos, olhando meus pés em cima dos dele. Os braços com que ele envolve minha cintura são fortes, me segurando firme contra o peito.

— Kai — sussurro. — A gente não deveria…

— Shh. — Sua boca está encostada na minha orelha. — Finja.

A palavra me inunda com uma falsa sensação de alívio, como se de repente eu tivesse permissão de querer isso. De fingir que está tudo bem. Envolvo seu pescoço com as mãos, lutando para sorrir com todas as emoções que se acumulam no meu rosto.

Ele para abruptamente, procurando meus olhos.

— O que foi?

— Nada. — Dou um sorriso triste, lutando contra as lágrimas que ameaçam cair. — É só que… eu costumava fazer isso com meu pai. Por isso nunca aprendi a dançar direito. — Meu riso soa dolorido. — Porque ele sempre dançava por mim.

Kai assente, prendendo uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Desculpe ter provocado isso em você.

Fungo baixinho.

— Provocado o quê?

— Essa dor.

Ficamos nos balançando em silêncio por um longo tempo antes de eu finalmente deixar minha cabeça pousar no peito dele. Kai é uma

fraqueza. Um conforto que eu não deveria me permitir procurar. Mas deixo seus pés guiarem os meus, fechando os olhos diante da torrente de lembranças.

— Ele costumava dançar por mim até eu cair no sono — sussurro de encontro ao peito de Kai.

Sinto-o assentindo de encontro ao meu cabelo.

— Então vamos dançar até você sonhar com ele.

CAPÍTULO 36

Kai

A cabeça de Paedyn está esmagando meu braço. E temo que eu nunca mais me moveria, se isso significasse que ela ficaria ao meu lado.

O pensamento é espantoso, brotando das profundezas de um sentimento em que não desejo mergulhar agora. Assim, eu o sufoco, contente em olhar em silêncio para o céu riscado de nuvens cor-de-rosa. O saco de dormir não consegue disfarçar a sensação da terra irregular embaixo das minhas costas e, no entanto, ela dorme um sono profundo ao meu lado. É realmente impressionante.

Paedyn dançou em cima dos meus pés até suas pálpebras pesarem, a cabeça tombada contra o meu peito. Deitei-a no saco de dormir antes que ela pudesse babar na minha única camisa. Agora estou olhando o que resta da trança que eu fiz, passando um dedo nos fios prateados.

Ela é tão traiçoeira. Tão Notável na aparência. É espantoso eu não sentir nenhum poder vindo dela.

Um som passa pelos lábios de Paedyn, suave e sonolento. Luto contra a ânsia de envolvê-la com meu braço livre, roçar meus lábios em seu pescoço.

Apesar de tudo, luto para não a desejar.

Alguma coisa mudou entre nós. E, no entanto, nada mudou. É a mesma Paedyn que eu conhecia antes de descobrir que ela era Comum. É a mesma Paedyn que eu conhecia antes de ela matar o rei.

A mesma Paedyn por quem eu estava me apaixonando.

E isso é aterrorizante. É aterrorizante saber de cada coisa que ela fez e mesmo assim a desejar, apesar de tudo.

Só não sei se ela pode dizer o mesmo sobre mim.

Afinal de contas, eu matei o pai dela. Ela se defendeu contra um homem que eu odiava, ao passo que eu assassinei um homem que ela amava. E agora eu a acorrentei à sua perdição. Ela é a missão da qual eu morro de medo.

Paedyn se remexe e eu fico imóvel. Quando ela vira o rosto para mim, um olho azul se abre, piscando à luz da manhã.

— Você não me acordou — resmunga ela, desconcertada.

— Não me dou mais ao trabalho de tentar.

Ela ri, sonolenta.

— Achei que a essa hora você já teria me jogado no cavalo.

Levanto a mão que ela não está esmagando e dou um peteleco na ponta do seu nariz.

— Viajar só é divertido quando você está tentando escapar o tempo todo.

Baixo a mão e vejo os olhos arregalados dela piscando para mim.

Merda.

Mais uma vez, eu não pensei no que estava fazendo até ser tarde demais.

Eu não dava um peteleco no nariz de Paedyn desde a última Prova, quando tudo degringolou. A última Prova que eu estava correndo para terminar só para encontrá-la na outra extremidade.

Eu não dava um peteleco no nariz de Paedyn desde que era idiota a ponto de ter sentimentos por ela. E aqui estou, seguindo o mesmo destino. Caindo nos mesmos padrões. Na mesma Paedyn.

Ela pigarreia, subitamente parecendo muito acordada.

— Você gostaria que eu continuasse tentando escapar?

— É um ótimo entretenimento — respondo num tom tranquilo, apesar de não me sentir assim.

— Bom saber. Porque eu não estava planejando parar.

Com um movimento rápido, ela agarrou uma pedra afiada junto do saco de dormir e a apertou contra o meu pescoço, inclinando o corpo por cima de mim.

— Isso poderia causar dano suficiente para eu escapar, não acha?

Meu sorriso vira uma careta quando a outra mão de Paedyn comprime o meu quadril enquanto ela se ergue ainda mais.

— Só se você conseguir ir até o final — consigo dizer, soltando o ar.

As sobrancelhas dela se franzem com alguma coisa enganosamente parecida com preocupação.

— O que foi? Por que essa cara?

— Talvez tenha alguma coisa a ver com a pedra que está cortando minha garganta — resmungo.

— Ah, fala sério, eu mal estou pressionando…

Paedyn apoia o peso de novo sobre o meu quadril e eu me encolho apenas o suficiente para ela captar o movimento. Seus olhos descem pela minha camisa antes de se arregalarem com o que veem.

— Por que você está sangrando? — A cabeça dela volta rapidamente na direção da minha. — E por que você não disse que estava sangrando?

— É só um arranhão, Gray…

— Um arranhão? — Ela engasga, largando a pedra. — O sangue está manchando a camisa. Não dá para chamar isso de arranhão.

— Está preocupada comigo? — pergunto, e ela desvia o olhar, revirando os olhos. — Você parece preocupada.

— Sim — diz ela simplesmente, encontrando meu olhar presunçoso. — Estou preocupada porque você pode virar um peso morto. E como nós estamos acorrentados juntos, prefiro não ter de arrastar seu corpo de volta até Dor.

— Que atencioso da sua parte.

Os olhos dela já voltaram na direção da minha camisa manchada.

— Eu não esfaqueei você. Quem fez isso?

— O cavalariço no estábulo. Ele estava com uma lâmina pequena entre os dedos. O ferimento não foi profundo, mas deve ter reaberto ontem à noite.

Paedyn balança a cabeça com o desapontamento encobrindo as feições.

— Qual é o seu problema? Sério. — Ela quase ri. — Eu adoraria saber. Isso podia ter infeccionado. Por que não me contou?

— Porque já sobrevivi a coisas muito piores, Gray.

O olhar dela se suaviza.

— Isso não significa que deva continuar sofrendo só porque sabe que consegue aguentar.

Examino seu rosto, o modo como ela morde a parte interna da bochecha, concentrada, ou pisca rapidamente com frustração. Quando seus dedos seguram a bainha da minha camisa, sinto o coração falhar no peito.

— Preciso levantar isso — diz ela baixinho, puxando o tecido para expor minha barriga.

Engulo em seco.

— Sempre tentando tirar minha roupa, não é, meu bem?

— Não, sempre salvando sua pele, príncipe. — Ela semicerra os olhos para o ferimento, esforçando-se para enxergar além do sangue. — É, não parece profundo.

— Ele só me arranhou — confirmo num tom casual. — Eu disse que era superficial.

Paedyn me encara.

— Não quer dizer que não vá infeccionar. — Ela pega a mochila e procura algo até achar a saia amarela horrorosa. Usando os dentes, rasga uma tira de pano da bainha e molha com um pouco de água de um dos cantis. — Não temos nenhum unguento, então só vou limpar. Isso vai ter que bastar.

Observo com atenção enquanto ela limpa o sangue da ferida. Vejo sua respiração acelerar e as mãos tremerem de leve. Paedyn olha para longe, mais pálida a cada segundo. Seus dedos permanecem sobre o tecido, tentando se manter afastados do sangue que ela está limpando.

— Ficou enjoada de repente, Gray? — pergunto baixinho, analisando seu rosto pálido.

A voz dela treme ligeiramente.

— Algo assim.

Alguma coisa está muito errada. E tenho quase certeza de que ela não quer falar sobre isso. Então levanto a mão devagar e a coloco em cima do seu pulso.

— Deixe que eu faço.

Vejo Paedyn engolir em seco, pensando em discutir, mas ela simplesmente assente e larga o tecido. Em seguida, recua sobre o saco de dormir, se afastando de mim e do meu ferimento. Desvio os olhos e

pego o pano, fazendo uma careta enquanto me apoio num cotovelo e continuo a limpar o corte.

Olho para ela, querendo afastar sua mente do que quer que esteja fazendo com que ela pareça tão em pânico.

— Por que você nunca saiu de Ilya?

Essa pergunta vinha queimando minha garganta desde que descobri o que ela era.

Paedyn se vira para mim, o olhar descendo até o ferimento antes de se afastar depressa.

— Na verdade, não tenho um bom motivo. Acho que eu simplesmente era… teimosa.

Dou um risinho, balançando a cabeça.

— Que surpresa.

O olhar que ela me dá não combina com o sorriso cada vez maior.

— Eu era teimosa e dizia a mim mesma que Ilya era o meu lar, tanto quanto dos Notáveis. Sem contar que eu era nova demais para sobreviver a uma viagem pelos Baixios ou pelo Deserto Escaldante. Agora mesmo eu sobrevivi por pouco. E acho que meu pai iria querer que eu ficasse lá. Quero dizer, ele me treinou para ser Psíquica por um motivo. Ele começou a Resistência por um motivo. — Ela abaixa a cabeça, sorrindo com tristeza. — Além disso, esse era o meu jeito de desafiar o rei e tudo que ele dizia sobre os Comuns. Eu estava sobrevivendo contra todas as probabilidades, bem debaixo do nariz dele. — Seu olhar encontra o meu. — E alguma coisa nisso me mantinha lutando.

Assinto devagar, me sentando um pouco mais ereto quando termino de limpar a ferida.

— Ficar em Ilya era uma coisa que você podia controlar. A decisão era sua, diferente de todas as outras coisas em sua vida.

— Você é a última pessoa que eu imaginei que entenderia isso.

Ela ri baixinho e eu dou de ombros.

— Para o caso de você ter esquecido, eu também não tive escolha com relação ao meu destino. Por isso arranjei meus próprios modos de me sentir no controle.

— Tipo o quê? — pergunta ela em voz baixa.

— Tipo nunca mais tirar a vida de uma criança. Eu bania as crianças Comuns junto com suas famílias e mentia para o meu pai. — Meus lábios se repuxam num sorriso. — Era o meu pequeno desafio ao rei. Em Dor, cheguei a encontrar uma menina que eu bani e que conseguiu atravessar o deserto com a família. Foi Abigail que me levou até você.

— Então devo agradecer a *Abigail* por você ter aparecido no meu ringue? — Paedyn luta contra um sorriso, e é uma tentativa adorável.

— Alguém precisava colocar você em seu lugar, *Sombra*.

— Ah, e foi isso que você fez? — O sorriso dela é o próprio sol: quente, luminoso e ofuscante. — Porque eu me lembro de ter enchido você de porrada. Como sempre.

— Que bonitinho, Gray. Continue dizendo isso a si mesma.

Ela balança a cabeça para mim.

— Sente-se direito.

— Educada. — Sorrio daquele jeito que sei que ela odeia. — Como sempre.

A expressão dela me faz rir enquanto me sento devagar, grunhindo. Paedyn está rasgando mais tecido com os dentes, soltando uma tira comprida da saia. Depois desliza mais para perto, hesitante, para esticar os braços por trás de mim, com o rosto próximo. Ela passa o tecido pelas minhas costas e o enrola na minha barriga várias vezes antes de amarrá-lo.

— Pronto — diz baixinho, examinando o serviço. — Agora eu não devo ter de me preocupar com a hipótese de você virar um peso morto.

O cavalo relincha perto de nós, conseguindo afastar meus olhos de Paedyn e me lembrar de onde estamos.

— Ele está pronto para continuar a viagem.

— Pelo menos um de nós está — murmura Paedyn, antes de ficar de pé e desenroscar a corrente das pernas.

Eu a acompanho, enrolando os sacos de dormir e os enfiando na mochila. Em seguida, solto as rédeas que amarrei numa pedra alta e ofereço ao cavalo uma maçã, que ele mastiga alegremente.

— Pronta? — pergunto por cima do ombro. Paedyn está pendurando a mochila às costas.

— Não. Preciso fazer xixi — responde ela categórica.

Suspiro, balançando a cabeça para o que sei que ela vai dizer.

— Você sabe o que fazer, Azer.

Encosto a testa no cavalo.

— Não sei por que você insiste…

— Seus ouvidos estão tampados?

Solto o ar antes de cobrir os ouvidos.

— Estão — provavelmente grito —, mesmo não sabendo por quê.

O grito dela sai abafado:

— Continue falando!

— Sabe — levanto a voz —, eu faço a mesma coisa que você. Não entendo por que preciso tampar os ouvidos e gritar todas as vezes.

— Claro que não entende. — De repente, Paedyn está atrás de mim, e eu tiro as mãos dos ouvidos antes de me virar para ela. — Você é homem.

Eu a encaro, tentando decidir se quero saber exatamente o que isso significa. Ela se aproxima do cavalo devagar e estende a mão hesitante para fazer um carinho na crina. Os olhos azuis decididos encontram os meus, por cima do ombro.

— Me ensine a cavalgar nessa coisa.



CAPÍTULO 37



Kitt

A luz se derrama pelas janelas que ladeiam cada corredor ornamentado.

Quase me encolho diante de tanta claridade, depois de ficar trancado na minha masmorra — também conhecida como gabinete. O tapete verde-esmeralda suaviza meus passos enquanto cada Imperial de plantão se esforça para não me encarar.

Enfiei a caixinha no bolso, mas não tenho certeza do motivo. Cheguei à conclusão de que senti-la comigo constantemente ajuda a me convencer de que estou no controle da situação. De que estou tomando a decisão certa. Mas ela parece pesada de encontro à minha perna, diminuindo a velocidade dos meus passos.

Seguindo o cheiro do jantar, entro em outro corredor e ganho sorrisos tímidos das serviçais. Sem graça, passo a mão pelo cabelo, esperando não estar parecendo o rei sobre o qual todos sussurram, o rei que está fora de si.

Saí do gabinete com a esperança de que eles fofocassem sobre alguma outra coisa, para variar. Talvez sobre como eu lavei a tinta das mãos e troquei a camisa amarrotada por uma limpa e passada. Ou que comi hoje cedo, em vez de jogar a comida pela janela. No mínimo, o fato de eu ter saído do gabinete atrairá a atenção deles.

A luz quente vaza por baixo da porta da cozinha, iluminando em volta dos meus pés quando paro, hesitando. Os nós no meu estômago

parecem se apertar ao som da voz trovejante, familiar e assustadora ao mesmo tempo. Estive evitando-a e não me sinto totalmente pronto para lidar com as consequências dessa decisão.

Dou meia-volta, recuando pelo corredor como o covarde que sou. Uma serviçal passa a caminho da cozinha, evitando meus olhos quando tento encará-la.

Fantástico. Agora fui visto andando na ponta dos pés no meu próprio castelo.

Realmente não estou me ajudando.

Tenho oito segundos inteiros antes que a cozinheira me descubra.

— Kitt? — Ela diz isso como uma pergunta e com o volume de um grito.

Giro, vendo sua cabeça espiar por entre a porta dupla. Com um sorriso forçado, volto até a cozinha movimentada.

— Oi, Gail — digo, parecendo tímido demais para um rei.

Ela abre a porta, me dando uma visão inteira do seu rosto sujo de farinha e do avental manchado de comida.

Há uma fração de segundo em que fico convencido de que ela me odeia, de que não sou nada além do que os boatos dizem. Nada além do rei louco a quem agora ela é obrigada a servir.

Mas o segundo passa e no outro estou sendo puxado para um abraço esmagador.

— Ah, meu querido Kitt!

Os braços riscados de farinha me envolvem, inundando de calor cada rachadura gelada do meu coração. Quando ela finalmente se afasta, é com um sorriso largo no rosto.

— Entre, entre! Tenho uma coisa para você.

Sou arrastado para a cozinha, me sentindo como o menino que ela criou. Dezenas de olhos se arregalam ao me ver, antes de se desviarem rapidamente. Os serviçais saem do caminho enquanto Gail me leva até a bancada onde Kai e eu costumamos ficar.

— Tenho feito alguns todos os dias, esperando que você viesse me ver.

Ela empurra um prato coberto na minha direção, levanta o guardanapo que está em cima e revela um pãozinho doce lustroso.

O sorriso que se forma nos meus lábios parece estranho.

— Obrigado, Gail. — Pigarreio. — Desculpe não ter visitado você antes.

O olhar dela se suaviza.

— Bom, agora você é um homem ocupado.

— Infelizmente — digo no tom mais leve que consigo.

Ela me encara, vendo alguma coisa que a faz gritar:

— Vocês todos, para fora! Pausa de cinco minutos antes de colocarmos a comida nos pratos.

Ninguém questiona a ordem. Em segundos, todos os serviçais passaram pela porta dupla e se espalharam pelo corredor. Quando a cozinha fica silenciosa o suficiente para que minha mordida no pãozinho seja ouvida, Gail volta seu olhar examinador para mim.

— Ouvi dizer que andou jogando minha comida pela janela. — Gail ergue uma sobrancelha. — Ela não está mais à sua altura?

— Não é isso — digo, na defensiva. E repito, porque a sobrancelha dela continua subindo pela testa: — Não é isso, claro que não. Eu só… não tenho o mesmo apetite de antes.

— Hmm. — Ela indica o pãozinho coberto de mel, ordenando em silêncio que eu dê outra mordida. Só quando obedeço é que ela diz: — É por isso que uma das minhas meninas disse que você estava se afastando da cozinha? Não estava com apetite para jantar?

Assinto, sabendo que isso é mais fácil do que admitir que eu estava evitando o contato. Ela assente de volta, mas duvido que acredite.

— Como você está, Kitty?

A pergunta faz o pão doce parar a caminho da minha boca. Esse é o motivo exato pelo qual eu não queria encará-la. Porque ela vai me fazer falar.

— Estou melhor.

Eu acho. Talvez. Na verdade, não me lembro de como é estar melhor.

— Sei como tem sido difícil para você — diz ela baixinho, um acontecimento raro. — Não só por causa do seu pai, mas também…

Gail hesita à mera insinuação do quanto eu gostava *dela*. Do quanto doeu quando ela me traiu daquele jeito, matando meu pai e mais do que um pedaço de mim.

— É — consigo dizer. — Tem sido difícil. Mas tive ajuda.

Penso em Calum e em sua orientação, em Kai e no esforço que ele fez para salvar o relacionamento que eu posso ter arruinado.

Ela assente, esfregando um guardanapo na minha bochecha como se eu ainda fosse o garotinho que ela pegava no colo. Mas não luto contra isso. É reconfortante ser cuidado. É bom fingir que Gail é a mãe que jamais conheci.

— Kitty, é porque eu te amo que preciso fazer essa pergunta. — Gail faz uma pausa longa antes de reunir coragem para deixar as palavras saírem. — O que você pretende fazer com ela quando Kai a trouxer de volta?

Quase consigo soltar uma risada.

— *Se* ele a trouxer de volta.

— Não diga isso — repreende ela, ignorando que é o rei que está à sua frente. — Claro que ele vai trazê-la de volta. E não porque é o dever dele, mas porque ele ama você.

— E se ele a amar mais?

As palavras escapam da minha boca, conjuradas por meus temores mais profundos. Praticamente não me permiti pensar nisso, quanto mais falar. Mas o pior é o modo como o rosto de Gail não muda. Sua expressão está vazia, as costas retas e os olhos impassíveis. Como se não fosse a primeira vez que escuta a pergunta. Como se ela própria a tivesse feito a si mesma.

Desvio o olhar, desesperado para me concentrar em qualquer coisa que não seja a pergunta que paira entre nós. Meus olhos pousam numa vela fina enfiada no canto de uma bancada. Indico-a com a cabeça, desesperado para mudar de assunto.

— É aniversário de alguém? Tem uma vela de bolo ali.

— Ah — diz Gail lentamente, indo pegá-la. — Encontrei uma para Kai, mas era tarde demais. Já faz um tempo que eu queria guardar de volta.

— Para o Kai…? — A constatação interrompe minha pergunta. Passo a mão pelo rosto, balançando a cabeça e olhando para o chão. — Ava.

Eu tinha esquecido. Tinha esquecido, apesar de saber exatamente o quanto o aniversário de Ava é importante para ele. Nunca deixei de ir à noite embaixo do salgueiro. Isto é, até agora.

Engulo em seco, sentindo a emoção começar a arder nos olhos. A ânsia de derramar os pensamentos numa página de repente é avassaladora. Observo a cozinha ao redor, desejando não ter saído do conforto do meu gabinete — da minha masmorra. Enquanto recuo para longe de Gail, a porta dupla se abre, derramando serviçais no ambiente. Não hesito antes de abrir caminho pelo caos, olhando os corpos saltarem para longe da minha figura frenética.

Que pensem que perdi o juízo. Talvez eu tenha perdido mesmo. Talvez seja melhor assim.

Ouço um grito parecido com meu nome.

Não olho para trás.

CAPÍTULO 38

Paedyn

— Olha, ali tem outra. Enfiada no meio daquelas pedras.

Aponto para a nossa esquerda, me virando um pouco na sela e vendo o olhar de Kai seguir a direção do meu braço. Ele confirma depois de finalmente enxergar.

— Então leve a gente até lá, Gray.

Eu tinha a sensação de que ele diria isso, depois de passar o dia inteiro me ensinando a guiar essa fera. As rédeas estão escorregadias nas minhas mãos, me obrigando a apertá-las com mais força, puxando-as para a esquerda. Sufoco o sorriso orgulhoso quando o cavalo obedece. Seguimos até o agrupamento de pedras, onde puxo as rédeas, fazendo os cascos pararem.

— Bom trabalho. — Kai dá um tapinha firme na minha coxa antes de saltar da sela. — Sou um ótimo professor.

— Ou então — contesto, acariciando de leve a crina do cavalo — eu simplesmente aprendo rápido.

— É, aprende rápido, mas quase fez a gente trombar em uma dúzia de pedras.

— Só pegue a porcaria da flecha — ordeno antes que ele tenha a chance de continuar.

Os ombros de Kai se retesam enquanto ele luta para soltá-la. Quando enfim consegue, ajeita a ponta torta antes de juntá-la às outras que se projetam da mochila que agora está em suas costas.

— Com essa são cinco — digo, sentindo a sela se mexer quando ele pisa no estribo. — Nesse ritmo, deve haver um arco largado por aí.

— Eu não ficaria surpreso. — Kai pousa as mãos de volta no lugar de sempre, nas minhas coxas. — Com todos os bandidos que passam por aqui, é provável que haja armas largadas por todo canto.

Passo os olhos pelas paredes de rochas dos dois lados, criando um túnel irregular.

— E esses bandidos ainda não apareceram.

— E vamos rezar para que não apareçam.

Ponho as rédeas nas mãos dele, curiosa demais para guiar.

— Eu não imaginava que você fosse do tipo que reza, príncipe.

Sinto os ombros dele se encolhendo junto às minhas costas.

— Eu não acreditava em um deus.

— E agora?

Há uma pausa longa, seguida por um tom mais suave na voz.

— Encontrei a prova de um paraíso.

Espio por cima do ombro e vejo seus olhos já voltados para mim.

— E que prova era essa?

O olhar dele desliza pelo meu rosto, descendo por toda a extensão da trança.

— Você vai saber, quando vir.

Pela Peste. Garoto bonito. Palavras bonitas.

Quando os olhos de Kai voltam na direção dos meus, viro o rosto para olhar qualquer coisa que não seja ele. Suas mãos estão pousadas nas minhas coxas e o peito, roçando minhas costas a cada respiração. A sensação abafa qualquer pensamento racional.

Eu gostaria de mergulhar na água gelada e tremer até afastar esse sentimento. O sentimento de me envolver com uma coisa contra a qual deveria estar lutando.

Respiro fundo e me obrigo a me concentrar na parede de pedras pela qual estamos passando. Cavalgamos em silêncio — o tipo de silêncio que é muito mais alto do que qualquer palavra pronunciada. O dia segue vagaroso, arrastando o sol pelo céu até que ele começa a baixar.

Meus olhos examinam as pedras, estudando as formas para passar o tempo. Semicerro os olhos por causa do sol e capto o brilho de alguma

coisa enfiada entre duas pedras altas.

— Está vendo aquilo? — pergunto, finalmente rompendo o silêncio.

— O quê? — sussurra ele de encontro ao meu cabelo.

— Tem alguma coisa brilhando lá em cima.

Quando Kai não responde, levo a mão atrás e seguro seu queixo, com a barba crescida pinicando meus dedos enquanto viro o rosto dele na direção certa.

— Obrigado pela ajuda. — Sinto seu murmúrio contra a minha mão. — É bem alto. Qual de nós dois vai subir lá e…?

Já estou passando a perna por cima da sela.

— Graças a você, nós dois precisamos ir, *meu bem*. — Prolongo sua expressão predileta, fazendo-o rir enquanto chacoalho a corrente entre nós. — Você e o seu medo de altura terão de ir junto.

Ouço o sorriso na voz de Kai quando ele pousa ao meu lado, amarrando depressa o cavalo num tronco de árvore.

— É, imagino que você e o seu medo de cavalos estejam terrivelmente tristes por tirar uma folga da *fera*.

— Se ao menos eu pudesse tirar uma folga de você — resmungo por cima do ombro, com doçura. As pedras altas ao redor nos engolem em sombras. Há mais árvores espalhadas nesse agrupamento de pedras do que eu vi desde que entramos no Santuário. — Por aqui — digo, mirando a coisa que brilha.

O tronco de uma árvore enorme serpenteia entre as pedras, criando um apoio firme para os pés. Meus dedos envolvem a casca grossa de um galho junto da minha cabeça. Com os músculos doloridos fazendo força, começo a subir lentamente. Kai vem logo atrás, seguindo o caminho de apoios para pés e mãos que encontrei.

Estou quase à altura do topo da pedra, me esforçando para olhar por cima.

A ponta de um arco se projeta entre as rochas, com a ponteira de bronze ofuscando ao sol.

Meu rosto se abre num sorriso.

— Consegue alcançar? — pergunta Kai, atrás de mim.

— Consigo — respondo, ofegante. — Peguei. — Encostada na pedra, passo os dedos por toda a extensão do arco e faço força para

puxá-lo. Quando a arma se solta, quase caio da árvore que estou agarrando. — Encontrei nosso arco.

— É uma pena que você não vai ter permissão de usá-lo.

Penduro o arco às costas.

— Por quê? Seu ego não admite que eu seja uma arqueira melhor?

— Não estou preocupado com a possibilidade de você ferir meu ego — diz ele, tranquilo. — E sim o resto de mim.

— Peso morto, lembra?

Estou prestes a começar a descer pela pedra quando meu olhar percebe algo que brilha atrás dela.

Fico imóvel, as mãos suadas escorregando e o coração disparado.

Não hesito antes de estender um pé para a pedra e lentamente convencer o resto do meu corpo a ir atrás. Kai suspira, sem se mexer.

— Pode explicar por que está subindo na pedra, se já pegou o arco?

Respondo ofegando:

— Você não vai acreditar no que está escondido aqui. — Agora estou em cima da pedra e descendo pelo lado de trás. A corrente se retesa, impedindo o meu progresso. — Anda, Azer. Pelo menos tente me acompanhar.

— Pelo jeito eu não tenho escolha, Gray.

A corrente se afrouxa enquanto ele começa a subir, permitindo que eu escorregue desajeitadamente pela parte de trás da pedra, que é bem mais baixa, chegando à grama luxuriante.

Estou admirada diante de tanta beleza.

É como um mundo escondido, um pedaço de perfeição.

Um bosque de árvores encurvadas brota de um leito de grama macia, os galhos se emaranhando como se estivessem de mãos dadas durante décadas. Grandes raízes rompem a terra e serpenteiam entre a folhagem brilhante ao redor da coisa mais linda de todas.

Um lago reluzente brilha no centro da paisagem, ondulando a cada sopro da brisa suave. Plantas envolvem a água, encharcando as folhas e se banhando ao sol poente.

Esse lugar é a própria paz.

Kai está ao meu lado de repente, maravilhado com a obra-prima diante de nós.

— Não é de espantar que os bandidos tenham reivindicado esse lugar.

— É de tirar o fôlego. — Eu me sento na beira do lago e mergulho um dedo na água fria. — E parece tão… deslocado.

Ele se junta a mim, examinando as plantas aos nossos pés.

— Tenho certeza de que isso estava aqui muito antes que o Santuário das Almas virasse o cemitério de estrada que é hoje.

Olho para ele antes de me virar de novo para a beleza à frente.

— Parece que "Santuário das Almas" tinha um significado muito diferente na época em que a primeira rainha foi enterrada aqui. Não era um lugar ameaçador. Era sagrado. Um lugar onde as almas celebravam.

Sinto o olhar dele em mim.

— E o que as almas celebram?

Dou de ombros, ainda sem encarar seus olhos penetrantes.

— Que alguém se importou a ponto de enterrá-las.

Minhas palavras pairam no ar entre nós. Minha mente vaga até a Floresta dos Sussurros, onde Kai enterrou Sadie durante a primeira Prova. Não porque quisesse, mas porque sabia que eu queria.

A mão dele roça a minha.

Ele apoia a palma na grama ao meu lado. Sinto seus dedos chegando mais perto antes de tocarem as pontas dos meus.

Não ouso me virar na direção dele. Meu olhar está fixo na água reluzente enquanto me ocupo contando cada ondulação.

Na terceira ondulação, ele desliza o mindinho para baixo do meu.

Na sétima, boa parte dos nossos dedos estão entrelaçados, embolados sobre a grama exuberante.

É ridículo, realmente.

Não, na verdade, é um absurdo.

É um absurdo completo ele conseguir me fazer derreter apenas com um toque.

Sua mão não deveria ter tanto controle sobre mim. Os dedos não deveriam conseguir tocar as cordas do meu coração. Mas o que vai me destruir é a gentileza. Há uma intimidade no toque.

Seu polegar acaricia o meu.

A sensação é o conforto personificado, a tranquilidade tangível.

E é por isso que eu me afasto antes que mude de ideia.

— Vou entrar na água — digo, me levantando abruptamente e tagarelando. — E isso significa que você vai ter de entrar também. Porque você garantiu que eu não pudesse fazer nada sem você. Portanto, *nós* vamos entrar na água.

Tiro o arco dos ombros e o jogo no chão. Kai está me encarando, ainda sem se dar ao trabalho de levantar.

— Isso é uma armadilha para tentar me afogar?

Olho para baixo com um sorriso, já tirando o colete de um dos ombros.

— Bom, é uma ideia.

Ele dá um risinho, a cabeça balançando enquanto se levanta devagar. Depois de tirar a mochila dos ombros, ele me encara com expectativa.

— O que foi? — pergunto, sem saber por que pareço tão na defensiva.

Ele dá de ombros preguiçosamente.

— Só estou esperando você dizer para eu virar de costas.

Olho para ele e em seguida para a bainha da blusa, ainda nas minhas mãos.

Ajeito a postura ligeiramente e o observo. Não sei bem por que digo isso. Por que sinto necessidade de provar alguma coisa. Mas, quando abro a boca, as palavras escorrem.

— O que faz você achar que eu ia mandar você virar de costas?

Ele cruza os braços.

— Provavelmente cada momento que já passamos juntos.

Levanto minha blusa gigantesca, encarando-o.

— Eu sou cheia de surpresas, príncipe.

Puxo o tecido frouxo pela cabeça e fico parada, com um top decotado e curto que me aperta logo abaixo dos seios. É o tipo de sutiã respirável que eu usava nos treinos, e o mais fácil de encontrar e roubar na Alameda. Olho para baixo rapidamente, me certificando de que a marca deixada pelo rei não esteja visível. Já é ruim o bastante que a cicatriz descendo pelo meu pescoço esteja sempre disponível para os olhares curiosos.

A calça pende baixa nos meus quadris, expondo cada centímetro da minha barriga para ele. Quando ele me olha de cima a baixo, estremeço, apesar do sol poente atravessando as árvores. Há alguma coisa no modo como Kai me olha que torna difícil não querer que ele faça isso. Seu olhar é reverente, lento como uma prece sincera.

Engulo em seco quando seus olhos encontram os meus de novo. E respiro fundo quando ele tira rapidamente a camisa por cima da cabeça. O pano que eu enrolei em sua barriga está sujo de sangue e ele não se incomoda em olhar para baixo enquanto começa a desenrolá-lo.

— É melhor lavar isso — digo, ofegante, porque não consigo pensar em nada para dizer.

Ele assente, jogando o tecido no chão. Espero que não tenha me ouvido engolir em seco ao ver seu corpo bronzeado. Já o vi sem camisa inúmeras vezes, mas ainda tenho que me esforçar para não ficar encarando a pele queimada de sol e os músculos definidos. Meu olhar percorre o brasão de Ilya tatuado no peito dele, as linhas escuras se entrelaçando sobre a pele.

Pela Peste, preciso me acalmar.

Meu rosto queima, então me viro na direção do lago.

— Você primeiro.

Ele dá um passo mais para perto de mim, e não para a água.

— Não. Vá você, meu bem. Você está meio vermelha.

— Sabe, afogar você parece mais tentador a cada minuto.

Seu risinho me acompanha até a margem do lago, onde tiro as botas e as meias antes de balançar os pés acima da água fria. Sugo o ar quando meus dedos tocam a superfície. A água é gelada e revigorante, e rapidamente enfio os pés por inteiro.

A margem do lago é rasa, a água azul e convidativa. Mas o centro fica mais escuro e mais fundo, e não pretendo explorá-lo. Prendo o fôlego ao afundar devagar, mordendo a língua quando a água bate nos quadris.

Espero vários segundos para me acostumar com a temperatura antes de puxar a corrente com o pé.

— Vem. Está quente igual à água da banheira em seu palácio chique.

— Ah, é? — O riso dele é sarcástico. — É por isso que seus lábios estão ficando azuis?

Meus dedos voam até minha boca. Dentro dela, meus dentes estão rangendo.

— Não estão. — Baixo a mão para jogar água nele. — Agora entre aqui para eu afogar você logo.

— Que convidativo — ironiza Kai ao se juntar a mim. — Merda.

Os dentes dele ficam trincados quando a água fria chega às suas coxas.

— O que foi, Azer? — pergunto fingindo inocência. — Parece que você está com um pouco de frio.

— Ah, e você não?

Giro um dedo na superfície da água, criando círculos.

— Nem um pouco.

— Hmm. — A expressão nos olhos dele me deixa preocupada. — Bom, isso não basta.

E então Kai está indo para o centro do lago.

Não demora muito até que a corrente se retese entre nós e eu seja puxada atrás dele. Engulo a respiração ofegante quando a água bate na minha cintura, subindo a cada puxão nos pés. Um riso escapa entre meus dentes que batem quando vejo a pele se arrepiando nas costas musculosas de Kai.

Firmo os calcanhares no fundo escorregadio quando a água chega à altura da minha clavícula.

— Kai. — A água bate nos meus ombros. — Certo, Kai, eu estou com frio. A gente pode parar agora…

Meu queixo afunda na água e o pânico me atravessa. Estou batendo os braços, chutando com os pés que mal tocam o fundo. Com a visão turva, vejo Kai se virar e vir rapidamente na minha direção, respingando água a cada passo.

Braços fortes me envolvem pela cintura, levantando minha cabeça acima da superfície.

— Tudo bem. Peguei você. — A preocupação franze os olhos dele, me examinando. — Esqueci que você é muito mais baixa. Não tinha percebido que o lago era tão fundo.

Tossindo, pisco várias vezes para tirar a água dos olhos.

— E continuo sem saber nadar, seu babaca.

Kai balança a cabeça para mim, ofegando. A água escorre pelo seu rosto, pingando dos cílios. Ele afasta uma das mãos das minhas costas e prende uma mecha de cabelos encharcados atrás da minha orelha.

— Bom, com todo esse papinho de me afogar, achei que você seria um pouco mais confiante na água.

Abro um sorriso fraco.

— Sou confiante o suficiente para manter sua cabeça afundada.

Ele dá um risinho, mostrando uma covinha. Seus dedos brincam com a ponta da minha trança antes de puxá-la.

— Eu já ensinei você a dançar e a cavalgar. Será que devo acrescentar natação à lista?

— Não se você for ficar se gabando por causa disso — murmuro.

— Não estou me gabando. Por enquanto. — Ele passa um dedo ao longo da minha trança molhada. — Só estou dizendo que não sei o que você faria sem mim.

— Sem você, eu estaria livre. — Dou um sorriso triste. — Estaria fazendo o que eu quisesse.

— Tipo lutando numa jaula e morando num prédio caindo aos pedaços?

— Melhor do que apodrecer numa cela — disparo de volta, encarando-o.

Os dedos dele encontram o meu queixo, enxugando a água que pinga dos meus lábios.

— Não vou deixar isso acontecer.

— Sei. — Rio sem humor. — Então me mate rápido, por favor. Prefiro acabar com isso de vez.

Ele balança a cabeça, olhando minha cicatriz. Me encolho quando seus dedos roçam na linha irregular e me viro para escondê-la.

— Gray…

— Azer — interrompo com firmeza. — Não finja que esqueceu quem nós somos um para o outro. O que nós somos para Ilya. — Cutuco seu peito nu com um dedo. — Notável. Comum. Executor. Criminosa. — Balanço a cabeça, olhando inexpressiva os galhos que oscilam ao redor. — Somos inimigos com uma história. Inimigos que se odeiam.

Não me dou ao trabalho de olhar para ele, mas sei que ele está balançando a cabeça.

— Você não me odeia.

— Ah, eu tenho todos os motivos para te odiar.

— Mas isso não quer dizer que odeie.

Bufando, empurro seu peito com as palmas das mãos.

— Me bota no chão.

Ele me segura com mais força.

— Sabe o que eu acho?

— Na verdade, não. Não dou a mínima para o que você…

— Acho que você odeia o fato de não conseguir me odiar.

Meu rosto está a centímetros do dele.

— Ah, eu posso muito bem odiar você.

— Então você odeia o fato de sentir alguma coisa por mim. — Sua mão roça a minha coxa enquanto a outra me aperta com firmeza. — Me odeia por fazer você desejar isso.

Uma gota de chuva bate no meu rosto. Engulo em seco, procurando as palavras, e só consigo balançar a cabeça. Empurro imediatamente o peito dele, piscando para as gotas d'água que escorrem na pele bronzeada.

— Só finja — murmura ele. — Nós merecemos fingir.

Aí está essa palavra de novo, a que justifica os sentimentos contra os quais estou lutando.

Kai levanta a minha perna, guiando-a até envolver seu quadril. Outra gota de chuva encontra o meu nariz quando meu olhar sobe para encontrar o dele, nossos rostos estão muito próximos. Meu coração bate forte no peito, travando uma guerra contra a mente que grita.

Eu não deveria fazer isso. Ele é uma encosta escorregadia da qual estou prestes a cair, uma tentação que sei que não devo provar. De novo.

Mas isso é fingimento.

É um segredo para as almas.

E é o que digo a mim mesma enquanto envolvo seu quadril com a outra perna, as mãos dele apertando minhas costas. Enquanto me segura, Kai dá alguns passos lentos para trás até a água chegar à altura

das nossas clavículas. E eu deixo. Porque confio nele mais do que ouso admitir.

A chuva começa a cair, criando um padrão de ondulações em volta de nós.

— Isso é apenas fingimento? — sussurro, me derretendo em seu colo.

— Isso é apenas nós. — Uma das mãos dele sobe pelas minhas costas e por cima do cabelo. — Sem títulos. Sem obrigações. Sem história.

Assentindo devagar, ponho as mãos dos dois lados do pescoço dele. A chuva bate em nossos rostos, mais forte a cada segundo que passamos nos encarando.

— Você vai me beijar, Gray, ou só vai continuar admirando o que vê? — murmura ele, agora passando um polegar no meu lábio inferior.

— Na verdade, ainda estou pensando em afogar você. — Minha voz sai rouca e meus dedos percorrem a curva do maxilar dele.

— Ah, meu bem, eu já estou me afogando. — Seus lábios chegam perto dos meus, provocantes. — E implorando para você deixar que eu respire você.

Dou um sorriso irônico.

— Achei que você nunca implorasse.

— Estou me acostumando quando se trata de você.

Então a mão dele desliza na minha nuca para puxar meus lábios contra os seus.

E a boca dele está na minha, me distraindo de cada eco do aviso que ricocheteia no meu crânio. Ele tem gosto de erro. E, no entanto, memorizo a sensação dos seus lábios nos meus. Alguma parte de mim sabe que eu não deveria estar fazendo isso, mas não consigo me lembrar de nenhum motivo.

Esse beijo parece diferente.

Esse beijo parece uma compensação pelo tempo perdido — cada momento em que nossos corpos estiveram juntos enquanto os lábios mantinham distância, cada momento em que a tensão tomava conta de nós e ainda assim nos afastávamos.

Quando o beijei no telhado, o objetivo era machucá-lo, mostrar até onde ia minha aversão. O ódio cobria meus lábios quando

encontraram os dele, a raiva me provocando a fazer aquilo.

E nosso beijo no esgoto foi provocado pela morte iminente, atiçado pelo pânico. Foi apressado e impulsivo — tudo que este momento não é.

Este tem gosto de desejo. É a paixão que separa meus lábios, é o anseio que o aprofunda.

Ele se demora fazendo exatamente o que implorou: me respirando. Uma das mãos desce pelo meu pescoço enquanto a outra explora a curva da minha cintura nua. Ele me beija mais devagar quando meus dedos envolvem seu cabelo e passam pela extensão dos seus ombros, sentindo as cicatrizes salpicadas na pele.

Há uma certa reverência no beijo de Kai, uma gentileza no modo como ele segura meu rosto. Jamais senti uma paixão tão delicada.

A chuva está nos atingindo por inteiro agora, encharcando meu cabelo e pingando do meu nariz. Ele me beija com mais vontade apesar de tudo, como se estivesse se lembrando de como não fez isso na primeira vez que fomos apanhados na chuva do lado de fora do palácio. Envolvo minhas pernas com mais força em volta dele, puxando-o tão perto que sinto seu coração batendo forte no peito.

Suspiro quando sua língua encontra a minha. Isso o faz me puxar com mais força com a mão calejada. O beijo fica impaciente, exigente e desesperado, como o desejo costuma ser.

Seus dentes puxam meu lábio inferior. Não com raiva ou ódio, como fiz no topo daquela construção, e sim com desejo. Isso incendeia meu corpo, espalhando fogo em cada veia. Minha boca se move no mesmo ritmo da dele, acompanhando cada deslizar da língua, cada movimento dos lábios.

Seus dedos estão no meu cabelo encharcado, descendo pelo meu pescoço…

E então um trovão ribomba acima de nós.

Talvez quisesse nos aplaudir, mas em vez disso nos separa.

Estou ofegando, piscando sob a chuva forte, e ele também.

Semicerro os olhos para o céu repleto de nuvens ameaçadoras, rompidas de vez em quando por um raio. Solto minhas pernas dos quadris de Kai, pigarreio e me obrigo a encontrar seus olhos. Ele me

examina por um longo momento, levantando a mão para enxugar uma gota de água da ponta do meu nariz.

— Você está tremendo — diz, tão baixinho que quase não o escuto acima da tempestade.

Engulo em seco.

— Estou com frio — respondo.

Os lábios de Kai se repuxam. Meus dedos percorrem o símbolo de Ilya tatuado no peito dele.

— Seu coração está disparado — digo.

— É o que costuma acontecer quando você me toca.

Meu olhar sobe até encontrar uma covinha me espiando. Os lábios se repuxando me provocam a pressionar os meus contra eles, mas consigo me conter enquanto a realidade se assenta.

Fingimento. Distração. Fraqueza.

Palavras para explicar o que não deveria ter acabado de acontecer.

Kai segura gentilmente meu pulso e o leva até sua nuca, depois faz o mesmo com o outro.

— O que está fazendo? — pergunto, hesitante.

Ele afunda mais na água, girando num círculo vagaroso.

— Diga você, Pequena Psíquica.

Reviro os olhos enquanto ele sorri.

As palavras que ele diz em seguida espelham as que ele sussurrou depois de me colocar sobre seus pés para dançarmos à luz da fogueira.

— Deixe que eu nado por nós dois.



CAPÍTULO 39



Paedyn

Estou encharcada até os ossos quando Kai me coloca na margem do lago.

Agora a chuva cai com mais intensidade, ardendo nos meus olhos e batendo forte na pele. Kai dá um impulso para chegar à grama ao meu lado, o cabelo numa confusão encharcada sobre a testa. Ele se esparrama de costas, fechando os olhos sob a chuva persistente.

Quando faço menção de me levantar, ele envolve minha cintura com um braço e me puxa. Solto um arquejo e uma risada, virando a cabeça para ele na grama molhada. A paz toma conta do seu rosto, suavizando os lábios num leve sorriso.

Ele parece aliviado.

Duvido que já tenha se sentido tão livre. Não há uma alma, além da minha e das que estão ao nosso redor, que saiba onde ele está. E, no entanto, há um certo conforto em estar perdido por vontade própria, escondido da vida em si.

Ficamos deitados por um longo tempo, aproveitando o chuveiro da natureza. Em certo momento, a mão dele encontra a minha. Ele cruza nossos dedos de leve, um gesto que, de algum modo, é mais íntimo do que o que aconteceu no lago, como se ele estivesse contente em apenas existir ao meu lado.

O clarão de um raio faz eu me sentar, abrindo os olhos de repente. Olho para trás, para a mochila encharcada na grama molhada, e me

levanto depressa.

Kai tenta me segurar de novo, mas eu pulo para longe, rindo.

— Vem. Chega de ficar deitado. — Pego a mochila, vendo-a pingar como o restante de mim. — Precisamos nos secar, e essas coisas também.

Ele se senta, piscando sob a chuva.

— É, você está sacudindo a corrente com cada tremor.

Quando ele fala isso, eu tremo de novo. E então me viro e pego o arco, antes de tombar para trás contra o corpo forte que de repente está atrás de mim.

— Eu fico com isso — diz ele no meu ouvido. — Minha vida já foi suficientemente ameaçada por hoje.

Contrariada, deixo que ele tire a arma das minhas mãos enquanto derramo a água de dentro das botas só para calçá-las de novo com os pés molhados. Em seguida, jogo no ombro a camisa encharcada e vou até a parede de pedra e as árvores que nos separam da estrada abaixo.

Descer pela rampa escorregadia é uma tarefa intimidante. Preciso de várias tentativas antes de passar pelo topo da pedra e tentar alcançar a árvore ao lado. Kai vem logo atrás enquanto eu desço devagar e suspiro de alívio quando meus pés afundam na terra molhada.

Semicerro os olhos para enxergar através da chuva que não para.

— Cadê o cavalo?

Kai chega ao meu lado, com o arco pendurado às costas.

— Deve ter se assustado com o trovão. Provavelmente foi embora há muito tempo.

Dou um suspiro, desanimada.

— Eu estava começando a pegar o jeito de cavalgar.

— Você chama aquilo de cavalgar? — pergunta Kai, com os lábios repuxados num sorrisinho.

Ponho a mão no rosto dele, empurrando-o enquanto passo. O gesto pareceu confortável de um modo que eu gostaria que não parecesse. Por isso, mantenho as mãos junto ao corpo enquanto caminhamos pela estrada inundada, procurando um abrigo até a tempestade passar.

Não andamos muito até que um agrupamento de rochas atraia meus olhos. Uma pedra grande e achatada se estende sobre as outras,

criando uma cobertura improvisada, com altura suficiente para nos sentarmos confortavelmente embaixo.

— Aqui! — grito acima do barulho da tempestade, indo na direção do abrigo.

Quando nos enfiamos sob a pedra, tiro a mochila dos ombros, ofegando. Estou prestes a me acomodar no trecho de chão seco quando Kai diz:

— Preciso arranjar lenha.

Nossas cabeças baixam na direção da corrente.

— Certo — diz ele com um suspiro. — Nós precisamos arranjar lenha.

Me obrigar a voltar para a chuva exigiu uma enorme força de vontade. Arrasto os pés enquanto Kai cata lenha para nossa fogueira, quebrando galhos de árvores e fazendo uma pilha nos meus braços.

Meus dentes estão batendo quando voltamos ao acampamento.

— Não vai ser fácil acender essa lenha — murmura ele, arrumando os galhos molhados para montar a fogueira que vamos tentar acender.

— Temos dois palitos de fósforo restantes — digo, procurando na mochila encharcada.

Meus dedos encontram a caixa de metal e eu a pego, aliviada ao ver que os palitos ainda estão secos.

— Essa madeira não vai acender sozinha — comenta Kai, me olhando. — Precisamos de alguma coisa para ajudar. Temos algum papel?

Estou prestes a negar com a cabeça quando vejo o diário enfiado entre os sacos de dormir úmidos. Engulo em seco, estendendo a mão lentamente para ele. Posso sentir o olhar de Kai quando tiro o caderno com capa de couro e folheio as páginas, descobrindo que estão surpreendentemente secas.

— Aqui — falo baixinho.

— Não. — A voz de Kai é firme. — Não vamos usar isso.

— Não tem problema — digo, tentando me convencer. — Tenho certeza de que a maior parte são só pesquisas e anotações. E eu prefiro não congelar esta noite. Então… tudo bem. — Os olhos dele se estreitam, céticos. — Estou bem.

Isso parece convencê-lo o bastante para assentir ligeiramente. Viro o rosto de novo para o caderno e respiro fundo antes de folhear as primeiras páginas. A letra familiar me faz sorrir, faz com que eu precise me esforçar para engolir a saliva. Forço a vista à luz fraca, estimulando os olhos a se ajustarem à escuridão cada vez maior.

A primeira página se rasga com facilidade. Era sobre receitas de vários remédios que os Notáveis podem usar quando não conseguem chegar até um Curador. A segunda página tinha mais do mesmo, medidas e ervas para doenças comuns. A terceira estava coberta por anotações descrevendo um paciente difícil.

Cada pedaço de pergaminho queima mais fácil do que se rasga. Entrego a Kai cada pedaço do meu pai, vendo o trabalho da vida dele se desfazer em chamas. São necessárias várias páginas para acender a lenha, e mesmo assim o que brota é apenas uma chama fraca. Kai cuida do fogo, obrigando-o a crescer apesar da dificuldade.

Torço nossas camisas e as estendo perto da fogueira, junto de todos os outros pertences molhados. Em seguida, me encosto na pedra para ler as páginas restantes amarrotadas entre o couro. Folheio cada uma, parando para ler anotações sobre as muitas pessoas que ele ajudou a curar na favela.

Meus dedos encontram um pedaço de pergaminho grosso perto do final e a curiosidade me faz virá-lo para ver o que há atrás. Uma anotação do diário me encara de volta, as letras inclinadas mancham a página. Mas esta é diferente. É pessoal e está datada, pensamentos profundos derramados no papel.

Estico as costas ligeiramente, e minha coluna se enrijece em choque.

Meu movimento não passa despercebido.

— O que foi? — pergunta Kai, esquecendo-se da fogueira.

— Meu pai… — Balanço a cabeça para a página. — Ele mantinha um diário.

Silêncio.

— É, eu percebi.

— Não, quero dizer, ele *mantinha* um diário. — Levanto a cabeça com os olhos arregalados. — Os pensamentos e sentimentos dele. Um registro da vida dele.

— Um diário — repete Kai baixinho.

Assinto, olhando o caderno no meu colo.

— A primeira anotação é de mais de dez anos antes de eu nascer.

As palavras estão borradas, escritas às pressas, como se meu pai achasse que era perda de tempo escrever sobre a própria vida. Levanto a cabeça e encontro o olhar de Kai fixo em mim. Ele assente, me encorajando, o que me faz pigarrear e ler em voz alta o que está escrito.

Acho que vou simplesmente escrever sobre isso, já que falar com qualquer pessoa seria traição. O rei me ofereceu um trabalho de novo. Bom, é mais como se tivesse me ameaçado com um trabalho. Fui convocado ao palácio para ajudar os Curadores durante a temporada de febre, mas sei quais são suas verdadeiras intenções. Ele me quer fora da favela, na cidade alta, com o restante dos Curadores. Não quer ninguém cuidando dos pobres ou dos menos poderosos. Eu não ficaria surpreso se ele começasse outro Expurgo, desta vez dos Triviais. Ele acha que os Triviais são fracos, como os Comuns, e trata a favela como se fosse a sujeira embaixo do tapete lustroso que é o seu reino de Notáveis.

Existe um motivo para que nenhum outro Curador seja encontrado nas favelas. A ganância é uma peste que Ilya ainda não erradicou. Mas quando o rei oferece aos Curadores mais dinheiro do que seria possível gastar durante toda a vida, eles concordam com qualquer exigência. As condições são bastante simples: cuidar apenas da classe superior e promover a ideia de que os Comuns estão enfraquecendo nossos poderes por meio da proximidade prolongada, devido à doença indetectável que eles carregam.

O rei está subornando todos eles. É uma mentira bem cara. Porque ninguém irá questionar o que os Curadores dizem que detectam. Durante décadas o rei vem comprando o apoio das únicas pessoas que sabem que essa doença é uma mentira. E tem funcionado maravilhosamente. Não que os Curadores se importem com os Comuns. Eles podem saber que a "doença indetectável" é uma farsa, mas também sabem que a reprodução dos Comuns com os Notáveis reduzirá nosso poder e eventualmente fará com que nossa espécie seja extinta. Isso, por si só, é suficiente para que a ganância deles promova a mentira do rei e garanta que os Notáveis nunca permitam que os Comuns voltem a Ilya.

É besteira, mas também é brilhante.

E eu sou o problema. A exceção com um alvo nas costas. O rei é persuasivo — isso devo admitir. Os subornos dele são muito tentadores para um morador da favela, mas não posso abandonar a classe mais baixa, principalmente quando ninguém mais iria ajudá-la, com as doenças que se espalham pelas ruas como fogo selvagem.

Assim, é na favela que irei permanecer. O rei não comprará meu apoio.

Encaro, atônita, a caligrafia familiar. Ouço a voz dele a cada palavra que leio. Meus olhos examinam a página de novo. E de novo. E…

— Você me ouviu? — pergunto bruscamente, olhando para Kai.

Ele está agachado diante da fogueira, as mãos pendendo sobre os joelhos. Ele olha inexpressivo para as chamas tremeluzentes, assentindo.

— Ouvi.

— Sabe o que significa? — Um sorriso alucinado repuxa meus lábios. — Isso é a prova, Kai. Isso é a prova de que não existe nenhuma doença detectada pelos Curadores. E o rei…

— O rei esteve subornando os Curadores para mentir a respeito — completa ele em voz baixa. Seu olhar não se afastou do fogo fraco. — Isto é, se é que alguma dessas coisas é verdade.

— Meu pai não era mentiroso — disparo, mais ríspida do que pretendia. Dou um suspiro pesado antes de continuar com calma: — Não está vendo? Tudo se encaixa. O seu pai mantinha todos os Curadores sob controle, em algum lugar onde podia vigiá-los de perto. E queria que a favela sofresse porque até mesmo alguns Notáveis eram fracos demais para o gosto dele.

Ouço sua respiração trêmula.

— Não. Não pode ser verdade. — Kai passa os dedos pelo cabelo úmido. — Não posso deixar que seja verdade porque eu justifiquei tudo. Tudo que fiz como Executor. Era tudo para proteger os Notáveis e Ilya dessa *doença*, mas se os Comuns não estão enfraquecendo nossos poderes…

Ele deixa o resto no ar, passando a mão pelo rosto. Estendo a minha, hesitante, sem saber o que dizer.

— Kai…

— Significa que ele vinha matando os Comuns para impedir que eles se reproduzissem com os Notáveis. Ele vinha matando pessoas saudáveis e inocentes. — Finalmente Kai me olha, os olhos cinzentos gelados. — *Eu* vinha matando pessoas saudáveis e inocentes.

— Você não sabia — murmuro. — Como poderia saber? O rei fazia todos os Curadores espalharem a mentira.

Dou as costas para ele, chocada com a sinceridade nas minhas palavras. Nunca pensei que teria empatia em relação aos crimes que ele cometeu contra Comuns como eu, mas Kai está com a cabeça apoiada nas mãos, a dor escondida por trás da máscara que se desfaz.

O remorso estampa o rosto dele. A raiva desenhada na tensão dos ombros, a tempestade furiosa nos olhos.

Kai passou a vida inteira com uma mentira que o ajudava a viver consigo mesmo.

Ele balança a cabeça e sua sombra acompanha o movimento na parede atrás.

— Não pode ser verdade — diz ele, sem querer me olhar. — Há mais alguma anotação? Mais alguma coisa sobre isso?

Viro a página, encontrando mais palavras esparramadas.

— Esta é de algumas semanas depois. Aqui, escuta.

Chego mais perto da fogueira, inundando a página de luz e facilitando a leitura.

Hoje tive uma ideia enquanto estava trabalhando no palácio. Uma ideia terrível, traiçoeira, que não deveria ser escrita. Mas sei que existem Comuns escondidos em Ilya que precisam de ajuda para sobreviver. Provavelmente Fatais também. E talvez seja ingenuidade ter esperança de que existam Notáveis que acreditam que é errado matar Comuns.

Quero encontrar esses poucos. Quero criar uma comunidade, algo que o rei não possa ignorar. Quero lutar com os Comuns — pelos Comuns e outros como eles.

Ainda não sei como, mas vou tentar.

Encaro a página borrada.

— Ele está falando da Resistência. — Dou um leve sorriso. — Não é de espantar que meu pai tenha guardado esse diário embaixo de uma tábua do piso. Ele é incriminador.

Kai assente enquanto eu viro a página para lermos a próxima anotação.

Andei procurando nas construções abandonadas nas favelas e encontrei alguns Comuns dispostos a acreditar em mim. Convidei-os à minha casa e contei meus planos de lutar pelo direito de eles viverem em Ilya.

Agora somos várias pessoas — pelo menos uma dúzia. Nossa pequena Resistência está crescendo. Comecei a treinar os Comuns para "adotar" uma habilidade que os ajude a se juntar à sociedade em vez de se esconder em construções abandonadas. A maioria assume a habilidade de Hiper, já que é a mentira mais fácil.

Ainda estou sendo convocado ao castelo para a temporada de febre. O suborno do rei é uma tentação, mas represento meu papel como Curador e volto à favela. Todas as vezes.

Viro a página, ansiosa, e encontro um assunto diferente.

Conheci uma garota Comum. Bom, uma mulher. Ela pegou a febre enquanto morava nas favelas, e em geral isso significa a morte. Mas por acaso eu a encontrei a tempo. Ela é linda — uma distração absoluta enquanto eu trabalhava. Alguma coisa em sua alma parecia atrair a minha. Estou determinado a me casar com ela.

Eu finalmente consegui. Eu me casei com ela.

Vou ser pai. Alice vomitou durante toda a manhã com um sorriso no rosto. Ela está convencida de que é uma menina.

Lágrimas ameaçam cair enquanto leio sobre a mãe que não conheci. Com a visão turva, vejo uma data que atrai meus olhos, obrigando meus dedos frenéticos a pararem.

— Essa é de três semanas antes de eu nascer — digo baixinho. Levanto os olhos e encontro Kai me encarando com intensidade.

Ela perdeu sangue demais. Não pude impedir. Sou um maldito Curador e nem consegui salvá-la. Enterrei-a no quintal dos fundos com nosso bebê. Ela estava certa. Era uma menina.

Meu coração para. O tempo desacelera.

Enterrei-a no quintal dos fundos com nosso bebê.

Balanço a cabeça, ignorando a mão que Kai pousa no meu joelho.

— Eu… não entendi. Papai disse que ela morreu me dando à luz, mas…

Deixo o resto no ar, virando as páginas até encontrar a próxima anotação.

Depois de Alice, eu não planejava escrever mais. Nem planejava ter um "depois de Alice", mas ontem à noite acordei com uma batida forte à porta. Quando abri, não havia ninguém. Isto é, até que olhei para baixo.

E ali estava ela. Uma menininha.

Alguém a deixou junto à minha porta. Ela não devia ter mais do que algumas semanas de vida, com a cabeça cheia de cabelos prateados e olhos azuis profundos. É linda. Alice iria chorar ao vê-la.

Serei um pai. Era isso que Alice iria querer. Ela já havia escolhido um nome, de qualquer modo.

Uma lágrima bate no pergaminho, borrando a tinta.

Acho que Kai pode estar dizendo alguma coisa, mas não escuto nada além do zumbido nos ouvidos. Minha cabeça está girando, o coração batendo forte, a respiração se prendendo na garganta porque não consigo engolir o nó. Não consigo respirar. Não consigo…

— Ei. — As mãos ásperas de Kai no meu rosto me arrancam dos pensamentos. — Olhe para mim. Você está bem.

Estendo a mão em volta dos braços dele para enxugar as lágrimas que escorrem dos meus olhos.

— Não, não estou bem! — Finalmente consigo respirar, piscando para conter o dilúvio de emoções atrás dos olhos. — Isso não pode ser verdade. Não vou acreditar — gaguejo. — Isso significa… que eu era órfã antes mesmo de perder meu pai. — Um soluço histérico passa pelos meus lábios. — E isso torna minha vida inteira uma mentira.

Kai balança a cabeça, a expressão séria.

— Não. Sua vida não é uma mentira, ouviu? — Ele levanta meu rosto, me obrigando a encará-lo. — Só porque vocês não compartilham o mesmo sangue, não significa que ele não era seu pai. Ele criou você como filha. Ele escolheu amar você.

Tudo que Kai está dizendo faz sentido — e odeio isso.

Quero sentir raiva, quero gritar, quero ficar aqui sentada sentindo pena de mim mesma. Porque parte de mim se sente traída, enganada pelo homem que eu chamava de pai.

Em silêncio, viro a página para a próxima anotação enquanto as mãos de Kai se afastam lentamente do meu rosto. Sinto o olhar dele esperando que eu desmorone.

Mas estou exausta. Exausta de desmoronar, de ter de catar os cacos de mim mesma que estou cansada demais para colar de volta.

Dou uma fungada, voltando a encarar a página para continuar a ler, entorpecida.

Sem Alice, meu único propósito é a Resistência. É tudo que me faz seguir em frente. Isso e Paedyn.

Mais uma vez, lágrimas caem na página quando vejo meu nome. O polegar de Kai passa de leve no meu rosto, roubando uma lágrima da minha pele.

— Fale comigo — murmura ele, chegando tão perto que não consigo ignorá-lo.

Balanço a cabeça, lutando para engolir a emoção presa na garganta.

— A verdade, então?

Ele assente.

— A verdade, sempre.

Respiro fundo, trêmula, lutando contra as lágrimas.

— Passei a vida inteira aceitando o fato de que eu nunca poderia realmente vivê-la. Sou uma Comum, e tudo bem, eu aceito. Aceitei o

que não sou e vou lidar com isso até o dia em que morrer. Mas…

Ele segura minha mão trêmula, me instigando a continuar, com um olhar firme.

— Mas eu paguei o que devia, não paguei? — As palavras saem num suspiro, como se fossem arrancadas da garganta. — Não sofri o bastante? Eu já não sou nada, mas agora também não pertenço a ninguém. A única coisa na minha vida que era certa, verdadeira e somente minha foi arrancada de mim. — Solto uma respiração entrecortada, piscando inexpressiva na direção da fogueira. — Como todo o resto.

Ele balança a cabeça, levantando a mão para afastar os fios de cabelo desgarrados, de cima do meu rosto.

— Você não pode ser nada quando é tudo para outra pessoa. — Meus olhos se levantam na direção dos de Kai, e vejo que estão evitando os meus. Ele demora vários instantes para abrir a boca, derramando palavras que parecem incertas. — E você era isso para o seu pai. Quer ele tivesse o mesmo sangue ou não. Ele amava você mais do que a maioria dos pais ama.

Essas palavras me acertam com força — um lembrete de como qualquer coisa é melhor do que o que ele suportou por parte de um homem que era seu pai de verdade. Fico em silêncio, tentando acalmar a respiração. E então viro a página, ignorando as lágrimas não derramadas que enchem meus olhos. Obrigo-os a focalizar, a continuar lendo. As palavras do meu pai são minha distração, e sua caligrafia, um conforto.

Hoje conheci um Fatal na rua. Ele me puxou para um beco e sussurrou que queria me ajudar com minha ideia — da qual só ficou sabendo porque, por acaso, era Leitor de Mentes.

Conversamos durante horas sobre as dificuldades que ele suportou. Ele disse que deseja ver os Comuns e os Fatais livres outra vez. Mas primeiro precisamos encontrar aqueles que estão escondidos em plena vista.

— Calum — sussurro, sabendo exatamente quem é esse Leitor de Mentes. A próxima página é um resumo apressado de vários dias.

Calum já encontrou mais três Comuns para nós. Ele percorre as ruas lendo pensamentos até achar uma mente que grite o próprio segredo. Seu método é muito mais rápido que o meu. Esta noite nos reunimos para discutir nossos planos.

Há semanas vários dos nossos Comuns não comparecem a nenhuma reunião. Estou começando a me preocupar que alguma coisa tenha acontecido. Provavelmente causada por um Imperial.

Ajeitamos o porão da casa para fazermos as reuniões. Agora tem gente demais conosco para que seja possível passarmos despercebidos. Coloquei uma estante por cima do alçapão, escondendo a entrada do porão para o caso de recebermos visitantes inesperados.

Folheio as páginas, passando por anos de crescimento da Resistência.

Nomeei líderes para diferentes setores das favelas. Não podemos mais nos encontrar todos na minha casa. Agora só os líderes comparecem às reuniões para discutir como a Resistência está se saindo. Temos planos de confrontar o rei e suas mentiras, mas por enquanto somos fracos demais para fazer essa tentativa. Talvez daqui a alguns anos.

— Gray.

Kai diz meu nome baixinho, tentando me despertar do estupor. Ignorando a preocupação que franze sua testa, folheio furiosamente as páginas que restam. O pergaminho em branco me encara até que meus dedos se imobilizam numa anotação mais longa.

Tinha me esquecido deste diário. Aparentemente escrevi aqui pela última vez há seis anos. Não há muito o que dizer, a não ser como Paedyn está crescendo.

Agora está claro por que ela foi deixada junto à minha porta. Ela é Comum. Seus pais não queriam ter de esconder uma criança. E, caramba, eles é que estão perdendo.

Ela tem um fogo por dentro. Uma rapidez. Estive treinando-a de um modo diferente, mais extremo. Não quero nunca que ela sinta que não é forte. E quando notei como ela era observadora, mesmo tão nova, achei melhor usar seus pontos fortes. Assim, estou aguçando sua pequena mente para se tornar uma arma para que possa se proteger. Como uma "Psíquica", ela pode fazer mais do que se passar por Notável, mais do que sobreviver. Ela pode viver.

Contei sobre Alice, contei que ela morreu durante o parto. Perdi o sono tentando decidir se deveria dizer a verdade. Mas sou o único pai que Paedyn já teve. E, mesmo na morte, Alice é mãe dela.

A tinta borra a parte de baixo da página, como se ele tivesse fechado o caderno às pressas. Ignoro a preocupação crescente que pinta o rosto de Kai enquanto continuamos a ler a página seguinte, datada de vários anos mais tarde.

Não contei a ela sobre a Resistência. Vou contar. Um dia. Tem ficado mais difícil esconder isso à medida que ela cresce. Não sei por que não contei. Talvez não queira que ela se envolva. Talvez ela ainda seja só a minha menininha, apesar de ter se tornado tão forte. Mesmo que ela não precise disso, quero protegê-la pelo máximo de tempo que puder. E é perigoso fazer parte da Resistência. Agora que o rei sabe sobre nós, os Imperiais receberam ordens para ficar atentos.

Talvez seja melhor ela não saber até que a Resistência esteja pronta para agir. Talvez seja melhor ela permanecer sendo a minha menininha pelo máximo de tempo possível.

Viro a página, sentindo a visão turva.

Nada.

Empurro os cantos das páginas com os dedos, folheando apressada cada pedaço de pergaminho, mas todos estão vazios.

Quando meu polegar encontra a capa de trás, olho a encadernação em couro representando o final da vida dele. O encerramento de um capítulo.

— É isso — sussurro. — É a última anotação.

Estou cansada. Cansada demais para encontrar energia para sentir qualquer outra coisa. Assim, afrouxo o corpo, encostada na pedra, e enfio o diário de volta na mochila.

Kai observa, me percorrendo com o olhar. Parece que não quer interromper minha falta de pensamentos.

— Você está bem?

Esfrego os olhos e sinto as lágrimas fazendo cócegas nos dedos. Depois viro meu olhar vazio para ele.

— Sempre encontro um jeito de ficar.

CAPÍTULO 40

Kai

Não é normal ela estar tão quieta.

Paedyn não falou nada desde que enfiou o diário na mochila e se acomodou encostada numa pedra para passar a noite. Duvido que qualquer um de nós tenha dormido muito depois de ficar se revirando nos sacos de dormir úmidos até a luz do alvorecer salpicar o chão, esgueirando-se por baixo da pedra para nos acordar.

Olho para ela, o cabelo escorregando da trança e caindo ao redor do rosto exausto. Seus olhos estão fechados por causa da luz que se derrama sobre ela e as mãos estão enroladas embaixo da bochecha.

— Sei que está acordada.

Sussurro as palavras, sabendo que ela está prestando atenção suficiente para ouvi-las. E mesmo assim ela não se mexe. Suspiro, chegando mais perto até compartilharmos o mesmo ar.

— Não seja teimosa, Gray. Sei que está ouvindo. — Levanto a mão para prender uma mecha prateada atrás de sua orelha antes de passar os dedos por toda a extensão do pescoço. — Fiquei muito bom em ler sua linguagem corporal.

Isso faz com que ela abra os olhos para me conceder um olhar irritado.

— Então deveria saber que eu estava ignorando você — resmunga ela de encontro às mãos.

— Como de costume.

Vejo-a se esforçando para conter um sorriso, e isso me leva a fazer o mesmo.

— Eu só… — Ela passa uma das mãos no rosto, de repente séria. — Só estou com muita coisa na cabeça. Praticamente não dormi.

Assinto em resposta. Entendo como ela se sente. Ontem à noite, nós dois descobrimos coisas que nos deixaram desnorteados, sentindo nossas vidas se desestruturarem. Tudo em que fui ensinado a acreditar, tudo que meu pai me dizia, desmoronou sob o peso de palavras escritas. Tudo que eu fiz, tudo que justifiquei…

Agora não passo de um monstro sem causa.

— Eu sei — digo baixinho. — Eu estava acordado ao seu lado.

Sinto o olhar de Paedyn em mim enquanto me demoro pegando nossas camisas úmidas.

— Com certeza você também tinha muito em que pensar. — Ela inclina a cabeça, me olhando com atenção. — Sempre acreditei que eu não era doente; só não tinha como provar. Mas você… Isso tudo é muito novo para você.

— Eu confiava totalmente nos Curadores — murmuro. — Confiava nos homens que me conheciam desde que eu era pequeno. Mas parece que o verdadeiro problema ainda era confiar no meu pai, depois de tudo. — Quase dou risada. — Mas, por outro lado, o diário pode estar errado. — Ela abre a boca para questionar, mas continuo em voz baixa: — E por isso pretendo descobrir qual é a verdade de fato. Interrogar cada Curador, se for preciso.

Paedyn fica em silêncio por um longo tempo, me deixando com meus pensamentos.

— E vou contar ao Kitt — concluo. As palavras escorrem pelos meus lábios antes que eu possa engoli-las.

Ela se senta devagar, me olhando com intensidade.

— Vai mostrar o diário a ele?

Assinto.

— Ele tem que saber.

— Você acha que isso vai fazer diferença?

— Não sei mais — respondo baixinho, balançando a cabeça e olhando para o chão. — Sinto que eu não conheço mais o *Kitt*. Ele

vivia para agradar ao nosso pai, e agora que o rei se foi antes do tempo que ele achava que deveria…

— Ele está perdendo a cabeça.

— Não, ele está bem — interrompo bruscamente. — Vai ficar bem. Só precisa se ajustar, só isso. — Desvio os olhos, assentindo para me convencer. — Kitt vai voltar para mim.

— Certo — diz ela baixinho.

Sei que só está concordando para impedir que eu também perca a cabeça. Porque a ideia de Kitt como um rei louco me tira o sono, me faz continuar ansiando pela volta do meu irmão.

— É melhor a gente ir.

Pego a blusa dela, úmida, e a enfio pela sua cabeça. Ela empurra minhas mãos para longe.

— Obrigada — murmura, olhando irritada enquanto a blusa pende frouxa em volta do seu pescoço.

— Se você prefere continuar usando isso — indico o top minúsculo, suficientemente decotado para ser uma distração —, por favor, fique à vontade.

Sorrio diante do rubor que pinta suas bochechas.

— Não faça isso — diz ela, bufando, enquanto enfia os braços pelas mangas e puxa a blusa para baixo.

— Não fazer o que, meu bem?

— Isso. Flertar. — Seus olhos me examinam, acusatórios. — As covinhas.

Rio antes que consiga me conter.

— Sabe, realmente não dá para evitar.

— Evitar o quê? — Ela cruza os braços. — O flerte ou as covinhas?

— Sim — respondo simplesmente.

Ela balança a cabeça, escondendo um sorriso enquanto enfia os sacos de dormir na mochila.

— Bom, chega. De tudo isso.

— Por quê? — Ponho a mão na mochila que ela está se esforçando para pendurar no ombro. — Está preocupada com a possibilidade de ter parado de me odiar?

— Eu poderia perguntar a mesma coisa. — Ela se inclina, com o rosto perto de mim. — Não sou mais doente. Os Comuns *nunca* foram

doentes, na verdade. Assim, você não tem mais desculpa para odiar o que eu sou.

Eu a encaro.

— Eu nunca disse que odiava o que você é.

— Tudo bem. Odiava o que eu não era.

Abro a boca, com o nome dela na ponta da língua. Mas me contenho, honrando seu desejo de não me ouvir usando-o de novo.

— Gray. Quando olho para você, vejo uma força que nenhum Notável possui. E essa força me atraiu muito antes de eu descobrir o que você era ou não era.

Os olhos dela saltam para os meus, cheios de uma emoção que não consigo decifrar.

— E, no entanto, você ainda está me arrastando de volta para Ilya.

— Por dever — murmuro. — Não por escolha.

— Certo. — A voz de Paedyn está rígida. Ela pendura a mochila no ombro e sai do abrigo. — Então não torne isso mais difícil do que precisa ser.

Vou atrás, vestindo a camisa antes de pendurar o arco atravessado no peito. Há poças espalhadas no chão úmido, e o sol da manhã reflete no que a tempestade deixou para trás.

— Não sou o único que está tornando isso difícil.

Seu riso de deboche ecoa nas pedras.

— Nós nem estaríamos nessa situação se você tivesse me deixado desaparecer e começar uma vida nova.

— É o dever, lembra?

— Não significa que você não esteja arruinando minha vida, lembra?

Ela se apressa à minha frente, chacoalhando a corrente entre nós.

— Você fez isso com a própria vida no instante em que cravou uma espada no peito do rei, lembra?

— Ele foi atrás de mim, *lembra*? — Ela se vira para me encarar. — E esse reino está muito melhor sem ele. Talvez você comece a acreditar nisso depois de tudo que descobriu.

De repente, minhas mãos estão no rosto dela. Balanço a cabeça.

— Você é um pé no saco, sabia?

— Por quê? Por que estou certa?

— Porque é perigosa.

Seus olhos jamais se afastam dos meus.

— Imagino que você tenha percebido isso na primeira vez que enchi você de porrada.

— Ah, percebi, sim. — Meu polegar roça em sua bochecha. — Mas foi quando você me beijou que eu realmente senti medo do que você tinha feito comigo.

Ela fecha os olhos.

— Eu mandei parar.

— Isso é sinceridade, não flerte.

— Bom, sua covinha direita ainda está aparecendo, então…

— É por isso que seus olhos estão fechados? — Rio, baixando o rosto até ficar na mesma altura do dela.

— É melhor a gente continuar andando — diz ela bruscamente, virando as costas para mim. — Seu prazo está apertado e meus pés já estão doendo…

— Não mude de assunto, Gray — grito atrás dela.

— Você acha que vai chover hoje? Prefiro não me encharcar de novo. Ainda estou me secando de ontem.

— Nós nos beijamos. — Vejo as costas de Paedyn enrijecerem por baixo da blusa úmida grudada na pele. — Três vezes, agora.

Ela se vira, parecendo cansada.

— Por que você está me dizendo isso, como se eu não estivesse o tempo todo evitando pensar a respeito?

— Porque isso já está mais difícil do que deveria — respondo, dando um passo na direção dela. — Você não é só uma missão para mim. Não é só mais um inimigo para eu encontrar. É algo muito mais aterrorizante.

A voz dela mal passa de um sussurro.

— O quê?

— Uma necessidade.

Ficamos nos encarando, ambos surpresos com as palavras que passam pelos meus lábios. A luz do sol atravessa os cabelos dela, fazendo-a reluzir como algo divino demais para mim.

— Pensei que tivesse encontrado sua coragem — diz ela baixinho.

Dou um leve sorriso.

— Talvez eu não me importe de ser um tolo. Desde que seja por você.

Ela balança a cabeça, afastando-se. Sua boca se abre para questionar, e…

Um galho estala, fraco, à minha direita.

O instinto faz com que eu me incline para ela, protegendo seu corpo enquanto aperto sua boca com uma das mãos.

Viro a cabeça para a direita, procurando qualquer sinal de quem temo que tenha nos encontrado.

Só quando uma dor lancinante brota no meu ombro é que vejo que estava certo.

Bandidos.

CAPÍTULO 41

Paedyn

Kai solta um grunhido na minha orelha, a dor arrancando o som de sua garganta.

A mão dele se afasta da minha boca, liberando meu grito.

— Kai!

Ele tomba de joelhos lentamente, revelando o talho fundo que se estende por todo o ombro. Eu vi o clarão da flecha antes que o atingisse, rasgando sua carne num instante. Me jogo no chão ao lado dele, com as mãos em seu rosto e o coração na garganta.

— Você está bem?

— Bandidos — diz ele com dificuldade, ignorando minha pergunta. — Não vou ser muito útil.

Outra flecha passa zumbindo perto da minha cabeça.

— Estou vendo. — Tiro com cuidado o arco das costas dele. Kai sibila quando esbarro no ferimento. — Precisamos sair da estrada. Agora. — Indico um agrupamento de pedras a poucos metros de distância. — Você consegue chegar lá?

— É o meu braço, meu bem, não minha perna — diz ele, com os dentes trincados.

— Ótimo. — Começo a me agachar, puxando-o. — Então você não vai ter problema para acompanhar o ritmo.

Corremos para as pedras, ouvindo o assobio das flechas persistentes passando por nós. Kai se coloca entre mim e elas, bloqueando meu

corpo com o dele. É por isso que solto um arquejo de surpresa quando a ponta de uma flecha consegue raspar o meu tornozelo.

Uma dor lancinante sobe pela minha perna. Sinto o sangue pinicando na pele enquanto nos enfiamos atrás das pedras, usando o tamanho delas como refúgio.

Ignoro meu próprio ferimento e me viro para o dele, muito mais preocupante. O sangue mancha sua pele, cobrindo o ombro. A visão me faz engolir a raiva, enxergando um tom de vermelho que não tem nada a ver com o sangue que escorre na pele de Kai.

Ele está ferido. E odeio isso.

Essa constatação me deixa com ainda mais raiva.

Porque é então que entendo o quanto vou machucar qualquer um que ousar feri-lo.

Eu o encaro, meu estômago se revira com a visão de tanto sangue — o sangue que alguém derramou tão descuidadamente. Esse pensamento me faz colocar minha própria máscara, escondendo tudo, menos a raiva gélida que esfria minhas feições.

Ignoro a sensação do olhar de Kai, concentrada apenas na tarefa imediata. Arrumo as flechas de modo que as hastes emplumadas possam ser puxadas com facilidade da mochila antes de pendurá-la nos ombros.

O arco está quente na minha mão fechada. Meus olhos voltam na direção dos dele, encontrando algo parecido com espanto em seu rosto. Minha voz está calma, o rosto frio.

— Vou fazer com que eles paguem.

Vejo-o respirar fundo.

— Não suporta me ver ferido?

Dou um passo atrás, encarando-o.

— Só quando sou a responsável.

A última coisa que escuto quando saio de trás da pedra é um sussurro fervoroso:

— Tenha cuidado. Por mim.

E então tiro uma flecha da mochila, ajusto-a no arco, suspiro e disparo contra a primeira figura que vejo.

O homem tomba quando minha flecha se crava em seu peito. Rapidamente me agacho, ignorando o fato de que estou mirando para

matar. Mas só tenho mais cinco e não posso me dar ao luxo de perder nenhuma.

Uma calma gélida recai sobre mim enquanto saio para a estrada. Meus movimentos são treinados, minha mente está tranquila. Tudo acontece tão depressa que mal registro que estou disparando novamente.

Eu me agacho atrás de algumas pedras, sentindo uma flecha passar perto da minha cabeça. Sabendo de qual direção ela veio, me levanto e disparo contra o ombro que se projeta de trás de uma pedra. A flecha acerta perto o bastante do coração para o sujeito desmoronar depressa.

Volto para a estrada, ouvindo apenas o cascalho sob as botas. O instinto faz com que eu me vire e dispare contra uma sombra, encontrando um homem com um arco apontado para mim. O arco despenca, junto com o resto dele, quando minha flecha acerta seu coração.

Tudo está silencioso. Silencioso demais.

Fico escondida atrás de outro agrupamento de pedras, examinando o ambiente, até que uma voa na minha direção. Me abaixo antes que ela possa se cravar entre os meus olhos.

— Achei você — sussurro, ajustando minha flecha no arco.

Quando me levanto, o homem dispara outra, quase acertando meu ombro. Não hesito e faço uma flecha voar contra a cabeça que surge por cima das pedras. Vejo a ponta rasgar o pescoço dele, cortando tendões e esguichando sangue.

Ouço a pancada do corpo batendo na terra.

É esse som que me arranca do estupor.

Estremeço apesar da raiva gelada que vai se derretendo. A estrada onde estou parece girar sob meus pés. Com os ouvidos zumbindo e o coração disparado, fecho os olhos com força, como se isso pudesse me esconder do que fiz.

O arco fica escorregadio na minha mão suada. Largo-o, entorpecida, e olho para as mãos. Quase posso sentir o sangue cobrindo-as. O sangue daqueles que eu *matei*. Quando papai me ensinou a lutar, sei que não era isso que ele tinha em mente.

Não. Ele não era meu pai. Não de verdade.

De qualquer forma, sou um fracasso. Sou mais do que um desapontamento para ele. Sou uma desgraça. Uma imitação de tudo que ele me ensinou a ser.

Tirei vidas. Várias vidas. Sete, para ser exata. E mal consigo respirar sob o peso da culpa que me esmaga.

— Ei.

Giro, escutando a voz, e levanto o arco para o rosto de outro homem.

Kai.

É Kai. Estou bem. Não preciso machucá-lo.

Sinto seus dedos quentes sob meu queixo enquanto ele guia meu rosto na direção do seu. Eu o encaro, vendo a testa franzida e os olhos gelados.

— Já acabou, está bem? Você conseguiu. — Ele prende uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, com mais gentileza do que mereço. — Gostaria de poder ter feito isso por você. Minha alma já está manchada o suficiente por nós dois.

A voz dele soa distante, separada por uma torrente de pensamentos. Balanço a cabeça, engolindo em seco.

— Acho que você subestima o quanto eu manchei a minha ultimamente.

Eu poderia me afogar nos corpos que começam a se empilhar aos meus pés. Jamais desejei ser assim. Não sou nada e, no entanto, tirei tudo de outras pessoas. Talvez por isso tenha conseguido escapar da morte por tanto tempo: satisfazendo-a com almas que não são minhas.

Kai abre um sorriso suave, atraindo minha atenção de volta para si.

— O fato de sequer se preocupar com sua alma significa que você ainda é muito melhor do que a maioria das pessoas.

Fico encarando-o por um longo momento, deixando suas palavras se assentarem, me permitindo fingir que acredito nelas. Só quando ele faz um movimento para se apoiar numa pedra é que lembro que ele está ferido. O talho aberto pela flecha é fundo e longo, pingando sangue pelas costas.

— Merda, Kai, por que você está aí falando sobre a minha alma quando está sangrando para todo lado? — Balanço a cabeça e me agacho ao lado dele.

— Gosto de falar sobre sua alma. — Ele trinca os dentes quando eu toco com cuidado a pele ao redor do ferimento.

— E por quê? — pergunto, distraída.

— Talvez — ele ofega — eu sinta inveja dela.

Engulo em seco.

— Não há nada para ser invejado em mim.

— Então você não se conhece o suficiente.

— O quê? — Eu bufo. — E você me conhece?

De repente, ele está se esforçando para ficar de pé, grunhindo.

— Você pode negar o quanto quiser, mas nós dois sabemos que sim.

— E aonde você pensa que vai? — pergunto atrás dele. — Bom, aonde *nós* vamos?

— Quero ficar minimamente confortável enquanto sangro até a morte. — Ele estende a mão para mim, que não me dou ao trabalho de segurar antes de ficar de pé. — Espero encontrar uma caverna.

— Você não vai sangrar até a morte… — Paro, incrédula. — Estamos perto das cavernas?

Ele assente.

— Estamos quase na fronteira do Santuário. A área das cavernas fica logo antes do campo que separa a gente de Ilya.

— Perfeito — digo secamente. — Estamos quase em casa.

Saímos de trás das pedras e voltamos para a estrada. Caminhando em silêncio, vejo o primeiro corpo tombado sobre algumas pedras e rapidamente desvio o olhar. Meu estômago se revira quando me lembro do que fiz, de cada cadáver que agora preciso encarar. A arma com a qual matei está de novo na minha mão, suada e aparentemente inofensiva, balançando na direção da terra.

Se bem que, de certa forma, ela é inofensiva mesmo. Uma arma só é mortal se for usada. E um arco só mata se eu disparar a flecha com ele.

Mesmo com os olhos voltados para o chão, sei quando passo por algum corpo. Sinto o peso do que fiz a cada passo. Kai permanece em silêncio ao meu lado, sabendo exatamente qual deve ser a sensação. Como é matar e viver com cada fantasma.

Ouço o som de botas esmagando a terra atrás de nós.

Eu me viro, levantando o arco vazio.

O homem é magro, muito menor do que os outros bandidos — não é de espantar que eu tenha deixado de vê-lo entre as pedras. Está segurando um arco nas mãos trêmulas, fazendo força para mantê-lo apontado na direção de Kai.

E, antes que eu possa piscar, ele dispara.

Nem penso antes de me jogar na frente do príncipe que eu deveria odiar. O tempo parece desacelerar enquanto a flecha voa na minha direção. Os reflexos assumem o controle do meu corpo, me obrigando a levantar a arma vazia.

Giro o arco e ouço a madeira acertar a haste da flecha antes mesmo de registrar o que aconteceu. A flecha cai num borrão, com a ponta se cravando no solo.

Levanto os olhos e encontro a expressão do homem espelhando a minha. Há um choque absoluto desenhado no rosto dele diante do que eu consegui fazer. Aproveito sua hesitação, levo a mão para trás e tiro uma flecha de dentro da mochila.

Um instante depois, ela está ajustada no arco.

Seguro a corda, sentindo os pulmões se contraindo e a respiração se prendendo na garganta.

Afrouxo os dedos nela, pronta para disparar a flecha…

E um borrão atravessa o ar, girando até se cravar no peito do homem.

Encaro, atônita, minha flecha ainda ajustada no arco.

Quando meu olhar volta para o homem, ele está apertando o peito de onde o cabo de uma faca se projeta.

Giro e encontro Kai ao meu lado, segurando o ombro machucado.

— Pronto — diz ele, parecendo sentir dor. — Está resolvido.

Olho de volta para o homem tombado de cara no chão.

— Como foi que você…

— Com o braço esquerdo — diz ele em tom casual. — Mas ainda dói feito o diabo.

— Eu estava com tudo sob controle. — Desvio o olhar, evitando o dele. — Eu ia… Eu ia fazer.

Kai fica entre mim e o homem, bloqueando minha visão da morte que vem reivindicá-lo.

— Eu sei. Sei que você estava com tudo sob controle. Você deixou isso muito evidente quando desviou uma flecha no ar. — Kai balança a cabeça, com um sorriso mostrando a covinha. — Mas, como eu disse, minha alma está manchada o suficiente por nós dois. E você já matou o suficiente por mim.

Desvio o olhar novamente, sem saber o que dizer. Sem saber como dizer o quanto isso significou para mim. Assim, me contento em sussurrar:

— Obrigada.

— Isso pareceu doloroso — diz Kai, rindo como o babaca que é.

— Bom, agradecer a você não é exatamente uma coisa que eu estou acostumada a fazer.

— Acho que você não está acostumada a ter bons modos em geral.

Ele volta a caminhar e vai me puxando enquanto eu balanço a cabeça para as suas costas, sabendo que isso é apenas uma distração da morte que aconteceu atrás de nós.

— Ah, e seus modos são muito bons, não é?

— Considerando que eu tive muitos tutores e anos de estudos, é, eu diria que são. — Sua voz está tensa com a dor. — Aprendi a me comportar na Corte e entre os nobres. A falar com as mulheres e…

Dou uma risadinha debochada.

— Quer dizer, flertar?

— Não, isso sempre foi natural para mim, meu bem.

Finalmente o alcanço e caminho ao seu lado.

— Ser um babaca também é natural ou foi algo que ensinaram a você?

Os lábios de Kai se repuxam enquanto ele pensa na minha pergunta.

— É natural. Mas não posso levar todo o crédito. — Ele me encara. — Você provoca isso em mim.

Viro o rosto para longe, examinando as pedras como uma desculpa para olhar em qualquer direção, menos na dele. O terreno está ficando mais difícil, impossivelmente pedregoso. As paredes dos dois lados são altas e salpicadas de aberturas. A maioria é pequena demais para ser chamada de caverna, mas meus olhos são atraídos para a entrada de uma que parece promissora. Me questiono se uma delas é o lar da primeira rainha.

— Que tal aquela? — pergunto, apontando.

O suor está brotando na testa de Kai; a dor repuxa sua boca. Quando ele apenas assente, sem fazer qualquer comentário espertinho, sei que está sentindo um desconforto enorme.

O sol bate forte enquanto vamos lentamente até a caverna. As bolhas nos pés gritam para mim a cada passo quando a pele roça na bota. Mordo a língua, sabendo que o que o Executor ao meu lado sente é muito pior.

Sombras caem sobre nós quando enfim entramos na caverna. A luz parece ser engolida dentro dela, dando a sensação de que penetramos na noite.

— Sente-se — ordeno, séria.

Ele fica me olhando enquanto obedece.

— O que vai fazer, Gray?

Eu me agacho atrás dele, levantando com cuidado a camisa ensanguentada para examinar o ferimento.

— O que parece que vou fazer, Azer?

— Parece que vai cuidar de mim. — Um sorriso se esgueira na voz dele. — E me despir.

Reajo bufando.

— Não se ache demais. Não posso deixar você virar um peso morto, não é?

Ele geme de dor quando as pontas dos meus dedos roçam a pele sensível em volta da ferida. O cheiro de sangue arde no meu nariz, me obrigando a respirar fundo antes de dizer:

— Não tenho material para dar pontos nisso. Tudo que posso fazer é lavar e enfaixar.

— Ótimo. — Ele trinca os dentes. — Vamos logo com isso, está bem?

— Mas precisa de pontos — declaro. — Pode infeccionar.

— Chegaremos a Ilya amanhã. — A voz dele sai calma. — A bandagem vai estancar o sangue por tempo suficiente. Eu me curo quando estivermos lá.

— Certo.

Engulo em seco ao ver tanto sangue. Seguro a bainha da camisa para passá-la com cuidado por cima da cabeça dele. Kai sibila quando ela se

prende no ferimento. Ponho a mão com cuidado em suas costas e peço que ele se deite de bruços.

Com as costas nuas e estendido diante de mim, o sangue denso empoça na pele de Kai. Mal consigo ver o talho por baixo, e o cheiro metálico arde no meu nariz.

— Diga alguma coisa — consigo pedir com a voz fraca.

— Dizer alguma coisa? — O riso dele é dolorido. — Essa é mesmo a melhor hora para…

— É — interrompo. — Pode ser qualquer coisa, só… só fale comigo.

Fecho os olhos com força, precisando me distrair da sensação do sangue nas pontas dos dedos e de vê-lo escorrer sobre a pele. Alguma coisa no modo como Kai fica imóvel me diz que ele está começando a entender.

— Certo. — A voz dele sai tensa. — A verdade, então?

— A verdade, sempre — murmuro.

Uma pausa longa.

— Às vezes sinto inveja porque foi você que matou meu pai.

Meus olhos se abrem rapidamente, piscando perplexos para a nuca de Kai.

— O… o quê?

Ele suspira.

— Passei a vida toda fantasiando fazer o que você fez. Não me orgulho disso. Mas sempre que ele me cortava, gritava comigo ou me obrigava a encarar um medo de novo e de novo, eu lutava contra o impulso de machucá-lo de volta. E a Peste sabe que eu seria capaz. — Ele abaixa o tom, com a voz tensa. — Isso consumia todos os meus pensamentos. Porque antes de odiá-lo por tudo que ele fazia comigo, eu o odiava porque ele sentia ódio de Ava. Ele nunca admitiu isso, óbvio, mas eu sabia. Sabia que ele odiava o fato de ela ser fraca, sabia que achava que ela era uma desgraça para o nome da família.

Pego lentamente um cantil que enchemos com água da chuva, distraída com os segredos que se derramam dos lábios dele.

— Mas jamais consegui me obrigar a sequer chegar perto de fazê-lo. — Kai suspira. — Não importava o quanto ele me tratasse mal ou

odiasse as pessoas que eu amava, ele ainda era meu pai. O sangue e o dever pesam mais do que o ódio.

Fico em silêncio por um longo momento, o olhar fixo na parede de pedra mal iluminada à nossa frente.

— E eu fiz o que você secretamente desejava ter feito.

— E o pior — murmura ele — é que eu deveria odiar você por isso. Mas você é muito mais difícil de odiar do que ele.

Estamos com pouca água sobrando e, mesmo assim, de um modo horrível, não hesito em derramar a maior parte dela no ferimento. Porque, apesar de tudo, passei a perceber que existe pouca coisa que eu não sacrificaria por ele.

Não me permito pensar nessa descoberta súbita.

— *Merda* — xinga ele, sibilando, sentindo a água arder ao penetrar na ferida. — Retiro o que disse. Talvez você não seja tão difícil de odiar.

O sangue escorre pelas costas de Kai, manchando a pele de vermelho à luz fraca. Minhas mãos estão cobertas de sangue, cada dedo pegajoso e cheirando à morte, com a qual estou familiarizada demais.

Não brinco. Não provoco nem afasto a mente dele da dor. Em vez disso, desvio os olhos enquanto lavo a ferida, incapaz de encarar o vermelho escorrendo. Rasgo com as mãos trêmulas um pedaço do que resta da minha saia. Uso os dedos ensanguentados para enfiar a bandagem improvisada por baixo do peito de Kai.

Ofegando, me inclino por cima das costas dele para envolver o ferimento com o tecido.

Minha trança escorrega de trás do ombro, balançando até…

Até arrastar na poça de sangue que começa a se acumular outra vez.

Sugo o ar e seguro o meio da trança, pronta para jogá-la de volta por cima do ombro.

Minha mão gruda nos fios.

Olho para baixo lentamente, com o corpo inteiro tremendo.

O sangue escorre pelo cabelo, pingando das pontas, manchando minha mão. Engulo o nó cada vez maior na garganta enquanto afasto a mão para olhar o sangue que a está cobrindo.

Só consigo sentir o cheiro da morte. Só consigo escutar o zumbido nos ouvidos.

Acho que Kai está dizendo alguma coisa, mas o ignoro enquanto manipulo o tecido, sujando-o de sangue na pressa para cobrir a ferida.

Amarro a bandagem com um engasgo abafado, estendendo a mão para o cantil. Consigo derramar as últimas gotas na palma da mão antes de esfregá-las violentamente. O sangue faz redemoinhos na minha pele, escorrendo pelos pulsos e…

— Gray.

A voz dele está séria a ponto de me arrancar do frenesi. Não sei direito quando Kai se sentou, mas agora ele está me encarando, pousando a mão gentil na minha perna.

— O que está acontecendo?

Balanço a cabeça, lutando contra as lágrimas que ameaçam cair.

— Não é nada… É…

Meu olhar pousa nas minhas mãos cobertas de sangue. As mesmas mãos que seguraram os cadáveres das pessoas que mais amei. As mesmas mãos que estão cobertas para sempre com o sangue delas.

— É o sangue — diz ele baixinho. — Você não tinha problema com isso até…

Meu coração martela no peito e sinto que posso desmaiar.

Tudo que sinto é cheiro de sangue. Tudo que sinto é culpa.

— Eu… não aguento mais — digo, ofegante. — Não aguento mais me sentir assim. É demais.

Olho o cabelo prateado sujo de sangue. A visão da minha trança me faz paralisar, me faz odiar o poder que o sangue tem sobre mim agora. Preciso fazer um esforço para respirar mais devagar, para acalmar as batidas do coração.

Uma espécie de raiva entorpecida abafa subitamente o pânico que me atravessa. Respiro fundo e levanto os olhos.

— Corte-o.

As sobrancelhas de Kai se franzem ao me ouvir.

— O quê?

— Quero que você o corte — digo baixinho.

Meu rosto está inexpressivo, apesar das lágrimas que continuam a nublar minha visão. Esfrego as mãos ensanguentadas pela extensão da

trança, manchando-a a cada passada.

Os olhos de Kai acompanham meus dedos, arregalando-se ligeiramente ao entender.

— Gray, talvez você devesse…

— Quero que você o corte — sussurro. — Por favor.

— Ei, olhe para mim — diz ele baixinho, a mão vindo para o meu rosto. — Vou lavá-lo, está bem? O sangue não vai ficar aí para sempre…

— Vai, sim — interrompo em voz alta e trêmula. Pisco para conter as lágrimas, me obrigando a sustentar seu olhar. — Vai, sim — repito, dessa vez sussurrando. — O sangue vai estar sempre aí. O sangue do meu pai. O sangue da minha melhor amiga. O sangue de cada pessoa que eu *matei*. Está sempre aí. — Minha voz falha. — E estou me afogando nele.

Kai balança a cabeça, passando um polegar no meu rosto.

— A morte de Adena e a do seu pai não foram causadas por você.

— Só porque não foram causadas por mim não significa que a culpa não tenha sido minha — sussurro.

— Não, isso não…

— Por favor — insisto baixinho. — Eu sei que você está com a minha adaga na bota.

Ele se imobiliza ao ouvir minhas palavras.

— Não quero que você se arrependa disso.

Balanço a cabeça para minhas mãos ensanguentadas.

— Você não entende. Esse cabelo carrega lembranças. E é *pesado*. — Eu me viro lentamente até ficar de costas para ele, a trança frouxa pendendo por toda a extensão da coluna. — Por favor, Kai.

Silêncio.

Até que não há mais. Até que o sinto estender a mão para a bota. Até que minha trança está presa gentilmente em uma das mãos dele enquanto a outra segura a adaga do meu pai.

Sinto a respiração de Kai no pescoço, hesitante e insegura.

Uma lágrima rola pelo meu rosto quando assinto com a cabeça.

Ele levanta a trança e começa a cortá-la.

Cada migalha de compostura que me restava desmorona ao som do meu cabelo sendo cortado.

Lágrimas escorrem pelas minhas bochechas. Choro pelo meu passado, pela menininha que segurou a mão do pai até a pele esfriar. Pela menininha que lutou para sobreviver em um reino que a odiava.

Choro por Adena — meu sol na escuridão para onde eu estava indo. Ainda sinto seu corpo ensanguentado nos meus braços, vejo seus dedos quebrados amarrados às costas. Choro porque a morte não a merece. Mas ela merece meu luto, cada lágrima que eu contive.

Choro por todas as vezes em que senti que não deveria chorar. Por todas as vezes em que senti que isso me tornava fraca.

Sinto o sussurro do cabelo solto caindo pelas costas, o peso sendo tirado dos meus ombros.

Quando Kai se afasta, ouço a adaga bater no chão da caverna. Mexo a cabeça, leve sem a cortina pesada de cabelos cascateando pelas costas. As pontas recém-cortadas roçam nos meus ombros, fazendo cócegas na pele.

Agora as mãos dele estão no meu braço, me virando lentamente para encará-lo. Resisto de um jeito patético, não querendo que ele me veja assim. Depois de um tempo, ele segura minhas mãos e pega na mochila o último cantil cheio de água. Vejo-o usar os dentes para rasgar mais um pedaço de pano da saia antes de derramar uma quantidade preciosa de água nas minhas mãos sujas.

Kai fica sentado em silêncio, lavando o sangue delas. Seu toque é suave, como se eu fosse delicada, e não frágil. Como se estivesse me tratando com cuidado porque eu mereço, e não porque preciso.

Ele passa o tecido pelas minhas palmas, entre os dedos, demorando-se em volta das unhas. Só quando minhas mãos estão totalmente limpas é que ele larga o pano e ergue o olhar para mim.

Tudo que ele faz é intencional, uma espécie de intimidade que nunca senti antes. Só de ser tão cuidada faz outra lágrima rolar pelo meu rosto antes que eu possa impedir. E isso basta para que a torrente de emoções despenque sobre mim outra vez.

Estou praticamente engasgada, em prantos, com a respiração irregular.

— Shh — murmura ele. — Está tudo bem.

Ele leva uma das mãos ao meu rosto na intenção de enxugar as lágrimas. Balanço a cabeça, me afastando.

— Não, não quero que você me veja assim. Não quero que enxugue minhas lágrimas.

Kai assente devagar, absorvendo minhas palavras.

— Certo. Não vou fazer isso.

Sua mão encontra a minha, lentamente, no meu colo. Olho, confusa, enquanto ele a segura e a leva na direção da própria boca.

Outra lágrima escapa do meu olho quando seus lábios roçam meu polegar.

É um gesto tão pequeno, mas tão significativo. Agora que sei a história por trás, engulo em seco diante da sua disposição de compartilhar comigo algo tão especial.

Mas então ele pega meu polegar e o guia até o meu rosto para enxugar a lágrima. Em seguida, o leva de volta aos seus lábios, beijando-o de novo antes de usá-lo para enxugar mais uma.

— Você é forte o bastante para enxugar as próprias lágrimas, mas é teimosa demais para deixar alguém cuidar de você — murmura ele.

Kai continua a beijar meu polegar, me ajudando a enxugar cada gota que enfeita meu rosto. Meus olhos estão inchados, o rosto vermelho, mas ele me olha com uma reverência reservada para a religião.

Depois de beijar meu polegar pela última vez, ele me puxa para seus braços. Minhas costas estão apoiadas em seu peito nu e ele me segura com força, apesar do ferimento. Ele passa uma das mãos pelo meu cabelo curto, seus dedos roçam no meu pescoço.

— Obrigada — sussurro, pondo a mão no braço que envolve minha cintura.

Ele encosta a cabeça na minha.

— Está se sentindo melhor?

Fico em silêncio, pensando na pergunta.

— Pela primeira vez em muito tempo, acho que essa é uma possibilidade.

CAPÍTULO 42

Kitt

Eu não vinha à torre oeste desde que visitei a menininha que a ocupava.

No lugar dela está uma mulher. Uma rainha. Uma mãe — talvez, em parte, até mesmo minha.

Ando rapidamente pelo tapete macio, satisfeito por evitar os muitos olhares curiosos que me seguem. Os serviçais sorriem educadamente; os Imperiais espiam, inquietos. Olhando para uma das muitas janelas que ladeiam o corredor, tento captar um vislumbre do meu reflexo.

Em vez disso, meus pés hesitam. Minha garganta fica seca. Minha visão fica turva.

Ainda não visitei a sepultura dele. Ainda não me obriguei a olhar o pedaço de terra sob o qual ele está enterrado.

O pequeno cemitério se estende do outro lado da janela, acomodado num canto íntimo do castelo. Décadas de reis, rainhas e suas linhagens foram postas para descansar sob a grama macia. Lápides esculpidas estão acomodadas sobre cada sepultura, marcando qual corpo apodrecido está ali embaixo.

Minha respiração sai curta, vibrando no meu peito.

Vários pares de olhos observadores pinicam minha pele e eu ajeito a postura ao senti-los. Porque sou o rei deles. Não estou fora de mim. E não vou provocar uma comoção.

Afasto o olhar da terra fresca e revirada que agora engole meu pai e acelero o passo pelo corredor.

Cabeça erguida. Costas retas. Olhos confiantes.

Nos dias seguintes à minha conversa reveladora com Gail, visitei o salgueiro e pedi desculpas a Ava por ter me esquecido do seu aniversário. Pela Peste, pedi desculpas por mais do que apenas isso. Eu provavelmente parecia um rei louco enquanto murmurava para as raízes entrelaçadas sob meus pés.

Foi então que Calum me encontrou e me lembrou daqueles três *B*s. Ao pensar nisso, enfio a mão no bolso e encontro a caixa fria entre os dedos. Passo distraidamente o polegar no veludo, me lembrando da orientação muito necessária dada por ele.

Faça o papel do rei, mesmo que ainda não se sinta exatamente assim. Pelo bem do seu plano, do seu povo.

Viro a esquina e encontro um corredor igualmente lotado, cheio de olhares curiosos. Minha mão aperta a caixa, encontrando coragem nos três *B*s que ela representa. Solto o ar com força e caminho com firmeza entre a multidão de serviçais e Imperiais.

Cabeça erguida. Costas retas. Olhos confiantes.

Não tenho chance de me perguntar se pareço suficientemente régio antes de chegar embaixo da escada que sobe até a torre oeste. Essa ala do castelo é reservada para a enfermaria — também conhecida como isolamento.

Os degraus rangem sob meus pés, chiando com o meu peso. A subida pelos muitos andares sinuosos me deixou rapidamente sem fôlego.

Maldição, será que estou tão fora de forma assim?

Acho que minha falta de resistência não deveria ser um choque, depois de ficar tanto tempo trancado no gabinete. Mas estou ofegando quando chego à porta gasta no topo da escada.

Levanto o punho, me preparando para bater na madeira.

Mas hesito.

Há um motivo para eu ainda não ter visitado a rainha. Ela é minha mãe apenas no nome, e acho que parte de mim sempre a desprezou por não ser a mulher que morreu me dando à luz. Por não ser a mulher

que eu sempre desejei, de maneira tão desesperada, poder ter conhecido.

Mas meu pai a amava imensamente, assim como ela o amava. Esse é o motivo para ela estar tão doente: o luto. Pelo menos temos essas duas coisas em comum.

Até arranjar coragem para encarar a sepultura do meu pai, vou me sentar junto ao leito de morte da esposa dele.

Bato na porta. Ela se abre.

Sou recebido por olhares chocados de vários médicos. Eles não se dão ao trabalho de perguntar por que estou aqui. Apenas uma paciente ocupa esta torre.

Em segundos estou sendo guiado pelo quarto, passando por camas arrumadas cobertas de poeira.

Há anos ninguém ficava aqui em cima.

Até mesmo quando Kai e eu nos machucávamos no círculo de treinamento, os ferimentos eram tratados rapidamente por Eli em nossos quartos. Porque esta ala do castelo é reservada para ferimentos muito mais profundos do que um Curador pode alcançar.

Meu olhar vai até uma cama específica, no canto; os cobertores estão muito bem dobrados. Me pergunto vagamente se Kai viu aquela cama sem estar ocupada pelo corpo de Ava.

— Kitt!

Afasto os olhos da cama e encontro outros, castanhos, agora calorosos ao me ver.

— Jax. — Forço um sorriso. — Não sabia que você estava aqui.

O sorriso que ele devolve é muito mais luminoso do que o meu, contrastando com sua pele escura.

— Não achei que veria você aqui. Ou, hã… em qualquer lugar.

Vejo a tristeza se assentar nas feições dele e fico desesperado para apaziguá-la.

— Desculpe, Jax. Andei muito mais ocupado do que o normal.

Ele assente, se remexendo com o corpo desengonçado.

— É, imagino que sim. — Jax lança um olhar para a cama ocupada atrás de si. — Ela esteve perguntando por você.

Pigarreio.

— Você vem muito aqui?

Ele assente, sem graça.

— Quase todo dia. Eu… eu devo isso a ela. Foi ela que me acolheu depois que meus pais…

Assinto em resposta quando Jax deixa o resto no ar, sem precisar que ele me lembre do naufrágio dos seus pais nos Baixios. De repente estou pigarreando de novo, um pouco constrangido. Alguma coisa mudou entre nós e me deixou estranhamente atordoado.

Suponho que a culpa seja minha. Sou o único de nós que mudou. O único que agora é rei.

— Bom — diz ele. — Acho que vou deixar você à vontade.

Minha mão encontra o ombro de Jax quando ele começa a se afastar.

— Pela Peste, você cresceu uns dois centímetros por dia desde que a gente se viu pela última vez?

O tom brincalhão na minha voz, um vislumbre do príncipe com o qual ele cresceu, faz um sorriso se abrir em seu rosto.

— Daqui a pouco vou olhar você de cima para baixo, Kitty.

— Ah, espero que não — digo incisivamente. — Porque nesse caso eu não poderei fazer isso. — Envolvo o pescoço dele com o braço e esfrego seu cabelo curto com a mão livre.

Jax ri daquele jeito de garoto do qual senti tanta falta. Despreocupado e genuíno. Depois de finalmente se soltar dos meus braços, ele para à minha frente, sorrindo. Essa visão faz meu peito se apertar quando me lembro de como as coisas costumavam ser.

Mas talvez ainda exista esperança de felicidade no futuro.

Depois de conseguir desgrenhar meu cabelo de volta, Jax dá vários passos longos e sai do quarto rindo. Balançando a cabeça e ajeitando minhas mechas louras, viro o foco para a mulher que já está me observando.

O cabelo da rainha, que já foi macio e preto, parece opaco esparramado no travesseiro branco. Quando vou até a beira da cama, ela tenta dar um sorriso fraco.

— Oi, Kitt.

A voz que escapa dos lábios rachados é pouco mais do que um som rouco. Os olhos cinzentos me examinam, parecidos demais com os de Kai. Ela pigarreia, aparentando mais força quando diz:

— Ouvi dizer que você não tem estado muito bem ultimamente.

O sorriso que abro é triste.

— Eu poderia dizer o mesmo sobre a senhora.

Quando me sento na cadeira rígida ao lado, ela pega minha mão, apertando com muito mais força do que eu acharia possível.

— Então são apenas boatos bobos, não é?

Ela sorri e eu sorrio de volta.

— Sim. Apenas boatos.

Subitamente séria, ela diz baixinho:

— Achei que você não viria me ver.

Comprimo os lábios, assentindo de leve.

— Para ser sincero, eu também achei que não viria.

— Não posso culpá-lo. — Ela abre um sorriso triste. — Eu nunca me esforcei muito para ter um relacionamento com você. — As lágrimas brotam em seus olhos cinzentos. — E por isso… eu peço desculpas.

Engulo em seco, sem saber o que dizer. Felizmente, ela está falando de novo antes que eu seja obrigado a pensar em alguma resposta:

— Pela Peste, você se parece tanto com ele.

Meu olhar se choca com o dela. A rainha levanta a mão trêmula e afasta uma mecha de cabelos da minha testa.

— Você é exatamente como ele era quando me apaixonei — acrescenta.

— Jura? — pergunto, ofegante, desesperado para saber mais sobre o homem que eu idolatrava.

— Juro — confirma ela, rindo, mas é um som doloroso. — Sabe, no início nós não gostávamos muito um do outro. Meu pai era um conselheiro de confiança do rei e, quando sua mãe faleceu em seu parto, eu era a opção mais fácil. Ele não foi obrigado a passar meses me cortejando. — Ela parece assentir, lembrando-se de tudo isso com um leve sorriso. — Eu não queria casar com ele. De verdade. Estava evidente que tudo que ele desejava de mim era outro herdeiro. Mas alguma coisa começou a brotar entre nós à medida que o tempo passava. Amor. Ele era diferente comigo. Gentil e carinhoso. — Os olhos dela encontram os meus lentamente. — E agora aqui estou eu. Morrendo porque não sei mais como respirar sem ele.

— Eu entendo.

As palavras saem da minha boca antes que eu possa engoli-las.

— Sei que sim — sussurra ela. — Você o amava demais.

Minha voz falha.

— Só quero deixá-lo orgulhoso.

Ela aperta minha mão.

— E deixará, Kitt. Vai governar o reino por ele. Ele acreditava em você, e eu também.

— Acreditava? — sussurro de um jeito patético.

Ela me encara por um longo momento.

— Ele deixou cartas para você. — Minha respiração fica presa enquanto ela continua: — Para o caso de alguma coisa… acontecer com ele. São para orientar você, dizendo exatamente o que ele desejaria para o reino. Eu não as li, obviamente, mas você deveria. Acredito que estão na última gaveta da mesa dele. Bom, na última gaveta da *sua* mesa.

Eu ainda não tinha aberto nenhum daqueles compartimentos em nome da minha sanidade. Porque doía demais ver uma pena que ele tivesse segurado ou uma anotação escrita por ele. Mas agora…

— Vou encontrá-las — digo, ofegante. — Obrigado.

Ela sorri.

— Claro.

Me levanto para ir embora. Ela tosse. Eu me encolho.

— Kitt?

Eu me viro de volta para sua figura frágil.

— Sim?

— Venha me visitar de novo? — Ela engole em seco. — Você se parece tanto com ele.

Minha garganta queima.

Assinto.

CAPÍTULO 43

Kai

As pernas de Paedyn estão entrelaçadas nas minhas, a cabeça encostada no meu coração acelerado.

Perdi a noção do tempo, satisfeito em estar abraçando-a até meu corpo inteiro ficar dormente. Caímos num silêncio que parece contentamento, paz de espírito.

Não ouso me mexer, com medo de arruinar o momento que ela provavelmente está apavorada por estar tendo. Está claro que ela não sabe o que fazer comigo. Não sabe o que fazer comigo por causa do que estou fazendo com ela.

Estamos a um dia de distância de Ilya. Um dia até eu entregar Paedyn a Kitt — ao rei — para que ele faça com ela o que quiser. E não sei mais exatamente do que Kitt é capaz. Nem sei como ele reagirá quando eu mostrar o diário, o registro de um Curador que o rei não pôde comprar.

Ele provavelmente não acreditará. Pela Peste, eu também não sei bem no que acreditar.

Passei a vida inteira crendo que os Comuns eram doentes e condenavam a todos nós. Mas essa mentira combina com o caráter do meu pai, com sua fome de poder e controle. Sem contar quantos Comuns viveram durante décadas entre nós sem nenhum efeito perceptível nas nossas habilidades.

Parece uma mentira muito óbvia quando a pessoa não viveu com ela durante toda a vida.

Paedyn se remexe encostada em mim, puxando as pernas de encontro ao peito. Um clarão vermelho atrai meu olhar e eu estendo a mão para segurar sua perna. Ela está prestes a protestar quando levanto o tornozelo dela e vejo a calça rasgada e a ferida da flecha embaixo.

— Por que não me contou sobre isso? — pergunto com calma.

A voz dela está tão rígida quanto o corpo ficou.

— Porque é só um arranhão.

— Está sangrando.

— Não. — Ela suspira. — Sangrou. E eu estava conseguindo ignorar muito bem até você mencioná-lo.

Ela se vira e eu vejo seu rosto empalidecer à luz fraca enquanto ela olha o sangue seco. Seguro a saia mutilada e rasgo outro pedaço de pano. Depois levanto com cuidado sua perna sobre a minha e enrolo o tecido que resta.

Sinto seu olhar percorrer meu rosto enquanto passo o pedaço da saia em volta do ferimento, apertando-o com força antes de amarrar.

— Pronto — digo simplesmente. — Agora você não precisa ficar olhando.

Ela consegue abrir um pequeno sorriso.

— Obrigada.

Meus lábios se repuxam.

— É a terceira vez que você me agradece. Parece estar ficando menos difícil.

— Está contabilizando agora? — debocha.

— Eu não faria isso se não fosse tão raro.

Paedyn balança a cabeça, escondendo um sorriso enquanto me encara. O cabelo curto combina com ela. Tenho certeza de que existe pouca coisa que não combine. Mas gosto dela assim: cabelo desalinhado e lábios rápidos em sorrir para mim.

Sua perna ainda está em cima das minhas, e isso a obriga a se sentar de lado. Observo-a por um longo momento antes de dizer:

— É por causa de Adena, não é?

Tudo em Paedyn parece encolher à menção da amiga.

— O que tem ela?

— O sangue — digo baixinho. — Você nunca teve problema com sangue antes…

— Antes de Adena morrer — completa Paedyn sem rodeios. — Quando ficamos cobertos com o sangue de alguém que amamos, mais de uma vez, alguma coisa nos deixa incapazes de suportar a visão, a sensação, o cheiro. Acho que… acho que o sangue de Adena foi a gota d'água.

Assinto em resposta, entendendo do meu jeito deturpado. Meu olhar a percorre de cima a baixo, absorvendo a força que ela não consegue ver. Seu olhar penetrante está examinando meu rosto, mas duvido que ela enxergue força. Talvez pecado. No máximo, aliança.

— É melhor a gente ir, não é? — A voz dela sai enganosamente animada. — Não devemos deixar o rei esperando mais do que o necessário.

Conheço esse tom. Ela o usa toda vez que falamos em levá-la de volta a Ilya.

E esse é o meu dever. Levá-la de volta a Ilya é o meu dever.

Paedyn se solta do meu colo para enfiar tudo de volta na mochila. A corrente tilinta quando ela fica de pé, e o som é um lembrete constante do que estou fazendo com ela.

Vou atrás, atravessando cuidadosamente o arco no ombro que não está ferido. Olho para ela e a vejo de cabeça baixa com os olhos dilatados de emoção. Acompanho seu campo de visão e vejo a adaga caída junto aos restos da comprida trança prateada.

Parece que ela deixou uma versão de si mesma no chão desta caverna, outro fantasma para vagar pelo Santuário das Almas. Me abaixo para pegar a adaga, sentindo os arabescos de prata na palma da mão. É estranho segurar uma arma com tanta história.

— Nunca vou tê-la de volta, não é? — pergunta, com a voz inexpressiva.

Começo a seguir para a boca escancarada da caverna.

— Um dia — prometo.

— Você pode enterrá-la comigo?

As palavras me fazem enrijecer e eu preciso de cada migalha de força para ignorá-las. Quando saímos, é ao sol do fim da tarde. A

estrada é pedregosa a ponto de sacudir meu ombro e esticar o ferimento que já está latejando, me fazendo temer cada passo. Caminhamos num silêncio confortável por um bom tempo até que Paedyn diz, casualmente:

— Você está sentindo dor.

— Estou, é, Pequena Psíquica?

Ela não parece achar isso divertido.

— Digamos que eu fiquei bastante boa em ler sua linguagem corporal.

Dou um risinho ao ouvir minhas palavras cuspidas de volta para mim.

— Era assim que você fazia o seu truquezinho psíquico, não era? Você lia as pessoas.

Ela assente.

— Essa é a essência. Para ser sincera, parece muito mais fácil do que realmente é. São necessários anos treinando o cérebro para juntar os detalhes em questão de segundos.

— Eu acredito. — Solto um suspiro. — Você era… ainda é, acho… muito convincente.

Sinto o olhar dela no meu rosto.

— Então você nunca… questionou minha habilidade?

Dou uma leve risada.

— Claro que questionei. É meio que o meu trabalho. — Balanço a cabeça e olho o céu azul. — Mas você me *distraía*. É como se, no momento em que eu pensasse em sua habilidade, você fizesse alguma coisa para levar meus pensamentos em outra direção. E ainda estou descobrindo novos poderes, especialmente com relação aos Triviais. Assim, uma Psíquica não parecia uma coisa tão absurda.

O sorriso que ela abre é presunçoso.

— Sou muito boa no que faço.

— Não fique tão convencida, meu bem.

Ela se vira para me encarar, inexpressiva.

— Você está com uma bolha na parte interna do pé esquerdo. — O olhar dela vai até a barba crescendo no meu queixo. — Não usa barba porque odeia a sensação. E… você usava um anel quando estava no castelo, mas tirou antes de vir atrás de mim.

Balanço a cabeça, olhando para o chão e me esforçando ao máximo para esconder a perplexidade.

— Você me pegou, Gray. Tudo isso está certo. — Flexiono a mão como venho fazendo desde que saí do castelo. — Eu estava usando o anel do Executor. Um negócio grande e espalhafatoso, e eu não me acostumei. A sensação entre os dedos me incomodava. Por isso achei que uma missão era uma boa desculpa para tirá-lo.

Viro a cabeça e vejo Paedyn olhando o anel que ela gira no polegar. Ela faz um ruído de desdém.

— Durante a vida inteira, achei que esse anel representava o casamento dos meus *pais*, não de pessoas estranhas.

— Eles eram seus pais — digo com a voz séria. — Sangue não é o mesmo que amor. Jax é tão meu irmão quanto Kitt, apesar de nós não termos os mesmos pais.

Paedyn assente, entendendo, mas não acreditando muito.

— Faz sentido. Tudo isso. — Ela consegue dar um riso fraco. — Sou filha de uns Comuns que não queriam cuidar de mim. Por isso não sou Mista. Acho… acho que eu nunca tinha pensado nisso, até agora.

— Por que iria pensar? — pergunto simplesmente. — Quando um pai te ama, você não sente necessidade de sair por aí procurando outro.

Ela assente em silêncio. O sol paira no alto, esquentando minha nuca. Não digo nada sobre o ombro dolorido ou a bolha ardente da qual ela já sabe e que roça na minha bota.

Andamos num silêncio tranquilo durante um longo trecho da estrada. Devoramos rapidamente o resto de pão velho que temos, ajudando-o a descer com a água quente.

É então que o terreno começa a ficar mais plano, com tufos de capim surgindo ao redor. Semicerro os olhos na direção do sol poente e vejo a inundação de verde para onde estamos indo.

— Estamos quase no campo — digo, destruindo o silêncio. Já consigo ver as torres do castelo surgindo no horizonte.

— Fantástico. Última parada antes de Ilya.

Aquele tom de voz outra vez.

Pigarreio.

— Você já esteve no campo?

— Considerando que fica nos arredores do castelo e que eu nunca tinha chegado nem perto de lá até as Provas, não, nunca vi o campo.

— Que bom. — Dou um sorriso. — Vou ser o primeiro a ver sua reação.



Paedyn está de queixo caído, como eu suspeitava.

— O que… o que é isso? — Ela fica boquiaberta, os pés batendo mais rapidamente no chão.

— Isso é o campo.

A mão dela acerta minha barriga.

— Eu sei, engraçadinho. — Ela dá um sorriso suave, como se não tivesse acabado de expulsar o ar dos meus pulmões. — Estou falando das flores.

Ajeito a postura, apertando minha barriga com uma das mãos enquanto olho o mar de vermelho vibrante. Cada pétala se funde à outra, criando um manto de cor para esquentar a grama que está por baixo.

— Papoulas — digo, sorrindo ao ver a expressão de Paedyn.

— Nunca vi uma flor tão vibrante. — Ela pisca, atônita. — São laranja e vermelho e estão em *toda parte*.

Parece que não consigo afastar os olhos dela.

— E então? O que achou?

Ela me olha de volta com um sorriso preocupado.

— Acho que você está me atrasando.

Paedyn mal pronuncia as palavras e já está se virando e disparando em direção ao campo. Sigo-a com rapidez antes que a corrente tenha a chance de me derrubar. Observo-a abrir os braços para abraçar o vento quando suas botas chegam à margem do campo.

Não a vejo tão despreocupada desde o dia em que fui atrás dela na chuva, colhendo um miosótis para colocar atrás de sua orelha. Vê-la desfrutar da vida faz com que sobreviver valha a pena.

— Pelo menos tente me acompanhar! — grita ela, com as papoulas envolvendo as pernas a cada passo. — Acho que você está fora de

forma, Azer!

— É mesmo? — Dou uma risada e me aproximo.

Ela só percebe o que está acontecendo quando já é tarde demais.

Um guincho escapa dos seus lábios quando entro à frente dela, me abaixando para agarrar suas pernas e jogar o resto do seu corpo por cima do meu ombro que não está machucado. Mordo a língua por causa da dor que mesmo assim percorre meu corpo, mas o som da risada dela é algo que cura, capaz de fazer um homem esquecer até o próprio nome, quanto mais a dor.

— O que está fazendo? — Paedyn ri de encontro às minhas costas, os braços balançando.

Giro com ela no ombro.

— Mostrando como estou fora de forma.

Ela ri como uma menina que não precisou sofrer a perda do pai e da melhor amiga. Como uma menina que não lutou para sobreviver e não roubou quando estava passando fome. Como uma menina que não está acorrentada a um homem que ela deveria odiar.

Há tanta beleza na resiliência, na capacidade de rir apesar de tudo.

— Tudo bem. — Ela ofega. — Já entendi. Pode me pôr no chão.

— Mas eu estou lhe dando a melhor visão das flores — digo, com um sorriso que ela não pode ver.

Sua voz sai ligeiramente abafada:

— Não, você está arrastando minha cabeça *pelas* flores.

Rio, me agachando enquanto passo o braço pelas costas dela e a viro por cima do ombro. Levo-a devagar até o chão, deitando-a até que fique cercada pelas flores enquanto sorri para mim.

O sol poente pinga raios dourados no rosto de Paedyn, e seus olhos azuis ardem luminosos contra o vermelho vibrante de cada papoula. É difícil acreditar que algo tão lindo olharia voluntariamente para alguém como eu.

Sinto que não mereço seu olhar, o modo como seus olhos examinam meu rosto. Balanço a cabeça, ainda encarando-a.

— Não me olhe assim.

— Assim como? — pergunta ela baixinho.

— Como se eu fosse digno de ser visto.

Seus cílios estremecem com minhas palavras. Ela engole em seco, levantando a mão para segurar meu rosto. Meus olhos se fecham com a sensação na pele, com o privilégio de ser tocado por ela. Paedyn sussurra:

— Dança comigo?

Meu coração falha uma batida diante da pergunta tímida.

Abro os olhos e encontro os dela voltados para o meu rosto, me dando aquele olhar que eu não mereço.

— Pelo tempo que você quiser, meu bem.

Ajudo-a a ficar de pé antes de guiar seus braços em volta do meu pescoço. Minhas mãos encontram seus quadris, segurando-a com força enquanto coloco seus pés sobre os meus. Ela arqueja antes de abrir um sorriso, os dedos se enrolando nos meus cabelos.

Balanço com seu corpo apertado contra o meu. Subo as mãos pelas suas costas, estranhando a falta da pesada cortina de cabelos. Inclino a cabeça para ela, vendo a confusão prateada que desce até os ombros.

Prendo uma mecha ondulada atrás de sua orelha, passando os dedos pelos fios curtos.

— Não está arrependida?

Ela balança a cabeça com um sorriso triste.

— Não.

— Que bom — murmuro. — Porque sempre tive uma queda por cabelos curtos.

— Ah, é? — Ela ri enquanto eu nos giro.

— É. Dentre outras coisas, claro. — Dou de ombros. — Cabelo curto. Olhos azul-oceano. Vinte e oito sardas. E… — Faço uma pausa, examinando-a com a cabeça inclinada. — Qual é a sua altura?

Ela pisca, confusa.

— Acho que é… um metro e sessenta e sete?

— Um metro e sessenta e sete de altura — continuo, tranquilo. — A capacidade assustadora de encher um homem de porrada. O sorriso estonteante. A teimosia ridiculamente grande. O cabelo como prata derretida. A rapidez em me ameaçar com uma adaga. — Sorrio. — Devo continuar?

— O que vem agora? Uma música em minha homenagem? — A voz dela guarda um desafio, mas o rosto exibe um sorriso.

Puxo-a mais para perto, a mão ajustada na curva da cintura.

— Os poetas não são uns tolos com palavras bonitas? — Abaixo a cabeça até que nossas testas se encontrem. — Acho que eu me qualifico para isso, meu bem.

Ela ri baixinho, olhando as flores em volta das nossas pernas. Estamos nos movendo ao pôr do sol, com as botas de Paedyn em cima das minhas e um campo de flores como testemunha.

Vejo os olhos dela subirem por cima do mar de pétalas que se estende para o céu. Não preciso virar a cabeça para saber o que ela está olhando.

— É a última noite — diz ela baixinho.

— A última noite — ecoo.

Ela assente, envolvendo meu pescoço com mais força.

— Então é melhor aproveitarmos enquanto podemos.

Dançamos em silêncio até que ela sussurra:

— Fingimento, não é?

Engulo em seco, odiando o som da mentira que escorre da minha língua:

— Fingimento.



CAPÍTULO 44



Paedyn

Estamos sentados num leito vermelho, do tipo doce e macio, não nauseante e pegajoso como o que estou tão acostumada a sentir.

Estico as pernas doloridas, sentindo pétalas que fazem cócegas na pele. Depois que acabamos de dançar, caminhamos bastante pelo campo, os dedos de Kai provavelmente entorpecidos nas botas. Fico de costas para o castelo que agora está perto demais, optando por ignorar o inevitável.

— Como é que você conseguiu fazer isso?

A frustração de Kai surge na voz, algo que tenho certeza que ele não está acostumado a permitir. Ele está deitado de lado, apoiado num cotovelo enquanto manipula com dificuldade as hastes de papoula. Faço um ruído sarcástico ao ver o que deveria ser uma coroa de flores toda amassada nas mãos dele.

Ele gesticula com a cabeça para a coroa quase pronta no meu colo.

— Por que a sua não está se desmanchando toda?

— Talvez — digo devagar — porque eu esteja fazendo do jeito certo.

Sua expressão vazia provoca um riso borbulhante na minha garganta. As pétalas escorregam entre os dedos de Kai enquanto ele tenta trançar as hastes. Suas palavras são um sussurro:

— Eu consigo empunhar uma espada com ambas as mãos, mas não consigo fazer essas malditas flores ficarem juntas.

— Para ser justa — digo, torcendo a última flor no lugar —, eu tive muita prática. Adena e eu fazíamos isso o tempo todo, com dentes-de-leão.

Esse pensamento traz um sorriso triste ao meu rosto enquanto admiro meu trabalho. Ponho a coroa na cabeça dele, ajeitando-a em cima das ondas pretas.

— Pronto. É um príncipe de novo.

Kai sorri, me distraindo com suas covinhas. Eu me deito de lado, espelhando-o enquanto me apoio num cotovelo e olho a coroa. As flores intensas contrastam com as feições dele, suaves e delicadas, enquanto o restante do príncipe não poderia ser mais diferente.

— Aqui. — Kai puxa uma flor meio esmagada. Os dedos roçam no meu cabelo enquanto ele prende a haste atrás da minha orelha. — Finja que é um miosótis.

A noite do último baile me vem à cabeça, junto com a lembrança do momento em que quase nos beijamos. E pensar que nos beijamos mais agora, quando deveríamos ser inimigos.

— Somos muito bons em fingir — murmuro, observando o rosto dele.

Kai abre a boca, como se fosse libertar as palavras que vem guardando.

Mas seu olhar desce pelo meu pescoço, seguindo a curva do ombro exposto. Estou deitada de lado de um jeito nada gracioso, com a blusa larga demais e a alça do top escorregando pelo braço.

Os olhos dele se estreitam, parecendo lascas de gelo, e uma tempestade começa a se formar dentro deles.

Meu coração, disparado diante do olhar de Kai, falha ao perceber o que ele vê. Eu me levanto rapidamente, puxando a blusa para cima, sobre o ombro. Aperto o tecido, garantindo que esteja cobrindo a carne mutilada.

— Gray. — A voz dele soa fria. — Que merda é essa?

Balanço a cabeça, odiando o modo como estou me encolhendo.

— Não é nada.

— Então me deixe ver — diz ele, numa calma enganadora.

Kai estende uma das mãos e eu não penso antes de bloqueá-la com o antebraço.

Seus olhos sobem rapidamente na direção dos meus. Um instante se passa.

— O que é isso?

— Isso — digo com frieza — foi um bloqueio. Quer que eu demonstre um soco?

Ele ri sem humor.

— Você não pode estar falando sério.

— Experimente.

Kai balança a cabeça, com a perplexidade pintando as feições. Quando estende a mão de novo para a manga da minha blusa, empurro-a para baixo antes de mandar o punho livre na direção de sua barriga.

Ele bloqueia o golpe com facilidade, deixando os olhos subirem devagar na direção dos meus.

— Está realmente tentando lutar comigo?

— Depende de você ficar ou não com as mãos longe — respondo, puxando a manga da blusa mais para cima.

Os olhos de Kai saltam para os meus, e suas palavras saem num sussurro:

— O que ele fez com você?

A pergunta faz cada pedacinho da minha raiva contida vir à tona na forma de um soco rápido no queixo dele. Mal consigo acertar a lateral do rosto antes de ele se esquivar.

Agora estamos os dois de joelhos, com a respiração acelerada.

— Ei. — Ele ofega. — Só quero saber o que aconteceu…

Outro soco em sua barriga, seguido por um que consigo acertar no queixo. Quando recuo a mão para dar mais um, ele segura meu pulso antes que eu possa causar algum dano a mais.

— Não vou lutar com você — diz ele, sério. — Não vou.

A frustração rasga minha garganta, parecendo um rosnado. Empurro o peito dele com a mão livre, com força suficiente para fazê-lo se inclinar para trás, de joelhos. Jogo o corpo contra o dele, nos derrubando por cima das papoulas.

Estou montada nele, ofegando diante de sua expressão preocupada.

— Por que não? — Minha voz embarga, as lágrimas de repente atrapalhando a visão.

— Porque na próxima vez que eu encostar a mão em você, quero que seja uma carícia — diz ele suavemente.

Baixo a cabeça e fecho os olhos com força contra a torrente de emoções. Sinto a mão calejada dele no meu rosto e balanço a cabeça diante do conforto que não mereço.

— Por favor — sussurra ele. — Mostre.

Solto uma respiração entrecortada, abrindo os olhos para os dele, cinzentos, que já estão me observando. E então saio lentamente de cima dele enquanto ele se senta. Engulo o orgulho e puxo com cuidado as camadas de roupa de cima do meu ombro.

Uma brisa fria beija minha clavícula, como se oferecesse empatia. Eu não sentia o ar pegajoso na pele desde que o rei me cortara do lado de fora da Arena.

A expressão de Kai não se altera, como se ele tivesse posto uma máscara inexpressiva. Mas há uma rachadura. Sempre há. Vejo o músculo que estremece na bochecha e a flexão das mãos.

— Como ele fez isso?

Tento engolir o nó na garganta.

— Com uma espada.

Kai suspira.

— Depois de descer a lâmina pelo meu pescoço — continuo, levantando o queixo para ele ver a cicatriz familiar à luz fraca —, ele disse que ia deixar uma marca no meu coração para eu jamais esquecer quem o partiu.

Kai chega mais perto, com os olhos voltados para a pele mutilada que começa a cicatrizar. Sua voz sai gélida, provocando um arrepio na minha coluna.

— É um *C*.

Confirmo.

— De…

— Comum — completa ele, enojado. — Ele torturou você. E você não pensou em me contar?

— Faria diferença? — Levanto as mãos. — Isso não me torna menos criminosa.

— Tornaria você menos assassina — diz ele, alterado. — Por que escondeu isso de mim?

— Porque… — gaguejo. — Porque eu mesma mal consigo olhar! Você não entende? — As lágrimas ardem nos meus olhos, mas continuo: — Ele me *arruinou*. Me maculou. Pelo resto da vida, vou olhar essa cicatriz e pensar no homem que eu mais odiei. No homem que mandou matar meu pai. No homem que matava implacavelmente Comuns como eu. No homem que tentou me assassinar. — Balanço a cabeça, olhando para qualquer lugar, menos para ele. — Eu não podia deixar que ninguém visse como ele me marcou. O dano que ele causou. Eu… simplesmente não podia.

A dor nos olhos dele é quase grande demais para suportar.

— Gray…

— Diga o meu nome — sussurro. — Por favor.

Sei que ele não diz meu nome desde que fugimos da prisão. Desde que eu disse que ele perdeu o privilégio de me chamar assim. E desde então ele respeitou minha exigência.

Mas anseio pelo som do meu nome em sua língua. Quero que ele grite meu nome de cima de um telhado, que o sussurre no meu ouvido, que o desenhe na minha pele. Quero que meu nome molde uma forma familiar em sua boca, com o gosto dos meus lábios.

Quero que ele seja dono do meu nome e mesmo assim implore ao dizê-lo.

Ou talvez eu só queira Kai.

A surpresa penetra na máscara dele, que vai se desfazendo antes que o alívio a afaste completamente. Um sorriso hesitante levanta seus lábios, como se eu tivesse dito as palavras mais lindas que ele já escutou.

Ele diz meu nome como se estivesse na ponta da língua, sussurrado em cada respiração.

— Paedyn.

E abre os braços.

Um soluço baixinho passa pelos meus lábios enquanto me arrasto para o seu colo.

Kai me envolve com seus braços fortes antes de eu enterrar o rosto em seu peito nu. Ele passa a mão no meu cabelo curto, segurando meu pescoço enquanto eu estremeço.

— Ele não arruinou você, Pae — murmura ao meu ouvido. O apelido faz uma lágrima rolar pelo meu rosto e cair no peito dele. — Mas se você pensar assim, significa que, mesmo na morte, ele venceu. A cicatriz é uma prova da sua força. Uma prova de *quem* você é, e não do que você é.

Assinto, me aconchegando ainda mais nele. As flores nos engolem, sentados em silêncio, criando uma linda parede de pétalas. O corpo dele está quente, os braços são um conforto firme me envolvendo.

Ficamos sentados até a escuridão se assentar sobre nós, com a mão dele acariciando meu cabelo o tempo todo. Quando a lua pende baixa acima de nós e minhas pálpebras ficam pesadas, ele me tira do colo com cuidado para abrir um saco de dormir.

Ele praticamente me levanta para me acomodar e se deita ao meu lado, com o ombro roçando no meu. Me viro para encará-lo, apesar da escuridão.

— Obrigada.

Kai vira a cabeça com o que tenho certeza de que é um risinho nos lábios.

— Com essa já são cinco vezes.

— E provavelmente será a última — digo com um sorriso.

Ele olha de novo as estrelas que piscam para nós.

— Cicatrizes.

Eu o encaro, sem entender.

— O quê?

— Cicatrizes — repete ele. — Outra coisa pela qual eu sempre tive uma queda.

O riso parece falhar na minha garganta, como se não soubesse se deveria sair na boca. Kai estende a mão e gentilmente dá um peteleco na ponta do meu nariz, me fazendo rir de um jeito que eu não sabia que era capaz.

— Pela Peste, adoro esse som — murmura ele, me fazendo silenciar. — Eu tatuaria esse som na minha pele, se significasse que você iria rir de mim por ter feito isso.

— E eu riria — digo baixinho.

Ele dá uma risada e pressiona os lábios na minha testa, um beijo suave e doce. E então me puxa mais para perto enquanto eu me viro

de costas, deixando um braço envolver minha cintura.

— Tente não sonhar comigo, Pae — sussurra ele no meu ouvido.

— Primeiro você, príncipe.

CAPÍTULO 45

Kai

É hoje.

O pensamento cheio de pânico me arranca do sono.

Abro os olhos e os fecho de novo, com força, por causa do sol ofuscante.

Passo a mão no cabelo desgrenhado e giro o pescoço dolorido depois de uma noite dormindo em cima das densas hastes de flores. Enquanto encaro o céu límpido, o sol me diz que dormimos bastante tempo.

Meu olhar vai até a sombra que se derrama do castelo que está perto demais. O final dessa missão está chegando e, no entanto, não sei se tenho forças para completá-la. Mas estou acorrentado ao dever, fui criado para comandar. Fui feito para o rei, não para ela. Jamais poderia ser digno dela.

Olho novamente para as flores esmagadas.

Como esperado, Paedyn ainda está dormindo num sono profundo de encontro ao meu peito, as mãos enfiadas embaixo do rosto e o cabelo espalhado de modo impressionante em todas as direções.

Paedyn.

Ganhei seu nome de volta. É um alívio deixá-lo rolar da língua depois de dias tentando escapar.

Ela não passa de um corpo emaranhado ao meu lado. Hesito em acordá-la, nem que seja só para ficar olhando-a por mais tempo. Mas

prefiro sua companhia a qualquer outra coisa.

Sacudo o ombro dela.

Nada. O que não é nenhuma surpresa.

Tento de novo. Dessa vez, ouço um resmungo abafado pela mão dela.

A próxima tentativa de acordá-la é recebida por um dedo médio levantado por cima das costas. Rio e continuo a sacudi-la.

— É impressionante e assustador como você sempre consegue dormir um sono tão pesado.

— Se uma pessoa consegue dormir nas favelas — murmura Paedyn —, consegue dormir em qualquer lugar.

Paedyn rola para me encarar, piscando, grogue de sono. Não consigo deixar de sorrir ao vê-la, tão linda e sem ter noção disso. Depois de vários bocejos enormes, ela se apoia num braço para arrancar as flores caídas sobre nós.

Ela me olha e começa a trançar as flores no meu cabelo. Um sorriso separa seus lábios, do tipo que contagia de um jeito preocupante.

— Me deixando bonito, Pae?

Ela revira os olhos.

— Como se você precisasse de ajuda com isso.

Assim que as palavras saem de sua boca, ela comprime os lábios, com o arrependimento cobrindo o rosto. Sorrio como sei que ela gosta, fazendo-a bufar, irritada.

— Eu sempre soube que você me achava bonito.

— Pela Peste — resmunga ela.

— Me diga — peço, tranquilo, passando a mão preguiçosamente para cima e para baixo em sua cintura. — Como foi que você conseguiu resistir a mim por tanto tempo?

O mero riso de Paedyn poderia curar as partes mais corrompidas em mim, e é exatamente isso que ele tem feito desde que a conheci.

— Bom, não tem sido muito difícil, príncipe.

— Acho difícil de acreditar.

Aquele riso de novo.

— Talvez os babacas metidos a besta simplesmente não façam o meu tipo.

— Então diga quem você quer que eu seja para você.

A mão dela se imobiliza no meu cabelo, com as pétalas caindo dos dedos. Vejo seu olhar se suavizando a cada segundo silencioso que passa.

— Não quero que você seja nada que não é.

— Mas o que eu sou não é bom o bastante para você — murmuro, olhando as nuvens que se movem lá em cima.

— E quanto ao que eu não sou?

A pergunta faz meus olhos se virarem de volta para os dela.

— Do que você está falando?

Paedyn solta a mão que estava embolada no meu cabelo.

— Já esqueceu o que eu sou? O que você deve fazer comigo?

Eu me sento, forçando-a a fazer o mesmo.

— E o que você acha que eu devo fazer com você?

— Me odiar! — dispara Paedyn com aspereza, parecendo surpresa com a explosão.

— É isso que você quer? — pergunto em voz baixa. — Que eu odeie você?

Ela engole a resposta, sem dizer nada.

— Olhe nos meus olhos e diga para eu odiar você, Paedyn.

Silêncio.

Eu me levanto com uma risada amarga.

— Porque eu vou. Vou te odiar, se isso significar que você vai passar o resto da vida me agradecendo por isso.

Paedyn se levanta lentamente, evitando meu olhar e a pergunta que ela não quer responder.

Dou um passo em sua direção.

— Cinco palavras. É só isso que estou pedindo. Cinco palavras para você dizer como se sente.

Vejo os olhos dela percorrendo o caminho até os meus. Depois escuto as cinco palavras que caem dos seus lábios.

— Por favor, me odeie. — Uma pausa. — Babaca.

Em circunstâncias diferentes eu teria rido. Mas em vez disso pergunto, ofegante:

— Por quê?

Ela fecha os olhos.

— Porque assim é mais fácil. É mais fácil permanecermos inimigos do que virarmos alguma coisa a mais.

Respiro fundo.

— É meio tarde para isso, não acha?

Quando ela não diz nada, pego o saco de dormir e o enfio na mochila. Uma espécie de máscara entorpecida baixa sobre minhas feições, mantendo meu rosto vazio e minha voz calma.

— Ótimo. Então vamos indo.

Ela balança a cabeça, encontrando a própria voz.

— Não faça isso comigo. Não se esconda embaixo de uma de suas máscaras para fingir que não vê isso.

Passo as mãos pelo meu cabelo desalinhado, balançando a cabeça.

— Você me quer sem máscara?

A voz dela sai tensa:

— Esse é o *único* modo de eu querer você, Kai Azer.

Dou um passo na direção dela, me sentindo nu sob o peso do seu olhar. Não parece natural deixar as emoções pintarem meu rosto, a frustração cobrir minhas feições. Mas deixo a máscara se despedaçar por ela, e só resta o monstro que existe por baixo.

— Ótimo. Este sou eu sem máscara, Paedyn — digo, com a respiração acelerada. — Não sei o que você quer que eu faça. Não tenho escolha…

— Você sempre tem escolha — interrompe ela, a voz áspera.

— Não na vida em que nasci. Nas missões para as quais sou mandado. — Estou praticamente ofegando enquanto as palavras se derramam da boca. — Você.

Ela hesita.

— Eu?

— É, você. Outra coisa pela qual eu sempre tive uma queda. — Solto um riso amargo. — Não tive escolha. Você acha que eu poderia ter me impedido, se tentasse?

Ela balança a cabeça.

— Te impedido de quê?



CAPÍTULO 46



Paedyn

— Me impedido de me apaixonar por você!

Engasgo com a respiração seguinte, o ar preso na garganta.

O peito dele está subindo e descendo no mesmo ritmo do meu. Meu coração volta à vida e bate com força contra as costelas. Balanço a cabeça, dando um passo atrás.

— Não. Não, não diga isso. Eu pedi para você não tornar a situação mais difícil do que precisa ser.

— E eu disse que já é. — A voz dele sai áspera. — Pela Peste, no minuto em que você jogou uma adaga na direção da minha cabeça, eu soube que estava perdido. Não existia mais um "antes de você", só o que eu queria *com* você.

— E o que seria isso? — Solto uma risada amarga. — Eu sou uma Comum. Você é Notável…

— Aqui, eu não sou.

Encaro-o, espantada com as palavras que nunca pensei que ouviria saindo dos lábios dele.

— Aqui eu sou Kai, e nada mais. — Seu pomo de adão sobe e desce. — Aqui eu não tenho poderes. Sou um monstro sem nenhuma habilidade para me esconder. Um Executor sem máscaras. Um homem gritando seu amor por uma mulher.

— Kai…

— Pae.

Meu nome saindo dos lábios dele é uma fraqueza que eu não deveria deixar que ele aproveitasse.

— Acho que eu cairia em cima da minha própria espada se isso significasse que você ficaria de luto. E é aterrorizante pensar que você tem tanto poder sobre mim.

Ele cobre a distância entre nós, levantando meu queixo para que eu o encare.

— Uma vez você perguntou qual era a minha cor predileta. Antes de você, eu nunca sequer tinha pensado numa resposta para essa pergunta. Mas naquele momento percebi que era azul. — Ele se curva para beijar de leve minha têmpora, um murmúrio de encontro à minha pele. — Seus olhos.

Respiro fundo, trêmula, sentindo a respiração dele no rosto.

— Diga que me odeia, e ainda assim vou contar cada batimento cardíaco, cada sarda, cada tremor do seu corpo, se ao menos você o disser com um sorriso. — Ele recua, soltando meu rosto. — Posso ser um monstro, mas, se você me cortar, eu sangro. E se você partir meu coração, Pae, vai me partir por inteiro. Então, se ao menos um pedacinho da sua alma desejar a minha, vou passar o resto da vida tentando merecê-la.

Meus olhos estão vítreos, cheios de lágrimas, mas sou teimosa demais para deixá-las cair. A súplica no olhar dele é poética. Kai flexiona as mãos ao lado do corpo, como se estivesse se esforçando para mantê-las longe de mim. Absorvo seu cabelo coberto de pétalas e seus olhos de gelo que só parecem derreter quando pousam em mim.

— Talvez você seja mesmo um poeta — sussurro.

Ele dá um sorriso suave.

— Ou apenas louco por você.

— Fingimento?

Minha voz sai baixinha, suave como a brisa que sopra nos meus cabelos curtos.

— Jamais.

— Nem um pouco? — pergunto num sussurro.

— Meu bem. — Ele sorri. — Eu nunca precisei fingir que quero você.

Suas palavras fazem meu coração disparar antes que a percepção me alcance.

— E nossos pais? — pergunto bruscamente. — O que fizemos um com o outro?

— Não vou passar o resto da vida odiando você por ter se salvado. — Ele exala profundamente. — Sei por que você fez o que fez. E espero que você entenda por que eu fiz a mesma coisa.

— Eu… — Palavras que jamais pensei que diria ficam subitamente presas na minha garganta. — Eu perdoo você, Kai. Talvez já tenha perdoado há um tempo. Porque posso perdoar você pelo que você nem sabia que estava fazendo.

Os olhos dele se fecham, aliviados.

— Eu quis matar você — sussurro, forçando os olhos de Kai a se abrirem. — Quis acabar com você. Mas ao mesmo tempo sabia que não poderia viver comigo mesma se o fizesse.

Ele chega mais perto, a cabeça balançando e os olhos se movendo rapidamente, como se estivessem sobrecarregados pelo que vê.

— Ah, mas você é a minha perdição. Minha libertação. Minha destruição disfarçada de divindade. — Outro passo lento. — Você é minha ruína.

Estou atordoada, incapaz de fazer alguma coisa além de deixar um sorriso repuxar meus lábios.

— Diga que estamos quites. Diga que perdi a cabeça. Não me importa. Só… — Os olhos dele estão implorando, transbordando de emoção. — Só diga que sou seu.

Ficamos nos encarando por vários instantes com os corações trovejando.

— Peteleco no nariz.

As sobrancelhas dele se franzem.

— O quê?

— Peteleco no nariz — repito simplesmente. — Sempre tive uma queda por isso. Dentre outras coisas, claro.

A compreensão ilumina os olhos dele enquanto um sorriso lento se espalha pelos seus lábios, acompanhado pelas covinhas dos dois lados.

— Continue, meu bem.

— Bem lembrado. Me chamar de “meu bem”. Babacas metidos a besta. Cílios compridos e escuros…

Eu poderia me derreter no calor do olhar dele.

— Saber exatamente do que eu preciso e quando preciso. Rasgar meus vestidos. Covinhas que me fazem…

Com um único passo, ele cobre a distância entre nós e puxa minha boca na direção da sua.

E me beija profundamente, me respirando. Me derreto nele, memorizando a sensação das mãos que percorrem meu corpo. Aperto sua bochecha enquanto a mão dele encontra meu cabelo, passando-o entre os dedos.

Afasto o rosto só o bastante para perguntar:

— Você contou mesmo as minhas sardas?

— Todas as vinte e oito. — Ele ofega antes de me beijar com vontade. — Mas talvez agora você tenha mais, por causa do sol. — Outro beijo rápido. — Preciso contar de novo.

Meu riso faz com que ele me puxe mais para perto, mordiscando a ponta do meu nariz.

Envolvo seu pescoço com os braços. Kai é minha âncora, e estou disposta a afundar, desde que seja com ele.

A cada beijo, ele captura as três palavras que estou apavorada demais para dizer. Espero que ele consiga senti-las na ponta da minha língua, lê-las na curva dos meus lábios. Porque pronunciá-las parece uma sentença de morte. Cada pessoa que eu já amei me deixou.

Minha maldição é perder no amor. Mas é isso que sinto por ele, o que sentia mesmo quando o odiava. Porque era mais fácil odiá-lo do que me odiar por querê-lo.

Assim, mordo a língua. Luto contra a ânsia de gritar as três palavras aparentemente inofensivas. Porque, quando eu amo, pessoas morrem. E prefiro amá-lo em silêncio a chorar sua morte em voz alta.

Kai se afasta, com a respiração pesada.

— Você precisa sair daqui.

Ele tira minha adaga da bota e se agacha diante da corrente que nos prende.

— E você? — gaguejo. — E sua missão? E o Kitt…

— Não se preocupe comigo. — Kai enfia a lâmina na junção da algema em volta do meu tornozelo, tentando soltá-la. — Posso me virar com Kitt. Ele já achava que eu não conseguiria levar você de volta, de qualquer modo.

— Sério?

Ele ri, sem humor.

— Sério. Ele achou que eu faria exatamente o que estou fazendo agora: soltar você. — Kai faz força com o cabo da adaga. — Parece que ele estava certo em duvidar de mim.

Eu me sento ao lado dele, esmagando as papoulas.

— O que isso quer dizer?

Ele não responde, os olhos voltados para a corrente resistente.

— Kai. O que isso quer dizer?

Ele para por tempo suficiente para me encarar.

— Quer dizer que você vai para o mais longe possível. Eu vou atrapalhar a busca enquanto puder, mas até lá você precisa arranjar um modo de chegar a Izram.

Balanço a cabeça.

— Não.

— Sim, Pae.

— Não. — Minha voz está séria. — Não. Estou cansada de fugir. E não vou passar o resto da vida fugindo, a não ser que seja de volta para você.

— Então vou passar o resto da vida procurando você — diz ele baixinho. — Vislumbrando você nas sombras. Lutando contra você nas ruas. Dançando com você nos sonhos. Porque viver sem você só é suportável se eu souber que você está em algum lugar, vivendo também.

— Por favor — sussurro.

— Kitt não vai permitir que eu pare de caçar você. — Kai põe a mão no meu rosto. — Você precisa…

Ele para abruptamente, a cabeça se inclinando de lado.

— O quê? — pergunto, hesitante. — O que foi?

Ele não diz nada. Seu único movimento é um músculo latejando na bochecha.

— Kai?

Os olhos dele encontram os meus de repente.

— Eles estão vindo.

— Quem?

— Kitt deve ter posto meus homens me procurando nos arredores da cidade — murmura. — Eles viram a gente. Dois Relâmpagos, vindo em disparada.

Minha garganta fica seca.

Kai pendura a mochila nos ombros antes de prender o arco atravessado no peito. Em seguida, levanta a mão para tocar meu rosto, mas pensa melhor quando olha por cima do ombro.

Agora eu vejo: duas figuras se aproximando rapidamente em um borrão. Parece estranho ver habilidades funcionando depois de tantos dias sem elas. Tantos dias gloriosos em que todo mundo era tão Comum quanto eu.

— Ei, olha para mim — murmura ele. Eu me viro e vejo seu olhar sério. — Preciso que você entre no jogo, acha que consegue?

— Estou acostumada a representar papéis — digo, a voz firme.

Ele assente.

— Seja esperta. Vou dar um jeito nisso. Prometo.

Agora é minha vez de assentir. Os olhos de Kai disparam até os meus, e preciso me esforçar para não me jogar nos braços dele.

— Você é a prova de um paraíso — murmura ele, dando um peteleco rápido no meu nariz.

E então ele se vira para as figuras que se aproximam, murmurando uma única palavra que mal consigo captar.

Finja.



CAPÍTULO 47



Paedyn

— Vocês demoraram para nos encontrar.

A voz de Kai soa fria e distante de um modo que eu tinha esquecido que podia ser. Ele avança para os homens, me arrastando despreocupadamente.

— Vossa… Vossa Alteza — gagueja um deles, fazendo uma reverência rápida enquanto o outro o imita. — Nós estávamos esperando o senhor há dias. Achamos que podia ter acontecido alguma coisa…

Kai encara o sujeito por um momento desconfortável, cruzando os braços.

— Você é novo.

O Imperial se remexe.

— Hm, sim, senhor.

O Kai *Executor* assente.

— Então ainda não aprendeu que questionar minhas habilidades é um modo garantido de perder a língua. — O homem fica lívido a cada palavra. — Que isso sirva de lição. De aviso.

Já o vi tratar os Imperiais assim, já vi como seu desdém por eles é óbvio. Mas não tinha percebido o quanto disso é uma fachada, uma demonstração de poder e controle. A linha entre o respeito e o medo é tênue e, depois dessa missão desastrosa, Kai está lembrando a todo mundo exatamente quem ele é.

— Agora tirem essa corrente de mim — ordena finalmente.

Os homens se adiantam, tropeçando e puxando as espadas das bainhas. Levanto o queixo quando eles me olham e vejo a aversão no rosto deles espelhando a minha. O Imperial especialmente feio cospe nos meus pés e eu não hesito em fazer o mesmo — só que no rosto dele.

O sangue voa do meu lábio quando a mão do sujeito encontra meu rosto. Minha cabeça gira para o lado e eu cuspo sangue da cor das papoulas ao redor.

Quando me viro de volta para o homem, encontro-o cara a cara com seu Executor. Os olhos de Kai parecem lascas de gelo, frios a ponto de queimar.

— Se tocar nela de novo — rosna ele, com a voz grave —, eu corto sua garganta. Ela é *minha*.

Um arrepio desce pela minha coluna ao som dessas palavras frias. Kai disse alguma coisa similar aos homens dele no Deserto Escaldante, mas agora parece diferente. Soa como palavras não ditas e como um desejo secreto. Como se estivesse falando comigo numa linguagem que eles jamais entenderiam.

O Imperial assente repetidamente até Kai se afastar. Ofego, sentindo uma dor lancinante no tornozelo. Quando baixo os olhos, vejo o outro Imperial enfiando a lâmina da espada dentro da algema.

Ele corta minha pele, descuidado, tentando arrancá-la. Mordo a língua para não gritar, para não lhe dar a satisfação de saber que está me machucando.

Sinto o sangue escorrer do corte e empoçar na bota. A sensação faz meu coração disparar, faz meus olhos procurarem os de Kai. Ele me encara com remorso brotando no olhar. Parece implorar meu perdão, implorar que eu ouça a palavra não dita.

Finja.

Viro a cabeça, piscando na direção da bota. A dor só passa quando a algema se abre com um estalo satisfatório. Solto o fôlego quando o Imperial levanta a espada da minha pele cortada. O rosto dele está perto do meu, a máscara branca escondendo a maior parte, com a exceção do sorriso de desprezo.

Ignoro-o e tento girar meu tornozelo rígido e pegajoso. Meu pé parece estranho sem o peso do acessório que o restringia. A ânsia de correr é avassaladora, um instinto que consome cada pensamento racional.

— Nem pense nisso, garota.

O Imperial deve ter lido meus pensamentos. Ele ri com desdém, desafiando meus pés a darem um único passo.

— Você não pode correr mais do que eu, Comum.

Fico espantada com o que ele diz. Não porque ele sabe o que eu sou, mas porque passei a vida inteira temendo ouvir essas palavras saindo dos lábios de um Imperial.

Ajeito a postura, me recusando a me encolher.

— Eu corri mais do que vocês a vida inteira.

A mão do Imperial estremece, lutando contra a vontade de bater no meu rosto pela segunda vez. Ele pensa melhor quando o Executor se aproxima.

— Algemem os pulsos dela.

Os dois Imperiais assentem e o mais quieto começa a prender o ferro em volta dos meus pulsos. Meu olhar vai até o de Kai, com sua máscara fria e indiferente. Penso em cada momento em que eu disse a mim mesma que o odiava, em cada momento em que estava decidida a fazer com ele o que ele fez com meu pai. E então coloco tudo isso no rosto.

Finja.

— Há um cavalo esperando pelo senhor quando voltarmos à cidade, Vossa Alteza.

Kai se vira para o Imperial.

— Ótimo. Vamos então.

Um Imperial me empurra, quase me jogando de cara nas papoulas. Reviro os olhos para ninguém em particular.

— Usem palavras, garotos. Nós, Comuns, não falamos outra língua, e eu sou capaz de andar sem ser empurrada.

— E por que a gente iria gastar o fôlego com você, traidora? — diz o Imperial feio, dando um risinho ao lado do amigo.

— Se você não sabe se comunicar, tudo bem — digo suavemente. — Acho que a maioria dos Imperiais não sabe.

Ignoro o ódio que arde no olhar dos dois e me concentro nas flores. As algemas tilintam nos meus pulsos, pesam nos meus braços e arranham minha pele.

Andamos em silêncio, o castelo fica mais próximo, até que o Imperial à minha esquerda sente necessidade de abrir a boca de novo.

— Mal posso esperar para o rei livrar a gente de você.

Mantenho a expressão vazia.

— É, estou certa de que Sua Alteza está extremamente empolgado com a minha volta.

Ele dá um risinho.

— Ilya inteira está.

Engulo em seco, com os olhos disparando até as costas nuas de Kai à minha frente. Ele não ousa se virar, os ombros se retesando a cada passo.

E é então que percebo. A realidade da minha morte iminente.

Não sei como conseguirei enganá-la dessa vez. Não tenho para onde fugir. A morte não pode ser enganada sempre sem ansiar pela vingança.

Andamos em silêncio, as flores começam a murchar lentamente sob nossos pés. As papoulas vão rareando a cada passo, parecendo se encolher para dentro da terra e se esconder da cidade do outro lado.

Não demora muito até que o que resta do campo se transforme em cascalho, que por sua vez se transforma nas pedras irregulares do calçamento familiar. Vários Imperiais aguardam na fronteira da cidade, fazendo reverências ao ver seu príncipe e Executor. Ele assente para o grupo de homens, sem dar importância, antes de montar no cavalo impaciente que o espera.

A mão áspera no meu ombro afasta meu olhar de Kai e o leva para o Imperial que me arrasta atrás do cavalo. Na outra mão, ele segura uma corda comprida amarrada à sela de Kai.

Não sei bem por que as lágrimas coçam nos meus olhos enquanto o Imperial amarra a corda nas minhas algemas. Nem por que quase as deixo cair quando o cavalo começa a se mover, me arrastando.

Talvez seja a humilhação de tudo isso. De ser escoltada até o rei como um animal enquanto cambaleio atrás de outro. Ou talvez sejam

os Notáveis que saem das suas casas chiques para ridicularizar a traidora. A assassina. A Comum.

Nunca vi este lado da cidade. O lado povoado pelos Ofensivos — os únicos dignos de viver tão perto do castelo. Olho boquiaberta para as casas. Esses Notáveis vivem na opulência enquanto os que têm menos poder sobrevivem na miséria sob o domínio deles.

Eu não ficaria surpresa se os Triviais fossem declarados os novos Comuns, como meu pai suspeitava.

As pessoas apontam para nós, elogiando o príncipe na mesma frase em que amaldiçoam meu nome. Fecho os olhos para o ódio deles, tropeçando nas pedras enquanto desfilamos pelas ruas.

— Traidora!

— … seguidora da seita da Resistência!

— Assassina do rei!

— Quem vai salvar você agora, *Paladina Prateada*?

Mantenho o rosto inexpressivo, forçando-o a não desmoronar a cada insulto cuspido. As algemas deixam meus pulsos em carne viva enquanto o sol bate no cabelo que me condena.

Olho o castelo, a perdição da qual me aproximo lentamente. Os gritos nos acompanham, diminuindo a cada passo que dou em direção ao rei que me espera. Talvez eles também tenham medo daquilo em que eu o transformei. Que tipo de rei deixei para eles?

Quando pisamos na sombra do palácio, sei que não vai demorar muito até eu descobrir. Os cascos do cavalo fazem barulho nas pedras do pátio. Meu olhar se fixa nos miosótis envolvendo a escada que leva ao interior.

Sou inundada por lembranças de um vestido encharcado, da chuva pingando, dos lábios dele nos meus e dos miosótis embolados no meu cabelo. Olho para Kai e o vejo olhando para o mesmo trecho do pátio onde nossos lábios se tocaram pela primeira vez.

E agora duvido que eles algum dia se toquem de novo.

Paramos ao lado da escada que eu esperava jamais ter que subir outra vez. Tudo está silencioso enquanto Kai desce da sela, assentindo para um Imperial. O homem segura a corda, com os dedos deslizando pelo nó.

Kai vai para o lado dele, tirando a espada do Imperial da bainha para cortar a corda com um único golpe. Ouço o sujeito engolir em seco e quase sorrio, apesar da situação em que me encontro. Em seguida, o Executor empurra o cabo da espada na mão do homem sem dizer uma única palavra. E então envolve meu braço com a mão calejada, tão familiar.

Ele me leva até a escada, passando rapidamente o polegar na minha pele.

Finja.

As palavras queimam na minha garganta; palavras que eu poderia dizer a ele antes que seja tarde demais. Olho para Kai, tentando memorizar os detalhes do seu rosto, sem saber se esta é a última vez que o verei.

Ou talvez ele seja a última coisa que verei.

Aquele que irá atravessar uma espada no meu coração.

CAPÍTULO 48

Kai

Para onde, exatamente, eu a estou levando?

A pesada porta dupla se abre no topo da escada. Imperiais me cumprimentam com uma reverência.

Para o dever. É para lá que eu a estou levando.

Porque essa escolha não é minha.

Eu poderia ter rasgado a garganta daquele Imperial por ter encostado a mão nela, então como irei reagir se Kitt ordenar que eu faça alguma coisa muito pior?

Mal consigo suportar o modo como ela me olha, o ódio ardendo no rosto que eu amo. Mas isso é fingimento — é a única vez em que fingi *com* ela.

Cada toque, cada dança, cada beijo disfarçado de distração… nada daquilo era fingimento. Porque, antes de amá-la, eu a desejava. Ela era um desejo do qual eu não era digno. E temo jamais ter a chance de merecê-la.

Porque agora que eu a tenho, estou prestes a entregá-la.

Passamos pela porta enorme e entramos no corredor ornamentado. Paedyn olha em volta, absorvendo tudo, como se duvidasse de que haverá outra chance de fazê-lo. Odeio isso, odeio o fato de Paedyn já ter aceitado um destino que ela mesma decidiu.

O tapete verde-esmeralda sob nossas botas sujas parece deslocado, assim como o fato de eu estar sem camisa e ela estar usando uma blusa

imunda. Minha primeira missão como Executor certamente não ajudou na minha imagem. Mas mantenho a cabeça erguida, sentindo a ardência familiar dos olhos que procuram imperfeições. Giro os ombros, ajeito a postura e cubro o rosto com uma máscara despreocupada.

Porque poder é aparência. E respeito é exigência.

Continuamos pelo corredor, com uma frota de Imperiais nos acompanhando. A porta dourada se aproxima, chamando para descobrirmos o que espera do outro lado. *Quem* espera do outro lado.

Não sei qual versão dele nos espera atrás dessa porta. Talvez o irmão que eu conheço, ou o rei a quem sirvo agora. Ele é imprevisível, despreparado para governar, tão jovem. Ou melhor, despreparado para perder o pai.

E Kitt sem compaixão é um homem que eu não reconheço.

Olho a expressão vazia de Paedyn. Mas são seus dedos agitados que revelam a ansiedade, girando implacavelmente aquele anel no polegar.

Por ela, rezo a qualquer coisa que se incomode em ouvir.

Rezo por meu pedaço do paraíso.

Seus olhos estão fixos em mim, arregalados e cheios de preocupação.

Não ouso mudar minha expressão vazia, não com tantos Imperiais parados atrás dela.

Mas ouso levantar a mão. Ouso levá-la ao nariz dela, mas seu corpo tenta bloquear o movimento. Ouso dar um peteleco na ponta, pela última vez, esperando que ela ouça minhas palavras escondidas no gesto.

Eu te amo.

E então abro a pesada porta dupla.

A sala do trono está apinhada de rostos familiares. Cada pessoa importante parece ocupar o grande salão, algumas saindo de trás das colunas de mármore para nos ver sujando o piso brilhante a cada passo.

Homens e mulheres nobres, conselheiros de todas as idades, se espantam ao nos ver. Não porque não soubessem que estávamos chegando, mas porque provavelmente parecemos ter viajado pelo inferno para chegar.

Estou ciente das muitas bandagens improvisadas enrolando meu corpo, todas manchadas de sangue. Eu me lembro de ter prometido ao meu pai que não entraria de novo em sua sala do trono sem camisa. E, no entanto, aqui estou eu, seminu diante de toda a corte.

Mas Paedyn não parece muito melhor. O sangue escorre pela sua perna, cortada pelo Imperial deliberadamente descuidado que eu planejo fazer pagar mais tarde. A blusa pende no ombro, mas ela se certificou de que a alça do top cobrisse a cicatriz deixada pelo meu pai. O simples pensamento faz meu sangue ferver — não que alguém saiba, com a máscara inexpressiva cobrindo minhas feições.

Dezenas de olhares percorrem minha figura de cima a baixo antes de lentamente encontrarem a dela. A aversão arde em cada rosto que a examina, vendo a cicatriz que desce pelo pescoço, o lábio partido acima e o cabelo curto que, inegavelmente, pertence àquela que já foi a Paladina Prateada.

Puxo-a pelo braço.

Finja.

Sou frio, insensível e não poderia me importar menos com a prisioneira que cambaleia atrás de mim.

Finja.

As algemas que prendem os pulsos dela fazem barulho a cada passo inseguro na direção do trono. As pessoas abrem caminho e eu enfrento cada olhar que me encara. A multidão é orgulhosa e educada demais para gritar seu desprezo, como as pessoas por quem passamos nas ruas, mas as expressões em seus rostos revelam bastante.

Paedyn mantém a cabeça erguida, mas seus pés começam a se arrastar a cada passo mais próximo do trono. Do trono ocupado pelo nosso novo rei.

Ela está com medo.

Esse pensamento faz a raiva atravessar meu corpo, mas ela não chega ao rosto. Por mais que Paedyn possa negar, sei que esta versão do Kitt a amedronta. Essa versão pela qual ela provavelmente se culpa.

Obrigo-a a se ajoelhar quando chegamos à base do tablado.

Finja.

As algemas batem no piso de mármore; um som associado a uma traidora. Ela ergue a cabeça devagar, ousando encarar o rei.

Mas o olhar de Kitt está fixo em mim, examinando rapidamente o meu corpo. Faço o mesmo, vendo a coroa em sua cabeça e o trono embaixo da nádega na qual eu costumava bater no pátio de treinamento. Não sei se algum dia vou me acostumar a vê-lo sentado na sombra do nosso pai.

— Bem-vindo de volta, Executor.

Ele abre um pequeno sorriso. Não sei se as formalidades se devem à presença da corte ou se nosso relacionamento será assim pelo resto dessa vida compartilhada.

— Eu estava começando a me preocupar — diz ele baixinho. — Você era esperado há vários dias.

A fala não parece uma censura, mas mesmo assim dói. Pelo menos eu sempre sabia quando meu pai estava desprezando minhas habilidades.

— Como o senhor pode ver, pela nossa aparência — indico meu corpo e o de Paedyn —, passamos por circunstâncias imprevistas.

Kitt assente.

— Sei. Mas mesmo assim você conseguiu chegar em casa.

— Claro que sim. — As palavras saem mais ásperas do que deveriam. — Vossa Majestade — acrescento rapidamente.

— E seus homens? — pergunta ele, inclinando a cabeça.

Cruzo as mãos às costas nuas.

— Circunstâncias imprevistas.

— Ah. — Kitt tamborila os dedos no grosso braço do trono, parecendo desconfortável. — E ela? — pergunta de repente, gesticulando para Paedyn ajoelhada. Inclinando-se para a frente, ele examina meu rosto. — Alguma circunstância imprevista da qual eu deva saber?



CAPÍTULO 49



Paedyn

Ele nem olhou para mim.

Estou ajoelhada à sua frente e ele nem teve a decência de me olhar.

Seu cabelo está desgrenhado, opaco em contraste com a coroa dourada no topo da cabeça, que parece desconfortavelmente pesada, feita do que deve ser uma dúzia de fios de ouro entremeados. Reconheço o padrão familiar que representa o brasão de Ilya e todos os poderes sendo usados juntos.

Luto contra a vontade de revirar os olhos diante de tanta baboseira.

— E ela? — pergunta de repente. — Alguma circunstância imprevista da qual eu deva saber?

O silêncio que preenche a sala do trono é sufocante.

As palavras de Kitt ressoam nos meus ouvidos, pesando no ar entre nós.

Mas é a pergunta não dita que faz meus olhos se arregalarem.

Ele está perguntando se aconteceu alguma coisa entre nós dois.

Luto contra a ânsia de me virar para Kai e, em vez disso, mantenho o olhar fixo no rei que não se dá ao trabalho de olhar para mim. A corte ao redor não parece incomodada com a pergunta da qual só entende metade do significado.

Não consigo imaginar que pareça que aconteceu alguma coisa entre nós. Na verdade, eu diria que jamais parecemos mais inimigos do que

neste momento, com meu corpo ensanguentado ajoelhado aos pés dele.

— Eu a trouxe de volta, não trouxe? — responde Kai, a voz firme.

— Não foi isso que eu perguntei, irmão.

Fico imóvel ouvindo o tratamento, sentindo o que ele significa.

O único reconhecimento do que os dois ainda são um para o outro basta para suavizar a voz de Kai.

— Não. Nenhuma outra circunstância imprevista.

A mentira escorrega da língua dele, parecendo sincera. Os dois se encaram por um longo momento, me dando tempo para examinar esse rei diante do qual estou ajoelhada.

A simples falta de sono deixa Kitt com olheiras que o envelhecem. O cabelo está desalinhado e se projeta entre os fios da coroa, como se ele tivesse passado as mãos pelas mechas. As roupas amarrotadas abaixo do queixo com a barba por fazer e as meias ligeiramente descombinadas me dizem que os serviçais não andaram cuidando do rei. A leve silhueta de uma caixa atrai minha atenção para o bolso direito, mas não consigo identificar o que há dentro.

Tinta mancha sutilmente suas mãos, como se ele as tivesse esfregado vigorosamente, deixando os nós dos dedos rachados e secos. Os dedos tamborilam no trono, o único sinal de inquietação além do joelho que se mexe de vez em quando. E os olhos…

Os olhos estão subitamente voltados para mim.

Verdes e nítidos como orvalho fresco na grama.

Verdes e inundados de emoções.

Verdes como os do rei anterior. O rei que entalhou sua marca sobre o meu coração. O coração que parece arder com a lembrança daqueles olhos familiares cheios de ódio.

Mas os olhos verdes que eu encaro estão pensativos, me examinando de um modo que parece sério demais para o Kitt que eu conhecia. Mas não é ele. É o que resta dele.

— Que bom — diz ele ao irmão, mas seu olhar permanece fixo em mim. — Porque eu tenho planos especiais para ela.

Todo mundo no salão parece se inclinar mais para perto em expectativa. Era isso que estavam esperando: meu castigo.

Engulo em seco, me obrigando a sustentar o olhar do rei enquanto ele se levanta.

— Senhoras e senhores da Corte, permitam-me reapresentar a pessoa ajoelhada diante de vocês. — A voz de Kitt sai baixa, o tom com que os poderosos podem se dar ao luxo de falar, obrigando todos a ouvir com atenção. — Esta é Paedyn Gray. Ela já foi competidora nas Provas do Expurgo, nas quais se saiu extremamente bem para uma Trivial. E pensar que uma *Psíquica* se tornou uma ameaça tão grande para Notáveis Ofensivos.

Percebo cabeças balançando na minha visão periférica, mas mantenho o olhar fixo em Kitt enquanto ele continua:

— Mas ela não é exatamente o que parece. — Resmungos de concordância ecoam no salão. — A Paladina Prateada não era somente uma Comum disfarçada, era uma traidora embaixo do nosso nariz. Paedyn. — Seus olhos voltam na minha direção. — Você confessa que não somente faz parte da Resistência, mas que também conspirou com ela?

Eu o encaro, ainda chocada por ele falar comigo usando meu nome. Minha garganta está seca e minha voz sai áspera quando consigo dizer:

— Sim.

A multidão ofega dramaticamente, como se já não soubesse de tudo isso. Fico tentada a dizer ao rei para nos poupar do teatro e me condenar logo à morte.

— Não somente isso — continua ele, em voz baixa —, mas você admite… ter matado o antigo rei de Ilya?

Meus olhos jamais se desviam dos dele.

— Sim.

Isso faz as pessoas murmurarem ao redor, amaldiçoando meu nome baixinho. Kitt assente, olhando para o piso de mármore que reflete meu rosto sujo. O silêncio que se segue é ensurdecedor, e mordo a língua para me impedir de preenchê-lo.

Quando o rei levanta os olhos, vejo o brilho de Kitt através de sua expressão. A mudança súbita me faz piscar, surpresa com a familiaridade do rosto. E, quando vejo Kai se empertigar ligeiramente ao meu lado, sei que ele também vê.

— Esta mulher, Paedyn Gray, cometeu crimes atrozes — diz Kitt, olhando o salão ao redor. — Ela matou meu pai, o rei de vocês, mergulhando a espada dele em seu peito e uma adaga em sua garganta. Conspirou com a Resistência, um grupo de Comuns radicais, ajudando-os a descobrir uma passagem até a Arena Esférica. — Os olhos de Kitt encontram de novo o caminho para os meus, com lembranças nublando o tom de verde. — Ela mentiu. Ela matou. Ela traiu.

A dor na voz dele faz com que eu baixe o olhar para seus pés, que descem lentamente os degraus do tablado.

— E eu sofri. Assumi de repente o papel do rei enquanto ainda estava de luto pelo anterior. E, sim, minha reputação de rei louco chegou aos meus ouvidos.

Meus olhos sobem na direção dos dele enquanto a sala do trono se enche de tensão. Os Notáveis se entreolham, inquietos, prendendo o fôlego enquanto esperam que o rei continue.

— Mas eu lhes garanto — continua ele por fim, permitindo que todos respirem de novo — que minhas próximas decisões estão longe disso. E explicarei todas no devido tempo.

Quando seu olhar pousa de novo em mim, sei que chegou minha hora.

— Paedyn Gray…

Baixo a cabeça, não querendo ver as palavras se formando nos lábios dele.

Então é assim que tudo termina.

Não com as Provas. Não com o Deserto Escaldante, o esgoto tentando me afogar ou os bandidos no Santuário das Almas, e sim com a simples palavra de um rei.

Um rei que eu criei.

Me pergunto se ele obrigará Kai a fazê-lo. Talvez a recriar a morte de seu pai. Parece adequado.

— Levante-se.

Quase não o escuto acima dos pensamentos apavorantes que me ensurdecem.

Demoro vários instantes de hesitação antes de finalmente me levantar, me encolhendo com a dor no tornozelo cortado.

O olhar do rei percorre meu corpo inteiro antes de pousar nos meus olhos.

Ele tira aquela caixa do bolso, pequena e forrada de veludo.

A tampa se levanta, abrindo-se para revelar…

Nada poderia me preparar para as palavras que saem dos lábios dele.

Nem mesmo se eu fosse uma maldita Psíquica de verdade.

O anel brilha sobre o veludo preto.

— Você será minha esposa.

EPÍLOGO

Kai

Acho que estou me afogando.

Mas não nos olhos azuis de Paedyn, como eu faria de bom grado.

Não. Estou afundando no chão, deixando que ele me engula inteiro.

Mal consigo respirar sob o peso esmagador das palavras de Kitt.

Meus ouvidos zumbem. Meu coração dispara.

A ordem ecoa no meu crânio, mas não faço ideia do motivo para ele desejar isso. Por que ele iria querê-la. Não agora. Não depois de tudo.

E, no entanto, eu ainda a quero depois de tudo.

Estou cercado por toda a Corte e a única coisa em que consigo me concentrar é em me impedir de tombar de joelhos ao lado dela.

Casamento.

Casamento com alguém que não sou eu. Casamento com alguém a quem passarei a vida inteira servindo.

Vou perdê-la para sempre e serei obrigado a assistir.

Nem consigo olhar para ela.

Sou um covarde, me transformando de novo no monstro que eu era quando ela me encontrou.

Minha visão fica turva, o olhar fixo no tablado.

Então é assim que eu a perco.

Não para a morte, mas por algo igualmente definitivo.

A ordem ressoa na minha cabeça.

E pensar que desperdicei tanto tempo tentando odiá-la.

Pensar que não terei tempo suficiente para amá-la.

Meu coração dói porque cada batimento pertence a ela.

E talvez eu jamais possa lhe dizer isso.

É assim que ela se lembrará de mim? Escoltando-a até esse destino? Atado somente pelo dever?

Eu poderia rir. Poderia chorar. Poderia incendiar este palácio como fiz com a casa dela, só pela chance de confessar meu amor antes que as chamas me consumissem.

Porque estou atado à própria essência de Paedyn. Sou dela até o dia em que ela perceber que não mereço ser.

Os olhos do rei estão voltados para mim enquanto os meus permanecem em algum lugar distante. Algum lugar com ela. Algum lugar onde não sou nada, ninguém, e feliz sem ter poderes, desde que ela esteja ao meu lado.

Meu olhar despenca da fantasia, encontrando o caminho até ela.

Não é assim que vou me lembrar de nós. Não como inimigos, traidores ou monstros, mas como duas pessoas dançando no escuro, balançando sob as estrelas. Os pés dela nos meus, a cabeça no coração que bate apenas por ela. Simplesmente Pae e Kai.

Dou um passo para longe da sua figura ajoelhada, mascarando cada emoção com um olhar vazio. Deixo que ela o encare. Seu futuro marido.

E me junto à multidão, ficando a uma distância segura para me impedir de roubá-la.

E assim será o resto da minha vida. Forçado a amá-la de longe. A lamentar sua perda a cada dia.

Mas é exatamente isso que farei.

Esmagarei cada emoção, a não ser a que pertence a ela. E a amarei até me tornar incapaz de amar.

Ela é a tortura à qual eu talvez não sobreviva.

Avidamente, ela é minha perdição.

Paedyn ergue o olhar, encontrando olhos que não são meus.

Olhos do homem que irá possuí-la — se ela permitir.

Ela deveria ser o meu felizes para sempre.

E agora irei vê-la se tornar o de outro.

Porque a fera não fica com a bela.



AGRADECIMENTOS



Seria mentira dizer que não folheei vários agradecimentos nos livros dos meus escritores prediletos para tentar descobrir o melhor modo de fazer isso. Porque estou convencida de que existe uma fórmula secreta, uma fórmula que mantenha você, o maravilhoso leitor ou leitora, envolvido enquanto eu, a autora prolixa, tento expressar minha admiração pelas pessoas que tornaram este livro possível. E talvez no final você possa me dizer se consegui ou não.

Após o sucesso repentino de *Powerless* (pelo qual serei eternamente grata a você), escrever o segundo livro da série de repente se tornou uma tarefa assustadora. Em questão de meses, esta história que comecei apenas por paixão transformou-se abruptamente em algo muito maior do que eu jamais poderia ter imaginado. E, por essa razão, *Reckless* me aterrorizou. A pressão de deixá-lo perfeito era um peso enorme sobre meus ombros. Mas, quando meus dedos encontraram o teclado e as palavras começaram a transbordar pela página, foi como se eu estivesse de volta ao meu quarto de infância, escrevendo *Powerless* para realizar os grandes sonhos que tinha quando era uma garotinha.

Foi um privilégio retornar a este mundo com tantas pessoas ansiosas para mergulhar de volta nele comigo. Eu amei crescer junto com esta série e com estes personagens que são tão queridos para mim. Por mais divertido e doloroso que tenha sido escrever *Reckless*, digitar a palavra final foi minha parte favorita. Porque provei algo para mim mesma naquela noite (aproximadamente às quatro da manhã):

Minha história — meu sonho — não terminou quando acabei de escrever *Powerless* aos dezoito anos. E agora ganhei coragem para continuar sonhando. Continuar escrevendo. Continuar fazendo o que amo.

Certo, chega de falar sobre mim. Posso dizer, com certeza, que não teria a chance de praticar minha habilidade de escrever agradecimentos se não fosse por um punhado de pessoas incríveis. Para começar, tenho o grande privilégio de escrever de mãos dadas com não apenas uma, mas com duas equipes incríveis na Simon & Schuster. Mesmo com minha imaginação assustadoramente hiperativa, eu nunca poderia sonhar em ter um grupo de pessoas, tanto nos Estados Unidos quanto no Reino Unido, que se importa tanto comigo e com minhas histórias. Eu gostaria de dar um beijo na bochecha de cada um de vocês, mas, como vários milhares de quilômetros separam a maioria de nós, terei que me conformar em digitar o nome de vocês com a maior admiração.

Começando com a maravilhosa equipe do Reino Unido, parece certo iniciar com Yasmin Morrissey. Como uma das minhas corajosas editoras, você suportou incontáveis mensagens de áudio, e-mails e ligações pelo Zoom a respeito de tudo em *Reckless*. Você esteve presente em cada estágio deste livro, e jamais poderei agradecer o suficiente pelo apoio constante. Nem mesmo minha síndrome de impostora e minhas autocríticas são páreo para você! Tenho medo de verdade do que seria de mim sem sua diligência. E estou ansiosa por muitas outras longas mensagens de áudio no futuro!

Mas existem muitos outros membros da equipe do Reino Unido a quem tenho a honra de agradecer, começando com Rachel Denwood e Ali Dougal — minhas diretoras administrativa e editorial. Laura Hough e Danielle Wilson, que defenderam meu trabalho com os livreiros do Reino Unido enquanto Loren Catan, minha designer na editora, criou a capa maravilhosa de *Reckless*. Miya Elkerton e Olivia Horrox, do marketing, Jess Dean e Ellen Abernethy, da assessoria de imprensa. A fantástica equipe de direitos autorais, liderada por Maud Sepult e Emma Martinez, que encontrou incríveis lares internacionais para *Powerless*. Por fim — mas certamente não menos importante —, Nicholas Hayne e todo o restante do pessoal. Obrigada.

Quanto à minha igualmente maravilhosa equipe nos Estados Unidos, preciso cobrir Nicole Ellul de agradecimentos e admiração. Ser também minha editora intrépida não é tarefa simples. Você ajudou a me guiar com gentileza através de cada processo editorial, e sua fé no meu trabalho é mais apreciada do que você imagina. Obrigada por cada ideia e sugestão que fez dessa série o que ela é. Seu entusiasmo, por si só, já é uma inspiração para mim.

E quanto ao restante da maravilhosa equipe dos Estados Unidos, preciso agradecer a Jenica Nasworthy por manter tudo organizado como minha editora-chefe. Mas existem muitas outras pessoas que merecem um agradecimento gigantesco e coletivo. Chava Wolin, Lucy Cummins, Hilary Zarycky, Alyza Liu, Justin Chanda, Kendra Levin, Nicole Russo, Emily Ritter e Brendon MacDonald — todos vocês são incríveis no que fazem. Obrigada.

Neste momento, sinta-se à vontade para dar um tempo na minha falação e babar diante da arte e do mapa que estão no início deste livro. E, sim, os boatos são verdadeiros. Tudo foi desenhado à mão pelo incrivelmente talentoso Jordan Elliott. Não consigo pensar numa pessoa melhor para dar vida ao meu mundo, e me sinto absurdamente honrada por continuarmos trabalhando juntos. Que venham mais artes de cair o queixo!

Ao meu inabalável advogado e agente, Lloyd Jassin. Obrigada por me ajudar a navegar nesse mundo editorial — não consigo me imaginar enfrentando nada disso sem você. É um prazer trabalhar com você e espero continuar fazendo isso por muitos anos.

Além das incríveis equipes da S&S que ajudaram a construir *Reckless*, existem várias outras pessoas trabalhando nos bastidores. E, por acaso, sou parente desses indivíduos. Primeiro devo admitir, humildemente, que nenhum desses sonhos teria se realizado se não fossem meus pais. Mamãe e papai, vocês me ajudaram a cada passo no caminho, acreditaram em mim quando eu achava difícil acreditar em mim mesma. Obrigada por confiarem em sua menininha o suficiente para deixá-la seguir sua paixão. Sou imensamente abençoada por ter vocês dois, mas especialmente uma mãe que fica feliz em fazer malabarismos para ser minha confidente, secretária e contadora.

Como sou a caçula da família, existem alguns irmãos mais velhos a quem preciso agradecer. Jessie, Nikki, Josh — todos vocês me apoiaram, cada um do seu modo. Agradeço profundamente cada mensagem de encorajamento e cada tapinha proverbial nas costas. Obrigada, pessoal.

Além da minha família, existem vários amigos que garantiram minha sanidade durante esse processo de escrita. Gostaria de fazer um agradecimento geral a cada pessoa que precisou me aturar divagando sobre este livro. Cada um de vocês me ajudou e me encorajou à sua maneira, e sou eternamente grata por seu apoio infinito.

Agora vamos à tarefa intimidante de tentar expressar meus sentimentos por um certo garoto. Zac, não posso agradecer o suficiente por seu incentivo e sua disposição para me ajudar. Seja cozinhando para mim ou oferecendo um ombro para chorar, sempre posso contar com o seu conforto. Você é realmente meu garoto da ficção encarnado, e espero um dia escrever nossa história.

Como escrevi no final de *Powerless*, eu gostaria de agradecer Àquele que me concedeu o amor pelas palavras e o desejo de escrever. Eu realmente não estaria onde estou hoje sem meu Senhor e Salvador, e agradeço a Deus pela oportunidade que Ele me deu.

Agora é sua vez, caro leitor ou leitora. Consegui segurar sua atenção até esse ponto? Estava esperando que eu finalmente agradecesse a você? Porque é graças a você que eu consegui chegar até essa página. Me sinto honrada por estarmos juntos nessa viagem, e mais ainda por você ter tirado um tempo para ler minha história. Você é minha inspiração, meu motivo para escrever cada palavra. E espero prender sua atenção por muitos anos à frente.

Aos meus sonhos e às histórias que eles criam.

Um beijo,
Lauren

Título original
RECKLESS

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2024 por Simon & Schuster UK Ltd.

Copyright texto © 2024 *by* Lauren Roberts
Mapa © 2023 Jojo Elliott
Árvore genealógica © Jojo Elliott

POWERLESS é uma marca registrada de Lauren's Library LLC.

O direito de Lauren Roberts de ser identificada como a autora desta obra foi assegurado por ela em concordância com as seções 77 e 78 do Copyright, Designs and Patents Act, 1988.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida no todo ou em parte sob qualquer forma.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Simon & Schuster UK Ltd. 1st Floor, 222 Gray's Inn Road, London, WC1X 8HB

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
PAULA LEMOS

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
PRISCYLLA PIUCCO

Edição digital: maio, 2025.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora, foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos ou locais é mera coincidência.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R549r
v. 2
Roberts, Lauren, 2002-
Reckless [recurso eletrônico] / Lauren Roberts ; tradução Ivanir Calado. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2025.
recurso digital (Trilogia powerless ; 2)

Tradução de: Reckless : a powerless story
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5595-352-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Ivanir. II. Título. III. Série.

25-97239.0 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439
31/03/2025 07/04/2025

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



A AUTORA

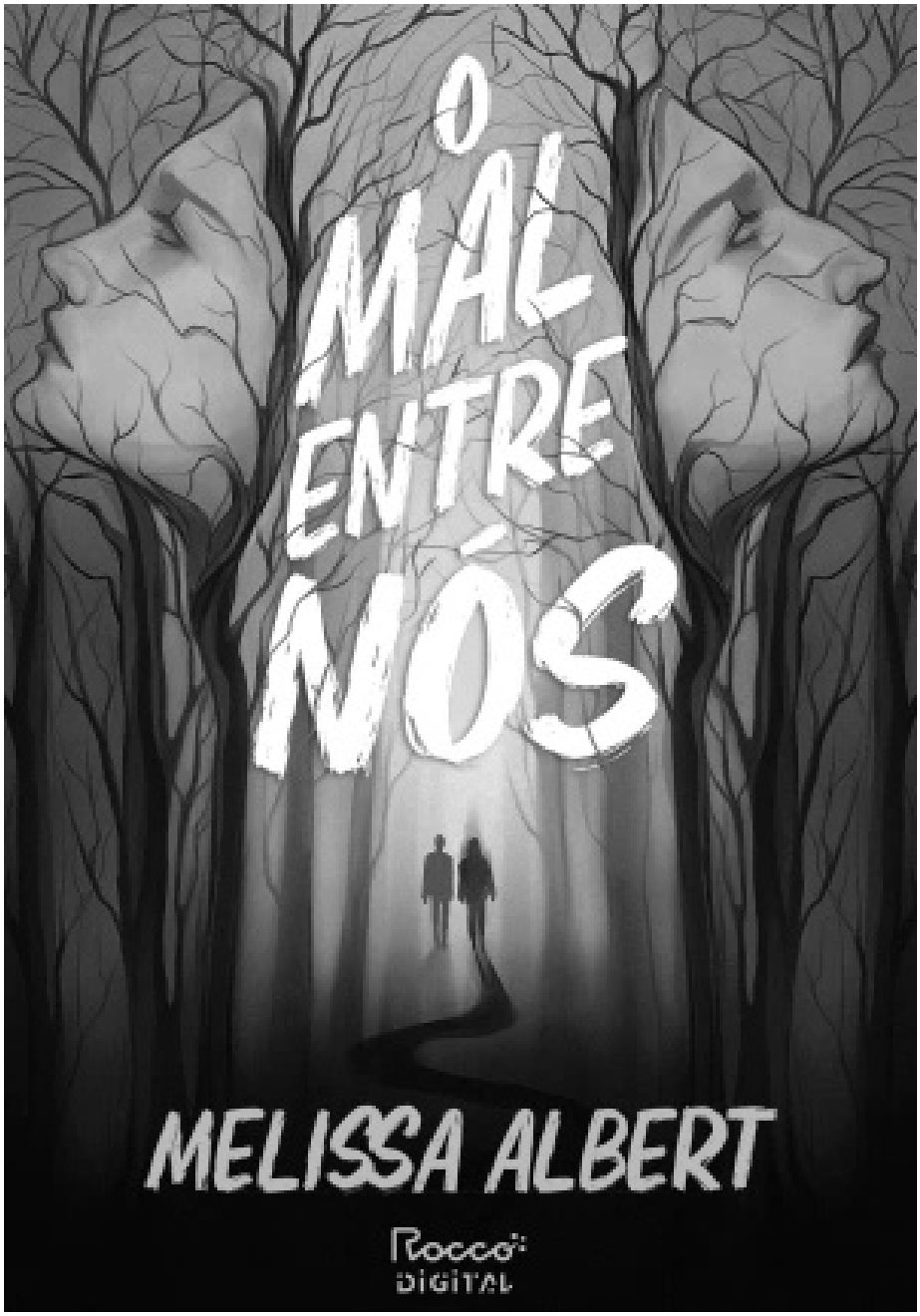


Lauren Roberts escreve sobre mundos fantásticos e paixões conturbadas; quando não está fazendo isso, pode ser encontrada em uma cama lendo histórias desse tipo ou mergulhada em um de seus passatempos típicos de vovós e crianças — tricô, laser tag, ficar deitada na rede, caça-palavras e livros de colorir. *Powerless* foi seu livro de estreia, e ela espera ter o privilégio de escrever palavras bonitas pelo resto da vida. Lauren pode ser encontrada no TikTok e no Instagram em @laurenrobertslibrary ou no seu site www.laurenrobertslibrary.com.

Índice

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Mapa
Árvore genealógica
Sumário
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25

Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Epílogo
Agradecimentos
Créditos
A Autora



O mal entre nós

Albert, Melissa
9786555953343
296

Compre agora e leia (Publicidade)

DEUSA, DEUSA, COMECE A CONTAR
VOCÊ VAI ME ESCOLHER QUANDO O DIA ACABAR?

Melhores amigas desde a infância, Nora e Becca costumavam brincar de faz de conta e até inventaram seu próprio universo fantástico: o Reino. Lá, elas podiam ser o que quisessem e criavam as próprias divindades, como as deusas dos crushes, da impossibilidade e da vingança.

Mas depois de Becca perder o pai e a mãe em um intervalo de apenas três anos, o Reino se desfez, e sua personalidade antes vibrante deu lugar a algo mais sombrio. Ela, então, desaparece misteriosamente, junto com outras três pessoas da Palmetto High School: um professor e dois alunos. A polícia diz não haver rastros, mas Nora encontra pistas deixadas pela amiga remontando ao antigo jogo infantil das duas.

DEUSA, DEUSA, CONTE ATÉ DOIS
QUEM VOCÊ VAI ESCOLHER DEPOIS?

Conforme Nora descobre que as vítimas talvez não sejam tão inocentes assim, fica cada vez mais difícil negar as evidências de que a linha tênue entre o faz de conta e a realidade se rompeu, abrindo espaço para um mundo novo e sombrio.

Agora uma divindade vingativa parece estar no comando e decidida a jogar seguindo as próprias regras, e Nora vai precisar superar o medo e encarar a verdade, se quiser salvar sua amiga.

Misturando doses de horror, fantasia e magia num ritmo frenético, essa trama impressionante e envolvente invoca uma entidade sombria que vai te manter acordado e sem conseguir parar de ler!

DEUSA, DEUSA, CONTINUE A CONTAR
VOCÊ VAI ME ESCOLHER SE EU ME COMPORTAR?

"Melissa Albert não escreve apenas o tipo de terror que te faz conferir debaixo da cama, mas também no espelho." **– Ava Reid, autora do best-seller *Lições sobre afogamentos***

Compre agora e leia (Publicidade)



A herança da bruxa

Gomes, Helena
9788581224022
20

Compre agora e leia (Publicidade)

Décadas antes do nascimento do arqueiro Thomas, a jovem e inexperiente bruxa Couchet luta para sobreviver em Britanya, um reino dominado pelo preconceito e pela ignorância. Com a ajuda do elfo Razeel, a última bruxa da Ilha Média terá de se tornar a mestra de um poderoso guerreiro, peça-chave na luta desesperada que os aguarda no futuro contra os temidos nergals. *A herança da bruxa* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)



O primeiro guerreiro

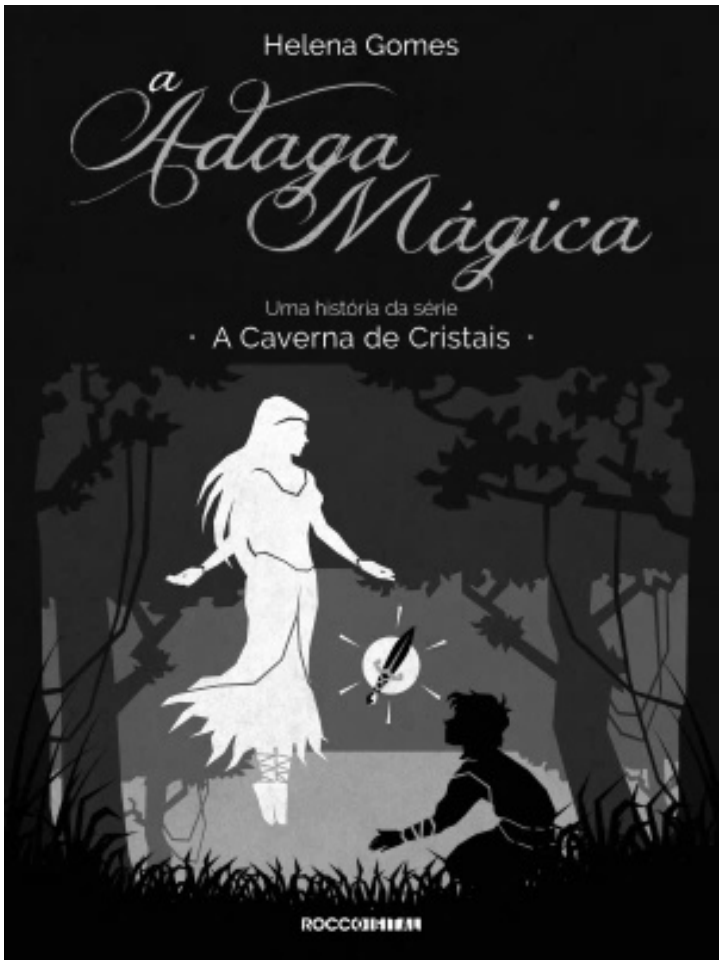
Gomes, Helena
9788581224671
36

Compre agora e leia (Publicidade)

Conheça a história de Kirian, o primeiro dos guerreiros eloras que renasceram no reino medieval de Britanya. Filho de Couchet, última bruxa da Ilha Média, e tendo como mentor o misterioso elfo, Razeel, o rapaz terá seu primeiro e definitivo confronto com os temidos nergals. *O primeiro guerreiro,* sequência de *A herança da bruxa,* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de

fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)



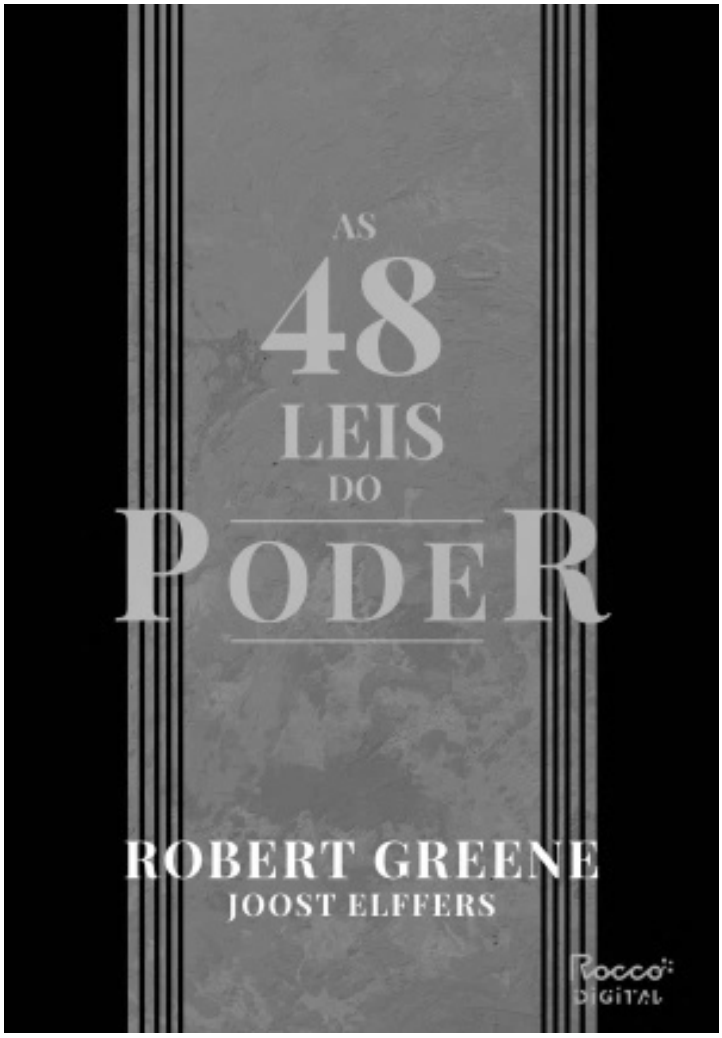
A adaga mágica

Gomes, Helena
9788581225265
42

Compre agora e leia (Publicidade)

Depois de passar seis anos trancafiado no mundo dos elfos, Razeel ganha o melhor presente de aniversário de Lyriel: a liberdade, mesmo que temporária. Porém, sua aventura se torna bem mais complexa e reveladora do que ele podia imaginar. Ele é levado ao passado para salvar a vida de Drake, mas acaba diante de uma antiga paixão que poderá tirá-lo novamente dos eixos. *A adaga mágica,* sequência de *O primeiro guerreiro,* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de trinta obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)



As 48 leis do poder

Greene, Robert
9788581227061
544

Compre agora e leia (Publicidade)

"O homem que tenta ser bom o tempo todo esta fadado à ruína entre os inúmeros outros que não são bons" - Nicolau Maquiavel Todos querem ter poder. Mas poucos sabem o que fazer para alcançá-lo. Como conseguir aquela promoção tão esperada? O que

fazer para conquistar a admiração dos colegas e neutralizar quem vive tentando derrubá-lo? Como ser o queridinho do chefe? Em As 48 leis do poder, o leitor aprende a manipular pessoas e situações para alcançar seus objetivos. E descobre por que alguns conseguem ser tão bem-sucedidos, enquanto outros estão sempre sendo passados para trás. Querer ser melhor do que o chefe, por exemplo, é um erro fatal. "Faça com que as pessoas acima de você se sintam confortavelmente superiores(...) Faça com que seus mestres pareçam mais brilhantes do que são na realidade e você alcançará o ápice do poder", diz Robert Greene no capítulo "Não ofusque o brilho do mestre". Além de oferecer o "caminho das pedras", ele cita casos de sucesso e de fracasso revelados à luz de suas regras. Para ilustrar o que diz, Greene recorre a fábulas e a episódios reais da História, e usa e abusa de citações. O leitor se embrenha pela cartilha através de estrategistas como Clausewitz e Sun-Tsu, estadistas como Bismarck, sedutores como Casanova, filósofos como Nietzsche, escritores como Balzac e, claro, diplomatas como Maquiavel. Os textos abarcam um período de mais de três mil anos e foram pinçados em civilizações tão diferentes quanto a antiga China e a Itália renascentista. E, para quem acredita que participar de jogos de poder é uma atividade condenável, ele faz um alerta: Não adianta querer ficar de fora. O mundo é como um imenso e dissimulado cassino e todos nós fazemos parte dele. Quanto mais rápido você descobrir as regras do jogo, maiores serão as suas chances de sucesso. "Se o jogo do poder é inevitável, vale mais ser um artista do que negar ou agir desastradamente", diz Greene.

Compre agora e leia (Publicidade)

Caça e caçador.
Destinados um ao outro.

Reckless



LAUREN ROBERTS

Autora de *Powerless* e *Powerful*

Rocco DIGITAL